

A Saga da Família Marchon

Albino José Marchon



A Saga da Família Marchon

*Acervo
Rio de Janeiro, 19 fevereiro 2000*

A Saga da Família Marchon

Albino José Marchon

Rio de Janeiro 1999

Livro gentilmente cedido pela Associação da Família Marchon com autorização da família do autor. Disponibilizado por www.familiamarchon.com - setembro de 2017.

Copyright © Albino José Marchon

Catálogo na Fonte

Do

Departamento Nacional do Livro

M318s

Marchon, Albino José .

A saga da família Marchon /. Albino José Marchon . -

Rio de Janeiro : A. J. Marchon, 1999.

172p. : il. ; 21x14,5cm.

ISBN 85-900983-1-1

1. Marchon (Família). 2. Imigrantes - Brasil 3. Suíços -
Brasil. I. Título.

CDD-929.20981

Capa I: A Pedra Riscada, em Lumiar, município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Com 1348 metros de altitude e, ainda hoje, envolta pela exuberante Mata Atlântica, a Pedra Riscada é a Terra Mater dos Manchons brasileiros, assim como Bouleyres o é dos Marchons suíços.
Renato Engmann Marchon. 1995.

Capa IV: Marie Anne Elizabeth Balmat Marchon (1803 - 1880), Matriarca dos Marchons no Brasil- Cerca 1860.

S u m á r i o

Préface - <i>Martin Nicoulis</i>	7
Prefácio - <i>Élio Monnerat Sólón de Pontes</i>	9
À guisa de introdução - <i>Manoel Bragança Santos</i>	13
Apresentação	15
A evolução humana e as primeiras migrações - <i>Albino José Marchon Filho</i>	19
Migrações humanas	27
Esboço da Suíça	31
Portugal, o Brasil, a Transmigração Suíça e seu Julgamento Histórico	39
Jean-Claude Marchon – onde tudo começa	53
Transmigração, canções e hino nacional suíço	103
Cantão de Fribourg	115
Cidade de Fribourg	119
Vuisternens-en-Ogoz e Bouleyres	123
Lumiär e Pedra Riscada	129
Cemitério da Pedra Riscada	133
Associação da Família Marchon	135
História de um Marchon... <i>Carlos Maria Marchon - Carlos Antonio Spitz Brito, Humberto Marchon Fontão e Manoel Antonio Spitz Sodré</i>	151
História de um Marchon... <i>Eurico Marchon</i>	153
História de um Marchon... <i>Alpheu Ozório de Souza Marchon - João Luiz Marchon</i>	161
História de uma Marchon... <i>Maria Marchon Leão - Plácido Marchon Leão</i>	165
O Brasão da Família Marchon- <i>Élio Monnerat Sólón de Pontes</i>	169
Conclusões	171

Préface



C'est dans la joie que je rédige cette préface et que je la dédie à tous ceux et à toutes celles qui, pratiquant le devoir de mémoire, redonnent une vie aux émigrants, ces oubliés de l'histoire, mais les véritables acteurs de la mondialisation.

L'épopée des Marchon participe de la grande saga de Nova Friburgo que j'ai eu la chance d'écrire au temps de ma jeunesse. A en croire les témoignages écrits et oraux, mon livre a révélé leur passé et leur origine à des milliers et des milliers de Brésiliens et des Brésiliennes. En publiant, pour la première fois, la liste des émigrants avec leur nom et leur prénom, leur âge, leur domicile et leur canton, "La Genèse de Nova Friburgo" a déclenché une faim généalogique et historique. Et mieux encore, il a donné à des milliers d'hommes et de femmes du Brésil une gloire, celle d'être reconnue et distinguée comme les descendants des fondateurs de la Ville de Nova Friburgo.

En 1997, à la Bibliothèque cantonale et universitaire de Fribourg (Suisse), que j'ai l'honneur de diriger, mon ami Albino José Marchon a vécu des découvertes bouleversantes et reçoit une émotion décisive en regardant l'acte de naissance datant de 1794 et rédigé en latin de Jean-Claude Marchon, fils légitime de François Marchon, de Vuisternens-en-Ogoz et de Marie Marchon, née Charrière, de Cerniat. Ce document précise encore le nom du parrain et de la marraine, à savoir Jean-Claude Charrière, frère de la maman et Maria Anna Marchon, soeur du papa. De plus mon ami Albino a le bonheur de regarder la reproduction en couleur de la maison natale de Jean-Claude Marchon, avec son toit de bardeaux, sa borne et son puit.

Riche de ces informations, Albino José Marchon effectue le pèlerinage historique à Vuisternens-en-Ogoz. Sur cette terre originelle et magique, il écoute les vents de l'histoire. Tout à coup, sa mémoire retrouve et imagine le visage de l'ancêtre pionnier et conquérant. Comme la lumière de l'éclair sur les sapins ou sur les papucaias, mon ami Albino saisit en ce instant le destin de Jean-Claude Marchon qui quitte, en pleine jeunesse, le Pays de Fribourg et la Suisse pour aller au Brésil, et qui, après avoir fondé la nouvelle Fribourg avec deux milles de ces compatriotes, va mettre au monde la fazenda de la Pedra Riscada à Lumiar et donner un nouveau lieu de mémoire aux Marchon.

L'ouvrage d'Albino José Marchon raconte, avec enthousiasme et méthode, une histoire singulière et exemplaire: l'aventure des Marchon du Brésil sans oublier décrire aussi leurs longues et épaisses racines helvétiques.

Cette monographie possède aussi un autre charisme culturel et humaniste. En explorant le passé d'une famille "occidentale et atlantique", le livre d'Albino José Marchon donne des ailes et des repères pour mieux vivre les temps d'aujourd'hui, celui de l'histoire planétaire. 500 ans après la rencontre du Brésil et de l'Europe, à l'entrée du 3ème millénaire, nous sommes tous appelés à devenir citoyens du monde.

Martin Nicoulin

Fribourg, 1999.

Prefácio



com alegria que eu redijo este prefácio e que o dedico a todos aqueles e à todas aquelas que, praticando o dever de memória, dão vida aos emigrantes, estes esquecidos da história, mas, efetivamente os verdadeiros atores da mundialização.

A epopéia dos Marchon participa da grande saga de Nova Friburgo que tive a chance de escrever nos tempos de minha juventude. A crer nos testemunhos escritos e orais, meu livro revelou o passado e a origem de milhares e milhares de Brasileiros e Brasileiras. Publicando, pela primeira vez, a lista dos emigrantes com seu sobrenome e seu prenome, sua idade, seu domicílio e seu cantão, "La Genèse de Nova Friburgo" despertou uma verdadeira fome genealógica e histórica. E mais ainda, deu à milhares de homens e mulheres no Brasil uma glória, aquela de serem reconhecidos e distinguidos como descendentes dos fundadores da Cidade de Nova Friburgo.

Em 1997, na Biblioteca Cantonal e Universitária de Fribourg (Suíça), que tenho a honra de dirigir, meu amigo Albino José Marchon vivenciou descobertas transtornantes e recebeu uma emoção decisiva apreciando a certidão de nascimento, datando de 1794 e redigida em latim, de Jean-Claude Marchon, filho de François Marchon, de Vuisternens-en-Ogoz, e de Marie Marchon, nascida Charrière, de Cerniat. Este documento precisa ainda o nome do padrinho e da madrinha, a saber Jean-Claude Charrière, irmão da mãe e Maria Anna Marchon, irmã do pai. Além disto meu amigo Albino teve a felicidade de observar a reprodução em cores da casa natal de Jean-Claude Marchon, com seu teto de bardiana, seu marco e seu poço.

Enriquecido com estas informações, Albino José Marchon efetua a peregrinação histórica à Vuisternens-en-Ogoz. Nesta terra original e mágica, ele escuta os ventos da história. De repente, sua memória encontra e imagina o rosto do ancestral pioneiro e conquistador. Como a luz do relâmpago sobre os "sapins" ou sobre as sapucaias, meu amigo Albino José Marchon apreende neste instante o destino de Jean-Claude Marchon que deixa, em plena juventude, o Cantão de Fribourg e a Suíça para ir para o Brasil, e que, após ter fundado Nova Friburgo com dois mil compatriotas, apresentar ao mundo a fazenda da Pedra Riscada em Lumiar e proporcionar um novo lugar de memória aos Marchon.

A obra de Albino José Marchon conta, com entusiasmo e método, uma história singular e exemplar: a aventura dos Marchon do Brasil sem esquecer de descrever também suas longas e espessas raízes helvéticas.

Esta monografia possui também um outro carisma cultural e humanista. Em explorando o passado de uma família "ocidental e atlântica", o livro de Albino José Marchon proporciona asas e referências para melhor viver os tempos de hoje, aquele da história planetária. 500 anos após o encontro do Brasil e da Europa, na entrada do 3º milênio, nós somos todos chamados a nos tornarmos cidadãos do mundo.

Martin Nicoulin

Fribourg, 1999.

Prefácio



Posso iniciar estas palavras introdutórias dizendo que esta obra é, no gênero, extraordinária pela profundidade do estudo empreendido, a propriedade das fontes, a perfeição técnica com que é apresentada, a profusão de episódios interessantes e a originalidade com que foi concebida.

Confesso que me assustei – por já conhecer o ensaio de Albino José Marchon, Filho, sobre “A evolução humana e as primeiras migrações” – ao vê-lo desdobrado como capítulo inicial de *A Saga da Família Marchon*, receoso de que pudesse vulnerar-se a coerência e a fluidez de obra dessa natureza.

Surpreendi-me, agradavelmente, no entanto, ao chegar a conclusão oposta. Bastou, para isso, que me aprofundasse no exame do seu bem concatenado plano expositivo.

Faz sentido reportar-se à pesquisa empreendida por Albino José Marchon, Filho, acerca dos primitivos e extintos hominídeos bípedes que evoluíram, há 20 milhões de anos, como sucessores de símios arborícolas, passando a descer das árvores e a freqüentar, cada vez por mais tempo, o chão das matas africanas, deixando no passado a postura típica dos quadrúmanos até afastarem-se, definitivamente, do ambiente florestal.

Resulta dessa lenta e profunda evolução gradual, a intuição forçosa de que a migração é atávica e imanente à condição humana. Razões assistem à *Encyclopaedia Britannica* quando a define como o deslocamento de pessoas de um lugar para outro com o objetivo de estabelecer-se, permanentemente.

Ressalve-se, no entanto, que essa meta nem sempre é, de imediato, alcançada, mesmo porque a ânsia de segurança, inclusive quanto aos meios de sobrevivência, terá levado hordas humanas mais que a migrações, eventualmente, ao próprio nomadismo.

Mas o nexa de coerência entre esse estudo e a obra situa-se, exatamente, na flagrante evidência da predestinação migratória do ser humano, o que é especificamente, referendado pelo registro do deslocamento de cerca de 60 milhões de europeus, para outros continentes, somente no lapso de tempo compreendido entre os grandes descobrimentos e a II Guerra Mundial.

Exatamente neste contexto, inserem-se as duas versões da emigração proveniente da Confederação Helvética, ou sejam, a bélica e a pacífica. À primeira atribui-se a proeza de proporcionar à Europa 2 milhões de soldados, 70 mil oficiais e nada menos de 700 generais; enquanto esta última sempre visou, simplesmente a “s’évader pour vivre” – o que constitui – “la plus ancienne des traditions suisses”, e a explicação, em última análise da presença dessa conceituada família em terras do Brasil.

Nessa toada, detém-se o Autor em lançar rico descortínio sobre os antecedentes históricos da Suíça, como palco incontornável de sucessivas migrações tribais, invasões e conflitos, até que, em 1291, na significativa rebelião contra os Habsburgos, os quatro cantões florestais de Uri, Schwytz e o duplo de Unterwalden, acendem a chama da liberdade e da democracia que – com crescente ainda que limitada abrangência – sem qualquer retrocesso fatal, crepita há 708 anos, nutrida pelo generoso lema “um por todos e todos por um”.

Este é, aliás, síntese fiel do Pacto Perpétuo de Grütli sobre o qual se ergue a mais antiga democracia da Terra.

Nem mesmo os sopros cálidos de lutas tempestuosas, internas e externas, lograram sequer ofuscar as fulgurações desse fogo sagrado.

Como resultado de um regime de trabalho de 8 horas diárias, adotado por uma população que, em 1996, era de pouco mais de 7,1 milhões, provida de instrução primorosa, a Suíça ostenta a posição de maior exportador "per capita" do Mundo, com vendas da ordem de 64,5 bilhões dólares, em 1997, contra importações de 60,7 bilhões de dólares, valores estes coerentes com um PIB que se elevou a 322,650 bilhões de francos suíços, em 1998.

Um capítulo é dedicado ao Brasil-Colônia, nele sendo descrito o vasto e profundo processo de espoliação dos seus recursos minerais pelo desbravador e colonizador português ao qual se credita, no entanto, a obra extraordinária da unidade nacional e a própria inversão política brasileira mediante a qual o Rio de Janeiro substituiu Lisboa como capital do vasto império lusitano, em 1808.

A iniciativa da colonização suíça do Morro-Queimado – somente precedida pela de Helvécia, na Bahia – é, notavelmente enriquecida, de citações seletas e adequadas, confirmando a erudição do autor. Desce ele a minúcias interessantes, como por exemplo à importação de café de Java, empreendida por Luiz Sardenberg, bem aproveitada pela visão genial de Jorge Gripp, segundo a descrição de Alberto Ribeiro Lamego.

Depois dessa introdução rica e meticulosa, outro capítulo, com zelos de miniaturista, identifica a origem mais remota da família Marchon, na Irlanda, e se detém na análise do ramo que se instala na Suíça, ou seja a "velha família friburguense de Vuisternens-en-Ogoz, onde é mencionada em 1407".

Traça o perfil e se detém ao resumir a vida do patriarca Jean-Claude Marchon, adargado em documentos obtidos nos notáveis "Arquivos de Fribourg" e nos repositórios familiares, fulcra-se em preciosos documentos e ilustrações, e enriquece o livro com informações verdadeiramente interessantes sobre a família, tanto na Suíça como no Brasil.

Descreve a partida emocionante e sugestiva dos colonos, em três embarcações, de Estavayer-le-Lac, há 180 anos, ao som do rufar de tambores, de salva de canhões e de exortações de fidelidade ao Rei e de "faire honneur a la réputation du nom helvétique".

Descreve os preparativos da viagem. Refere-se ao laudo do Inspetor de Berna, Thorman, chocantemente insensível ao referir-se à presumível fatalidade da morte de imigrantes durante a travessia apontando tal desgraça, friamente, como fator de melhoria de conforto futuro para os sobreviventes.

Revela preceitos dos regulamentos de bordo, regras de higiene, de alimentação e as práticas religiosas a serem observadas. Retrata o fracasso na cultura da terra estéril e pedregosa e lamenta a péssima administração da colônia por Monsenhor Miranda que se revelara "desonesto, incompetente, prepotente, inepto e omissor", opinião por outros, no entanto, contrariada.

Registra o socorro internacional aos verdadeiros flagelados da colônia e a criação da "Sociedade Filantrópica Suíça do Rio de Janeiro", por Pierre Schmidmeyer que, indo a Nova Friburgo para copiar o modelo ali posto em prática visando a aplicá-lo em cogitada imigração para o Chile, decepçiona-se a tal ponto que desiste dessa idéia e passa a dedicar-se à generosa e fraternal missão de tudo fazer para minorar os malefícios da tragédia que se abatera sobre os pressurosos e sacrificados participantes da aventura suíça no Morro Queimado.

Sofrendo os efeitos da Revolução do Porto, retornou D. João VI a Portugal, interrompendo-se o pagamento dos indispensáveis subsídios aos imigrantes. Estes somente seriam restabelecidos em 29 de agosto de 1821, por decisão do Príncipe Regente D. Pedro, acompanhada pelo aceno da concessão de novas terras e o alívio da designação do novo Diretor da colônia: Cel. João Vieira de Carvalho em lugar do mal sucedido Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros.

Passando a descrever a vida dos Marchon na colônia, põe em evidência a reivindicação de terras satisfatórias e a grata revelação de que o casal Jean-Claude – Marie estaria na expectativa de ganhar o seu primeiro filho.

Em 4 de setembro de 1821 nascia Maria Rosalina Marchon, a primeira criança do sexo feminino da nobre estirpe, dada à luz no Brasil.

Lamente-se que, no dia seguinte, faleceria a genitora Marie, de complicações no pós parto, sendo, por ironia da sorte, a primeira Marchon a morrer no Brasil.

Jean-Claude, aos 29 anos, convola segundas núpcias com Marie Anne Elizabeth Balmat, consagrada como a Matriarca da Família, no Brasil.

Faleceu Jean-Claude, aos 63 anos, deixando viúva Marie Anne após 34 anos de convivência fecunda e harmoniosa.

Dedica Albino José Marchon páginas cuidadosas à descrição de todas as facetas características do Cantão e da Cidade de Fribourg – fundada pelo Duque Berthold IV – salientando a particularidade de que o logradouro fronteiro à sede municipal tem o nome de Praça Nova Friburgo.

Também Vuisternens-en-Ogoz e Bouleyres são alvo de atenções, berços que são de muitos Marchon. Como não-lo demonstra, ainda hoje é predominante a ocorrência de membros dessa família nessas localidades pitorescas.

Como não podia deixar de ser, traça o Autor um perfil edificante do seu genitor Eurico Marchon, dando o devido realce à circunstância de que sempre sonhou ele com a força aglutinante de uma Associação da Família Marchon e a contribuição dessa fé ardente para a conversão de tal sonho em realidade.

Como que enevoando suas páginas por uma tênue sombra de saudade, volta o autor suas vistas para as campas silenciosas do Cemitério da Pedra Riscada onde repousam Jean-Claude Marchon – seu próprio fundador – e muitos outros parentes, queridos e venerados, entregues aos cuidados da “Sociedade Beneficente e Zeladora do Cemitério da Pedra Riscada”, toda ela dirigida por descendentes, ao menos quanto aos componentes da atual diretoria.

Alguns esboços biográficos encerram o riquíssimo *A Saga da Família Marchon*.

Refiro-me ao relance biográfico de Carlos Maria Marchon, de autoria de Carlos Antônio Spitz Brito, Humberto Marchon Fontão e Manoel Antônio Spitz Sodré; à história de Alpheu Ozório de Souza Marchon, na palavra de João Luiz Marchon e, finalmente, ao perfil de Maria Marchon Leão – um símbolo de devotamento ao espírito associativo familiar – delineado por Plácido Marchon Leão.

A Saga da Família Marchon é obra de erudição e notável repositório de elementos preciosos que a convertem em leitura obrigatória não só para os Marchon, Chavannaz, Balmat, Monnerat, Berbert, Jaccoud, Oberländer, Curty, Tardin, Guimarães, De Roure, Pinto, Martins da Costa, Valentim, Oliveira, Gerhard, Egger, Cordoeira, Spitz, Erthal, Wermellinger, Schorr, Vieira, Emmerich, Souza, Pinheiro de Souza, Zago, Araújo, Engmann e muitas outras, abrangendo todos os descendentes de Jean-Claude Marchon com Marie Protasie Chavannaz Marchon e, depois, com Marie Anne Elizabeth Neuve Balmat Marchon, mas para quantos se interessem pela história de sacrifícios, de lutas, de tristezas e de vitórias que assinalam a imigração suíça para o Morro Queimado.

Estão de parabéns o autor e todos os descendentes e amigos dos imigrantes suíços.

Élio Monnerat Sólón de Pontes

Niterói, 1999.

À guisa de introdução



vero que toda obra escrita seja precedida de um prefácio ou apresentação, ou simples comentário, que desperte a atenção e curiosidade do leitor para o assunto a ser ventilado. Quis o autor do importante trabalho que vamos apreciar fosse eu o seu apresentador. Mas por quê eu? Se não sou nenhum douto na matéria, nem corre em minhas veias o sangue Marchon? Sou, entretanto, um feliz consorciado com uma vergôntea da tradicional Família dos Marchons e minha esposa, órfã de mãe aos dois anos de idade, cresceu nos braços amorosos da bondosa mãe do saudoso Eurico Marchon, Pai do autor do trabalho, o Dr. Albino José Marchon. E tanto minha esposa, como também eu, temos recebido o carinhoso tratamento de Tios. São estas as credenciais com que compareço nestas páginas, com fracos mas sinceros comentários.

Da Associação da Família Marchon

Temos notado que quase todas as realizações humanas seguem linhas semelhantes aos processos naturais de nascimento, crescimento, expansão, etc, até atingir suas finalidades, tal como, por exemplo, a minúscula semente, lançada no seio da terra. Logo começam os pequenos esforços para vencer as dificuldades exteriores, mas brotam e crescem firmes em suas raízes, para finalmente produzir flores e frutos saborosos e nutrientes...

Assim começou esta magnífica, admirável e progressista Associação da Família Marchon. Começou em pequenos ágapes de Albino José Marchon, com três ou quatro parentes mais íntimos. Logo o número de parentes mais próximos foi aumentando. Depois vieram outros, mais outros e mais outros... Em pouco tempo, eram já muitos!

Então vieram os encontros planejados e com tanto sucesso e entusiasmo, que se tornou necessária uma associação coordenadora desse movimento fraternista que é a Associação da Família Marchon.

Do temário do livro

Compõe-se a obra, que estamos apreciando ligeiramente, dos seguintes temas: Jean-Claude Marchon, Migrações Humanas, Transmigração Suíça para o Brasil em 1819, Antecedentes suíços e brasileiros, Friburgo-Suíça, Suíços em Nova Friburgo, e outros assuntos correlatos, todos tratados com inteligência, erudição e oportunidade.

Tudo começou com a primeira localização de uma família de suíços na pequena cidade de Nova Friburgo. Talvez as semelhanças climáticas e outros fatores de perspectivas mais convenientes tenham influído para a fixação de uma localização definitiva e atração de outros suíços para Nova Friburgo, uma franca cooperação para o progresso da cidade. O certo é que a Família Marchon foi crescendo e se multiplicando e se expandindo mesmo para outras localidades, até formar essa legião de Marchons que hoje se espalha até os lugares mais longínquos do Brasil.

Todos os temas são tratados com esmero, cultura e erudição, que muito recomendam sua leitura e apreciação.

Dos Encontros

Os encontros periódicos que a Associação da Família Marchon vem realizando em várias localidades estão sendo os mais otimistas e produtivos no sentido familiar e social, aproximando pessoas que até então se desconheciam e envolvendo-as em um relacionamento fraterno.

Nesses encontros periódicos geralmente são evitados os assuntos de “fofoca” familiar; de preferência as conversações são encaminhadas para um sentido alto da vida, buscando um melhor relacionamento das criaturas, com elevação do conceito de família e sociedade. Vive-se um Cristianismo prático, sem as querelas extremistas que através dos tempos vêm separando as criaturas e motivando mesmo sérios conflitos. O êxito desse movimento está evidente nas amizades sinceras que se estão formando e nos conhecimentos e informações úteis que se transmitem em pequenas palestras. Tudo isto constitui verdadeira obra de aperfeiçoamento social.

Conclusão

Nas modernas sociedades, certas conquistas e os atropelos da vida têm sido causas de enfraquecimento no Espírito de Família e de deturpação do seu conceito. Por isso, é mais que oportuno e saudável esse movimento liderado por Albino José Marchon. É, sem dúvida, um belo exemplo, se não fora antes, uma inspiração divina. Nossos parabéns.

Manoel Bragança Santos

Leme, Rio de Janeiro, 1990.

Apresentação



Brasil e Nova Friburgo, a Confederação Suíça e o Cantão de Fribourg, a história, a etnologia e, especialmente nós, os milhares e milhares de descendentes brasileiros dos transmigrantes suíços de 1819, temos uma enorme dívida de gratidão para com o Dr. Martin Nicoulin, eminente intelectual suíço, autor da monumental “La Genèse de Nova Friburgo – Émigration et colonization suisse au Brésil 1817-1827”, volume 2 da Série Historique da conceituada Coleção Études et Recherches d’Histoire Contemporaine de Roland Ruffieux, professor das Universidades de Fribourg e Lausanne, publicada pela Éditions Universitaires, Fribourg, em 1973. Esta era, na realidade, sua tese de doutorado na Université de Fribourg, resultado de prolongadas pesquisas realizadas tanto na própria Suíça como no Brasil.

Em busca de nossas raízes suíças, encontrei-me pela primeira vez com Martin Nicoulin, em 13 de dezembro de 1976, na sede das Éditions Universitaires, em Fribourg. Era uma manhã típica de fim de outono friburguês, fria, brumosa e chuvosa mas recebi um caloroso acolhimento de Nicoulin, que me estimulou a prosseguir no intento, presenteou-me com um exemplar da sua obra, então, em segunda edição, com uma bela dedicatória, e me estimulou procurar Monsieur Joseph Marchon, comerciante à Rue Romont, 8.

Mais de dez anos depois, em 01 de agosto de 1987 revimo-nos, por ocasião do III Rencontre Fribourg-Nova Friburgo, na inauguração da Queijaria-Escola de Nova Friburgo, magnífica obra que se deve creditar em grande parte a Nicoulin e à Association Fribourg-Nova Fribourg (René Louis Rossier, do lado suíço, e Heródoto Bento de Mello, do lado brasileiro). Em agosto de 1996 reencontramo-nos rapidamente, duas vezes, a primeira, por ocasião da inauguração da extraordinária Casa da Suíça, complemento cultural e museológico da Queijaria-Escola e, dias após, na vetusta Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em cujo Salão Principal ocorreu a tarde de autógrafos de “A Gênese de Nova Friburgo” finalmente em edição brasileira da Fundação Biblioteca Nacional e da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo. Com o Coral de Jean-Claude Fasel proporcionando uma belíssima apresentação num décor majestoso, a Escadaria Principal, e a Union Instrumentale, ambos de Fribourg, se apresentando na grande escadaria externa da Biblioteca Nacional, dando seu “show” diretamente para a Avenida Rio Branco, uma das mais movimentadas artérias do centro do Rio, para algumas centenas de pessoas representativas, autoridades consulares suíças, descendentes da transmigração e membros da colônia suíça do Rio de Janeiro. E Nicoulin, diplomado brasileiro por Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, sentou-se horas diante da mesa, autografando.

Convidado por Nicoulin, passei uma semana, em abril de 1997, na Bibliothèque Cantonale et Universitaire de Fribourg, com excelentes instalações e pessoal de altíssimo nível, para ultimar as pesquisas em torno da história dos Marchons e da transmigração, dando assim o necessário alento para a finalização desta obra. Agradeço a atenção prestimosa de Eveline Maradan (aliás, Marchon pelo lado materno) e de Jean-Claude Waeber, Pierre Jacob e Jean-Pierre Uldry, todos da Bibliothèque Cantonale et Universitaire. Frequentei, ademais, os Archives de l’État de Fribourg e os Archives de la Préfecture de Farvagny, à qual pertence Vuisternens-en-Ogoz, nosso berço suíço, verdadeira Terra dos Marchons. Queremos que se veja nesta obra não um estudo aprofundado, mas, antes, um passeio a vôo de pássaro, mais um

convite a novas e mais completas pesquisas e explanações do que um trabalho definitivo.

Minha obra, que também é de todos os Marchons brasileiros, deve muitíssimo à muitas pessoas, das quais nomearei apenas algumas, mas todas as muitas de fundamental importância: Emílio Oscar Marchon, neto de Jean-Claude Marchon (falecido quando meu pai tinha apenas 4 anos), Emerenciana da Silva Marchon, Pedro Carlos Gerhard e Paulina Altina Egger Gerhard, meus avós, Eurico Marchon e Georgeta Gerhard Marchon, meus pais e mentores, Regina, minha mulher e meus três filhos Albino José, Renato e João Cláudio, pelo estímulo afetivo e intelectual, meus irmãos Myron, Agenor (recentemente falecido), Carmem (também falecida), Nair, Euta e Paulo, também pelo estímulo afetivo e intelectual. Meus professores e professoras Jacy de Azevedo Lopes, Zilma Coelho Pinto e Verônica Guimarães, do Grupo Escolar Bernardino Monteiro, e Hertha Athayde, Waldemar Mendes de Andrade, Deusdédith Baptista, Aylton da Rocha Bermudes, Athayr Cagnin, Wilson Lopes de Rezende e João de Deus Madureira Filho (falecido), do Colégio Estadual Muniz Freire, ambos de Cachoeiro do Itapemirim. Meus professores, colegas e amigos Droctóvio Estevam de Lima, Abelardo Arruda de Britto, João de Oliveira Samuel, Cláudio Ferreira de Mello, Carlos Otto Newlands (todos falecidos) e Ruy Oscar da Cunha, da Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil (atualmente, Faculdade de Odontologia da UFRJ), Orandino Prado Filho (falecido), Aristêo Gonçalves Leite, Spyro Nicolau Spyrides e Leônidas Mendonça Nunes, do Instituto de Odontologia da PUC-RJ e da Faculdade de Odontologia de Valença, Padre Pedro Vellozo (falecido), Magnífico Reitor da PUC - RJ, Geraldo Halfeld, das Academias Brasileiras de Medicina e Odontologia, Harold Hillenbrand, Diretor-Executivo Emérito da American Dental Association e ex-Presidente da Fédération Dentaire Internationale, Gerald H. Leatherman, Diretor-Executivo Emérito da mesma FDI, Dr. E. W. Borrow, Presidente da Borrow Dental Milk Foundation, Raphaël Cherchève, da Faculté de Médecine de Paris e do Hôpital Lariboisière, Renné Ackermann, do Hôpital Sainte-Anne, Jacques Scialom, Laurent Dalmas, Ángel Araldo Ritacco (falecido), Maurice O. Weiss, Tibor Vajda e Antônio Paul Filho, da Société Odontologique des Implants Aiguilles, Álvaro Badra (falecido) e Antônio Elias Makaron, da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, Claudenir Bastos Dutra (falecido), meu vice-presidente na Sociedade Brasileira de Implantologia e da Faculdade de Odontologia da UERJ, Antônio Carlos Nader, meu Redator Chefe na Quintessência e nos Arquivos Internacionais de Odontologia e da Faculdade de Odontologia da Unicamp, Aarão Rummel (falecido), João Jorge Barros e Antônio Ilson Giordani, da Faculdade de Odontologia da USP. Meus amigos Joarez Fagundes Tassis (digitou boa parte desta obra, falecido), Alcy Pinheiro Rangel (autor de uma bela apreciação sobre meu pai), Alfredo Pedro Lebel Jimenez, Pedro Antonio Jonsson, Iracema Pinto do Amaral, Oscar Pacheco Forster, Oswaldo Abdala Issa, Gilson Calvão Moraes. Os Marchons: Maria Marchon Leão, Mercedes Canelas Marchon, Odyr Marchon Spitz, Manoel Alcino Martins da Costa e Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert (todos falecidos). Cecília Marchon Bragança Santos, Joaquim Marchon Leão, Plácido Marchon Leão, João Luiz Marchon, Humberto Marchon Fontão, Carlos Antônio Spitz Brito, José Marchon Zago, Flora Marchon Brandão da Silva, Lourival Marchon Victor, Silvio Ciro Marchon Braga, Lúcia de Souza Xavier, Sílvio Carlos Nogueira Xavier, Georgeta de Souza Antunes, Paulo José Felix Antunes, Augusto Marchon Zago, Renato de Souza Braga Marchon, Cristina Maria Carrera Marchon Leão e Eurico Marchon Neto. Os primos Élio Monnerat Sólton de Pontes (Marchon também) e Manyr Japor (Balmat também). Os primos suíços Georges Aimé Marchon, sua filha Huguette Marchon Genoud e sua neta Isabelle Marchon Genoud, Daniel Marchon e Claudine, pais de Martine, Laurent e Christine, sogros de Jean-Benoît Robatel e avós de Vincent e Véronique, e Joseph Marchon.

Agradecimentos muito especiais devo aos meus três magníficos prefaciadores, Martin Nicoulin, Élio Monnerat Sólton de Pontes (aliás, Marchon pelo lado materno) e in memoriam

Manoel Bragança Santos (que para tal examinou os cerca de dois terços da obra que estavam prontos, infelizmente falecendo, quase centenário, antes de a mesma vir a lume, tratando-se, pois, de um prefácio póstumamente publicado). Aos autores de partes específicas da obra, meu filho Albino José Marchon Filho, meus primos Plácido Marchon Leão, João Luiz Marchon, Carlos Antônio Spitz Brito, Humberto Marchon Fontão, Manoel Antônio Spitz Sodré e Elio Monerat Sólton de Pontes, autor do excelente trabalho sobre o brasão dos Marchons, agradeço sensibilizado.

Aos meus filhos Renato, João Cláudio e à minha sobrinha Adriana Marchon Zago agradeço imensamente a assessoria em informática. Ao Breno Dias Semprine, inteligência e cultura ímpares, o meu muito obrigado pela sua cooperação. À minha cunhada Maria Livia Diana de Araújo Marchon agradeço a correção final da obra.

Albino José Marchon

Rio de Janeiro e Vitória, 1999.

"Por que enfim, o que é o homem na natureza? Um nada em relação ao infinito, um meio entre nada e tudo."

Blaise Pascal

A evolução humana e as primeiras migrações

Albino José Marchon Filho

"O estudo da evolução do homem é, para o naturalista, o problema mais elevado e mais interessante."

Charles Darwin



ão podemos pesquisar as causas das migrações humanas sem, antes, tentar compreender a própria evolução do homem. Sabemos que há alguns milhões de anos, na África, coexistiram no tempo e no espaço algumas espécies de hominídeos bípedes com certo grau de inteligência. Todos os hominídeos acabaram extintos de alguma maneira até que hoje, na Terra, restou apenas um: nós mesmos, o *Homo sapiens*.

Primitivos símios arborícolas, há talvez 20 milhões de anos, passaram a descer das árvores e freqüentar por mais tempo o chão das florestas africanas. Uma vez no chão, passaram não mais a se locomover sobre quatro patas, mas sobre duas. É a origem do chamado bipedalismo, que implicaria profundas modificações na constituição física e mental dos hominídeos. O porque de aqueles símios passarem do quadripedalismo ao bipedalismo é uma questão ainda hoje não satisfatoriamente respondida pela Ciência.

A partir da década de 1970, difundiu-se na Paleoantropologia a noção de que os antigos primatas africanos, após sucessivos períodos de seca, teriam se mudado das florestas para as savanas abertas, onde era mais fácil conseguir alimento. Uma vez nas savanas, aqueles primatas quadrúpedes teriam evoluído gradualmente à forma bípede. Pois um animal de pé, sobre as duas patas traseiras, fica mais alto e pode observar melhor suas presas (e seus predadores) sobre os arbustos, na planície.

No entanto, acontece que um ser quadrúpede é bem mais veloz que um bípede. Nas savanas, o bipedalismo certamente não seria uma boa especialização, pois o animal bípede poderia ser predado até mais facilmente. Também não deveriam ter aprendido a ser bípedes nas savanas, pois teriam sido facilmente extintos durante o processo de aprendizagem. O mais certo é que já saíram das florestas bípedes. O bipedalismo foi adquirido nas matas. A descoberta de fósseis de hominídeos bípedes que viveram em ambiente de floresta, em 1995, corrobora esta hipótese. O pesquisador C. Owen Lovejoy, especialista em locomoção, apresentou nos anos 1980 talvez a melhor hipótese para o surgimento do bipedalismo nos primatas primitivos. Segundo Owen Lovejoy, os monos antropóides, há milhões de anos, atingiram uma taxa de reprodução muito baixa. O investimento na criação do filhote era alto. Uma fêmea cuidaria zelosamente de sua cria até o desmame, o que levava alguns anos. E, se nesse meio tempo, a cria morresse, ou fosse predada? Anos de investimento dos pais se perderiam. Aqueles primatas tiveram, então, de arrumar uma maneira para garantir uma melhor taxa de sobrevivência de

seus filhotes.

Surgiram, então, novas relações de matrimônio. Machos e fêmeas, que cruzavam promiscuamente entre si, passaram a se unir aos pares, em união monogâmica. Assim, o macho poderia sair longe para catar alimento para sua família e, na volta, ter uma maior garantia de que sua parceira não tivesse copulado com outro macho. A perpetuação dos genes daquele macho estaria mais assegurada. A fêmea precisaria se locomover muito menos, podendo tomar conta do filhote em tempo quase que integral. Do ponto de vista da mobilidade, seria muito mais interessante o advento do bipedalismo. O macho, por exemplo, poderia trazer muito mais alimentos estando com os membros dianteiros livres, locomovendo-se sobre as patas traseiras.

O bipedalismo surgiu em antigos primatas entre 5 milhões e 10 milhões de anos atrás. O mais antigo primata bípede conhecido é o *Ardipithecus ramidus*, que viveu há 4,4 milhões de anos na região de Aramis, Etiópia. Um feito notável, no entanto, foi realizado pela equipe da paleoantropóloga Mary Leakey em 1976, em Laetoli, Tanzânia: a descoberta das mais antigas pegadas deixadas por primatas bípedes. As pegadas se estendem numa trilha de quase 30 metros e pertencem a dois adultos (um macho e uma fêmea) da espécie *Australopithecus afarensis* que andaram por ali há 3,7 milhões de anos. É o mais antigo registro de um caminhar semelhante ao nosso na História deste planeta.

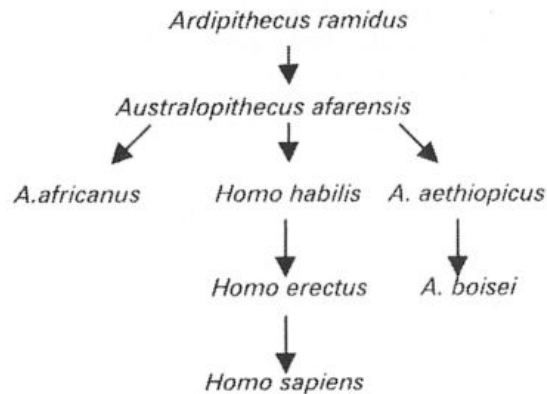
Com os fósseis que se tem hoje, a Paleoantropologia reconhece a existência de treze primatas bípedes. São eles um ardipiteco, sete australopitecos e cinco homos. As relações de parentesco entre eles são muito duvidosas. São os seguintes os primatas antropóides que andavam eretos e bípedes sobre o solo da Terra:

<i>Ardipithecus ramidus</i>	- 4,4 milhões de anos atrás
<i>Australopithecus anamensis</i>	- 4,1 milhões de anos atrás
<i>Australopithecus bahrelghazali</i>	- 3,6 milhões de anos atrás
<i>Australopithecus afarensis</i>	- entre 3,9 e 3,1 milhões de anos atrás
<i>Australopithecus africanus</i>	- entre 3 e 2,3 milhões de anos atrás
<i>Australopithecus aethiopicus</i>	- entre 2,6 e 2,2 milhões de anos atrás
<i>Australopithecus boisei</i>	- entre 2,6 e 1 milhão de anos atrás
<i>Australopithecus robustus</i>	- entre 2 e 1,2 milhão de anos atrás
<i>Homo habilis</i>	- entre 2,5 e 1,5 milhão de anos atrás
<i>Homo ergaster</i>	- entre 2 e 1,5 milhão de anos atrás
<i>Homo erectus</i>	- entre 1,7 milhão e 500.000 anos atrás
<i>Homo antecessor</i>	- 800.000 anos atrás
<i>Homo sapiens</i>	- entre 200.000 anos atrás e a atualidade

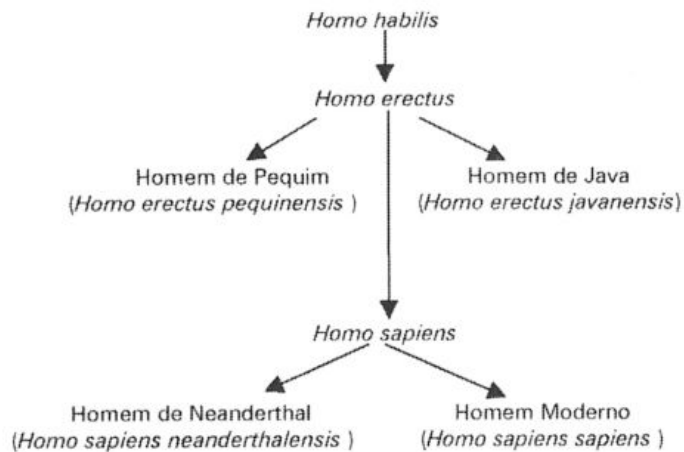
Todos eles viveram exclusivamente na África, com exceção dos três últimos, que saíram para ocupar outros continentes. O conhecido Homem de Lagoa Santa, que viveu no Brasil há aproximadamente 12.000 anos, pertencia à subespécie *Homo sapiens sapiens*. Foi descoberto pelo naturalista dinamarquês Peter Lund em 1840 em Lagoa Santa, Minas Gerais.

Um fato que não está bem esclarecido ainda é se o gênero *Homo* surgiu diretamente a partir do *Australopithecus* ou se este é simplesmente um ramo divergente, paralelo ao nosso. Se o *Australopithecus* realmente deu origem ao *Homo*, o principal candidato a nosso ancestral mais direto é o *Australopithecus afarensis*, principalmente devido às suas características ósseas e dentárias.

De qualquer modo, à luz do atual conhecimento, o caminho evolutivo que chegou até o *Homo sapiens* é o seguinte:



A linhagem mais específica do gênero *Homo* é esta:



Os australopitecos apresentavam em geral cérebro pequeno, dentes molares grandes e mandíbula protuberante. Alimentavam-se de vegetais, principalmente, razão de terem os molares bem desenvolvidos. Lembremos que, naquele tempo, os vegetais não eram cozidos e somente dentes robustos seriam eficientes na trituração das fibras. Assemelhavam-se aos humanos principalmente na maneira de caminhar. No gênero *Homo* o cérebro aumentou, os molares diminuíram e a mandíbula tornou-se menos protuberante.

Como se depreende pelos períodos em que ocorreram, algumas das antigas espécies conviveram na mesma época. Por exemplo, por volta de 2,5 milhões de anos atrás, poderiam deparar-se frente a frente pelas savanas da África grupos de *Australopithecus africanus*, *Australopithecus aethiopicus*, *Australopithecus boisei* e *Homo habilis*. Um *Homo habilis*

certamente reconheceria um *Australopithecus africanus* como um ser diferente, pertencente a uma espécie que não a sua. Seria muitíssimo interessante se pudéssemos saber um pouco sobre as reações que aqueles hominídeos teriam quando se encontrassem um com o outro. Guerreariam, travariam contato (até mesmo sexual) ou simplesmente se esnobariam e iriam cada um para o seu canto? É um tanto difícil para nós, *Homo sapiens* da Era Cristã (ou, geologicamente falando, da Época Holocênica), vislumbrar este contato com indivíduos quase iguais a nós, pois somos os únicos representantes da Família Hominidae no planeta, na atualidade.

Nossos “avós”, no entanto, não tiveram este privilégio (ou esta infelicidade ?!). Eles puderam conviver na Europa e na Ásia por aproximadamente 170.000 anos – entre 200.000 e 30.000 anos atrás – com os curiosos Homens de Neanderthal que, embora pertencentes à nossa mesma espécie (*Homo sapiens*), eram de subespécie diferente (*Homo sapiens neanderthalensis*). Os primeiros fósseis de neanderthais foram descobertos no Vale do Rio Neander (daí o nome), Alemanha, em 1856. Mais tarde, descobriu-se que eles foram grandes migrantes, tendo-se descoberto seus restos em diversos lugares da Europa e da Ásia.

Povos primitivos do nosso tempo, vivendo em lugares remotos, sentem um pouco desta emoção de terem como vizinhos “humanos” de outra espécie. No início do século XIX, exploradores europeus atingiram pela primeira vez as selvas das fronteiras entre Uganda, Ruanda e Congo (antigo Zaire) e se impressionaram com o temor dos nativos africanos em relação a estranhos e ferozes “homens negros peludos” que viviam nas montanhas da região, onde não se arriscavam a ir. Os exploradores verificaram então tratar-se dos gorilas-das-montanhas (*Gorilla gorilla*) os “homens perigosos” a quem os nativos temiam. Ironicamente, através de estudos de campo realizados há algumas décadas, biólogos comprovaram que os gorilas-das-montanhas não eram tão temíveis assim, aceitando até mesmo, com o tempo, a presença de pessoas próximas de si.

Caso semelhante ocorre em Bornéu, ilha da Oceania. Para os daiaques, nativos das selvas da ilha, os orangotangos (*Pongo pygmaeus*), grandes macacos arborícolas que atingem até 1,80 metro de altura, quando de pé, são homens que vivem nas árvores. Orangotango, no dialeto daiaque, significa “homem das selvas”. É lamentável que grandes macacos como os gorilas, os orangotangos e os chimpanzés (*Pan troglodytes*) encontrem-se hoje em sério risco de extinção. Além de tudo, são os chimpanzés os primatas atuais mais aparentados com o homem, com os quais temos em comum 98% do código genético. Estima-se que, há 7 milhões de anos, viveu na África o ancestral comum ao homem e ao chimpanzé. A partir dele, um ramo evolutivo chegou até o homem e outro até o chimpanzé.

Singular na linhagem evolutiva humana foi o *Homo erectus*, que surgiu na África há 1,7 milhão de anos. O *Homo erectus*, dotado de inteligência superior em relação aos australopitecos (com dois dos quais, o *Australopithecus boisei* e o *Australopithecus robustus*, até mesmo se teria deparado), caçava muito bem. Isto se prova pelos instrumentos de pedra bem elaborados que produzia e pelos seus molares reduzidos, indicando uma dieta menos baseada em vegetais.

O *Homo erectus* foi o primeiro hominídeo a deixar a África, realizando a então inédita migração intercontinental. Isto se deu cerca de 1 milhão de anos atrás, quando grupos de *Homo erectus* passaram a cruzar a Península do Sinai em direção ao Oriente Médio, iniciando a colonização da Ásia e da Europa.

As várias espécies de australopitecos conhecidas e o *Homo habilis*, estritamente nômades, já realizavam migrações transcontinentais pelo interior da África, tendo-se expandido por boa parte do continente africano. A façanha da primeira migração intercontinental, no entanto, coube ao *Homo erectus*.

No início de 1998, pesquisadores australianos divulgaram a descoberta de fósseis de *Homo*

erectus na Ilha de Flores, Indonésia. É sabido que esta ilha nunca teve ligação com qualquer extensão de terra próxima. Desta forma, constata-se que o *Homo erectus* só possa ter atingido Flores através de balsas (possivelmente feitas de bambu), a partir da Península Malaia, cerca de 900.000 anos atrás, realizando a mais antiga migração marítima conhecida. É sem sombra de dúvida o *Homo erectus* o primeiro grande migrante da aventura humana.

O *Homo erectus* foi o primeiro hominídeo a atingir a Ásia e a Europa. Os demais continentes, no entanto, só seriam atingidos por seu sucessor, o *Homo sapiens*. Assim, os primeiros registros de ocorrência de homos em cada continente são os seguintes:

África – surge o *Homo habilis* na África Oriental, há cerca de 2,5 milhões de anos.

Ásia – o *Homo erectus* atinge o Oriente Médio, há 1 milhão de anos.

Europa – é alcançada pelo *Homo erectus*, há 1 milhão de anos.

Oceania – precursores dos aborígenes, que já eram *Homo sapiens*, chegam à Austrália há 55.000 anos.

América do Sul – o sítio mais antigo comprovado é o de Monte Verde, Chile, de 12.500 anos; no sul do Piauí, Brasil, foram encontrados vestígios de fogueiras datados de 48.000 anos, que, no entanto, não são aceitos por muitos estudiosos como sendo realmente restos de fogueiras feitas pelo homem.

América do Norte – o sítio mais antigo é o de Clóvis, Estados Unidos, datado de 11.500 anos.

Antártida – o homem nunca chegou propriamente a colonizá-la; foi descoberta em 1603 pelo navegador espanhol Gabriel de Castilla.

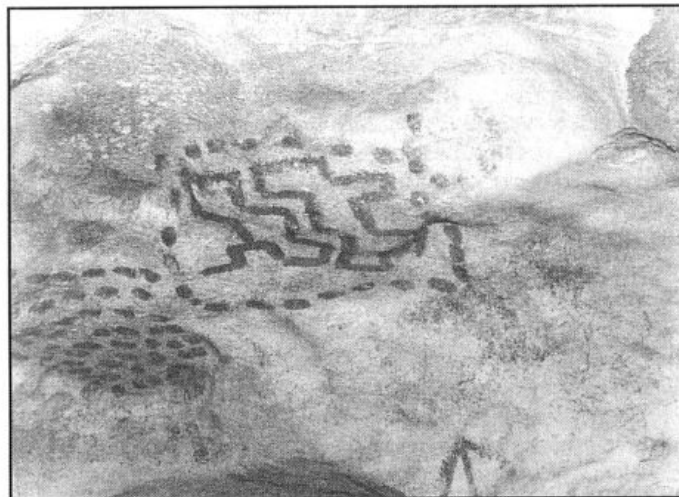


Fig. 1 – Pintura rupestre representando homens caminhando, datada entre 3.000 e 5.000 anos. Soledade, Rio Grande do Norte, Brasil. Renato Engmann Marchon. 1998.

Há aproximadamente 700.000 anos, o engenhoso *Homo erectus* controlou pela primeira vez o fogo. O domínio do fogo foi importantíssimo marco na Pré-História humana, que fez com que este hominídeo passasse a se firmar como uma espécie cada vez mais diferente de todos os demais primatas e de todos os outros animais. Ao dominar o fogo, o *Homo erectus* deu um enorme salto (para melhor) em suas atividades cotidianas. Melhorou a qualidade de seus alimentos, conseguiu afugentar de forma mais eficiente animais ferozes e passou a dormir

mais confortavelmente nas noites frias. Foi, como se vê, uma primorosa modificação em seus modos de vida. Num exercício de imaginação, podemos ver um grupo de primitivos homens peludos, de supercílios salientes, sentados em torno de uma fogueira. As labaredas estalavam e, enquanto a carne assava, aqueles protohomens conversavam. Com o advento da fogueira, passaram certamente a conversar bem mais entre si e, com o tempo, a articular melhor sua linguagem. Através da comunicação falada, o homem passou a organizar mais eficientemente sua sociedade e a exercer um amplo domínio sobre a Natureza. Devendo em muito ao domínio que teve do fogo, em tempos remotos de sua evolução, atualmente o homem possui plenos poderes sobre o mundo natural. E cabe somente a ele – e a nenhuma outra espécie mais – escolher o destino que quiser dar à Natureza. A responsabilidade cai sobre os seus ombros.

A nossa espécie, *Homo sapiens*, surgiu muito provavelmente a partir do *Homo erectus*. Há duas hipóteses, conflitantes entre si, que tentam explicar a nossa origem. Na primeira, o *Homo sapiens* teria derivado localmente de um pequeno e restrito grupo de *Homo erectus*, em algum lugar da África subsaariana. A partir deste grupo teria ocorrido uma expansão da nova espécie por toda a África e, mais tarde, a migração para a Ásia e a Europa. Isto teria se dado há aproximadamente 200.000 anos. Existem, por exemplo, fósseis de *Homo sapiens* datados de 100.000 anos, provenientes da Caverna Border, África do Sul.

Segundo outra corrente de pensamento, o *Homo sapiens* teria evoluído do *Homo erectus* mais ou menos ao mesmo tempo em diversos lugares e continentes, numa espécie de evolução multirregional. Esta hipótese é a menos aceita das duas. De qualquer modo, o que aconteceu foi que o *Homo sapiens* substituiu por completo o *Homo erectus* no planeta. De que forma isto se deu é um dos mais fascinantes exercícios de imaginação para nós, seres humanos interessados em nossas origens. Passaram os grupos de *Homo sapiens*, dotados de inteligência superior, a exterminar os *Homo erectus* por todos os lugares? Ou teriam sido melhor adaptados e persistido, ao passo que os *Homo erectus* se teriam extinguido naturalmente? Afinal, já fazia pelo menos 1,2 milhão de anos que os *Homo erectus* habitavam o planeta. Teriam estes chegado ao fim do seu ciclo natural como espécie? Ou, em último caso, teriam os *Homo erectus* simplesmente se “transformado” nos *Homo sapiens*?

De acordo com especialistas, durante o Período Cambriano, ocorrido entre 590 e 505 milhões de anos atrás, quando a vida praticamente só existia na água, o tempo de duração média de uma espécie na Terra era de menos de 10 milhões de anos. Se verificarmos o quadro das espécies de homínídeos que ocorreram no planeta, com os dados que possuímos hoje, constatamos que o tempo de duração destes como espécie é bem inferior. O *Australopithecus afarensis*, com fósseis datados entre 3,9 e 3,1 milhões de anos, não viveu muito mais do que 800.000 anos. O *Australopithecus aethiopicus* parece que não durou mais de 400.000 anos. Já o *Australopithecus boisei*, o recordista entre os homínídeos, persistiu por longos 1,6 milhão de anos.

Nós, orgulhosos *Homo sapiens*, nos encontramos neste planeta há talvez não mais do que 200.000 anos. A contar pelo tempo de permanência médio de uma espécie homínídea, parece que nossos filhos poderão perpetuar-se ainda por um bom longo milhão de anos. Após este período (ou antes mesmo que ele se finde) nos extinguiremos por completo ou, quem sabe, nos “transformaremos” em outra espécie?

O *Homo erectus*, durante 1,2 milhão de anos, aperfeiçoou ferramentas, dominou o fogo e fez algumas viagens. Foram feitos notáveis para a sua época, mas ele fez pouco se levamos em conta o enorme espaço de tempo em que permaneceu por aqui. Certamente, se vivesse hoje, seus parentes (quicá descendentes) mais próximos, os *Homo sapiens*, os colocariam como curiosas atrações em jardins zoológicos, ao lado de gorilas e chimpanzés. E estes *Homo*

sapiens, o que fizeram? Em apenas 200.000 anos, causaram verdadeira revolução no mundo. Numa lista bem simplificada, além de terem construído jardins zoológicos e edificado cidades, inventaram o telefone, o automóvel, o avião e o computador. Dominam não mais somente o fogo, mas também os rios e as montanhas, moldando-os ao seu bel prazer. Já começam a cogitar até mesmo mudar-se do planeta e passar a ocupar outros lugares do Universo. O *Homo sapiens* é sem dúvida a primeira espécie a ter nas mãos a chave que possa mudar os rumos de sua evolução e manter o planeta habitável para ele e os demais seres vivos, que merecem e têm o direito, tanto quanto ele, de viver neste maravilhoso mundo. E isto só depende dele mesmo.

Referências bibliográficas:

- ¹. JOHANSON, Donald C. EDEY, Maitland A. Lucy – *Os Primórdios da Humanidade*. Rio de Janeiro : Bertrand, 1996.
- ². LEAKEY, Richard E. *A Origem da Espécie Humana*. Rio de Janeiro : Rocco, 1995.
- ³. LEAKEY, Richard E. LEWIN, Roger. *O Povo do Lago*. Brasília/São Paulo : UnB /Melhoramentos, 1988.
- ⁴. MATTOS, Aníbal. *O Homem das Cavernas de Minas Gerais*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1961.
- ⁵. MOORE, Ruth. *O Homem, o Tempo e os Fósseis*. São Paulo : Cultrix, 1961.
- ⁶. RAUPP, David M. Crise da Diversidade no Passado Biológico, p. 63-71, in WILSON, Edward O. *Biodiversidade*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1997.

"O homem é um caminhante. Homo viator"

Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde)

Migrações humanas



a maneira mais simples e objetiva podemos entender a migração humana como o “deslocamento de pessoas de um lugar para outro com o objetivo de se estabelecer permanentemente.”¹ A migração é uma opção entre a estabilidade, a fixação, é a mudança, a mobilidade. É a busca do novo (novo mundo, nova vida), de desafios, de aventura (ventura) em seu sentido mais amplo. Constitui, ainda, de certa forma, uma ruptura com o passado. A causa fundamental, mas não única, do fenômeno é o desequilíbrio entre os fatores demográficos e os econômicos, ou seja, a equação desigual entre o número de pessoas e a quantidade de bens disponíveis.²

“Na verdade, na cultura do emigrante-imigrante a utopia facilmente pode ocupar lugar importante, já que ele abandona a pátria à procura de alguma coisa: muitas vezes esta procura não se restringe a uma sobrevivência mais fácil e à obtenção de um pedaço de terra. A idealização de uma realidade desconhecida que será seu destino...”³

Há uma mídia de esperança sem a qual não existe migração. Antigamente eram lendas, boatos, relatos: Terra da Promissão, Atlântida, El Dorado, Novo Mundo, atualmente é o Primeiro Mundo. “Hoje o sonho chega através das imagens da mídia global até o mais remoto povoado do mundo...”⁴

“Acima de tudo, toda migração, independentemente da causa, natureza ou escala gera conflitos, pois o interesse próprio e a xenofobia são as constantes antropológicas mais antigas de todas as sociedades humanas.”⁵

As migrações podem classificar-se como internas ou intranacionais e externas ou internacionais. Também podem ser voluntárias ou forçadas (por razões bélicas, políticas, raciais, religiosas ou econômicas). Ainda podem classificar-se em terrestres, aquáticas, aéreas ou mistas, de acordo com o tipo de transporte empregado.

Do estudo da história da humanidade depreende-se que o curso da civilização sempre foi grandemente influenciado pelos movimentos migratórios de massas. Os homens, desde priscas eras, moviam-se para procurar meios de subsistência e/ou para fugir de inimigos mais fortes, ou pela aventura e, assim, espalharam-se virtualmente, por toda a superfície terrestre. E nunca mais pararam de fazê-lo.

Entre as mais conhecidas migrações encontramos a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, o êxodo dos hebreus do Egito, a colonização do Mediterrâneo pelos fenícios, gregos e etruscos, as migrações européias para as Américas do Norte, Sul e Central, as migrações forçadas e sob ferro da África para as colônias americanas – 10.000.000 de escravos, que representam uma grande mancha na história da humanidade.

Desde os Grandes Descobrimentos até o início da II Grande Guerra Mundial, aproximadamente 60.000.000 de europeus deslocaram-se para o Novo Mundo, em algo menos de 450 anos, o que dá, em média, mais de 130.000 por ano, ou seja, uma migração semanal de cerca de 2.500 pessoas, quer dizer, mais do que a transmigração dos suíços para o Brasil em 1819. “A América é a maior empresa de colonização que os homens jamais tentaram.”⁶ Um aspecto altamente negativo foi o massacre dos silvícolas americanos pré-colombianos – nestes cinco séculos foram mortos ou reduzidos à maior degradação, somente no Brasil, cerca de 4.500.000 deles; e no restante das Américas? Talvez 10.000.000, talvez mais! É outra grande

mácula na história da humanidade.

No nosso século XX os números subiram assustadoramente. Assim, 18.000.000 de pessoas foram deslocadas pela separação da Índia e do Paquistão. Houve o holocausto. No pós-guerra (1939-1945) vimos na Alemanha 12.000.000 de refugiados e, no Japão, 6.300.000; na Coreia do Sul, 4.000.000 e, na Palestina, 1.000.000 de árabes.⁷

“Hoje em dia [1993] estima-se que vivam na Europa Ocidental mais de 20.000.000 de imigrantes, 10.000.000 de mexicanos nos Estados Unidos da América, 5.000.000 de estrangeiros na Alemanha, 3.000.000 de africanos na França.”⁸ Mais de 1.000.000 de brasileiros vivem no exterior (principalmente nos Estados Unidos da América).

No Brasil, todos nós sabemos do incremento populacional de São Paulo (atualmente o terceiro maior conglomerado humano do planeta, somente superado pelas megametrópoles Tóquio e Cidade de México), Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Porto Alegre, Brasília, Belo Horizonte, Fortaleza e mais cem cidades maiores, assoberbadas pelo êxodo rural, pressionando cada vez mais os serviços públicos e agravando o desemprego.

Voltando à migração para o Brasil, no período de 1821 a 1932, para cá vieram 4.431.000 migrantes (neste mesmo período os Estados Unidos da América receberam 32.244.000). Entre os países que forneceram os migrantes sobressaem-se a Inglaterra (18.020.000 de 1846 a 1932), a Alemanha (10.092.000), Portugal (4.653.000) e a Suíça (332.000).⁹

Os estudos das características dos migrantes comprovaram que 60 a 70% dos que cruzaram o Atlântico, entre 1850 e 1920, eram do sexo masculino. Relativamente à idade, a maioria dos migrantes incluía-se no grupo etário de 20 a 25 anos, vindo logo a seguir o de 25 a 30 e, após, o de 15 a 20 anos. Quanto à ocupação, os agricultores constituíam a maioria.¹⁰

“O homem é um viajante, um pesquisador... As grandes migrações dos povos procuravam uma via, indo do norte para o sul, do leste para o oeste... Estas migrações eram sempre comandadas também pela paixão da mudança, da aventura, do perigo. Este movimento se repete em nossos tempos sob a forma, bem involuntária, de multidões de refugiados que, em todos os continentes procuram um refúgio em regiões mais seguras. Em todas as épocas, mesmo na Antiguidade e na Idade Média, as rotas estavam constantemente cheias de soldados, de comerciantes, de comediantes, de cavaleiros, de sábios, de estudantes, de peregrinos, de saltimbancos; no século XVIII eles tiveram por sucessores os viajantes desejosos de se instruir e, atualmente, os turistas em grupos organizados.”¹¹

A antiquíssima tradição suíça do serviço exterior, isto é, de lutar no exterior, principalmente a soldo dos reis de França, pode ser explicada por razões de ordem econômica, demográfica e política. Uma lenda dos Grisões diz que eles, soldados réticos, estavam na Palestina no tempo da morte de Jesus Cristo. Segundo Tasso, na sua obra prima, “Jerusalém Libertada”, foi um suíço, Alceste, o primeiro a escalar os muros da Cidade Santa quando da Primeira Cruzada (1096-1099). O exército inglês que sitiou São João d’Acre era comandado por Oton de Grandson (1191). A famosa guarda pontifícia suíça foi criada em 1506 e existe até hoje. A guarda real suíça dos reis de França, criada por Carlos VIII dez anos antes, isto é, 1496, acabou tragicamente com 600 oficiais e praças que deram suas vidas pelo Rei Luiz XVI no famoso massacre de 10 de agosto de 1792. Já em 1831, Luiz Felipe, rei da França, instituiu a Legião Estrangeira, que se tornaria legendária, sendo que os três primeiros batalhões eram constituídos exclusivamente por soldados helvéticos, comandados pelo Coronel August Stoffel. No século que se seguiu cerca de 50.000 suíços dela participaram. *Honneur et Fidélité* era a divisa dos batalhões suíços e foi adotada como lema, oficialmente, pela Legião Estrangeira em 1918. Os números são impressionantes: de 1515 a 1831 a Suíça deu ou infligiu à Europa 2.000.000 de soldados, 70.000 oficiais e 700 generais, aí incluídos cerca de 600.000 soldados, oficiais e generais mortos em prol da França. Esta constituiu-se na emigração bélica dos suíços. Mas houve também a emigração pacífica (*s’évader pour vivre: la plus ancienne des*

traditions suisses – evadir-se para viver: a mais antiga das tradições suíças).¹²

“Os movimentos de massa dos europeus ocorreram do século IV ao VI, do IX ao X, do XII ao XIII. A partir do século XVI até atualmente estas migrações têm sido quase contínuas, e têm envolvido não somente os europeus, mas todo o mundo. As causas destas migrações variam e elas não são completamente entendidas pelos estudiosos. Mas está fora de questão que elas afetam profundamente ambas as regiões, aquelas à que se dirigem e a que elas deixam.”¹³

Referências bibliográficas:

¹ - *Encyclopaedia Britannica*. V. 15. Chicago : William Benton, 1971, p. 421.

² - NICOULIN, Martin : *A Gênese de Nova Friburgo : Emigração e Colonização Suíça no Brasil – 1817-1827*. 1. ed. Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p. 29.

³ - PETRONE, Maria Thereza Schorer : *O imigrante e a pequena propriedade*. 1. ed. São Paulo : Brasiliense, 1982, p. 83.

⁴ - ENZENSBERGER, H. M. : *O vagão do futuro in Veja 25 anos*. São Paulo : Abril, 1997, p. 92.

⁵ - _____, p. 92.

⁶ - ROMERO, José. Luiz : *Las Bases para el Desarrollo de los Programas de Geografía y Historia de América*.: p. 20.

⁷ - *Encyclopaedia Britannica*, : op. cit., p. 422.

⁸ - ENZENSBERGER, H. M. : op. cit., p. 103.

⁹ - *Encyclopaedia Britannica*. : op. cit., p. 423.

¹⁰ - _____, p. 423.

¹¹ - CHRISTOFFEL, Ulrich : *La Montagne dans la Peinture*. 1. éd. Zollikon : Club Alpin Suisse, 1963, p. 7.

¹² - REYNOLD, M. M. Gonzague : *Fribourg et le Monde*. 1. éd. Neuchatel : Baconnière, 1957, p. 27.

¹³ - *A History of Western Civilization*. 2. ed. Chicago : McKay, Hill & Bucker, 1970, p. 214.

“ O passado ecoa na memória das pessoas e dos países, ensina T. S. Elliot”
Gerardo de Mello Mourão

Esboço da Suíça



Suíça, situada na encruzilhada das rotas naturais transalpinas, tornou-se a cena de muito ir e vir – migrações tribais, exércitos e caravanas comerciais. O homem pré-histórico na Idade do Ferro já deixara seus traços na Suíça.¹ No final dos tempos pré-históricos a Suíça era habitada pelos lacustres, um povo pacífico de pescadores. Houve, a seguir, a invasão por diferentes tribos celtas, especialmente a dos helvécios – tribo belicosa que vivia no sul da Alemanha e que foi obrigada, pela pressão das tribos germânicas, a ir para a Suíça no século III A.C., onde se estabeleceu entre os Alpes e o Jura, e a dos réticos que se estabeleceu nos Grisões.²

Os celtas, os primeiros europeus antes da conquista romana, haviam povoado o continente, de Portugal (a oeste) aos Cárpatos (a leste), da Bélgica (norte) à Itália (sul), mas não deixaram nenhum documento escrito, pois, por um preceito druidico, estavam impedidos de escrever a própria história.³ A tribo celta, como mais tarde o cantão suíço, era soberana.⁴

Os helvécios estabeleceram-se no território que é hoje a Suíça, onde se deu o apogeu artístico e cultural celta à beira do Lago Neuchâtel, em La Tène, que assinala a entrada do mundo celta na história.⁵ A nação dos helvécios tinha 400 *vici* (cidades não cercadas de muros, feitas de casas isoladas de pedra trabalhada e argila e cobertas de colmo ou tabuinhas) e 12 *oppida* (cercados fortificados, refúgio para as populações em tempo de guerra, mas também já esboços de cidades permanentes).⁶

Júlio César, em 58 A.C., teria sido informado de uma conjuração de Orgetorix (helvécio), de Dumnorix (eduno) e de Casticos (sequano) que, unidos, dominariam a Gália.⁷ E os helvécios entraram para a história escrita através do *Bellum Helveticum*, como é conhecido o primeiro livro dos *Commentarii De Bello Gallico* (51 A. C.), de Júlio César, o grande imperador romano, que relata as guerras contra os helvécios e as outras tribos gaulesas.⁸ César, vencedor dos helvécios em Bibracte, neste mesmo ano, obrigou-os a retornar aos seus pagos e ocupou militarmente seu território e, como sempre fazia, construiu cidades, palácios, templos, anfiteatros e extensa rede de estradas, aí estabelecendo-se a Pax Romana, que durou cerca de quatro séculos. A capital era Aventicum, atual Avenches, cujas muralhas chegaram a abrigar 50.000 pessoas.⁹ Com a derrocada de Roma, os romanos abandonaram suas conquistas e, logo no começo do século V, a Suíça foi ocupada por duas tribos germânicas, os burgúndios que se estabeleceram a oeste e adotaram a língua dos romanos e os alamanos que se estabeleceram a este, conservando sua cultura germânica. Constituiu-se, então, a fronteira lingüística, entre as línguas romana e germânica, entre o francês e o alemão, que ainda hoje atravessa a Suíça.¹⁰ Os lombardos, outra tribo germânica, estabeleceram-se no Tessino. Com isso a população original, de origem céltica e reto-românica, foi dizimada e empurrada para as montanhas. Eis aí o tetra-lingüismo suíço.

No século seguinte apareceram os francos merovíngios (534) que trouxeram o cristianismo, se impuseram aos burgúndios e alamanos e dominaram a Suíça, que mais tarde passou para o Império Carolíngio. A região foi devastada muitas vezes pelas hordas sarracenas, já no século VIII, e, no século seguinte, pelos húngaros; por volta de 927 houve uma terrível batalha, mas os locais foram vencidos. “Quando o império de Carlos Magno foi dividido em 870, a região primitiva dos burgúndios foi atribuída à sua parte ocidental, ao passo que a região primitiva dos alamanos o foi à sua parte oriental: o território atual da Suíça estava atravessado por uma verdadeira fronteira política.”¹¹ Ocorreu, em seguida, um longo processo de

fracionamento do império, até que, em 1291, quando morreu o imperador Rodolfo de Habsburgo, houve o famoso Pacto de Grütli, entre os três Cantões Florestais, Uri, Schwytz e Unterwalden, considerado o ato de fundação da Confederação que passou a ser chamada de Suíça ou Schwytz – nome de um dos cantões fundadores. (Doc. 1)

Doc. 1

Juramento do Grütli, redigido em latim, traduzido de forma abreviada

Em nome do Senhor, Amém. Nós, homens de Uri, Schwytz e Unterwalden, considerando a gravidade dos tempos e afim de encontrarmos melhores condições para nos defendermos e de conservar-mos em sua integridade nossas pessoas e bens, juramos de inteira boa fé ajudarmo-nos e socorrermos mutuamente uns aos outros, com nossos atos e nossos conselhos, com nossos braços e nossos bens, com todo nosso poder e nossa nossa força, contra todos e cada um que cometa contra nós todos ou contra qualquer um de nós, um ato de violência ou de injustiça... Os acordos aqui consignados, em interesse e proveito de todos, durarão eternamente, com a ajuda de Deus. Feito no ano de 1291, a princípios do mês de agosto.

(Archives du Pacte Fédéral à Schwytz)

Este espaço livre (a Suíça) sempre exerceu uma grande atração sobre os grupos humanos: helvécios, romanos, burgúndios, alamanos, francos, Segundo Reino de Borgonha, Sacro Império, Casa de Zaehringen, Casa de Habsburgo, Casa de Savoia, Cantões Florestais e Berna.

O pacto de Grütli foi posto à prova, duramente, na batalha de Morgarten, em 15 de novembro de 1315, em que os suíços derrotaram as forças austríacas de Leopoldo I (Habsburgo). De 1332 a 1513 entraram na Suíça, como desde 1330 eram conhecidos os três cantões florestais: Lucerna (1332), Zurich (1351), Glarus e Zug (1352), Berna (1353), Saint-Gall (1412), Fribourg e Soleure (1481), Basileia e Schaffhausen (1501) e Appenzell (1513).

O século XIV foi, em toda a Europa, uma época de perturbações, de lutas, de revoluções e de calamidades públicas. Em 1348 e em 1351 a peste, consequência inevitável das grandes guerras, devastou a Suíça. A grandeza da Confederação se coloca exatamente entre a batalha de Sempach (1386), que marca o triunfo da infantaria sobre a cavalaria, e a batalha de Marignan (1516), que marca o triunfo da artilharia sobre a infantaria. Por mais de 120 anos, incluindo todo o século XV, a Suíça foi a maior potência militar européia. Francisco I, vitorioso rei da França em Marignan, diria: "*Venci os que somente César vencera.*"¹²

O século XVI viu a Reforma que se iniciou com Zwinglio, em Zurich, e se estendeu pela Suíça. Dos treze cantões de então, seis eram contrários à Reforma, Fribourg entre eles, quatro eram favoráveis, Berna e Zurich entre eles, e três estavam hesitantes. Ocorreram as guerras de religião por cerca de duzentos anos e, de acordo com William Martin, o menos que se pode dizer é que não era nada cristão o ódio encarniçado que se devotavam uns aos outros.

No longo reinado do Rei-Sol, Luiz XIV, a França manteve preponderante influência na Confederação. A Suíça, bem explorada do ponto de vista agrícola e pecuário, era grande exportadora de queijos e carnes. Também sua indústria de tecidos era muito rentável. Já faziam e exportavam relógios, instrumentos musicais e jóias. O serviço mercenário e a divisão confessional desempenharam um papel da maior importância, possibilitando à Suíça sua neutralidade em relação aos conflitos europeus dos séculos XVII e XVIII. Desde 1614 os cantões se ligaram à França por um tratado sobre o mercenariato, mas, ao mesmo tempo, os cantões católicos tiveram contratos com a Espanha e Casa de Savoia e os cantões reformados com a Alemanha e a Holanda, o que representava a entrada de muito dinheiro na Suíça. Enfim, havia um clima geral de contentamento, prosperidade e trabalho e uma vida intelectual variada e

vigorosa, evidenciada pelos trabalhos de Johann Jakob Bodmer, Johann Caspar Lavater, da família Bernouilli, Albrecht von Haller, Johann Henrich Pestalozzi, Isaac Iselin, sem contar Jean-Jacques Rousseau.¹³

O século XVIII foi bastante agitado em todo o território suíço: revoltas explodiram em Lausanne (1723), Appenzell (1733), Genebra (1738, 1766, 1768 e 1782), Berna (1749), Uri (1755), Fribourg (1781). Sobrevém a Revolução Francesa em 1789, a Independência Americana em 1776 e a Conjuração Mineira também em 1789 que, fracassada embora, revelou Tiradentes, nosso Protomártir da Independência. De 1798 a 1813 ocorre a dominação francesa da Suíça – Fribourg foi tomada pelas tropas napoleônicas de Brune em 2 de março de 1798, assim como Berna em 5 de março.¹⁴ Fundou-se, por indução de Napoleão a República Helvética, que durou entre guerras intestinas de 1798 a 1803, quando Napoleão intervém novamente e promulga uma nova constituição, o chamado Ato de Mediação, que restaura o poder dos cantões. Sob Napoleão, como sob Luiz XIV, na realidade, a Suíça não passava de um protetorado francês, como também a Holanda e a Bélgica, mas isto tudo se acaba com a derrocada de Napoleão. O Congresso de Viena faz da Suíça uma Confederação de Estados e restaura os privilégios dos aristocratas.

A crise agrícola, industrial e social, o desemprego, o aumento da população, mas também a determinação helvética de se evadir para viver, determinaram a expatriação de numerosos suíços, para o Novo Mundo, preferencialmente para os Estados Unidos da América e secundariamente para o Brasil. É quando ocorre a transmigração suíça de 1819 para o Brasil, em que 2006 suíços – a maioria proveniente de Fribourg (41,5%) e de Berna (25%), a maioria de religião católica (90%), a maioria francófonos (72%) – deixam a Suíça para fundar a colônia de Nova Friburgo e passar a fazer parte da História do Brasil.

Depois da saída de Jean-Claude Marchon e os seus da Suíça ocorre um período de revoltas populares em toda a Suíça. Os cantões católicos (Uri, Schwytz, Unterwald, Fribourg, Zoug, Valais e Lucerna) criam a Aliança Separada, o Sonderbund, em 11 de dezembro de 1845. Neste mesmo ano há uma séria crise econômica e a última grande fome da história suíça (uma doença das batatas, disseminada em toda a Europa por dois anos, destruiu até 2/3 das colheitas deste cereal).¹⁵

Em 1847 há a Guerra do Sonderbund em que a força dos Cantões Reformados, um exército de 100.000 homens, sob o comando do Gal. G. H. Dufour, em curta guerra, submete Fribourg em 14 de novembro, Zoug em 21, Lucerna em 24 e em 30 de novembro todos os cantões do Sonderbund estavam submetidos. Esta guerra desempenhou para a Suíça aproximadamente o mesmo papel da Guerra da Secessão dos Estados Unidos da América.

Em 12 de novembro de 1848 foi aprovada a nova constituição federal. A Suíça moderna estava fundada.¹⁶ A criação do Estado Federal, com a constituição de 1848, marca o triunfo do liberalismo. Há a unificação monetária, a supressão das barreiras aduaneiras interiores, a criação do serviço postal, a adoção de um sistema federal de pesos e medidas. E a rápida criação das estradas de ferro (a Suíça passou de 38 km em 1854 para 1300 km em 1864) aproximou os cantões, facilitando as trocas comerciais, com o conseqüente desenvolvimento industrial e agropecuário.¹⁷

Em 22 de agosto de 1864 foi fundada por Henri Dunant a Cruz Vermelha Internacional, de meritório trabalho universalmente reconhecido.

Logo após sobrevém a Guerra franco-prussiana de 1870-1871 e os anos setenta e oitenta são conhecidos pelo nome de Grande Depressão, marcada por uma longa crise econômica.¹⁸

A riqueza da Suíça no começo do século XX torna-se evidente, resultado da generalização da instrução, então tornada acessível a muitos, sobrevivendo uma sensível elevação do nível de vida do povo.

A Primeira Guerra Mundial surpreende a então progressista Suíça e embora sua neutralidade tenha sido formalmente salvaguardada, mesmo assim, houve uma ruptura, “a forra” entre as duas Suíças, a alemã e a francesa. Em 1918 houve uma famosa greve nacional de 250.000 trabalhadores que requeriam a semana de 48 horas, aposentadoria por idade, seguro nacional de saúde, sufrágio feminino. A pronta ação do governo, incluindo a expulsão da legação soviética, a prisão dos líderes e o emprego de forças militares, acabou a greve rapidamente, tendo sido feitas consideráveis concessões. Concorrentemente houve um sério surto de epidemia de influenza, a famosa gripe espanhola, que produziu uma considerável devastação.¹⁹

Em 16 de maio de 1920, em apertada votação de 416.000 votos contra 323.000 e 11 1/2 cantões contra 10 1/2, a Suíça decidiu entrar para a Liga das Nações. Como em toda a Europa, os dois anos imediatos de após-guerra foram de ilusória grande prosperidade. Na primavera de 1921 se inicia uma das crises econômicas mais severas da história (na Suíça, 130.000 desempregados que, com suas famílias, representavam 20% da população total).²⁰

O grande “crack” da Bolsa de New York, no fatídico 24 de Outubro de 1929, que levou todo o mundo de roldão, também atingiu a Suíça. Nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial, os anos dos movimentos fascistas e nazistas, Mussolini de um lado e Hitler do outro tentaram levar a Suíça para o Eixo Roma-Berlim e, mais tarde, Roma-Berlim-Tóquio, sem lograr êxito.

A Segunda Grande Guerra encontrou a Suíça melhor preparada do ponto de vista militar, mas a pressão exterior foi muito mais forte do que durante o conflito precedente.²¹ A Suíça tinha vivido isolada todo o período da guerra. Após a queda da França e da diminuição do poder do Duce, ela estava inteiramente rodeada pela Alemanha da qual obtinha gêneros alimentícios, petróleo e ferro que lhe custaram 1.119.000.000 de francos suíços, uma soma astronômica para a época.²²

A partir daí teve lugar a marcha para a prosperidade, pois a Suíça é atualmente um dos países mais ricos do mundo e é, ademais, detentora de excelentes indicadores sociais.

A população total da Suíça era, em 1996, de 7.108.300 habitantes, dos quais 19,7% estrangeiros, e, como sua área é de 41.284 quilômetros quadrados, resulta uma taxa aproximada de 172 habitantes por quilômetro quadrado.²³ Acresce ressaltar a “Quinta Suíça” (além da Suíça alemã, da francesa, da italiana e da rética), isto é, os cidadãos suíços residentes no exterior, engajados temporária ou definitivamente na indústria suíça de exportação, na cooperação cultural e econômica, e na pesquisa científica, num total de 552.293, espalhados em mais de 170 países na Terra, assim, distribuídos: Europa 340.625, América do Norte e Latina 148.796, Austrália e Oceania 23.233, Ásia 25.578 e África 17.064.²⁴

A economia suíça é extremamente ativa e o comércio exterior é o seu forte; detém a maior taxa de exportação per capita do mundo, algo assim como 95,8 bilhões de francos exportados em 1997 contra 92,6 importados, ou seja, em dólares americanos, cerca de 64,4 bilhões contra 60,7. A evolução do PIB suíço é extraordinária, das melhores do mundo: no período de 1948/75 cresceu, em média, 3,7% por ano, no período de 1975/90 2%, no período 1990/95 0,0%, em 1996 -0,2%, em 1997 -0,4% e em 1998 1,7%, ou seja, 322.650.000 000 FS, e isto com uma taxa real de desemprego de 4,7%. A indústria de maquinaria, a química e a farmacêutica sobressaem, juntamente com as indústrias relojoeira (em que pese a concorrência japonesa), têxtil e alimentar (principalmente leite, queijo, manteiga, carne, vinho, chocolate e outros gêneros alimentícios que asseguram, medidas em energia, cerca de 63% das necessidades brutas da nação).²⁵

Eis algumas multinacionais da Suíça, muitíssimo conhecidas e atuantes em todo o mundo: Nestlé (225.808 funcionários em todo o mundo e 6.366 na Suíça), ABB (213.057 e

12.483), Novartis (87.239 e 14.900), Roche, Swiss Reinsurance, Ciba, SBB, Kraft Jacobs-Suchard, Schindler, Sulzer, Swatch, Triumph-International, Sika, Rolex, Bally, Mövenpick.²⁶

O setor terciário, importantíssimo, apresenta um sistema bancário dos mais sólidos do globo (CS Group, UBS, SBC)²⁷ assim como um sistema de seguros e resseguros extremamente forte (Swiss Reinsurance, Swiss Life, Zurich Insurance, Winterthur Life).²⁸

A Suíça é um dos países do mundo onde a duração do trabalho é mais longa: a população ativa trabalha 1.800 horas por ano e per capita, isto é, 225 dias a 8 horas de trabalho. O setor primário (agricultura, silvicultura e mineração) da economia suíça representa apenas cerca de 3%, o setor secundário (indústria, artes e ofícios, artesanato) representa cerca de 27,7%, ao passo que o setor terciário (serviços: comércio, transportes, bancos, hotelaria) é responsável por cerca de 70%.²⁹ A renda per capita suíça é, atualmente, a maior do mundo, algo como que 35.596,00 USD.³⁰

O turismo suíço é, também, apreciável, gerando quase 10% do PNB.

A nação suíça aplicou, em 1992, 2,67% do produto nacional bruto em pesquisa e desenvolvimento, dos quais 68% provenientes do setor privado, uma das taxas mais altas do mundo.³¹

Geologicamente a Suíça é um país complexo, parte integrante do arco alpino que se estende por cerca de 1.000 quilômetros, entre Nice (Alpes Marítimos – França) e Viena (Alpes Austríacos – Áustria), podendo-se considerar que três regiões naturais principais compõem seu território: os Alpes e os Pré-Alpes (60%), o Planalto (30%) e o Jura (10%).³² Os Alpes suíços que compreendem cerca de 20% dos Alpes totais, apresentam denominações locais como os Alpes Friburgueses, Bernenses, Tessinenses, do Valais, de Vaud, de Uri, de Glarus e Réticos, sendo sua altitude média de 1.700 metros, mas dispõem de uma centena de picos que se avizinham ou ultrapassam os 4.000 metros, inclusive o ponto culminante da Suíça, a Ponta Dufour, no Maciço do Mont-Rose, com 4.634 metros. Nos Pré-Alpes os picos atingem cerca de 2.000 metros. O Planalto constitui, também, uma criação dos Alpes e sua altitude média é da ordem de 580 metros, ocupando uma larga banda curva que se estende do Lago Léman ao Lago de Constança e desfruta de um clima menos rude do que o dos Alpes ou do que o do Jura. Entre estas duas cadeias de montanhas, os Alpes e o Jura, o Planalto constitui um largo corredor e é lá que se concentram povoamento e vias de comunicação, culturas e indústrias. O Jura é um arco de cristas, de vales e de planaltos, apresentando uma altitude média de 700 metros, sendo seu ponto culminante o Mont-Tendre, no Vaud – 1.679 metros.³³ O Reno, oriundo dos Alpes, drena 67,7% das águas do país para o Mar do Norte; o Ródano – 18% e os afluentes suíços do Pó – 9,6% e do Adige – 0,3%, conduzem 27,9% das águas para o Mediterrâneo; e o Inn, afluente do Danúbio, conduz 4,4% das águas para o Mar Negro.³⁴ Os lagos suíços, de uma maneira geral, são criação das geleiras quaternárias; localizados nos Pré-Alpes (Morat) e nas bordas setentrional e meridional dos Alpes (Thoune, Brienz, Zoug e Quatro-Cantões) existem, ao lado de uma infinidade de pequenos lagos, naturais a maioria, outros artificiais, os grandes lagos do Planalto (Léman, Neuchatel – de cujas margens, em Estavayer-le-Lac, partiram os Marchons em 4 de julho de 1819, Bienne – atravessado pelos Marchons, Constança, Zurich).³⁵ Eis uma divisão esquemática dos diferentes meios da Suíça: um quarto de regiões incultas, um quarto de pastagens em altitude média, um quarto de florestas e um quarto de terras cultiváveis, sendo que, com exceção do primeiro, todos os outros foram fortemente influenciados pela ação do homem.³⁶

A atribuição dos prêmios Nobel a relevante número de suíços, mais de 25, dada a pequena população da Suíça, começou em 1901, conferido a Jean-Henri Dunant, fundador da Cruz Vermelha Internacional, o Prêmio Nobel da Paz; em 1902 foram galardoados Élie Ducommun e Charles Albert Gobat; o Comité da Cruz Vermelha Internacional recebeu os

Somente o setor agrícola, domínio de toda forma menos primordial, sofreria... Eu concluo este ensaio não muito ambicioso, afirmando que nosso mundo não muito perfeito está cheio de problemas bons e menos bons... Os problemas da Suíça podem ser classificados, indubitavelmente entre os bons, os invejavelmente muito bons."³⁷

Referências Bibliográficas:

- ¹ - FODOR, Eugene. *Switzerland*. 1. ed. Haya : MacGibbon & Kea, 1963, p. 49.
- ² - OGNIZET, Doré e RUFFENACHT, I. G. *La Suisse*. 1. éd. Paris : Odéon, 1952, p. 39.
- ³ - *La Suisse de la formation des Alpes à la quête du futur*. 1. éd. Zurich : Migros, 1975, p. 46
- ⁴ - LAUNAY, Olivier. *A civilização dos celtas*. 1. ed. Rio de Janeiro : Otto Pierre, 1978, p. 139.
- ⁵ - SAUTER, Marc. R. *Switzerland from earliest times to the roman conquest*. 1. ed. London : Thames and Hudson, 1976, p. 130.
- ⁶ - LAUNAY, Olivier. op. cit., p. 146.
- ⁷ - _____. p. 66.
- ⁸ - CÉSAR, Júlio. *A Guerra Gaulesa*. 1. ed. Rio de Janeiro : Ediouro, 1994, p. 9.
- ⁹ - *Suíça* in Povos e Países. São Paulo : Abril, 1973, p. 1026.
- ¹⁰ - MARTIN, William. *Histoire de la Suisse*. 8. éd. Lausanne : Payot, 1980, p.17.
- ¹¹ - FAHRNI, Dieter. *Histoire de la Suisse*. 2. éd. Zurich : Pro-Helvetia, 1984, p.10.
- ¹² - MARTIN, William. op. cit., p. 52.
- ¹³ - *Encyclopaedia Britannica*. V. 21. Chicago : W. Benton, 1971, p. 539.
- ¹⁴ - MARTIN, William. op. cit., p. 182.
- ¹⁵ - FAHRNI, Dieter. *Histoire de la Suisse*. 2. éd. Zurich : Pro-Helvetia, 1984, p. 57.
- ¹⁶ - MARTIN, William. *Histoire de la Suisse*. 8. éd. Lausanne : Payot, 1980, p. 262.
- ¹⁷ - _____. p. 282.
- ¹⁸ - FAHRNI, Dieter. op. cit., p. 71.
- ¹⁹ - *Encyclopaedia Britannica*., p. 543.
- ²⁰ - MARTIN, William. op. cit., p. 310.
- ²¹ - FAHRNI, Dieter. op. cit., p. 93.
- ²² - MARTIN, William. op. cit., p. 329.
- ²³ - UBS. *A Suíça em números 1997*. Zurich : UBS, 1997, p. 2.
- ²⁴ - *La Suisse 1998-99*. Zollikofen : Kümery+Frey, 1998, p. 25.
- ²⁵ - _____. p. 51, 52 e 57.
- ²⁶ - *SwissWorld*. Zurich : Dec.98-Jan-99, p.28-33.
- ²⁷ - _____. p. 33.
- ²⁸ - _____. p. 34.
- ²⁹ - *La Suisse 1998-99*. op. cit., p. 54 e 60.
- ³⁰ - UBS. *Switzerland in Figures 1998*. Zurich : UBS, 1998, p. 6-7.
- ³¹ - *La Suisse 1999-99*. op. cit., p. 78.
- ³² - _____. p. 2.
- ³³ - _____. p. 2 – 4.
- ³⁴ - _____. p. 6.
- ³⁵ - _____. p. 6.
- ³⁶ - _____. p. 8.
- ³⁷ - COM. COORD. pour la PRÉSENCE de la SUISSE à l'ÉTRANGER. *La Suisse vue par les autres*. 1. éd. Zurich : Allatag-Scallo, 1992, p. 13, 22 – 24.

prêmios nos anos de 1916, 1944 e 1963, este último juntamente com a Liga das Sociedades da Cruz Vermelha. O de Literatura de 1919 foi entregue para Carl Spitteler, autor de *Prometeu e Epimeteu*, de que existe no Brasil uma excelente tradução de Manoel Bandeira, e o de 1946 a Hermann Hesse, nascido na Alemanha mas naturalizado e residente na Suíça, onde compôs sua grande obra, sendo um dos autores suíços de maior prestígio e de maior número de leitores em todo o mundo, autor de *O lobo das estepes*, *Siddhartha*, *Narrativas*, *Para ler e pensar*, *Demian*. Galardoados com o de Medicina foram Emil Kocher (1909), Paul Müller (1948), Walter Rudolf Hess (1949), Tadeusz Reichenstein (1950), Alex Theorell (1953) e Daniel Bovet (1957, Itália, mas nascido na Suíça), Werner Arber (1978). Química: Alfred Werner (1913), Paul Karrer (1937), Alfred Ruzicka (1939), Wladimir Prelog (1975). Física: Johann Stark (1919), Charles Guillaume (1920), Albert Einstein (1921, nascido na Alemanha), Felix Bloch (1952, Estados Unidos da América, mas nascido na Suíça), Heinrich Rohrer (1986), Karl Müller (1987).

A sua taxa de patentes de invenções é, também, altíssima.

Os suíços, aliás, sempre se destacaram nos diversos ramos do conhecimento humano, sobressaindo: Nicolas de Flue, místico e santo suíço; Konrad Witz, pintor, no século XV; Sebastien Münster, autor da *Cosmographia Universalis*, o livro mais lido no século XVI, exceção feita da Bíblia; Theophraste Paracelse, médico cujas obras revolucionaram a medicina de sua época; Conrad Gessner, naturalista e médico; Ulrich Zwingli, reformador protestante, Jean Calvin, francês mas de atuação em Genebra, a Roma protestante; Nicolas Manuel e Urs Graf, pintores, todos no século XVI. Além destes, Joseph Reinhard, pintor; Horace-Bénédict de Saussure, espírito polivalente; Albert von Haller, sábio; Jean-Jacques Rousseau, literato e reformador social; Charles Pictet de Rochemont, político; Henri Pestalozzi, educador; Daniel Guyot, médico; escola matemática dos Bernouillis e dos Eulers, todos no século XVIII. Ainda, Louis Agassiz, naturalista e geólogo; Jacob Burkhardt, historiador; Henri-Frédéric Amiel, filósofo; Ferdinand Hodler, pintor; General Guillaume Henri Dufour, da Guerra do Sonderbund; Johanna Spyri, autora da imortal Heidi; Conrad Ferdinand Meyer, poeta e novelista, todos no século XIX. No século atual ressaltam: na lingüística, Ferdinand de Saussure, seu impulsionador; na medicina e na psicanálise, Carl Gustav Jung, com sua noção de arquétipos e do inconsciente coletivo; na odontologia, Arthur-Jean Held; na psicologia, Wilhelm Wundt e Jean Piaget; na filosofia, Karl Jaspers e Joseph M. Bochenski; na arquitetura, Le Corbisier (Charles Édouard Jeanneret), de tanta influência na arquitetura moderna brasileira; na pintura, Paul Klee e Félix Vallotton; no cinema, Jean-Luc Godard; na literatura, Carl Spitteler, Charles Ferdinand Ramuz, Friedrich Dürrenmatt, Max Frisch e Blaise Cendrars, de grande importância no modernismo brasileiro; na história, Frédéric M. M. L. de Gonzague de Reynold e Denis de Rougemont; na escultura, François Tinguely; na teologia, Hans Kung.

O grande antropólogo e sociólogo brasileiro, falecido recentemente, Darcy Ribeiro, dizia, em 1991, dos problemas da Suíça: "Existem, certamente, diferenças entre os suíços alemães e os suíços franceses, entre os tessinenses e os romanches, mas estas são finalmente mínimas... Desde que se os compare, não entre eles, mas a uma outra nacionalidade qualquer, isto é, não-suíços, sua unidade é uma realidade incontestável. ...seria imperdoável não mencionar com que energia os suíços enfrentam sempre os grandes desafios de nosso tempo... Desde seu nascimento, está assegurado um lugar na escola para todo suíço entre 6 e 15 anos com um ensino por instrutores muito bons. Vista sua eficácia, o ensino superior goza de uma reputação internacional. O isolacionismo suíço implicaria, automaticamente, um reforço dos laços entre os europeus e seus outros parceiros... A integração é, por consequência, inevitável; ela pareceria ademais tanto mais oportuna porque o potencial financeiro tanto quanto o alto nível tecnológico deste país – condições sine qua non para uma integração bem sucedida – são realidades incontestáveis...

"A migração é uma atividade criadora mas simultaneamente um sofrimento."

Villem Flusser

Portugal, o Brasil, a Transmigração Suíça e seu Julgamento Histórico



Brasil-Colônia foi submetido por Portugal, desde o descobrimento em 1500 e por mais de 300 anos a um terrível processo de espoliação de suas imensas riquezas principalmente minerais, especialmente ouro e diamantes. Em relação ao ouro, segundo Sérgio D. T. Macedo, foram extraídos de 1691 a 1875 cerca de 1037 toneladas de ouro.¹ Eschwege, citado por Maria Yeda Linhares et al, calculou a produção aurífera do Brasil até o começo do século XIX, em 951 toneladas.² Os diamantes também se constituíram em riqueza incalculável requisitada (sic) pela Metrópole. O contrabando dos metais preciosos era enorme, incalculável mesmo, apesar das tremendas dificuldades opostas pelos portugueses e estimulado pelo famoso “quinto”, isto é o imposto de 20% a ser recolhido aos cofres reais. “País nenhum do mundo terá tido tantos ourives quanto o Brasil colonial. Tantos, que até ruas para sua moradia foram fixadas pelas autoridades, como é exemplo, a antiga rua dos Ourives, atual Miguel Couto, no Rio de Janeiro. Havia, ainda, os lapidários, isto é, os que trabalhavam as pedras preciosas: o diamante, as crisólitas, os rubis. E havia os douradores.”³ E o pouco que ficou no Brasil resultou em obras de arte extraordinárias, como as existentes em todo o país, especialmente em Ouro Preto, Tiradentes, Congonhas do Campo, Sabará, Mariana, Diamantina, São João del Rey, Olinda, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Paulo. Muito pouco realmente para o Brasil...

Por outro lado, a Coroa Portuguesa impedia, a todo custo, o desenvolvimento agrícola, comercial, industrial e intelectual da colônia obrigada, apenas, a importar de Lisboa os produtos acabados e a exportar produtos primários (pau brasil, ouro, diamantes, açúcar, algodão, gado vacum, tabaco). A extensa lista de proibições incluía a produção no Brasil de livros ou mesmo folhetos de toda e qualquer espécie, universidade nem pensar, produtos de ferro, vinho, fábricas e manufaturas. Em suma, uma política altamente lesiva aos interesses legítimos do Brasil.

Conhece-se, ainda, a ferocidade da atuação contra os índios, que de cerca de 5.000.000, à época do descobrimento, foram reduzidos a poucas centenas de milhares, bem como a repressão extremamente violenta às tentativas de independência, de que a Conjuração Mineira de Tiradentes é exemplo maior, mas não único.

Após a grande vitória de Iena, em 1806, Napoleão Bonaparte decretou o bloqueio continental, pelo qual obrigava as nações do continente europeu a fechar seus portos ao comércio inglês. D. João, Regente de Portugal desde 1792 (ano em que sua mãe, a rainha Da. Maria I enlouquecera irremediavelmente) procurou contemporizar entre a aliança tradicional com a Inglaterra e o poderio napoleônico. Entrementes, Napoleão, a 27 de outubro de 1807 assinou o Tratado de Fontainebleau com a Espanha, pelo qual o reino de Portugal com as suas colônias, Brasil inclusive, seriam divididos entre a França e a Espanha. A seguir as tropas do general Andoche Junot atravessaram a Espanha e invadiram Portugal, que não podia oferecer resistência considerável às forças incomparavelmente melhores de Napoleão.

Somente restava a D. João VI cumprir o testamento político de D. João IV, que indicava, em caso de perigo, dever a família real retirar-se para o Brasil, aliás como já preconizado em 1530 por Martim Afonso de Souza.⁴ Aos 29 de novembro de 1807 saíram do Tejo os 15

navios da esquadra real, em demanda do Rio Janeiro, com toda a família real, a corte, os membros do governo, os funcionários principais civis e militares, carregando cerca de 15 mil pessoas; “um ato da mais profunda sabedoria política” como foi reconhecido pelo próprio Napoleão Bonaparte.

O Rio de Janeiro, capital da colônia do Brasil, que se estendia, então, entre os rios Comprido e das Laranjeiras, contava com 46 ruas, 19 largos, 4 travessas e 6 becos, totalizando 75 logradouros públicos,⁵ e apresentava uma população de 60.000 habitantes (20.000 brancos, brasileiros e estrangeiros), viu-se obrigado a acolher 15.000 portugueses e passou de capital de colônia explorada e espoliada a verdadeira capital do Reino de Portugal, episódio histórico chamado inversão brasileira. No período entre 1808 (ano da transmigração real e do ato capital de abertura dos portos do Brasil ao comércio das nações amigas, 28 de janeiro, visto modernamente, na feliz asserção de Élio Monnerat Sólton de Pontes, como “a própria independência econômica, política, psicossocial, militar e cultural do país”⁶) e 1821 (ano de retorno de D. João VI a Portugal), o Rio de Janeiro experimentou um grande surto de desenvolvimento que incluiu a criação do Erário Real, Banco do Brasil, Casa de Suplicação, Mesa de Desembargo do Paço, Junta de Comércio, Imprensa Régia, Biblioteca Real, Horto Real, Museu, Arquivo, Academia de Marinha, Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica, Escola de Ciência Econômica, Academia Real Militar, Fábrica de Pólvora, Arsenal de Guerra, Escola de Belas Artes (com a colaboração inestimável da Missão Artística Francesa) e a transformação da Quinta da Boa Vista em Palácio Real e do Palácio dos Vice-Reis em Paço Real.

O Brasil, com sua área imensa para os padrões europeus e mesmo mundiais, e sua escassa população, necessitava promover a vinda de estrangeiros para ocupar os enormes vazios e aumentar a sua população. Dom João VI, por óbvios motivos políticos e religiosos, não poderia recorrer às grandes potências de então, para tal.⁷

O movimento colonizador em larga escala começou com a vinda da corte lisboeta para o Brasil, com a abertura dos portos (ambas em 1808) e com a possibilidade de concessão de sesmarias a estrangeiros naturalizados brasileiros (em 1810). De acordo com Thomé Maria da Fonseca e Silva havia o intuito, por parte de Dom João VI, de promover e dilatar a população do Brasil.⁸ Tratava-se, finalmente, de uma colonização por ocupação e não, como até então, de uma colonização por exploração, as mais das vezes, altamente predatória. Aliás, deve-se realçar o papel de D. João, um verdadeiro estadista e não uma figura caricata, um joguete nas mãos sabe-se lá de quem, dos ingleses, de Napoleão, de sua incrível (para dizer o menos) rainha Carlota Joaquina. Foi D. João quem realmente colocou o Brasil na senda correta, transformando-o em cabeça do Reino Português, que logo a seguir passou a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves; abriu os portos do Brasil ao comércio internacional; possibilitou aos estrangeiros, naturalizados brasileiros, a obtenção de terras; transformou o Rio de Janeiro em verdadeira metrópole; e, finalmente, obrigado pelas cortes portuguesas a retornar a Portugal, a contra gosto, aqui deixou D. Pedro, a quem aconselhou a colocar sobre sua própria cabeça a coroa, antes que algum aventureiro o fizesse. As primeiras colônias estabelecidas foram as de migrantes açorianos – Santo Agostinho (atual Viana), no Espírito Santo, em 1812, de migrantes suíços – Santa Leopoldina (de que resultou Helvécia), no sul da Bahia, em 1818 e, no ano seguinte, novamente de transmigrantes suíços – Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.⁹

Em 1817 conheceram-se em Paris o diplomata português Cavalheiro Batalha e Sebastien-Nicolas Gachet, originário de Gruyères, ex-secretário particular de Murat, rei de Nápoles sob Napoleão. A situação européia era calamitosa – cerca de 2.000.000 de europeus tinham perecido nas guerras napoleônicas e os dois últimos anos haviam sido desastrosos, o de 1816 chamado da miséria e o de 1817 chamado da carestia. No biênio 1816-1817, de acordo com o historiador Pierre Chaunu, 10.000 suíços emigraram para os Estados Unidos da América.¹⁰

O cantão de Fribourg não teve muitas dificuldades nesta época, pois, não só era essencialmente agrícola, como detinha bons estoques e, com providência elogiável, adquirira grande quantidade de gêneros alimentícios (3.420 sacos de trigo, 222 de lentilhas e 360 sacos de arroz), empregando 80.000 francos.¹¹ Mas, em outros cantões suíços, a fome e o desespero foram terríveis (Saint Gall teve cinco mil mortos a mais do que em anos normais).¹²

Após as conversações com Batalha em Paris, Gachet retorna à Suíça, onde entretém negociação dupla e simultânea com o governo do Cantão de Fribourg, por um lado e, por outro lado, com Jean-Baptiste-Jérôme Brémont, realista de origem francesa, refugiado na Suíça desde 1793 ou 1794, proprietário das Minas e Manufatura de Vidro de Semsales, com 300 trabalhadores.¹³ No mesmo dia 23 de maio de 1817, em que obtém do Cantão de Fribourg a carta patente para as negociações no Rio de Janeiro, Gachet firma com Brémont um acordo de sociedade. Acresce que Brémont financiou a viagem de Gachet ao Rio de Janeiro e foi o autor da “Memória apresentada à S. E. Ministro de Negócios Estrangeiros de Sua Majestade Fidelíssima sobre os meios de atrair ao Brasil uma colônia de agricultores e artesãos suíços para aí cultivar as terras e cuidar do gado de acordo com os métodos usados na Suíça”.¹⁴ Estava constituído o duo franco-suíço ou talvez o trio franco-suíço-belga, Brémont, Gachet e Norbert Louis Jean de Waelvice?¹⁵

Gachet chega ao Rio de Janeiro em 3 de outubro de 1817, não somente como agente do Cantão de Fribourg, mas também como negociador e associado de “Suíços e Franceses, antigos servidores do Rei Mártir, que são estabelecidos na Suíça, e que se reuniram para formar no Brasil estabelecimentos agrícolas e de pecuária”.¹⁶

Com o falecimento, a 23 de novembro, do Ministro João Paulo Bezerra de Seixas, que não demonstrara nenhum interesse nem boa vontade com o projeto, Dom João VI nomeia para o Ministério Thomaz Antônio Villanova Portugal, “aquele que permanecerá na história como o homem da emigração e da colonização estrangeira”.¹⁷

As complexíssimas negociações que se estenderam por vários meses, cerca de sete, culminaram no Tratado de 11 de maio de 1818,¹⁸ comprovando-se que o governo brasileiro optara por fazer um ensaio de colonização primeiramente, ao invés de contratar uma emigração permanente, conforme o desejado por Gachet. Isto porque o governo brasileiro percebera a dualidade, diplomática e comercial, de Gachet e mostrara-se favorável à tese do diplomata, mas não aceitara a do comerciante.

Em 11 de fevereiro de 1818 a Confederação Helvética, em carta ao Rei D. João VI, manifestara o desejo de estabelecer relações de amizade de maneira regular e seguida, propondo para cônsul em Lisboa Edouard de Meuron. O Rei aceitara e, à instância de Gachet, nomeia Brémont cônsul na Suíça e comunica também que anuiria com o cantão de Fribourg quanto ao estabelecimento da colônia de suíços no Brasil.¹⁹ Em 23 de outubro de 1818, o Conselho de Estado do Cantão de Fribourg aprova a convenção e toma conhecimento da aceitação de Meuron como cônsul da Confederação Helvética em Lisboa e da nomeação de Brémont como cônsul-geral de Portugal e do Brasil junto à Confederação.²⁰

O Grande Chanceler do Reino, Desembargador do Paço e Conselheiro do Rei, Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros, foi designado pelo Rei para Inspetor da Colônia de Suíços e desempenharia papel da maior relevância na aquisição das propriedades, na execução das obras e no gerenciamento da colônia, tendo chegado a cair em desgraça tal o estado de descalabro da Colônia e conseguido se reabilitar [sic], pois exerceu as mesmas funções junto à colônia de alemães que aqui aportou em 3 de maio de 1824.²¹ Neste mesmo dia 6 de maio de 1818, El-Rey baixou decreto autorizando Monsenhor Miranda a “comprar a Fazenda do Morro Queimado, composta de 4 sesmarias contíguas, no Cantagallo”.²² “Duas delas, com meia légua de testada cada para o riacho Santo Antônio e três léguas de fundo para

Julgamento histórico

As diretivas do projeto eram excelentes e imensas as suas perspectivas de êxito. Entretanto, a gerência e a execução deixaram muitíssimo a desejar tanto do lado brasileiro como do lado helvético, o que se deduz de praticamente todos os autores que estudaram a transmigração suíça para o Brasil em 1819. Do famoso Monsenhor Miranda, Inspetor da Colônia Suíça e principal executivo brasileiro do processo, passando por Gachet, representante do Cantão de Fribourg no empreendimento e atingindo Brémont, seu cúmplice e sócio-capitalista, todos caíram em desgraça por desvirtuamento dos propósitos da emigração e malversação de fundos públicos. Monsenhor Miranda, surpreendentemente, foi reabilitado, e nomeado inspetor da colônia alemã estabelecida em 1824 na mesma Nova Friburgo, cometendo erros enormes. Gachet, a quem o governo brasileiro jamais permitiu ver a colônia suíça de Nova Friburgo, caiu em desgraça tanto aqui no Brasil como na Suíça.

CONUS, J. História da Emigração Friburguense para o Brasil 1819 a 1820. Nova Friburgo : S. E. I. Friburgo, 1918, p.19-20, 22-24.

“Estes insucessos resultaram primeiramente da má escolha dos terrenos e de sua qualidade inferior. Além disso a ausência total de comunicações...”

“A estas causas do insucesso cumpre acrescentar uma última: a má administração dos delegados do governo brasileiro.”

“O governo fez sacrifícios enormes pela colônia; mas os seus agentes destruíram as suas boas intenções. A administração era deplorável; as medidas que tomavam eram más; o despotismo e a arbitrariedade reinavam por completo... Salvou-se a situação com a chegada de um novo director, o sr. Carvalho. Era com efeito um homem inteligente e instruído; e, se os suíços o tivessem tido para dirigir-os desde o princípio, todos estariam agora satisfeitos.”

“Eis os termos em que o governo do Brasil falava a respeito desta colônia num memorial distribuído às Câmaras Brasileiras em 1855: “Mal dotada de terras, a colônia de Nova Friburgo, decana das colônias brasileiras, desde a sua própria fundação viu o começo da emigração de seus habitantes, a ponto de já em 1825, constatar-se que nada menos de 605 colonos a haviam abandonado. Os que a deixaram foram em busca de terras mais férteis em diversos pontos da província, onde trabalham e onde muitos são hoje ricos lavradores.”

“Sobre quem fazer cair as responsabilidades? Os colonos fizeram-n’ a recahir inteiramente sobre Gachet, o organizador da empresa. É verdade que ele deve endossar uma parte desta responsabilidade, sobretudo por haver triplicado o numero de emigrantes. Todavia seria injusto atribuir-lhe a inteira responsabilidade do insucesso. A maior parte della cabe, ao nosso ver, aos subalternos do governo brasileiro.”

COSTA, Hipólito José. Correio Brasiliense. Londres : Set., 1819 e Dez., 1820.

“Impoz-se um tributo, na importação dos escravos, para com o seu produto occorrer as despesas do plano; mas puzeram-se esses fundos à discrição de um indivíduo, Monsenhor Miranda, como senhor despótico desta repartição, Elle escolheu o território do Canta-Gallo, para situar a Colônia, que se espera da Suíça; e o terreno que para isto se escolheu, dista da Capital somente vinte léguas, custou a seu proprietário, que era o Monsenhor Almeida, 500.000 réis, e o comprou a Fazenda Real, para este fim, por 10.000.000 de réis. Por aqui começou a economia. Deo-se, como razão desta escolha, a causa de ser a temperatura do Canta-Gallo mais fria e análoga à Suíça; como se os Suíços fossem plantas melindrosas, que he preciso aclimatizar ou como se não houvessem nos sertões das Minas, e nas margens dos innumeráveis rios, que daquela immensa bacia correm ao oceano, immensas terras baldias, que todos os dias, se dam

o alto da serra, haviam sido doadas a Manoel de Souza Barros e a José Antônio Ferreira Guimarães, em 1788 e 1791, respectivamente. Outra, limítrofe a elas pelo lado norte, era a sesmária denominada Morro Queimado, com meia légua de testada por uma e meia de fundos, doada originalmente a Lourenço Correia Dias e já então em poder de Monsenhor Almeida. A quarta era em São José do Ribeirão, também vizinha e situada a nordeste das outras. Posteriormente foi adquirida a sesmária de Córrego D'Anta, mais tarde transferida para o patrimônio pessoal do Monarca. As duas primeiras sesmarias formavam um retângulo de uma por três léguas, e foram divididas em 120 lotes, para neles terem assento os colonos. A terceira, por compreender a chapada por onde corre o rio Bengala – e, por isso, mais adequada ao funcionamento do núcleo administrativo – foi a escolhida para edificação do povoado...²³ Resultou uma área total de 261,36 quilômetros quadrados ou 26.136 hectares, com forma de paralelogramo, com 13,2 quilômetros de testada na direção norte-sul e 19,8 na leste-oeste.²⁴

A escolha e aquisição da antiga Fazenda do Morro Queimado, nos sertões do Macacu, foi, para dizer o mínimo, inadequada e infeliz e como escreve Varnhagem “em um país onde há tanta terra devoluta, começou o Estado por comprar a que era necessária aos colonos, por vinte vezes mais do que custara ao proprietário.”²⁵ Ou, como diz Élio Monnerat Sólton de Pontes, atualmente resultaria em CPI por malversação de fundos públicos.²⁶ Entre os locais de fixação dos futuros colonos suíços foram considerados a Fazenda Imperial de Santa Cruz, nas cercanias da Corte, o litoral norte de Santa Catarina, inclusive com a possibilidade de adentrar os campos de Curitiba, e talvez outros locais, entretanto, foi feita a opção pela Fazenda do Morro Queimado.

Como o tratado se referia a cem famílias de migrantes, vale dizer a 600 ou 700 ou, no máximo, 800 pessoas, o Inspetor da Colônia preparou cem casas para hospedá-los no núcleo da Colônia, futura Vila e Cidade de Nova Friburgo, ao invés de auxiliá-los a construir suas próprias casas em suas propriedades, o que teria sido muito mais lógico. A demarcação dos lotes, função primária e básica, só foi feita quando os colonos já se achavam há meses no Morro Queimado, inativos. Convencionou-se que cada família teria direito a um lote retangular com 750X300 braças ou o equivalente em outras unidades de medidas: 1.650X660 metros, 1.089.000 metros quadrados, 108,9 hectares, 40 alqueires fluminenses, 45 alqueires paulistas ou 22,5 alqueires mineiros ou geométricos. Tratava-se de uma verdadeira pequena fazenda, acrescida, ainda, de bois, cavalos ou machos de puxar, vacas, ovelhas, cabras e porcos e, para plantar e semear, trigo, feijões, favas, arroz, batatas, milho, grãos de mamona (para fazer óleo), sementes de linhaça, sementes de cânhamo e mais os subsídios de 160 réis por dia no primeiro ano e 80 réis por dia no segundo ano (representando 86.400 réis no período), tudo constante do tratado. Também constava do tratado que o Rei pagaria as passagens marítimas dos colonos desde o porto de embarque na Europa até o porto do Rio de Janeiro (mas Brémond e Gachet esconderam esta cláusula dos transmigrantes e lhes cobraram 3 luízes-ouro por cabeça, um bom dinheiro à época, apoderando-se, indebitamente, deste numerário) e lhes daria ajuda e mantimentos para se dirigem ao distrito de Cantagalo, distante 24 léguas da capital. Os colonos seriam, desde a chegada, naturalizados portugueses, submetidos às leis e costumes dos Estados de Sua Majestade e gozariam, sem exceção, de todas as vantagens e privilégios concedidos e a conceder a Seus súditos dos dois hemisférios; receberiam, ainda, isenção por dez anos de toda espécie de encargos pessoais e de impostos territoriais, excetuando-se o direito sobre o ouro e o comércio de objetos que constituíam exclusividade de Sua Majestade.²⁷

de graça, mesmo a pessoas, que não tem meios de as cultivar. Nestes termos, nenhuma necessidade havia de gastar 10.000.000 de reis na compra de tal terreno. Mas o mesmo sucedeu, diremos aqui de passagem, com umas casas, que João Pereira de Almeida edificou, e que lhe custaram 43.000 cruzados, e que foram compradas pela Fazenda Real, para nelas estabelecer-se o Museu do Rio de Janeiro, dando-se por ellas 80.000 cruzados. O Monsenhor Miranda hé também o Inspetor deste Museo.”

“Os colonistas Suissos, que o Governo para aqui trouxe, com grande despeza, e que foram collocados em Cantagallo, parece que não florescem... As colonias Suissas, projetadas por individuos particulares, e que também existem nos distritos montanhosos, não se devem confundir com as acima mencionadas. Estas prosperam muito.”

SILVA, Thomé Maria Fonseca. Breve Notícia sobre a Colônia de Suíços Fundada em Nova Friburgo in Revista Trimestral de História e Geografia V. 14. Rio de Janeiro : IHGB, 2. trimestre 1849, p.138-139 e 142.

“A emigração foi espontânea, e seria permanente e sucessiva se meios hábeis fossem empregados neste assunto, se o mau fado que o predominou logo no seu começo não viciasse e corrompesse os planos de colonização.”

“Pela mudança do porto de embarque, que era o de Marselha, detiveram-se mais de dois meses nos pântanos dos Países Baixos ...”

“A bagagem e os efeitos da colônia foram transportados a bordo do sexto navio, o Trajano, com grave detrimento da mesma.”

“Diversos arranjos e preparativos aparatosos e bem desnecessários tiveram lugar ...”

“Assim se levou a efeito um estabelecimento de tanta magnitude, digno sem dúvida de melhor direção.”

TSCHUDI, Johann Jacob. Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1980 (tradução de parte de Reisen durch Sud-Amerika, Brockhaus, Leipzig, 1866), p. 36, 94, 98, 100-101, 112.

“Adiante terei oportunidade de falar deste malfadado empreendimento, limitando-me...”

“A história de Nova Friburgo é a mesma história de todas as tentativas de colonização em grande escala feitas no Brasil... Apesar do novo regime governamental: apesar das infelizes experiências em assuntos de colonização, os homens responsáveis pelo estado de tais iniciativas nada parecem ter aprendido, nem aproveitado... Deparamos, assim, por 40 anos, com a mesma indiferença, o mesmo desleixo, as mesmas medidas irrefletidas, o mesmo resultado infimo conseguido com despesas máximas.”

“A infeliz escolha, provavelmente por insinuação real, recaiu sobre duas sesmarias a Oeste de Morro Queimado e as fazendas adjacentes, às quais se juntaram mais duas: São José e Córrego das Antas.”

“Uma vez chegados os primeiros colonos, começaram a proceder às primeiras medições e distribuições de terras, trabalho que deveria ter sido executado antes, pois isto causou uma espera por parte dos colonos de 5 meses, tempo que ficaram em completa inatividade.”

“Não sei a que atribuir a escolha tão infeliz do local da colônia, se à ignorância ou ao desleixo... Não posso, de nenhum modo, absolver o agente de Fribourg, também, porque lhe cabe a culpa de haver procedido de modo irresponsável e leviano: era obrigação sua ir visitar as terras e verificar se elas satisfaziam às exigências e se eram úteis ao fim a que se pretendia destiná-las.”

“Não podemos deixar de classificar a colônia de Nova Friburgo entre as tentativas frustradas de colonização... O projeto de Dom João VI deu bons resultados, mas se tivesse ainda contado com colaboradores e poderes executivos inteligentes e bem intencionados, os resultados obti-

dos teriam sido magníficos.”

RAMOS, Arthur. Introdução à Antropologia Brasileira – As culturas européias e europeizadas. V. IV. Rio de Janeiro : CEB, 1973, p. 225.

“Outra tentativa de colonização com imigrantes suíços no Brasil foi levada a efeito no local que se chamou depois Nova Friburgo... Não fosse Nova Friburgo utilizada como estação climática e procurada posteriormente por inúmeras pessoas à busca de um local aprazível, teria fracassado completamente como colônia agrícola. As causas foram várias: número excessivo de velhos, mulheres e crianças em comparação com o de homens válidos, má distribuição dos lotes, falta de previsão administrativa.”

OLIVEIRA LIMA, M. Dom João VI no Brasil. 3.ed. Rio de Janeiro : Topbooks, 1996, p. 473-474.

“Entre muitas coisas excelentes, tentou o governo de Dom João VI implantar no Brasil a imigração estrangeira que espíritos desanuviados como o de Hipólito preconizavam, com vista em adiantar a agricultura e as artes, povoar o vastíssimo país quase deserto, melhorar tanto no físico como no moral, inoculando-lhe sangue europeu e idéias européias, a espécie humana que nele habitava, e preparar por fim a abolição da escravidão...”

... E tanto parecia esse governo disposto a entrar em tal ordem de idéias que fez em Cantagalo uma experiência de colonização suíça, denominando-se o lugar Nova Friburgo.”

“Todos sabem, porém, que o ensaio foi na prática um fiasco... Friburgo vingou como aprazível estação de verão, mas agrícola e economicamente ficou uma colônia nula.”

PONTES, Élio Monnerat Sólón. Aos 150 anos da imigração suíça – 1820-1970. 2. ed. Niterói : Associação Comunidade Monnerat, 1987, p. 11.

“A chegada a Nova Friburgo, apesar de logo depois inaugurada a colônia, festivamente, em 17 de abril de 1820, iria trazer uma nova e grave decepção: a demora na distribuição das glebas e a péssima qualidade destas, para certas culturas, agravada pela pilhagem dos índios Puris que erravam naquelas paragens...”

“Resultado: a atração de outras zonas, principalmente no imenso município de Cantagalo, que então se estendia de Niterói ao atual Cantagalo, abrangendo o próprio Morro Queimado.

Os que não conseguiram adquirir boas terras onde hoje se situam Bom Jardim, Cordeiro, Duas Barras (Monnerat), Cantagalo, Itaocara, etc., penaram com suas minguadas culturas.”

“Morro Queimado definhava. A miséria tomara conta da desértica povoação.”

PONTES, Élio Monnerat Sólón. Comunicação pessoal. Rio de Janeiro : 1997.

“A aquisição da Fazenda do Morro Queimado, certamente, resultaria hoje em uma Comissão Parlamentar de Inquérito por malversação de fundos públicos.”

MALER, Cônsul da França na Corte do Brasil. Ofício de 26 de janeiro de 1820, no Arquivo do Ministério de Negócios Estrangeiros da França.

“Seria impossível fazer mais despesas para uma colônia, e não se poderia ser mais engenhoso para perder os frutos.”

MATHIAS, Herculano Gomes. A Fundação de Nova Friburgo na imprensa da época in Anais do Museu Histórico Nacional. V. XIV. Rio de Janeiro : 1964, p. 30, 36, 39-40.

“Procedeu-se ao recrutamento de modo tumultuário e desorganizado, sendo ultrapassado o limite anteriormente estabelecido mediante condições bem articuladas.

A calamitosa viagem de Rotterdam à fazenda do Morro Queimado apresentou um elevado

índice de mortalidade motivado por uma estranha epidemia surgida em região holandesa. Uma vez no Brasil, depois de receberem na Baía de Guanabara a visita de boas vindas do rei D. João VI, encetaram os colonos a marcha para o vale prometido onde, segundo as promessas feitas, a fartura e a riqueza os aguardavam. Não conseguiram este intento; porém, com sucesso ou fracasso inicial, lançaram as raízes desta cidade que todos amamos e que vemos crescer e embelezar-se com justo entusiasmo e admiração.”

“A inexperiência, aliada à desorganização com que haviam sido feitos certos preparativos fundamentais liquidaram com a colônia, do ponto de vista econômico. A situação dos colonos começou a se tornar insustentável provocando uma debandada quase completa e a ruína da maior parte deles.”

PETRONE, Maria Thereza Schorr. O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930). São Paulo : Brasiliense, 1982, p. 10, 18, 25-26, 32, 83.

“As migrações transoceânicas não são apenas as respostas aos fatores de atração – a realização do sonho da América – ou de repulsão. Inserem-se no desenvolvimento do capitalismo industrial e desempenham papel bem definido neste contexto. Oriundas de acomodações necessárias para o desenvolvimento pleno desse capitalismo, desempenham papel decisivo no fortalecimento do mesmo nas áreas de origem – de repulsão – e nas de destino – de atração –, não se esquecendo o crescimento das relações capitalistas entre ambas.”

“O imigrante europeu, instalado em pequena propriedade, deveria constituir-se no agente modernizador e transformador da sociedade e da economia brasileira.”

“A colônia suíça em Nova Friburgo não teve especial sucesso, os resultados ficando aquém das expectativas do governo e dos próprios imigrantes... Parte dos imigrantes suíços transferiu-se para terras menos acidentadas e mais férteis, como Cantagalo e Macaé, onde se dedicaram à lavoura do café. Entraram no esquema tradicional: produzir café para o mercado externo, não em pequenas propriedades, muitas vezes com escravos, e progrediram.”

“A valorização fundiária foi o objetivo constante em toda a história da imigração durante o século passado até as primeiras décadas do século XX.”

“Na verdade, na cultura do emigrante-imigrante a utopia facilmente pode ocupar lugar importante, já que ele abandona a pátria à procura de alguma coisa: muitas vezes essa procura não se restringe a uma sobrevivência mais fácil e à obtenção de um pedaço de terra. A idealização de uma realidade desconhecida que será seu destino, fomentada pela propaganda nem sempre muito honesta, muitas vezes não fica muito longe das utopias construídas pelos socialistas do século XIX. A idealização da nova terra onde o imigrante quer instalar-se e construir uma nova vida, aproxima-se muitas vezes daquilo que foi projetado por um Owen ou por um Fourier.”

Pró-Memória-PMNF. Notas para o estudo da emigração suíça para o Brasil 1819-1820. Nova Friburgo : 1988, p. 20-22.

“É de se ressaltar entretanto que, se as solicitações e promessas eram convidativas, a execução das mesmas não o foi... Vários fatos sintomáticos marcam a trajetória a superpopulação dos navios; as péssimas condições sanitárias; a promiscuidade; as febres intermitentes que levam à mortandade grande número de colonos, segundo todas as listagens.”

“A pouca fertilidade dos terrenos obtidos, a administração local deplorável, as arbitrariedades, os conflitos étnicos ou simplesmente grupais, esvaziaram a Colônia e aos poucos as emigrações internas sucederam-se. Os que deixaram Nova Friburgo foram em busca de terras mais férteis em diversos pontos da província, onde se reorganizaram em glebas mais produtivas e de real validade econômica.”

TAUNAY, Augusto D'Escagnolle. Documentos Friburguenses in *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro : 13 de agosto de 1944.

“O grande erro no estabelecimento da Colônia de Nova Friburgo fora a sua colocação longe dos mercados consumidores... Mas não havia duvida de que, sob o ponto de vista agrícola fora bem má a escolha de Nova Friburgo... E como prova disto ocorrera a dispersão dos primitivos elementos. Os emigrados que dispunham de alguns recursos trataram de procurar lugares mais favoráveis. E vários tinham enriquecido tendo podido comprar escravos e vir a ser fazendeiros por vezes importantes.”

CÚRIO, Pedro. Como surgiu Nova Friburgo. 2. ed. Rio de Janeiro : Sedegra, 1974, p.55.
“A deficiência de acomodações, as dificuldades de comunicações com o centro, a anarquia administrativa e outros fatores concorreram para o desânimo dos suíços que, pouco a pouco, foram abandonando a Colônia do Morro Queimado.”

LAMEGO, Alberto Ribeiro. O homem e a serra. 2. ed. Rio de Janeiro : IBGE, 1963, p. 229- 231.
“Foi em 1818 que D. João VI, ao considerar a grande crise européia após as guerras napoleônicas, abriu as portas do Brasil a um novo ciclo demográfico, de repercussões fundamentais em todo o futuro do país. Outras etnias que não as peninsulares, as pesadas contribuições dos povos africanos e os resíduos ameríndios, iriam doravante afetar a estrutura antropológica da gente brasileira. E a primeira a iniciar essa nova mestiçagem foi a suíça.”

“Nomes estranhos e uma estranha língua pela primeira vez ecoam nas selvas brasileiras, quando esses primeiros colonos começam a dispersar-se, descontentes com o solo que lhes deram, em busca de mais férteis zonas com maiores possibilidades agrícolas.”

“Malgrado não serem as próximas redondezas desta vila, condicionadas para um intenso plantio de café, devido ao frio, é de um de seus distritos, Amparo, que sai uma variedade desta planta, cuja curta história traria incalculável repercussão na economia brasileira, com o monopólio quase exclusivo do seu plantio em São Paulo.

Trata-se do café “Java”. Das mudas trazidas da longínqua ilha asiática por Luiz de Sardenberg, para o distrito de Sana em Macaé, uma única subsistira. Com a morte desse lavrador e tendo notícia da planta, o fazendeiro Jorge Gripp, de Amparo, vai à Baixada e a adquire para as suas terras. O arbusto cresce, exuberantemente frutifica, e, de novas sementeiras, duas são oferecidas ao Conde de Nova Friburgo, o qual festivamente as planta no jardim de seu palácio do Gavião em Cantagalo. Com o prestígio deste fazendeiro que a seguir dissemina abundantemente a planta em seus latifúndios, toda a Serra Fluminense é conquistada pelo “Java”, passando-o às lavouras paulistas que nele firmam um dos mais sólidos embasamentos da grandeza econômica dos seus planaltos.”

História do Brasil. São Paulo : Abril, p. 177 e 179.

“Este é um país forjado por exilados. Foram “povos transplantados” – para usar a expressão de Darcy Ribeiro – aqueles que construíram a nação... Massacrados os índios, miscigenados os portugueses, procriados os mamelucos e cafuzos, a nação seria erguida pelo braço escravo: 4,5 milhões de negros foram trazidos da África para o Brasil ao longo de três séculos... o país daria início à “importação em massa de imigrantes europeus.”

“O fracasso das colônias de Santo Amaro (São Paulo), Florianópolis e Nova Friburgo (além da revolta dos colonos trazidos pelo Senador Vergueiro em 1847)...”

MOOG, Vianna. Bandeirantes e Pioneiros. 17. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira,

1989, p. 236.

“A transmigração dos suíços para a Nova Friburgo constituiu-se no primeiro grande passo da política migratória do Reino, primeiro, depois do Império e finalmente da República do Brasil.”

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. História Geral do Brasil (1500-1822). São Paulo : Brasiliense, 1962, p. 127.

“...em um país onde há tanta terra devoluta, começou o estado por comprar a que era necessária aos colonos, por vinte vezes mais do que custara ao proprietário.”

LEITOLD, T. e RANGO, L. O Rio de Janeiro visto por dois prussianos. São Paulo : Brasiliense, p. 84.

“Só poderá ser um desastre.”

ATTINGER, Victor et al. Dictionnaire Historique e Biographique de la Suisse. V. III. Neuchâtel : SAAD, 1928, p. 216.

“Em 1817, Nicolas-Sebastien Gachet, de Gruyères, antigo condiscípulo de Murat, que ele tinha acompanhado à Nápolis, negocia o estabelecimento no Brasil de uma colônia friburguesa, Novo Friburgo [sic]. Cerca de 2.000 emigrantes, dos quais mais de 800 de Fribourg, partiram de Estavayer-le-Lac em 1819 e se transportaram à Holanda onde embarcaram. Eles foram colocados à prova, passando muitas dificuldades: a cidade ainda existe e contém numerosos friburgueses”

CASTELLA, Gaston. Un Siècle d'Histoire Fribourgeoise: 1798-1919. Paris : Barré et Dayez, [ca. 1920], p. 45-46.

“A viagem foi penosa: os passageiros, comprimidos em 7 embarcações pequenas e desconfortáveis, foram dizimados por doença. O navio que fez a travessia mais rápida abordou a Baía do Rio de Janeiro em 4 de novembro; o último navio não chegou senão em 8 de fevereiro. Os passageiros não eram mais do que 1.600; 600 [sic] colonos, dos quais 284 eram friburgueses morreram em caminho.

5. A Colônia de Nova Friburgo – Os suíços fundaram no Brasil uma cidade que foi batizada Nova Friburgo. Eles não encontraram neste país estrangeiro as facilidades e vantagens que lhes tinham prometido. Os terrenos a eles entregues eram estéreis, as casas preparadas não eram senão barracos insuficientes. Ademais, a direção da colônia foi, desde o início, má. Em 1821, Nova Friburgo se encontrava em uma situação lastimável. Foram efetuadas coletas na Suíça e na Inglaterra para socorrer a colônia. Estes socorros aliviaram um pouco a situação dos colonos, que puderam procurar terras mais férteis [sic].

Após muitos anos de sofrimento e miséria, os colonos que tinham conseguido resistir às primeiras provações conseguiram ir à frente. Numerosos friburgueses não ficaram em Nova Friburgo; eles se estabeleceram nas cercanias da cidade e se dedicaram à criação de cavalos e mulas [sic].”

DÜRRENMATT, Peter. Histoire Illustrée de la Suisse. Éd. sp. T. II. Lausanne : Payot, 1964, p. 73.

“1.100 friburgueses, valais e vaud, 900 soleurois [sic] e 485 berneses, aos quais se juntaram, ainda, lucerneses e argovianos, desceram o Reno. Não menos de 316 pereceram durante a viagem, efetuada em sete navios que conduziram os emigrantes de Roterdam e Amsterdam para o Brasil. Os colonos fundaram Novo-Friburgo [sic], mas, caídos na miséria, eles se

dispersaram mais tarde.”

MARTIN, William. *Histoire de la Suisse*. 8. éd. Lausanne : Payot, 1980, p. 241.

“Em 1819, somente o cantão de Fribourg não teve menos de 1.600 [sic] emigrantes que se dirigiram para o Brasil.”

GUIA MICHELIN. *Rio de Janeiro, Cidade e Estado*. 1. ed. Rio de Janeiro : Michelin, 1990, p. 116.

“Contudo, apesar dos preparativos, vários problemas surgiram: o número de colonos foi muito maior do que o previsto e as instalações eram poucas para abrigar a todos; o clima frio, o terreno montanhoso e o solo pedregoso dificultaram as plantações; os precários caminhos para o Rio de Janeiro completaram o quadro de desânimo... A colônia, enquanto produtora de gêneros agrícolas para o mercado interno, jamais floresceu, devido às peculiaridades geográficas e à ocupação das terras mais férteis com o café, principalmente na segunda metade do século XIX.”

DUCCORTED, Georges e LOUP, Robert. *Terre! Terre!* 1. éd. Fribourg : Renaissance, 1939, p.241-242.

“Gatzet [Sébastien-Nicolas Gachet], o cônsul, aquele que imaginou e colocou em movimento toda a empresa, morreu no Rio de Janeiro já em 1926. Os remorsos! Ou simplesmente desgosto!

Pourcelet [Louis de Porcelet], o cavaleiro, levou durante alguns anos uma existência precária no Rio de Janeiro. O governo brasileiro lhe dava mais ou menos regularmente uma pequena pensão. Pourcelet acabou por se instalar numa cidade ao sul, no Estado de São Paulo, onde exerceu a medicina. Ele morreu em 1836.

Parece que o Senhor de Montebéré [Jean-Baptiste-Jerôme Brémont] jamais se deu conta completamente de seu papel odioso no encaminhamento desta multidão infeliz para a América.

...Tudo indica que o Marques de Marialva [Pedro de Menezes] tenha tido uma vasto plano de colonização. Ele o realizou sem se preocupar com os contratos assinados, nem com as vítimas.

... Em 1840, ele [Padre Jacob Joye] aposentou-se parcialmente e se instalou em sua fazenda, nas proximidades de sua cidade. Mas antes, enquanto que os chefes desertavam, os colonos abandonavam, os governadores mudavam, que os amigos se desencorajavam, ele significou, somente por sua presença, a estabilidade, a perenidade de Nova Friburgo.

... Feito cavaleiro e cônego da Catedral do Rio, ele morreu pacífica e docemente, em 1860.”

LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador*. 1 ed. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1996, p.18, 25, 27, 29,

“... considerações, gerais e finais, sobre essa questão da colonização estrangeira ocorrida antes de e durante o Primeiro Império brasileiro.

Como em tudo neste maravilhoso país, também nessa questão da colonização estrangeira, o Estado se meteu, e se meteu mal. Gastou muito, e gastou mal. Centralizou tudo, e centralizou mal. O resultado foi desastroso, desde o início. Desde o tempo da colônia. Dom Pedro apenas continuou a sucessão de erros iniciada no reinado de seu pai.”

“A imigração suíça, a primeira de conseqüências efetivamente marcantes, merece ser estudada com um pouco mais de atenção.”

“Espertamente, Gachet embutiu nessa obrigação [contrato firmado com o Governo] a ressalva que ... *se alguns dos passageiros desgraçadamente morrerem na viagem, o frete será pago por inteiro à vista da relação do embarque.*”

“Por aqui, foi encarregado da construção das habitações destinadas a alojar os colonos, no Morro Queimado, o Tenente-Coronel Francisco Cordeiro da Silva Torres.”

“O próprio Governo Real foi informado oficialmente, por carta do Marquês de Marialva ao Ministro Thomaz Antônio, com data de 7 de novembro de 1819. Nela o diplomata alertou o Ministro que... *esteja prevenido contra as imposturas deste empresário, que he homem mais cuidadoso do seu próprio interesse, do que dos negócios que lhe forão confiados...pois, apesar das mais instantes recommendações que fiz para que os navios de transporte não fossem entulhados de Colonos, a avidez do empresário mallogrou toda minha solicitude, pelo commodo alojamento dos Colonos a bordo dos ditos navios, o que talvez ocasionará huma grande mortandade durante a viagem.*

Marialva não foi apenas dramático; foi também profético.”

“Total [de mortes, incluídas 146 nos nove primeiros meses em Nova Friburgo] ...531

Mais de um quarto dos emigrantes (26,5%).

Ainda está para ser descrita a dimensão desta odisséia.”

“Um fracasso, e caríssimo para o Governo, essa aventureira imigração suíça”.

HOLANDA, SÉRGIO BUARQUE. Prefácio do tradutor. In Davatz, Thomas. Memórias de um colono no Brasil (1850). Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1980, p.15.

“A verdade, porém, é que essas tentativas, partidas de governos, não tiveram o êxito que delas se poderia esperar. Em muitos casos o mal vinha das próprias administrações, que desengana-das pelos primeiros obstáculos não chegavam a satisfazer compromissos assumidos com tra-balhadores. Às vezes decorria também de uma falsa compreensão das necessidades da terra, de uma apresentação defeituosa dos problemas que ela impunha.”

PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. 40ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 186. “Sua (D. João VI) contribuição durante a permanência da corte no Brasil não passará do estabelecimento de um punhado de núcleos coloniais formados com imigrantes alemães, sui-ços e açorianos, e distribuídos no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, e em menor escala em Santa Catarina. Para a História, terão mais importância as intenções do que os resultados numericamente mínimos.”

Referências Bibliográficas:

- ¹ - MACEDO, Sérgio D.T. *Formação do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro : Record,[ca.1960], p. 53.
- ² - LINHARES, Maria Yeda et al. *História Geral do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro :Campus, 1990, p. 61.
- ³ - MACEDO, Sérgio D. T. op. cit., p. 71.
- ⁴ - PONTES, Élio Monnerat Sólón. 28 de Janeiro – *Independência do Brasil*. 1. ed. Niterói : Cronus, 1998, p. 17.
- ⁵ - CARDIM, Elmano. *Na pauta da história*. 1. ed. Rio de Janeiro : Pongetti, 1967, p.92.
- ⁶ - PONTES, Élio. Monnerat. Sólón. op. cit., p. 15.
- ⁷ - CONUS, J. *História da Emigração Friburguense para o Brasil*. 1. ed. Nova Friburgo : S. E. I. Friburgo,, 1918, p. 6.
- ⁸ - SILVA, Thomé Maria Fonseca. *Breve notícia sobre a colonia de suíços fundada em Nova Friburgo in Rev. Tri. Hist. Geog. do I. H. G. B.*, número 14, segundo trimestre 1849, p. 137.
- ⁹ - RAMOS, Arthur. *As culturas européias e europeizadas*. Rio de Janeiro : CEB,1973, p. 41.
- ¹⁰ -CHAUNU, Pierre. Prefácio in NICOULIN, Martin. : *A Gênese de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro : FBN-PMNF, 1995, p. 21.
- ¹¹ -NICOULIN, Martin. op. cit., p. 34.
- ¹² -BICKEL, W. cit. in NICOULIN, Martin. op. cit., p. 35.
- ¹³ -NICOULIN, Martin. op. cit., p. 51.

- ¹⁴ - _____, p. 333.
- ¹⁵ - _____, p. 333.
- ¹⁶ - _____, p. 51.
- ¹⁷ - CALMON, Pedro. *História do Brasil. O Império 1800-1899*. 1. ed. São Paulo : Saraiva, 1947, p. 18.
- ¹⁸ - Decreto e condições do estabelecimento de huma colonia de suissos no Reino do Brasil. Rio de Janeiro : Impressão Régia, 1820.
- ¹⁹ - NICOULIN, Martin. op. cit. , p. 55.
- ²⁰ - _____, p. 61.
- ²¹ - Carta real de 6 de maio de 1818, nomeando Pedro Machado de Miranda Malheiros Inspetor da colonia suissa.
- ²² - Decreto real de 6 de maio de 1818 relativo à compra da Fazenda de Morro-queimado.
- ²³ - ERTHAL, Clélio. *Cantagalo – da miragem do ouro ao esplendor do café*. 1. ed. Niterói : Gráf. Erthal, 1992, p.114-115.
- ²⁴ - JACCOUD, Raphael Luiz Siqueira. 2. *Histórias, contos e lendas da Velha Nova Friburgo*. 1. ed. Nova Friburgo : Pro-Memória PMNF, 1987, p. 75.
- ²⁵ - VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História Geral do Brasil (1500-1822)*. São Paulo :Brasiliense, 1962, p. 127.
- ²⁶ - PONTES, Élio Monnerat Sólton. *Comunicação pessoal*. Rio de Janeiro : 1997.
- ²⁷ - Tratado de 11 de maio de 1818.

“ Emigrar é sempre um ato doloroso. É uma partida sem retorno, é um pouco de abandono. Aquele de uma família, de uma pátria, de um mundo. É se redefinir, recriar um universo com toda a parte de sonho, de desconhecido e de angústia ligados a tal trâmite.”

Alexandre e Christophe Carron

Jean-Claude Marchon – onde tudo começa



família Marchon é muito antiga, de origem irlandesa, de acordo com os achados genealógicos executados a mando de Jean Marchon, radicado nos Estados Unidos da América, irmão de Joseph Marchon, da Suíça.¹ Ao que tudo indica, a família teria migrado para a Grã Bretanha, daí passando para o continente europeu por volta do século IX. Um ramo teria se estabelecido na França – realmente, hoje, há um ramo Marchon em Paris, oriundo do Dauphiné e da região de Lyon, e outro teria se dirigido para a região do atual cantão de Fribourg, do qual descendemos nós, os Marchons brasileiros. De qualquer forma, na história primeva da família, ressaltam dois aspectos, um guerreiro e outro religioso, que em determinada altura convergiram, pois os Marchons estavam presentes nas Cruzadas, o que, aliás, está demonstrado no brasão familiar. A família tem uma longa tradição bélica, evidente não somente através da participação nas Cruzadas cristãs, como também no serviço militar suíço no exterior. Além disso a família tem uma longa tradição de servir a Deus, pois, no nosso tronco helvético, apresenta inúmeros homens e mulheres que se dedicaram e se dedicam aos afazeres religiosos, não apenas na Suíça, mas também, como missionários, em países tão distantes como o Peru, a Rússia, a China e o Egito. Jean-Claude Marchon, Patriarca dos Marchons no Brasil, objeto da presente obra, filho de François Marchon e de Marie Charrière Marchon, é descendente desta “Velha família friburguense de Vuisternens-en-Ogoz, onde ela é mencionada em 1407.”⁴² (Doc. 2)

Doc. 2

Marchon

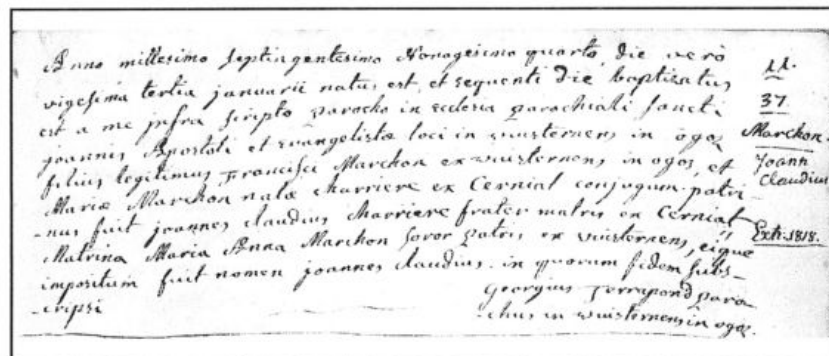
1407

22 abril

Reconhecimento de Perronctus chamado
Guilhed de Wistarnens ante pontem in Ogo
casal de direito Johameti Marchon

Nasceu Jean-Claude Marchon em Bouleyres (antigo Boullière), quarteirão de Vuisternens-en-Ogoz, também chamado Vuisternens-devant-Pont, então comuna do distrito de Farvagny, Cantão de Fribourg, Suíça, em 23 de janeiro de 1794. (Doc. 3)

Doc. 3



Doc. 3

Certidão de nascimento e batismo de Jean-Claude Marchon: Ano milésimo septingentésimo nonagésimo quarto, dia 23 de janeiro nasceu, e no dia subsequente foi batizado pelo infra assinado pároco na Igreja Paroquial de São João Batista Apóstolo e Evangelista em Vuisternens-en-Ogoz, filho legítimo do casal François Marchon, de Vuisternens-en-Ogoz, e de Marie Marchon, nascida Charrière, de Cerniat, sendo padrinho Jean-Claude Charrière, de Cerniat, irmão da mãe e madrinha Marie Anne Marchon, de Vuisternens-en-Ogoz, irmã do pai, tendo sido imposto o nome Jean-Claude, cuja té subcrebo.

Georges Terrapond, pároco
de Vuisternens-en-Ogoz.

Jean-Claude era o terceiro de 11 irmãos, a saber: Jacques-Joseph, Jean-Joseph, Jean-Claude, Jean-Pierre, Antoine, Toni, Marie-Anne, Anne-Joséphine, Jean-Claude, Françoise e Marie-Anne. (Docs. 4 e 5)

Doc. 4

Censo da população em 1811

Prefeitura de Farbagny, Comuna de Vuisternens-debant-Pont

Fonte: Archives de l'État de Fribourg, D.I.IIa 4, p. 474

Nome	Prenome	Idade	Estado civil
Marchon	François	45	Casado
	Marie	39	Idem
	Jean-Joseph	19	Solteiro
	Jacques	18	Idem
	Claude	16	Idem
	Jean-Pierre	13	Idem
	Antoine	11	Idem
	Toni	8	Idem
	Mariane	5	Idem
	Mariane	2	Idem

Doc. 5

Censo da população em 31.02.1818

Prefeitura de Farbagny, Comuna de Vuisternens-debant-Pont

Fonte: Archives de l'État de Fribourg, D.I.IIa. 9, p. 33, quarteirão de Boullière

Nome	prenome	Idade	Estado civil	Profissão
Marchon	François	39	Casado	Proprietário de pedreira
	Marie	45	Idem	Cultivadora
	Jacques-Joseph	25	Solteiro	Cultivador
	Jean-Claude	22	Idem	Comerciante
	Jean-Pierre	20	Idem	Fiscaleiro Strigger
	Antoine	19	Idem	Pedreiro

Antoine	14	Idem	Cultivador
Marie-Anne	11	Idem	Idem
Anne-Josephine	5	Idem	Idem
Jean-Claude	3	Idem	Idem
Françoise	6 m	Idem	Idem
Marie-Anne	8 a	Idem	Idem

Jean-Claude nasceu e morou, por todo o atribulado período suíço de sua existência, na casa de seus pais, ampla, bela e típica residência rural da região, construída por seus antepassados nos idos do século XVI. Esta sede, desde então sempre habitada pela família Marchon, lamentavelmente foi destruída por um incêndio, de causa desconhecida, em julho de 1934, não mais tendo sido reconstruída, tendo, portanto, perdurado cerca de quatro séculos, ressumbrando a história dos Marchons suíços neste longo período.

Sem dúvida, os Marchons eram pessoas simples, como todos os que viviam do campo na Idade Média, para quem a casa tinha um significado todo especial. Toda sua vida se passava na casa, legada por um ancestral próspero: nela nasciam as crianças, cresciam, se desenvolviam, formavam nova família e nela os anciãos morriam. O homem vivia em casa, entre os seus, e aí edificava seu império, onde se sentia ao abrigo das influências nefastas que emanavam de um mundo ameaçador (real ou imaginário). A casa, portanto, constituía um refúgio seguro e tranqüilo. (Fig. 2)



Fig. 2 – Fotografia tomada em 1913, em que se aprecia Vuisternens-en-Ogoz, o pico do Gibloux e a casa onde nasceu e morou Jean-Claude Marchon. Acervo da Bibliothèque Cantonale et Universitaire de Fribourg, 1913



Fig. 3 – Huguette Marchon Genoud e Albino José Marchon no local exato em que se situava a casa do século XVI em que nasceu e morou Jean-Claude Marchon, ainda hoje propriedade dos Marchons, 1997

hibernais dos Pré-Alpes de Fribourg, com uma disposição especial de todas suas divisões em volta da grande lareira, situada na câmara comum – centro de irradiação do calor e de todas as atividades da casa. Como todas as fazendas friburgueses, mostrava o mesmo tipo de arquitetura: os dois terços da esquerda reservados à granja e aos estábulos, o terço da direita à habitação; pedra embranquecida por cal, o teto ultrapassando largamente o corpo da casa, dois grupos de janelas quadradas, pequenas, floridas de gerânios.

Os pais de Jean-Claude, assim como seus antepassados, habitavam Vuisternens-en-Ogoz há pelo menos 400 anos, sendo proprietários rurais e vivendo dos frutos da terra que, nesta região, são a exploração madeireira e, principalmente, a pecuária de leite para a produção de queijos muitíssimo reputados em todo o mundo, como Gruyères e Vacherin. Seu pai dedicava-se ainda à exploração de uma grande pedreira, exploração já começada muito antes dele e que somente veio a cessar neste século. Ainda hoje os Marchons detêm a posse da maior parte do quarteirão de Bouleyres, que é, propriamente falando, uma Terra dos Marchons. Embora alguns Marchons sejam proprietários e fazendeiros em Bouleyres, atualmente, a maioria dos Marchons reside fora, em Fribourg, Lausanne, Genebra, Berna, Zurich, mais uns poucos germanófonos em Heitenried. Enfim, trata-se, positivamente, de uma família pequena, talvez 100 Marchons; evidentemente, este número é multiplicado se considerarmos os que já não portam o nome Marchon. Marchons da Suíça migraram para o Brasil – nossos ascendentes, Marchons migraram para os Estados Unidos da América, Marchons migraram para a Itália, Marchons migraram para a Alemanha, mas a todos superam em número de descendentes os Marchons do Brasil.

Jean-Claude e seus irmãos estudaram na escola em Vuisternens-en-Ogoz, que, na sua época, era uma meia-casa com jardim, reformada para fins escolares, situada próximo à igreja, tendo sido acordada à paróquia autorização para adquiri-la em 13 de setembro de 1796.³ O professor recebia um salário de 70 escudos, pagos em parte pela paróquia e em parte pelos alunos, que pagavam 10 piecettes por 10 meses, isto é, pelo ano letivo. O regimento da escola, determinado pela assembléia paroquial, fixava que:

- 1 – O professor, clérigo e cantor, instruirá e corrigirá paternalmente os alunos.
- 2 – Ele dará aula todo o ano, menos dez semanas (julho e agosto).
- 3 – Desde 01 de setembro até a Anunciação as aulas terão lugar pela manhã, das 8h30min às 11h; pela tarde, das 13h às 16h. Desde a Anunciação, das 6h às 9 h.
- 4 – Os ramos serão o catecismo, a leitura, a escrita, a ortografia e a aritmética.⁴

Ressalte-se que desde o século XVII, na Suíça, se atribuía à arte de escrever bem um lugar importante no ensino primário, e isto até meados do século atual.

Pode-se inferir que as condições de vida na Suíça de Jean-Claude eram difíceis, mas em toda a Europa certamente eram até piores. Seguramente não havia monotonia ou tédio, tratava-se de um dos períodos cruciais da civilização européia e a Suíça constitui o cerne do continente e mesmo que não se envolva diretamente nas conflagrações européias, indiretamente é afetada. Sua situação geográfica era e é única, entre a Alemanha, a Áustria, a França e a Itália o que, aliás, se espelha em seu quadrilingüismo e quadriculturalismo (acrescentando a língua e a literatura romanches, únicas peculiares à Suíça, autóctones).

Fatos históricos muitíssimo importantes ocorreram nesta época. A Confederação Helvética era, no fim do século XVIII, um estranho amálgama de pequenos estados. Dos treze cantões, o maior, Berna, tinha 400.000 habitantes; o segundo era Zurich, com menos de 200.000; Fribourg apresentava cerca de 80.000 e todos juntos totalizavam aproximadamente 1.000.000 de habitantes, sendo que a envolvente amiga, a França, contava com 30.000.000 e a Áustria, cerca de 10.000.000.⁵

A transformação da Revolução Francesa em guerra européia estava em andamento e era questão de tempo a conflagração entre a Confederação Helvética e a França napoleônica.

Em ambas reinava uma confusão geral; em 1797, a França ocupara a então República de Genebra, parte do Jura e invadira Bienne; em 1798 (Jean-Claude tinha apenas 4 anos) invadira, sem reação de um tiro de fuzil, o país de Vaud, Lausanne inclusive e estabelecera um cordão de tropas em torno dos cantões de Fribourg e Berna, mas este, que era o mais forte de todos os cantões suíços, vergonhosamente capitulara e outro grande, Zurich, também e, com a submissão destes três cantões, a Confederação Helvética findava de forma inglória: um rude golpe assestado no orgulho bélico e cívico da Suíça. A França anexara Genebra (que logo seria promovida a capital do departamento francês do Léman), Neuchâtel, Bienne e o Jura bernês, e impusera à Suíça uma nova Constituição em 12 de abril de 1798. Tremendas reparações de guerra a Suíça teve de suportar, principalmente sob a forma de dinheiro, orçadas em muitos milhões de francos, inclusive uma, célebre, de 14 milhões, retirada do Tesouro de Berna, empregada no ano seguinte na fabulosa e memorável campanha do Egito.⁶ A recém criada República Helvética foi, então, palco de lutas internas, entre os unitários, isto é, favoráveis à centralização, e os federalistas, que reclamavam o retorno à soberania dos cantões, e o poder não ficava jamais muito tempo nas mãos do mesmo partido, tendo havido cinco golpes de estado entre 1800 e 1802 e praticamente guerra civil. Napoleão, novamente obrigado a intervir, promulgou em 1803 uma nova constituição, chamada Ato de Mediação, destinada a conciliar as duas facções. Com o Ato de Mediação, a Suíça ia encontrar sua paz interna, mas não sua independência, tornando-se um protetorado francês, como a Holanda e a Bélgica. Talvez, pior ainda, o território suíço passaria a ser um campo de batalha em que se defrontavam as forças de Napoleão e as da Áustria, Prússia e Rússia. Louis d'Affry, eminente friburguense, foi designado Landamman (espécie de Presidente, Primeiro Magistrado) da Suíça e Avoyer (espécie de Presidente) do cantão de Fribourg e, ademais, a nova Dieta (Assembléia Nacional) se reuniu em Fribourg. Fribourg se tornou capital do cantão de Fribourg e perdeu sua supremacia anterior de "Cidade e República de Fribourg".⁷

Em 1804, uma temível epidemia dizimou a população de Vuisternens-en-Ogoz (então, com aproximadamente 400 habitantes), matando 23 pessoas – sendo que 11 delas de 2 a 17 de março, inclusive o pároco Georges Terrapond, vítima de seu devotamento durante a epidemia e que havia batizado Jean-Claude. O cantão de Fribourg enviou uma comissão de seis médicos, provenientes de Fribourg, Romont, La Tour-de-Trême e de Treyvaux, os quais constataram que a doença "começava por um frio enregelador, seguido de um calor abrasador, logo após, uma terrível dor de cabeça, acompanhada de fortes dores de estômago." Eles indicaram diversos meios de impedir o contágio, entre outros, "não ingerir bebidas espirituosas, aguardente, aguardente de cerejas, em uma palavra, nenhuma bebida forte."⁸

O mundo vivia, então, assoberbado por epidemias que o empirismo da medicina praticada somente permitia constatar; a prevenção, a rigor, não existia, vivia-se na era pré-vacínica e os próprios conhecimentos médicos não possibilitavam o correto diagnóstico; a higiene deixava muitíssimo a desejar; a terapêutica médica de então estava mais próxima da terapêutica medieval do que da atual; acresce que a alimentação da população era prejudicada pelo nível da agricultura de então, integralmente submetida às condições climáticas e nada mecanizada. As epidemias assolavam periodicamente a população mundial e a elas a geração de Jean-Claude pagaria tremendo tributo em vidas humanas.

Em 14 de novembro de 1814 seu irmão Jean-Joseph casou-se com Marie Christine Chavannaz e, possivelmente, mudaram-se de Vuisternens-en-Ogoz.

A derrocada de Napoleão marcou o fim da Mediação e o Congresso de Viena fez da Suíça uma Confederação de Estados, reconhecendo sua neutralidade, dotando-a de três novos cantões, Genebra, Valais e Neuchâtel, e o Jura voltou a pertencer a Berna. Reconheceu, ainda, os seis cantões que se tinham ajuntado anteriormente ao primeiros, ou seja, Argóvia, Turgóvia, Tessino, Vaud, Grisões e Saint-Gall, delimitando, então e até hoje, o território da Confederação.

ção Suíça, nome oficial até nossos dias.⁹

Os pais de Jean-Claude, François e Marie, tiveram mais os seguintes filhos entre o recenseamento de 1811 e o de 1818: Anne-Joséphine, Jean-Claude e Françoise, esta última nascida em 1817, contando apenas 6 meses quando do censo. É interessante ressaltar a sutileza com que François e Marie deram os mesmos prenomes a seis de seus filhos, isto é, Jean-Claude (com 24 e 3 anos, respectivamente, em 1818), Antoine (com 19 e 14 anos, respectivamente) e Marie-Anne (com 11 e 8 anos). Relevar notar que dois destes seis filhos, Jean-Claude e Antoine, exatamente os dois mais velhos entre os seis, migrariam para o Brasil. Teria sido premonição dos pais ou teria sido mera coincidência?

Jean-Claude era comerciante e agricultor e deve se ter ressentido da crise econômica e social de então. “Mil oitocentos e dezesseis foi um ano terrível. Nenhum mês sem neve; inundações por toda parte. Todas as culturas foram prejudicadas, o trigo, o feno, as batatas, os legumes, as frutas, o vinho.”¹⁰ E o cantão de Fribourg, que não somente era essencialmente agrícola, mas que também, sabiamente, tinha estocado gêneros alimentícios em grandes quantidades, quase não sofreu com a fome que assolou a Europa praticamente inteira. Evidentemente, o ano seguinte, 1817, teria de ser o da carestia, como, realmente, o foi.

Ocorreu, então, em Paris, no começo de 1817, o encontro fortuito entre o diplomata português Batalha e o misto de comerciante, político e diplomata suíço Sebastien-Nicholas Gachet. Foi quando tudo começou, isto é, o que seria conhecido como a Transmigração Suíça para o Brasil em 1819. Após as negociações e tratativas é firmado no Rio de Janeiro o Tratado de 11 de maio de 1818 entre D. João VI e o Cantão de Fribourg, por este ratificado em 23 de outubro do mesmo ano.

O governo do Cantão de Fribourg editou um opúsculo, contendo o texto do Tratado e uma apresentação de Gachet, pessoa extremamente hábil, que deu uma imagem sedutora de Morro Queimado, e promoveu a distribuição do texto através das então doze prefeituras do cantão, ainda em fins de outubro. Certamente este opúsculo chegou às mãos dos Marchons, que o leram, aliás, como praticamente todos os habitantes do cantão friburguense e, logo depois, de toda a Suíça. A questão brasileira entrou na ordem do dia no cantão e na Suíça e, com a chegada do inverno e a conseqüente paralisação das atividades rurais, houve bastante tempo para a discussão dos prós e dos contras. A “question brésilienne” foi o “potin” da estação, isto é, o assunto mais comentado na Suíça durante o inverno 1818/1819, dividindo-se a população em dois grupos, a saber, os favoráveis e os contrários.

Foi neste contexto político, econômico e social que três dos filhos maiores, solteiros, de François e Marie – Jacques-Joseph, Jean-Claude e Antoine – decidiram aceitar o desafio, levando-se em conta que o mais velho, Jean-Joseph, já tinha constituído família e o Jean-Pierre estava engajado como fuzileiro mercenário no exterior, sob as ordens do Capitão Steiger. Houve oposição, pelo menos inicial, dos pais e dos irmãos mais jovens a esta idéia. Devem ter discutido longamente todos os aspectos do problema, pois se tratava de uma questão que afetaria em muito a vida de todos os envolvidos. Certamente Jacques-Joseph, Jean-Claude e Antoine tentaram convencer os pais a venderem tudo e se transferir para o Brasil. Não obtiveram sucesso na empreitada, mas os pais, provavelmente a contragosto, proporcionaram e facilitaram os meios para tal. O fato é que os três irmãos acabaram se apresentando como candidatos à migração. Marie Prostasie Chavannaz, de Vuisternens-en-Ogoz, noiva de Jean-Claude também decidiu partir, assim como Marianne Elizabeth Clerc, de Semsales, namorada de Antoine.

O período de recrutamento dos emigrantes suíços do cantão de Fribourg estendeu-se, cronologicamente, de março a julho de 1819. Schaller (Chefe da Polícia Cantonal de Fribourg e principal encarregado cantonal da migração) e Brémont (o capitalista francês, expatriado na

Suíça, Cônsul Geral de Portugal na Suíça e que estava mancomunado com Gachet et caterva), em carruagem, começaram em 13 de março pela comuna de Chatel Saint-Denis – onde se inscreveram os Balmats, dia 14 em Bulle, 16 em Gruyères, 21 em Romont, 23 em Farvagny – onde os Marchons se inscreveram, 25 em Montagny, 26 em Morat, 27 e 28 em Fribourg e, encerrando, em 29 em Corbières.¹¹

De acordo com a Lista de Inscrição para a Colônia do Brasil, estabelecida na Prefeitura de Farvagny, verificamos que se inscreveram: (Doc. 7)

Doc. 7

Archives de l'État de Fribourg

Nome	Idade	Comuna de Origem	Domínio	Est. Civil	Profissão
Jean-C. Marchon	25	V. delu. Pont	V. delu. Pont	Solteiro	Trata
Antoine Marchon	20	V. delu. Pont	V. delu. Pont	Solteiro	Trata
Jacques-J. Marchon	23	V. delu. Pont	V. delu. Pont	Solteiro	Tonel
Marie P. Chavannaz	31	V. delu. Pont	V. delu. Pont	Solteira	Trata

Observação – os cinco (sic) indivíduos podem dispor de 400 a 500 francos.¹²

Entre o dia da inscrição, em 23 de março e o do estabelecimento da lista de colonos admitidos, em maio, transcorreram cerca de 60 dias, no decorrer dos quais Jacques-Joseph ou desistiu por si próprio, ou, mais provavelmente, abdicou da idéia por pressão dos pais (que ficariam somente com Toni, de 15 anos, de vez que Jean-Joseph se tinha casado e mudado e Jean-Pierre já estava no exterior, no regimento de Steiger), ou, ainda, menos provavelmente, não foi aceito. Anos depois, em 5 de fevereiro de 1827, Jacques-Joseph se casaria com Cathérine Maradan e em 9 de abril de 1839 teriam um filho homem, Antoine Hilaire. Antoine Hilaire, em 8 de fevereiro de 1870, se casaria com Marie Alphonsine Périsset e teriam um filho, Etienne Léon, nascido em 1 de junho de 1888. Etienne Léon se casaria em 1 de junho de 1907 com Cathérine Isabelle Bilbaum, e teriam um filho Georges Aimé Marchon, nascido em 26 de novembro de 1912. Georges Aimé se casaria em 13 de abril de 1936 com Gabrielle Chappuis, pais de Albert Aurélien, Olivier Gérard, Huguette.¹³

Com efeito, em 31 de março de 1819 é emitida a carta oficial do Consulado Geral de Portugal na Suíça, constando os nomes de Jean-Claude Marchon, Marie Chavannaz (que se casaria no mês seguinte com Jean-Claude), Antoine Marchon e Pierre-Joseph Marcheret [sic], constituindo a família 34, primeiro comboio para o Brasil para partir de 15 a 20 de Maio de 1819. (Doc. 8)

Doc. 8



Doc. 8

Prefeitura de Farvagny
Consulado Geral de Portugal
Junto à Confederação Suíça

Colonização
Dos suíços no Brasil
Número de ordem
Das Famílias, 34

Primeiro comboio para partir de 15 a 20 de maio
Em Semsales, 31 de março de 1819

O Cônsul Geral de Portugal junto à Confederação Suíça declara, pela presente carta, que em virtude do Tratado de Colonização acordado por S. M. T. J., em 11 de maio de 1818, aos diversos Governos dos cantões da Suíça em favor de seus cidadãos, ele admitiu os denominados a seguir: Sob a Família 34

Marchon, Jean-Claude
Marchon, Antoine
Marcheret (sic), Pierre-Joseph
Chavannaz, Marie
Total quatro pessoas

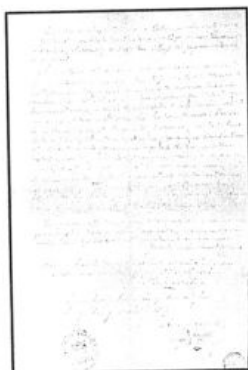
da comuna de Vuisternens-devant-Pont, cantão de Fribourg, na Suíça, para fazer parte do núcleo da colônia de Nova Friburgo, distrito de Santa-Gallo, no Brasil, e a desfrutar, na qualidade de colonos, de todas as vantagens resultantes do dito Tratado. Em fé do que ele lhes dirigiu esta carta que eles apresentarão às autoridades Suíças competentes, para o fim de obter os passaportes necessários para efetuar sua viagem ao Rio de Janeiro.

O abaixo assinado tem a honra de convidar as autoridades dos Cantões encarregadas de entregar os pasaportes, a remetê-los franco, antes de entregá-los às partes, ao Consulado de Portugal, à(sic) onde eles serão visados grátis e reenviados em seguida; eles são informados de que sem esta formalidade, os acima nomeados não serão admitidos ao embarque pelas autoridades portuguesas encarregadas de supervisioná-lo.

O Cônsul de Portugal na Suíça

Admissivelmente, Jean-Claude, então com 25 anos, e Antoine, com 20 anos incompletos, decidiram mesmo viajar para o Brasil. Venderam tudo que possuíam, inclusive os direitos de herança e se prepararam para a emigração para o Novo Mundo. Jean-Claude casou-se com

Marie Protasie Chavannaz, de Vuisternens-en-Ogoz, em 26 de abril de 1819. (Doc. 9)



Doc. 9 *Diocesis Lausannensis, Ecclesia Parochialis Sancti Johannis, Apostoli et Evangelista, Libri Matrimoniorum. Libro primo, pagina centesima decima quarta.*

Doc. 9

Extraído do Livro de matrimônios da Igreja Paroquial de São João Apóstolo e Evangelista da localidade de Vuisternens-en-Ogoz, Diocese de Lausanne, cantão de Fribourg, Suíça. Livro primeiro, página centésima décima quarta.

No ano de 1819, dia 26 de abril, feito um proclama na véspera durante a celebração da missa na Igreja Matriz de São João Apóstolo e Evangelista da localidade de Vuisternens-en-Ogoz, obtida do Exmo. e Revmo. Senhor Bispo de Lausanne a devida dispensa dos outros dois; por mim, que abaixo assino, pároco, na sobredita Igreja, uniram-se sacramentalmente Jean-Claude Marchon, filho legítimo de François Marchon, de Vuisternens-en-Ogoz, e de Marie, nascida Charrière, de Cerniat; e Marie Protasie, filha legítima de François-Xavier Chavannaz, do mesmo Vuisternens-en-Ogoz, e de Marie Anne, nascida Corpataux, de Auby-devant-Pont, sem que se constataste qualquer impedimento, na presença das testemunhas honestas para isso requeridas, Claude-Joseph Macheret, de Vuisternens-en-Ogoz e François-Xavier Chavannaz, pai da noiva e do mesmo lugar.

Este casamento se contraiu sem impedimento civil, o que se constata da declaração do senhor Antoine Singéry, prefeito, datada de 25 de abril do corrente ano.

Assinado François Paul Sudan, Pároco e Deão do dito lugar.

Atesto que o presente extrato é conforme ao original. Tendo dele sido copiado palavra por palavra, na casa paroquial do dito lugar, no dia 26 de abril de 1819.

O mesmo Sudan, Pároco e Deão

Nós, o Prefeito de Farbagny, certificamos que é verdadeira a assinatura acima.

Dado em Farbagny, a 26 de abril de 1819.

Assinado Macheret, Prefeito

Visto para o reconhecimento da assinatura acima

pour le Brésil”, com orientações e advertências aos colonos, inclusive com a fixação da data da partida de Estavayer-le-Lac, em 4 de julho seguinte, domingo e o embarque para o Brasil no dia subsequente ao da chegada em Rotterdam.

No dia 28 de junho, Jean-Claude, sua mulher Marie, seu irmão Antoine e a noiva deste, Marianne Elizabeth Clerc, dirigem-se para Farvagny para a necessária apresentação, entrega e declaração de bagagem. Os “Archives de l’État de Fribourg” guardam, felizmente informações preciosas e confiáveis sobre a “qualidade e quantidade de bagagem dos emigrados”, no nosso caso especial provenientes da Prefeitura de Farvagny.¹⁵ (Doc. 11)

Doc. 11

Doc 11

Inventário¹⁶

Dos móveis, vestes e pertences de Jean-Claude Marchon e sua mulher, seu irmão Antoine, Jean-Joseph Cosendey, de Rossens e Marianne Elizabeth Clerc, de Grenilles, admitidos como colonos para o Brasil sob o número 34.

Redigido em 28 de junho de 1819

4 caixas e um porta-casacos marcados J. C. M. Sob os números 101, 102, 103, 104 e 105. Pesando todos juntos aproximadamente 8 quintais.

	Francos Franceses
Três colchões de crina	60,00
Três travesseiros longos de pluma	6,00
Três cobertores de lã	15,00
Doze lençóis	24,00
Uma fronha	3,00
Cinco fronhas de travesseiro	3,00
Um forro de colchão	2,00
Um par de cortinas	8,00
Cinco toalhas de mesa	5,00
Três guardanapos	1,50
Um capote	4,00
Três colarinhos em lã	18,00
Uma “inglesa” em feltro	24,00
Uma “inglesa” em algodão	8,00
Seis vestidos em lã	30,00
Dois vestidos em veludo	12,00
Dois vestidos em algodão	8,00
Dois vestidos	6,00
Um casaco de seda	3,00
Catorze coletes	42,00
Quatro pares de calças	20,00
Seis pares de calças	36,00
Quatro pares de calças	8,00
Cinco pares de calças	10,00
Dezoito pares de meias	18,00
Dez pares de sapatos	20,00
Trinta e uma camisas	62,00
Onze camisas de mangas curtas	5,50
Doze lenços para gravatas	6,00
Quatro chapéus de feltro	8,00
Cinco toucas	2,50
Dois bonés	3,00
Vinte e oito lenços de bolso	22,40

Fribourg, 2 de julho de 1819

○ secretário do Conselho

Houve, portanto, um propósito definido e coordenado de abandono do Velho Mundo em prol do futuro no Novo Mundo. Esta foi a opção, não somente de Jean-Claude, Antoine, Marie e Marieanne Elizabeth mas, também a de muitos e muitos migrantes europeus. As razões de tal comportamento estão analisadas em outra parte desta obra. Voltamos, apenas, a enfatizar que quem age como Jean-Claude agiu, com a determinação demonstrada no transcorrer da vida de migrante, o faz na certeza da vitória, da conquista de uma nova e melhor vida para si, para seus familiares e para seus pósteros. Fá-lo, também, porque encontrou em si mesmo a fonte de onde proveio a energia despendida na vida de trabalho e de sacrifício, de esperança e de frustração, de conquista e de vitória enfim! Jean-Claude e os seus podem ser considerados como símbolos desta era vital e robusta da civilização e exemplificam a autoconfiança, o senso de aventura e a mobilidade que caracterizou a sua época. Foram eles que desfizeram os velhos laços, defrontando angústias e perigos, e construíram novos lares, novas cidades, novas pátrias. Eles fizeram Nova Friburgo...

As inscrições foram em grande número, surpreendentemente, pois Brémont e Gachet aumentaram grandemente as vagas e transformaram 600 a 700 pessoas (as 100 famílias acordadas no Tratado de 11 de maio) em algo mais de 2.000 pessoas, o que acabou resultando em problemas muitíssimo sérios. Também estenderam o âmbito do Tratado, sempre de forma irresponsável, à praticamente toda a Suíça. Transformaram-no numa negociata, iludindo tanto as autoridades brasileiras e suíças como os futuros colonos. Nicoulin, em seu "A Gênese de Nova Friburgo" aborda de maneira transparente o "embroglio".

Na Lista de Colonos da Prefeitura de Farvagny admitidos para a Colônia de Suíços no Brasil figuram: (Doc. 10)

Doc. 10

Nome	I.	C. de O.	C. de D.	E. C.	P.	N. F.
Jean-C. Marchon	25	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Casado	Trab.	34
Marie P. C. Marchon	32	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Casada	Trab.	34
Antoine Marchon	20	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Solteiro	Pedreiro	34

Não dispomos dos dados de Marieanne Elizabeth Clerc, mas também ela foi incluída na família 34. Também eram componentes da família artificial 34:

Nome	I.	C. de O.	C. de D.	E. C.	P.	N. F.
Jean-J. Cosandey	20	Rossens	Rossens	Solteiro	Trab.	34
Claude-J. Macheret	46	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Casado	Curtidor	34
M. C. C. Macheret	40	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Casada	Trab.	34
Théodore Macheret	18	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Solteiro	Trab.	34
François-J. Macheret	17	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Solteiro	Trab.	34
Jean-J. Macheret	12	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Solteiro	Trab.	34
Marie Macheret	2	V.-en-Ogoz	V.-en-Ogoz	Solteira	Trab.	34

Lemos, nas observações sobre a família artificial número 34: "Estes colonos parecem todos bem determinados a partir assegurando que eles têm os fundos necessários para fazer face às despesas da viagem até o mar e aqueles de seu equipamento."¹⁴

No dia 14 de junho de 1819, finalmente, é distribuído em Fribourg o "Avis aux Colons

pour le Brésil", com orientações e advertências aos colonos, inclusive com a fixação da data da partida de Estavayer-le-Lac, em 4 de julho seguinte, domingo e o embarque para o Brasil no dia subsequente ao da chegada em Rotterdam.

No dia 28 de junho, Jean-Claude, sua mulher Marie, seu irmão Antoine e a noiva deste, Marianne Elizabeth Clerc, dirigem-se para Farvagny para a necessária apresentação, entrega e declaração de bagagem. Os "Archives de l'État de Fribourg" guardam, felizmente informações preciosas e confiáveis sobre a "qualidade e quantidade de bagagem dos emigrados", no nosso caso especial provenientes da Prefeitura de Farvagny.¹⁵ (Doc. 11)

Doc. 11

Doc 11

Inventário¹⁶

Dos móveis, vestes e pertences de Jean-Claude Marchon e sua mulher, seu irmão Antoine, Jean-Joseph Cosendey, de Rossens e Marianne Elizabeth Clerc, de Grenilles, admitidos como colonos para o Brasil sob o número 34.

Redigido em 28 de junho de 1819

4 caixas e um porta-casacos marcados J. C. M. Sob os números 101, 102, 103, 104 e 105. Pesando todos juntos aproximadamente 8 quintais.

	Francos Franceses
Três colchões de crina	60,00
Três travesseiros longos de pluma	6,00
Três cobertores de lã	15,00
Doze lençóis	24,00
Uma fronha	3,00
Cinco fronhas de travesseiro	3,00
Um forro de colchão	2,00
Um par de cortinas	8,00
Cinco toalhas de mesa	5,00
Três guardanapos	1,50
Um capote	4,00
Três colarinhos em lã	18,00
Uma "inglesa" em feltro	24,00
Uma "inglesa" em algodão	8,00
Seis vestidos em lã	30,00
Dois vestidos em veludo	12,00
Dois vestidos em algodão	8,00
Dois vestidos	6,00
Um casaco de seda	3,00
Catorze coletes	42,00
Quatro pares de calças	20,00
Seis pares de calças	36,00
Quatro pares de calças	8,00
Cinco pares de calças	10,00
Dezoito pares de meias	18,00
Dez pares de sapatos	20,00
Trinta e uma camisas	62,00
Onze camisas de mangas curtas	5,50
Doze lenços para gravatas	6,00
Quatro chapéus de feltro	8,00
Cinco toucas	2,50
Dois bonés	3,00
Vinte e oito lenços de bolso	22,40

Seis chapéus de palha	12,00
Dezoito pares de casacos	27,00
Catorze anáguas	14,00
Vinte e quatro saíotes	72,00
Trinta e oito aventais de couro, lã, etc	57,00
Trinta e quatro camisas	51,00
Vinte e seis cachecóis	39,00
Dois pares de algibeiras	5,00
Vinte pares de meias	10,00
Sete pares de sapatos	14,00
Uma mantilha	8,00
Dois guarda-chuvas	10,00
Um conjunto de toalete	2,00
Seis livros religiosos	3,00
Três livros de comércio	6,00
Oito libras de sementes de diferentes espécies	1,00
Dois livros de agricultura	1,00
Cinco foices	7,50
Seis pedras de amolar	1,20
Uma mó	1,00
Dois martelos de ferro	1,50
Seis enxades	6,00
Dois instrumentos para plantar uvas	3,00
Duas pás de ferro	2,00
Dois forcados de ferro	2,00
Quatro machados	8,00
Um grampo especial	1,00
Uma serra	6,00
Dois serrotes	1,00
Cinco perfuratrizes	4,00
Um par de tenazes	1,00
Três limas de aço	2,40
Um par de pinças	
Um compasso	1,00
Uma panela de aço	4,00
Três panelas de ferro	6,00
Dois pares de tenazes	0,90
Uma pipa de manteiga	20,00
Três conchas	1,50
Um defumador	10,00
Dezoito colheres de sopa	0,90
Doze garfos	1,20
Um "courlion"	0,50
Uma garrafa em ferro branco para óleo	1,00
Duas lamparinas	0,60
Dois castiçais	1,00
Um moinho de café	1,00
Uma libra de substância esponjosa proveniente do carvalho e preparada para pegar fogo rapidamente	1,00

Três isqueiros	0,45
Uma faca	1,00
Faca	1,60
Três pares de tesouras	
Dois metros e meio de tecidos para reparar roupas	1,60
Duas libras de couro para reparar sapatos	2,00
Duas libras de fio para uso doméstico	2,00
Quatro sacos	2,80
Três escovas	0,90
Três imagens	
Um Crucifixo	1,00
Dois estojos material de escrever e cem folhas de papel em branco	2,00
Quatro relógios de bolso	40,00
Um martelo de pedreiro	2,00
Um esquadro de pedreiro	1,50
Um piche de pedreiro	3,00
Três talhadeiras	3,00
Duas bolsas para pedreiro	2,00
Três navalhas de barbear	1,50
Uma libra de sabão	0,60
Um espelho	0,50
Um fuzil para caça	10,00
Duas libras de pólvora	2,00
Três libras de chumbo	1,20
Um sabre	2,00
Três facas de caça	3,00
Uma pistola	2,00
Total	1.024,85

Embora sabendo que os “preços que figuram nas listas tinham sido verdadeiramente subestimados, como havia sido aconselhado aos emigrantes”¹⁷ pelas próprias autoridades suíças, optamos por apresentá-los, pois que constavam obrigatoriamente no inventário.

Em análise preliminar, apenas, verifica-se que Jean-Claude Marchon, que era comerciante e agricultor, trouxe livros religiosos, da doutrina católica, pois provinha de família tradicionalmente católica do cantão de Fribourg, que tinha proporcionado à Igreja Católica servidores e servidas e continua a fazê-lo até hoje. Trouxe, ainda, livros de comércio e agricultura e, sabe-se por relato de descendentes brasileiros, livros de literatura, especialmente francesa. Teve também o cuidado de trazer estojos com material de escrever. “Os livros evidenciam outra cultura, não são apenas de prece, mas tratam de agricultura e comércio.”¹⁸

À variedade e quantidade de roupas masculinas (camisas, camisas de manga curta, calças de diferentes tecidos, meias, lenços para gravata, lenços para bolso, coletes, bonés, sapatos e chapéus de palha e de feltro) e de enxoval feminino (vestidos de tecidos variados, sobretudo, casacos, anáguas, saíotes, aventais de diferentes tecidos, camisas femininas, meias, cachecóis, mantilhas e sapatos), acrescia-se conjunto de toalete, escovas, espelhos, navalhas de barbear, guarda-chuvas.

Também transportaram utensílios de cozinha: panelas de ferro, tenazes, conchas, defumador, colheres, garfos, facas, garrafas em ferro branco para óleo, moinho de café (que apesar do valor ínfimo declarado de 1 franco, sabe-se ser objeto sofisticado à época de Jean-Claude Marchon). Uma pipa de manteiga (o item de maior valor individual indicado, ao lado

dos colchões de crina: 20 francos). Trouxeram também lamparinas, castiçais, tesouras, isqueiros, tecido para reparar roupas, couro para reparar calçados, fio para uso doméstico.

Mais ainda, um apreciável ferramental agrícola e de construção civil: sacos, mó, pedra de amolar, enxadões, ganchos para plantar uvas, pás, machados, martelos, forcados, grampos, serra, serrotes, perfuratrizes, limas, tenazes, compasso, tesouras, martelo de pedreiro, esquadro de pedreiro, talhadoras.

Religiosos, trouxeram os componentes básicos do oratório particular: três imagens e um Crucifixo.

Num valor total declarado de 40 francos vieram quatro relógios de bolso.

Por fim, mas não menos importante, o aparato bélico: pistola, sabre, fuzil, facas para caça e, evidentemente, pólvora e chumbo.

“Além disso tudo, os símbolos do emigrante vencedor: nos sacos, sementes de cereais.”¹⁹

Claro está que os Marchons trouxeram para o Brasil algum dinheiro. Antoine Marchon é referido por Nicoulin como sendo dos poucos emigrantes do meio artesanal a dispor de boa situação, “que parte com 500 escudos”²⁰ Estes 500 escudos correspondiam a 2.000 francos. Ainda Nicoulin se refere à carta de Jean-Claude Marchon, de 15 de novembro de 1820, ao Monsenhor Miranda, afirmando que “agora sabe por experiência que sua fazenda de número 51 é estéril, e no entanto, ele já gastou mais de 1.500 francos para pô-la em condições.”²¹ Admissivelmente, pode-se crer que Jean-Claude Marchon e Marie Chavannaz Marchon trouxeram para o Brasil um numerário muito maior.

Nicoulin afirma que Pierre de Gavillet, e sua mulher de Chavannes-les-Forts, segundo o prefeito de Romont, com 6.000 francos, representam a maior fortuna de toda a emigração.²²

Receberam, então, os transmigrantes os respectivos passaportes, dos quais apresentamos o de Marie Chavannaz Marchon, uma vez que os passaportes de Jean-Claude e Antoine certamente foram requisitados, já em Nova Friburgo, pelas autoridades brasileiras e, possivelmente, não mais devolvidos aos migrantes.(Doc. 12)

Doc. 12



Número de ordem do Consulado

34

PASSAPORTE

Para se dirigir para a Colônia Suíssa
No BRASIL

A DIREÇÃO DA POLÍCIA CENTRAL DA
CIDADE E REPÚBLICA DE FRIBOURG NA SUÍSSA

A todas as Autoridades civis e militares
Encarregadas de manter a ordem pública

Deixai passar livremente a Sra. Chabannaz, casada, de Vuisternens—devant-Pont, no Cantão de
Fribourg

Indo pelo Aar e pelo Reno ao porto de mar destinado ao embarque para ser levada à colônia suíssa de
Canta-Gallo no reino do Brasil, para o fim de desfrutar das vantagens e concessões asseguradas aos
Colonos suíços pelo tratado de 11 de maio de 1818.

Passado em Fribourg em 17 de junho de 1819.

O Diretor da Polícia Central,

Número 592 Visto para legalização do selo e da assinatura acima
Em Fribourg em 18 de junho de 1819

O Secretário de Estado.

Visto pelo Cônsul de Sua Majestade muito fiel junto à Confederação suíssa, que certifica verda-
deiras as assinaturas da frente, e atesta ademais que o portador do presente passaporte e os indivíduos
que compõem sua família têm os fundos necessários para as despesas de sua viagem e para subir a
bordo dos navios que devem transportá-los para o Brasil.

Em Semsales em 19 de junho de 1819.

O Cônsul de Portugal na Suíssa.

Número 1514. Visto pelo Ministro Plenipotenciário da França na Suíssa
Berne em 23 de junho de 1819. Pelo Ministro.

Secretário de Legação

Visto pelo Ministro Plenipotenciário dos Países Baixos na Suíça
Lucerne, em 20 de junho de 1819

Visto pelo Diretor da Colônia Tamby, em 7 de dezembro de 1819

Os suíços migrantes para o Brasil, distribuíam-se da seguinte forma pelos cantões:

I	Fribourg	830 (1,10% da população do cantão) núcleo central da colônia
II	Berna	500
III	Valais	160
IV	Vaud	90
V	Argóvia	143
VI	Soleure	118
VII	Lucerna	140
VIII	Schwyz	17
IX	Neuchâtel	5
X	Genebra	3 ²³

Um total de 2.006 emigrantes, dos quais algo mais de 40% do cantão de Fribourg e 25% do cantão de Berna. Sempre de acordo com Nicoulin, 72% dos emigrantes falavam francês.²⁴

Os nossos ancestrais emigrantes certamente passaram a última semana despedindo-se dos parentes e amigos e ultimando os preparativos da viagem. Deveriam estar sábado, dia 3 de julho, em Estavayer-le-Lac, onde se encontrariam com os demais emigrantes dos cantões de Fribourg, Genebra, Vaud e Valais (que para lá se dirigiriam por via terrestre) e de Neuchâtel (que para lá iriam por via lacustre).

A partida

Sábado, 3 de julho de 1819, bem cedo, partiram de Vuisternens-en-Ogoz, acompanhados pelos pais, irmãos, parentes próximos e amigos e se dirigiram em carroças para o porto lacustre indicado, distante algo como que 30 quilômetros de Vuisternens-en-Ogoz. Cumpridas as últimas formalidades os migrantes, totalizando 1.088, se agruparam, por regiões, nas ruelas de Estavayer-le-Lac.

Chegara o grande dia! Às 5.30 horas da manhã de domingo, 4 de julho de 1819, os emigrantes dirigem-se à Église de St-Laurent, onde às 6h D. Yenni, bispo de Lausanne e Fribourg, preside imponente e emocionante cerimônia religiosa, a missa pontifical e Magnificat solene. A homilia do bispo é um canto de esperança e de votos de sucesso para os emigrantes, instando-os, na nova pátria brasileira, à “faire honneur à la réputation du nom helvétique”, isto é, “a honrar a reputação do nome helvético”. Nomeia, oficialmente, os padres Jacques Joye e Jean Aeby, respectivamente pároco e coadjutor de Nova Friburgo. E o bispo pronuncia a antífona da prece dos viajantes: *In viam pacis et prosperitatis dirigat nos omnipotens et misericors Dominus, et Angelus Raphael comitetur nobiscum in via.*²⁵

Acabada a solenidade, voltam os colonos para as despedidas finais e para os derradeiros preparativos para a grande viagem. Compreende-se a emoção de todos os 6.000 emigrantes, parentes e amigos ali presentes: pais e filhos se separando, avós e netos, tios e sobrinhos, primos, cunhados, sogros, namorados, amigos... A emoção dos que ficam, a tristeza pela separação, o vazio da ausência, a lembrança dos tempos bons e maus vividos em comum, o rompimento dos laços afetivos, de certa forma a incerteza da grande aventura, e, em contrapartida, a comoção dos que partem, a angústia da separação, o vazio d'alma, todas estas lembranças de

toda a vida que afloram à mente nestes momentos únicos e inesquecíveis da existência, o abandono do lar, da família, dos amigos, da terra natal, as dificuldades a serem vencidas, as incertezas, a própria viagem, o desconhecido, mas também e sobretudo uma fé inabalável no futuro, a certeza da vitória, a vontade inquebrantável, a antevisão do Eldorado com todos os seus desafios e todas as suas promessas. E toda esta tremenda carga emocional era amplificada pela solenidade, pelos últimos abraços, pelos últimos carinhos, pelas últimas promessas balbuciadas, adeus, adeus.

Não se tratava de uma viagem comum a que então encetavam. Era, verdadeiramente, a viagem definitiva, radical, em que abandonavam a Velha Europa, o Velho Mundo de seus ancestrais, em demanda de Nova Friburgo, do Novo Mundo!

Às 10 horas começa o embarque e, ao meio dia, todos embarcados com suas bagagens, após breve despedida e bênção solene do bispo, postado em pequena colina, os colonos para o Brasil persignam-se e entoam o “Chant de Départ des Fribourgeois pour le Brésil”²⁶, o “Lieb der Auwanderer nacht Brasilien”²⁷ e “Ranz des vaches”.

Do alto do castelo Chenaux os canhões atiram... Os emigrantes respondem com salvas de fuzil, ao mesmo tempo que os três barcos movimentam-se lentamente: “Estavayer”, “Grandson” e “Yverdon”. O bispo e os padres entoam um Magnificat solene.²⁸ Grandíssima emoção. Tocante partida. Alea jacta est! A sorte está lançada! (Figs. 5 e 6)

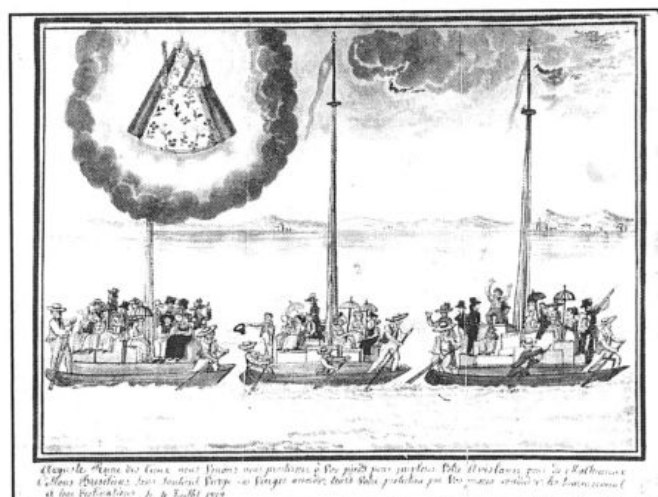


Fig. 5 – Partida de Estavayer-le-Lac. Aquarela de autor desconhecido.
Acervo do Musée d'Art et Histoire du Canton de Fribourg (Reprodução autorizada).

Baseados em Nicoulin estabelecemos a seguinte progressão da viagem desde Vuisternens-en-Ogoz até Dordrecht:

03-07-1819

I Terrestre

I. 1 Vuisternens-en-Ogoz - Estavayer-le-Lac

04-07-1819

II Lacustre – Lago de Neuchatel

II. 1 Estavayer-le-Lac - Ponte da Thielle

Pelo resto do dia as embarcações singram tranqüilamente o lago e na Ponte da Thielle param, por ser sua travessia muito perigosa à noite. Dormem ao relento, sob a luz

das estrelas.

05-07-1819

III Lacustre – Lago de Biene

III. 1 Ponte da Thielle - Nidau

Alguns emigrantes visitam a Île de Saint-Pierre, tão decantada por Rousseau, e segundo o padre Joye: “É um pequeno paraíso terrestre e entendo porque Jean-Jacques Rousseau a deixou com tanto pesar.” Atravessam o lago e o calor forte, seria o dia mais quente de toda a viagem, é acompanhado por trovões, chuva e granizo. Dormem em Nidau.

06-07-1819

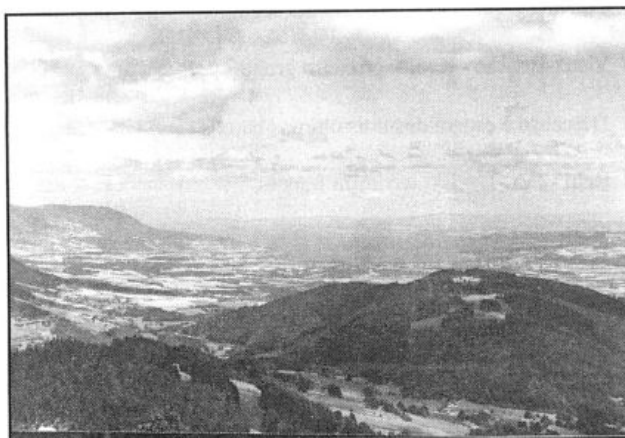


Fig. 6 – Lago de Neuchâtel visto do Vale do Joux. Renato Engmann Marchon 1998

IV Fluvial – Rio Aar

IV. 1 Nidau - Soleure

Muitíssimo bem recebidos em Soleure, onde pernoitam.

07-07-1819

Parada técnica para transbordo dos passageiros e bagagens para os oito navios de Frédéric Frey.

08-07-1819

IV. 2 Soleure - Brugg

IV. 3 Brugg - Confluência do Aar e do Reno

09-07-1819 a 13-07-1819

IV. 4 Confluência - Giessem (Laufenburg)

V Terrestre

V. 1 Giessem - Schöffingen

Em Giessem todos os passageiros descem, bem como todas as bagagens são colocadas em carretas, e percorrem cerca de 1,5 quilômetros, por terra, até Schöffingen. As embarcações descem amarradas, quando o estado das águas o permite, para vencer as fortes correntezas de Laufenburg e Rheinfelden (“um dos belos horrores da natureza”, segundo o Padre Joye).

VI Fluvial – Rio Reno

VI. 1 Schöffingen - Basiléia

O ponto de encontro de todas as correntes da emigração para o Brasil era a cidade de Basiléia. A completa desorganização deve ser creditada à rapinagem da malta Brémoud-

Gachet-Frey-Porcelet. Os colonos de Fribourg (dois barcos chegaram na tarde do dia 9 e os outros seis na manhã do dia seguinte) são informados de que eles e seus pertencentes serão realojados em seis dos oito navios, pois se necessitam dois para alojar os outros colonos. Mal estar entre os colonos. Retarda-se a partida em dois dias. No dia 13 os colonos friburgueses interpelam asperamente Brémond – “aventureiro e ladrão” e ameaçam “jogá-lo no Reno”, “linchá-lo”, “assassiná-lo”. No “burburinho”, segundo o Comissário do Cantão de Fribourg, esvaziam as duas embarcações, lançando no cais e nas águas, caixas e mais caixas assinaladas “Porcelet”, contendo louças e queijos, tais caixas eram numeradas de 400 a 511, então, onde estariam as outras 399?

VI. 2 Basileia – Vieux-Brissac

Partem seis embarcações e no dia seguinte partirão as duas últimas.

14-07-1819

VI. 3 Vieux-Brissac - Kehl – primeiro grupo.

15-07-1819

Descanso e espera dos dois últimos barcos.

16-07-1819

VI. 4 Kehl - Fort-Louis – território francês.

17-07-1819

VI. 5 Fort-Louis - Guermersheim

18-07-1819

VI. 6 Guermersheim - Mannheim

19-07-1819

VI. 7 Mannheim - Stuckstadt

20-07-1819

VI. 8 Stuckstadt - Mainz

21-07-1819

VI. 9 Mainz-Boppard

22-07-1819

VI. 10 Boppard - Andernach

23-07-1819

VI. 11 Andernach - Colônia

24-07-1819

VI. 12 Colônia - Himmelgeist

25-07-1819

VI. 13 Himmelgeist - Wessel

26-07-1819

VI. 14 Wessel - Lobit

27-07-1819

Parada por problemas de pedágio ao penetrar na Holanda.

28-07-1819

VI. 15 Lobit - Nimega

29-07-1819

VI. 16 Nimega - Dordrecht

De Nimega tomam o Waal e dirigem-se para Dordrecht, ponto final da fase continental da viagem. Em Dordrecht os colonos seguem para o acampamento em Mijl, nas proximidades.²⁹

Foram gastos na viagem Estavayer-le-Lac - Dordrecht 25 dias, sendo que Nicoulin

afirma que foram perdidos 1 dia em Soleure, 3 em Basileia, 1 em Kehl e 2 na fronteira da Holanda, isto sem contar a lentidão excessiva em certos trechos, totalizando 7 dias perdidos, ou seja, praticamente um terço da duração da viagem!³⁰

Certamente foi uma viagem extraordinariamente bonita, com belas paisagens lacustres, a encantadora ilha de Saint-Pierre, o belo, mitológico e histórico Reno, com seus castelos, ruínas, monumentos, vinhedos, com bonitas cidades como a própria Estavayer-le-Lac, Nidau, Soleure, Basileia, Brissac, Estrasburgo, Speyer, Worms, Mainz, Bingen, Baccharach, Saint-Goarshausen, Coblença, Königswinter, Bonn, Colônia, Nimega, Dordrecht. Ah! As quedas do Reno, o Loreley, a confluência com o Mosela, o Germania, a Catedral de Colônia (ainda inacabada, mas já imponente). Ao final, foi um périplo inesquecível sob muitos pontos de vista, mesmo considerando as péssimas condições de viagem no começo do século XIX, quando eram necessários cerca de 6 dias de carruagem para ir de Paris a Genebra e quando Diderot escrevia que era preciso ter perdido o pai ou a mãe para viajar, tamanho era o desconforto, tamanha a insegurança.

Mais uma prova da incúria com que procederam os dirigentes da emigração foi a estadia excessivamente longa na Holanda, ainda mais porque ficaram acampados em barracas e celeiros em Mijl, burgo nas cercanias de Dordrecht, em condições sanitárias lamentáveis. Cerca de 1.200 colonos, inclusive Jean-Claude e sua família, lá estiveram de 29 de julho a 11 de setembro, isto é, algo mais de 40 dias! El Rey D. João VI, nos termos do Tratado, seria o responsável pela alimentação dos colonos, desde o momento em que chegassem ao porto de embarque e, portanto desde 31 de julho os colonos passaram a receber uma ração diária constituída por uma libra (454 g) de pão, meia libra (227 g) de carne, meia libra de batatas, arroz à vontade, cerveja e licor de genebra.³¹ É certo que alguns dos emigrantes adquiriram doenças infecciosas, derivadas das precárias condições sanitárias e que provocariam muitas mortes, 39 delas na própria Holanda (epidemia de varíola, embora houvessem instituído a vacinação, descoberta por Jenner em 1798, tifo, disenteria?), mas a maioria morreria em pleno oceano.

Foram tempos difíceis e incertos para o conjunto da transmigração, períodos de idas e vindas de Gachet, que inclusive esteve em Paris, sendo recebido friamente pelo Marquês de Marialva, o faustoso embaixador de D. João VI na França. Este resolve, então, ignorar Gachet e enviar seu adido e secretário José Ignácio da Cunha Cândido para solucionar o problema. Cândido chega a Roterdã em 23 de agosto e já em 24 está em Mijl para as providências finais que, então, realmente passam a ser finais. Os navios são aprestados e aprovisionados para a longa viagem. Em primeiro de setembro dirigem-se os colonos componentes do primeiro escalão, os Marchons e os Balmats incluídos, para o porto de St-Gravendeel, e no dia 4 começam a subir a bordo e tudo concluído no dia 9, somente resta esperar condições favoráveis de navegação.³²

Felizmente, os nossos friburgueses Jean-Claude Marchon, Marie Protasie Chavannaz Marchon, Antoine Marchon e Marieanne Elizabeth Clerc não só foram incluídos no primeiro escalão, mas, também, designados para o primeiro navio a zarpar, a fragata hamburguesa Daphne, que estava fundeada no porto de St-Gravendeel, juntamente com três outras, desde fins de julho. Na lista de embarque, Jean-Claude consta com o número 154, Antoine, o 155 e Marie Protasie, o 156, não tendo sido possível determinar o de Marieanne Elizabeth Clerc.³³ Efetivamente, a 11 de setembro de 1819, zarpa a Daphne, de 300 toneladas, com 197 suíços a bordo, comandada pelo Capitão Koller, com 14 tripulantes, um intérprete e um cozinheiro. No dia seguinte, 12 de setembro, partem o Urania, com 437 friburgueses, inclusive os Balmats, o Deux Cathérine, com 357 friburgueses e berneses, e o Debby Elisa, com 233 jurassianos, completando desta forma o primeiro escalão, constituído por 4 navios e 1.224 emigrantes.³⁴

A grande travessia oceânica

Uma viagem transatlântica no segundo decênio do século XIX, como a realizada por nossos ancestrais, era um acontecimento extraordinário, mais ainda, se considerarmos todo o contexto complexo que envolvia a dos nossos transmigrantes.

Tudo conspirava para torná-la a grande odisséia que realmente foi. Os ingredientes todos estavam se mesclando para isto. Do lado brasileiro havia o desejo genuíno e enorme de D. João VI em proporcionar ao Brasil a vinda dos suíços, mas havia, também, a incúria de seu principal executivo, Monsenhor Miranda. Do lado suíço havia o interesse e o beneplácito de governos, como os dos Cantões de Fribourg e de Berna, mas havia, também, as tratativas de Brémont, Gachet et caterva. Os 600 ou 700 emigrantes deveriam ter partido de Marselha, mas, por falta de embarcações neste porto que se dispusessem a transportar os 2.000 suíços ao invés de 600-700, a saída seria pelo porto de Rotterdam, onde também não havia embarcações capazes de transportá-los, o que, juntamente com outros fatores, ocasionou o atraso de tão funestas conseqüências.

A Daphne, na qual viajaram os Marchons, deve seu nome à ninfa grega de montanha que foi perseguida por Apolo e, em resposta ao seu pedido de auxílio, foi transformada pela Mãe Terra em árvore, em local próximo de Antióquia, Daphne, onde havia um famoso santuário de Apolo. Este, para se consolar, preparou desta árvore uma coroa de louros, que passou a ser o prêmio para o vencedor dos Jogos Pítios em honra de Apolo e tem sido, desde então, um símbolo de vitória.³⁵

A Daphne, como todas as outras embarcações da transmigração, viajará com superlotação, pelo menos segundo as regras da marinha holandesa, isto é, cada passageiro correspondendo a duas toneladas, pois esta, com 300 toneladas, deveria transportar tão somente 150 passageiros e não os efetivamente 197 transportados.³⁶ Thorman, o Inspetor do Cantão de Berna, que fizera uma perícia nos navios em 19 de agosto, mostrara-se, então, otimista quanto a esta parte.³⁷ Em setembro, quando da partida dos navios, o mesmo Thorman escreve ao seu governo: “Como não é de supor tampouco que todos os colonos embarcados ainda estejam vivos na chegada ao Rio de Janeiro [sic], não há duvida de que estarão melhor acomodados e com mais espaço quando a viagem estiver chegando ao fim [sic].”³⁸ Este Thorman! Sem comentários.

O que deveria ser a vida dos colonos durante a grande travessia foi explicitado no opúsculo “Règlement pour la traversée des colons suisses pour la Nouvelle Fribourg, appelés par Sa Majesté Très Fidèle dans ses États du Brésil”, de Gachet, aparecido em Roterdã em 20 de agosto de 1819.³⁹ Após comunicar as disposições costumeiras das viagens marítimas (o comandante do navio é o chefe ao qual todos devem obedecer sempre...), apresenta a guarda de serviço, à qual são obrigados todos os emigrantes masculinos de 18 a 45 anos, estipulando que a metade desta guarda permanecerá sempre no convés, à disposição do comandante, e que será chamada para o serviço conforme o modo e o costume da tripulação, enquanto a outra metade descansa. O regulamento reporta-se, também, à vida religiosa, devendo os ministros do culto presidir às orações cotidianas e officiar nos domingos e dias de festa (apenas 2 padres para os oito navios) e nos seis navios restantes o chefe de família mais idoso deverá presidir às orações diárias. Trata, ainda, de dispositivos de segurança e permite fumar no convés, mas não na coberta. Há, também, os preceitos de higiene: todos os dias a coberta será varrida e, duas vezes por semana, lavada; a cada três dias serão feitas fumigações do tipo Guyton-Merveaud. As redes serão armadas, diariamente, às 20 horas e desarmadas às 6 horas da manhã seguinte.

Quanto ao importantíssimo quesito da alimentação, parece que houve empenho em proporcioná-la da melhor forma possível, dadas as condições vigentes na época, havendo três regimes alimentares básicos. O primeiro, para os bebês, incluía farinha de trigo pura, semolina,

fécula, arroz e açúcar. O segundo, indicado para os enfermos, incluía galinha, ovos, tabletes de caldo de carne, doce de azeda, ameixas secas, passas, chocolate, chá, café e açúcar. Finalmente, a ração diária normal para cada colono, constante de:

- 1 – Biscoitos, 288 gramas.
- 2 – Vinho, $\frac{3}{4}$ de litro, ou Aguardente, $\frac{1}{16}$ de litro.
- 3 – Queijos, 36 g., ou Mel, 18 g., ou Manteiga, 27 g.
- 4 – Carne de vaca, 144 g., ou Carne de Porco, 108 g., ou Bacalhau, 108 g., ou Peixe Seco, 108 g.
- 5 – Arroz, 72 g., ou Feijão, 72 g., ou Ervilhas, 72 g., ou Lentilhas, 72 g. ou Ameixas Secas, 72 g., ou Chucrute, 72 g.

O desjejum era tomado às 8 horas e consistia de vinho, biscoitos e queijos e, alternadamente, manteiga e mel. O almoço era servido às 12 horas e o jantar às 17 horas, sendo que o cardápio semanal oferecido era:

Dia da Semana	Almoço	Jantar
Segunda-feira	Carne de vaca e ervilhas	Carne de porco e arroz
Terça-feira	Carne de vaca e ervilhas	Carne de porco e arroz
Quarta-feira	Peixe seco e lentilhas	Carne de porco e arroz
Quinta-feira	Carne de porco e arroz	Carne de vaca e ervilhas
Sexta-feira	Bacalhau e arroz	Peixe seco e lentilhas
Sábado	Carne de porco e feijão seco	Carne de vaca e feijão seco
Domingo	Porco, chucrute e ervilhas	Porco e ameixas secas ⁴⁰

A Daphne contou, entre seus passageiros, não somente com os três Marchons e Marieanne Elizabeth Clerc, mas também com Jean Cosandey (de considerada e grande descendência no Brasil), com os Macherets (também de considerada e grande descendência no Brasil), com Bonaventure Bardy (que, posteriormente, em Nova Friburgo, iria se revelar um excelente professor), com Porcelet (que teve um papel de certo relevo na emigração, mas que, mancomunado com Brémond e Gachet, dos quais era testa de ferro, desempenhando um papel duplo de migrante e traidor, foi desmascarado pelos próprios colonos friburguenses, ainda em Basiléia, e depois tentou voltar-se para o lado dos colonos, que o repeliram; deixou um interessante relato da viagem a bordo da Daphne).

A Daphne levantou âncora às 7 horas da manhã de 11 de setembro de 1819 e às 8 horas, do passadiço, o Comandante Koller ordenou içar a grande vela e disparar o canhão de partida – estava dada a grande partida de St. Gravendeel. Mas pararam logo adiante, em Helvoetius, para cumprir as últimas formalidades alfandegárias e, porque o vento se mostrava contrário, somente no dia 13 o navio singrou as águas do Canal da Mancha e por volta das 23 horas foi alcançado pelos demais componentes da flotilha. Saindo da Holanda, vislumbrava-se à esquerda Calais, na França, e à direita Dover, na Inglaterra. O barco fez-se ao largo e sobreveio o mareio, sensação dilacerante, na noite escura, primeira noite em alto mar. A 16 ocorreu o primeiro óbito a bordo e o médico de bordo, Moosbrugger, já adoentado, chamara Porcelet para ver o agonizante. À partir de então Porcelet seria o médico de bordo. Mais alguns dias se passaram e, finalmente, o navio saiu do canal da Mancha. Ao passarem pela costa da Bretanha, em 24, depararam com um navio que se dirigia para a América do Norte e, em 25, encontraram-se com uma corveta inglesa. Viram, ainda, um barco espanhol.

Os relatos da vida cotidiana a bordo indicam que quando faz bom tempo a vida é boa, passeando pelo convés, aspirando ar marinho, contemplando a paisagem, admirando os grandes veleiros, observando a fauna marinha: tubarões, cações, cachalotes, golfinhos, dourados, espadartes, etc. Nas noites de tempo bom há festas, de que participam os passageiros (dentro os quais há um violonista e um flautista muito bons) e a tripulação, cantando e dançando.

Em contrapartida, quando o tempo se torna ruim tudo muda de figura, ocorre o mareio,

com seu cortejo de tonteiras, mal estar, náuseas e vômitos, resultando emanações nauseabundas; ficar em locais fechados é desagradabilíssimo, sair para o convés é perigoso.

À passagem da linha do Equador tem lugar a tradicional festa de batismo, dedicada a Netuno, rei dos mares. Alguns dos passageiros e dos marinheiros se fantasiam e todos comem, bebem, cantam e dançam.

Já no hemisfério sul ocorrem as calmarias e durante seis dias a Daphne aguarda ventos favoráveis. Em 11 de outubro, exatamente um mês após a partida, falece Moosbrugger, o infeliz médico de bordo, um dos 31 falecidos a bordo e a cerimônia fúnebre é feita por Bardy, já que não havia nenhum padre no navio. Muda o aspecto do céu, já agora meridional, em que se sobressai o Cruzeiro do Sul e não mais a Estrela Polar. As paisagens ficam mais lindas.

Surgem os pássaros migratórios, as aves de arribação, os sinais precoces de terra. Uma das andorinhas habitua-se tanto que vem comer nas mãos dos colonos. Em 25 de outubro, pela manhã, aparecem grandes aves pescadoras. Finalmente, em 4 de novembro de 1819, a Daphne transpõe a barra da Baía da Guanabara, aportando à tardinha. Consumira exatos 55 dias entre a saída de St. Gravendeel e a chegada ao Rio de Janeiro. Fora o primeiro navio da flotilha a partir, fora o primeiro a aportar e acabaria tendo o melhor desempenho de todos, tratava-se de um verdadeiro fita azul. Mais uma etapa vencida!⁴¹

A chegada ao Rio de Janeiro

A visão da Baía da Guanabara deve ter sido estonteante para os nossos ancestrais. Sua tão decantada beleza, que a faz uma das mais espetaculares maravilhas naturais da terra, sempre foi e é, apanágio seu. O entorno da enorme baía deve ter enchido os olhos de Jean-Claude, Marie, Antoine e Marieanne, com seus fortes e fortalezas (estrategicamente situados, inclusive a originalíssima Fortaleza de Lages, à entrada da estreita barra), com suas encantadoras praias de areias brancas (Urca, Botafogo e Flamengo), com sua monumental cadeia de montanhas (ressaltando-se os belíssimos Pão de Açúcar, Corcovado e Maciço da Tijuca), próximos e à esquerda, e os contornos sutis da Serra do Mar, longínquos e ao fundo. Ainda, à esquerda, a colina dotada da linda jóia que é a Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, a praia de Santa Luzia com a Igreja do mesmo nome à beira-mar, o Morro do Castelo, a Casa do Trem (Arsenal da Guerra, então, Museu Histórico Nacional, hoje), o Paço Real, o Chafariz da Pirâmide (obra prima do genial Mestre Valentim), as magníficas Igrejas do Carmo e a velha Catedral do Rio de Janeiro, o Morro de São Bento com o espetacular Mosteiro e Igreja Abacial de São Bento, tanta coisa!

A emoção da chegada deve ter sobrepujado todas as outras emoções dos nossos transmigrantes. Era esta a antevisão do Eldorado, do Novo Mundo, tão ardorosamente desejado e tão duramente conquistado!

O Inspetor da Colonização Suíça e principal executivo brasileiro do projeto, Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros, acompanhado pelas autoridades alfandegárias e sanitárias, subira a bordo da Daphne para recepcionar os suíços, já anoitecendo. Os colonos receberam laranjas e bananas, os frutos dos trópicos, pão, vinho e aguardente e todos comeram, beberam e confraternizaram. Uma excelente e calorosa acolhida, digna das melhores tradições luso-brasileiras.⁴²

Era sua primeira noite em terra firme brasileira e um turbilhão de sensações, de anseios, de sonhos, de interrogações, de inquietudes, de esperanças, de devaneios, de lassitudes, de saudades, de rememorações de alegres e tristes lembranças, tudo isto lhes aflorava à mente. E dormiram no navio ancorado no Cais dos Mineiros, saciados e exaustos, aliviados e felizes. Novo mundo, novo tempo, nova vida!

O então único jornal da Corte e primeiro publicado no Brasil (1808), "Gazeta do Rio de Janeiro", em seu número 89, de 6 de novembro de 1819, publicou o seguinte: "No dia 4 do corrente entrou neste porto a Galera Hamburguesa Daphne, vinda de Rotherdam com a mui breve viagem de 47 dias [sic], e, conduzindo 197 Suíços dos que Sua Majestade Houve por bem mandar vir para Colonos do agradável e fertilíssimo terreno de Nova Friburgo, em Morro-queimado, no districto da Villa de S. Pedro de Cantagallo, com as mais sábias e liberaes providências. Alem desses, vieram espontâneamente 26 Suíços na Galera Francesa, Constanca, chegada no mesmo dia de Havre de Grace."⁴³

Monsenhor Miranda preparara e mandara publicar o opúsculo "Itinerário para uso da colônia Suíça na sua jornada desde o Porto do Rio de Janeiro até Morro-queimado, no districto da Villa S. Pedro de Cantagallo".⁴⁴ Nele estava previsto que as 27 léguas ou 162 quilômetros que separam o Rio de Janeiro de Morro-queimado seriam cumpridos em 8 etapas e que aproximadamente metade do percurso seria marítimo e fluvial e a metade restante terrestre. No dia seguinte, após o desjejum já misto suíço-brasileiro, começou a faina do transbordo das pessoas e de seus bens para as chalupas que, cruzando a Baía de Guanabara, os deixariam no porto de Itambi, na realidade, então, um pequeno porto e engenho colonial de açúcar. Foram armadas 60 barracas ou tendas para os colonos saudáveis que aí permaneceriam 5 dias para descanso. Os suíços adoentados foram transportados por barcos, pelo Rio Macacu, até Macacu, onde num grande mosteiro foi improvisado um hospital para recebê-los.

Descansados da longa e estressante viagem, Jean-Claude Marchon, os seus e os demais companheiros de viagem, em barcos, empreendem o trecho Itambi-Macacu, completando desta forma a metade do percurso e dando por finda a etapa fluvial. Restava a etapa final, a ser cumprida por terra. Dormem em Macacu e, no dia seguinte, cedo, partem para a Fazenda do Colégio, num percurso de 18 quilômetros. As mulheres, as crianças e as bagagens seguiam em carros de boi, alguns homens em cavalos ou mulas e alguns outros a pé. "É com prazer que os colonos reencontram a terra, o elemento sólido. Chegando à Fazenda do Colégio deparam com outra realidade brasileira. Essa fazenda pertence a um proprietário imensamente rico, que possui mais de 300 escravos e um engenho de açúcar. Ali são bem recebidos, bebem a aguardente do país, a cachaça."⁴⁵ Dormem na propriedade e, no dia seguinte, partem em demanda de Campo de Sant'Ana, mas a maioria segue adiante, até a Fazenda do Coronel Ferreira, perfazendo assim 30 quilômetros num só dia, cumprindo, portanto, duas etapas. Atingem, então, o sopé da montanha, Cachoeiras do Macacu. "Durante o percurso, os emigrantes vão se apercebendo de uma nova relação entre o homem e a natureza: a imensidão do espaço, onde o europeu se sente pequeno e perdido. Notam também a fraca ocupação do solo no Vale do Macacu. É sempre a fazenda de açúcar, nem gado, nem café."⁴⁶

A partir daí, os carros de boi e os cavalos retornam, somente os escravos que carregam as crianças e as mulas que transportam as bagagens auxiliam os colonos na penosa e íngreme subida da Serra dos Órgãos, "através de uma picada muito precária em meio a terríveis precipícios e desertos imensos"⁴⁷ Está-se em plena floresta tropical atlântica. Atingem 1083 metros de altitude, um platô, atualmente posto da Polícia Rodoviária Federal, junto a Teodoro de Oliveira, onde são recebidos à noitinha por um tremenda tormenta tropical, com chuvas torrenciais, relâmpagos, trovões, intensa neblina, situação idêntica a que encontraram, em 1991, os participantes da Cavalgada Comemorativa dos 700 anos da Confederação Helvética, promovida pela Associação dos Descendentes e Amigos dos Imigrantes Suíços – DESAMIS, inclusive os cavaleiros Albino José Marchon Filho, Renato Engmann Marchon e João Cláudio Engmann Marchon, juntamente com cerca de 40 cavaleiros e amazonas, todos descendentes de transmigrantes suíços. Dormem em condições precárias.

Agora, os caminhos serão mais suaves, sem visões impressionantes de enormes desfi-

ladeiros, descerão cerca de 200 metros ao todo. Atingem a última parada, na famosa e poética Ponte da Saudade, assim designada porque até ela vinham os parentes e amigos despedirem-se dos que se dirigiam à Corte no Rio de Janeiro, local onde hoje se situa o moderno terminal rodoviário sul de Nova Friburgo. Boa parte dos colonos queimam esta derradeira etapa, dirigindo-se, imediatamente ao Morro Queimado, consumindo 11 dias (considerando-se também os 5 dias de descanso em Itambi), chegando a 15 de novembro de 1819 ao seu destino final. De 3 de julho a 15 de novembro, de Vuisternens-en-Ogoz a Nova Friburgo, em 105 dias ou 2520 horas, são vencidos os cerca de 12.000 quilômetros do percurso total. Hoje, o mesmo percurso, por rodovia, via aérea e rodovia novamente não demandaria mais de 16 horas!

Acabara-se, finalmente, o longo périplo terrestre, lacustre, fluvial, oceânico, fluvial e novamente terrestre. Certamente a viagem de suas vidas para Jean-Claude, Marie, Antoine e Marieanne, mas também, certamente, não obstante todas as tribulações, a viagem de seus sonhos.

Nova Friburgo, enfim!

De acordo com os dados do "Registro Geral da Colônia dos Suíços Estabelecidos em a Nova Friburgo em 1819", mantidos no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro:⁴⁸ (Doc. 13)

Doc. 13

Acerbo Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

Nome	Número pessoal	Número de matrícula oficial
Jean-Claude Marchons	651	601
Marie Chavannaz Marchons	654	604
Antoine Marchons	652	602
Marieanne Elizabeth Clerc	653	603
Marie Elizabeth Walmat	448	443

Observamos que o sobrenome de Jean-Claude, Marie e Antoine está grafado, erroneamente, com *s* final.

Morro-queimado, como se apresentou aos colonos, foi preparada por operários de Minas e de Macacu durante os meses de junho a dezembro de 1819 e dividia-se em 4 partes, seguindo o curso do Rio Bengala, de acordo com a planta de Queiroz. Ao pé do Morro-queimado ficava o Château du Roi, assim denominado pelos colonos, antiga sede da Fazenda do Morro Queimado, logo transformado em centro civil e religioso, na margem oeste do Bengala, onde hoje se situa o famoso Colégio Anchieta, construído pelos jesuítas em fins do século passado. Do outro lado do rio, estende-se Nova Friburgo, compreendendo cem casas repartidas por 3 bairros.⁴⁹ "As moradias dos colonos, ou seja, Nova Friburgo, formam três bairros. O primeiro compreende os 14 primeiros números; o segundo, dos números 15 ao 62 inclusive; e o terceiro, os restantes. As casas de cada bairro são contíguas, em grupos de dez, pelo menos..."⁵⁰ O primeiro bairro, de acordo com Nicoulin, era uma praça retangular, com as 14 casas dispostas em volta – é, atualmente, o bairro Paissandu; o segundo bairro compreendia 48 casas, correndo ao longo dos dois lados de um retângulo – é, hoje, a Praça Presidente Vargas, ponto central de Nova Friburgo; o último bairro, ao sul, com 38 casas – é, atualmente, a Praça Primeiro de Março. "Além dessas cem casas, havia em Nova Friburgo um armazém cheio de víveres, um açougue, dois pequenos moinhos, uma fábrica de telhas, dois fornos de padaria."⁵¹

A historiografia da emigração em pauta, em muitos pontos e por ter sido uma

transmigração oficial, dirigida, é extremamente prolixa, ao passo que em outros pontos, pura e simplesmente, é extremamente sumária ou inexistente. Por exemplo, a chegada de Jean-Claude e dos seus, os primeiros, deu-se em 15 de novembro de 1819, sendo que a dos últimos colonos ocorreu em 16 de fevereiro de 1820. Monsenhor Miranda dignou-se comparecer pessoalmente somente em 4 de março. E os colonos ficaram, estes meses todos, onde e fazendo o quê? Melhoraram substancialmente as condições sanitárias, principalmente do núcleo principal – onde morariam Jean-Claude e família, que era sujeito a freqüentes encharcamentos, retificando, aprofundando e desobstruindo os leitos dos córregos, abrindo canais e valas, facilitando sua afluência ao Rio Bengala. Plantaram árvores, criaram hortas, jardins e pomares, melhoraram as precárias habitações, enfim, realizaram uma pequena revolução urbanística.⁵² Somente em 20 de março Monsenhor Miranda começou a distribuir as cem casas pelos 1.668 colonos, resultando uma média, altíssima, diga-se de passagem, de 16,68 pessoas por casa. Auxiliado pelo Padre Joye e pelo médico Jean-Bazet, os quais, significativamente, ficariam com as casas 1 e 2, com apenas 1 habitante cada, não se sabendo por que a casa 53 permaneceria vazia ou por que a casa 10 somente teria 8 pessoas, disso resultando 1658 habitantes para serem distribuídos por apenas, agora, 96 moradias, aumentando a média para 17,27 habitantes por casa. Esta função, ademais, consumiu quatro dias, distribuindo-se a população desta forma: 202 no primeiro bairro (excluindo-se do cálculo os privilegiados moradores das casas 1, 2 e 10, restam 192 a serem repartidos em 11 casas, resultando em média 17,44 moradores por casa), 798 no segundo bairro (média 16,62), onde moraram Jean-Claude e os seus, e, finalmente, 668 no terceiro bairro (média 17,47).

E que casas! “A casa é de pedra e coberta de telhas ocas. Há janela sem vidraça, só com postigos. Dentro não existe soalho, pois segundo um colono o chão é de terra batida. Não há cozinha. Será preciso colocar o fogão do lado de fora. Construção leve e rústica que não protege das intempéries. Típica moradia das classes pobres do Brasil colonial. Ademais, as gravuras reforçam essa afirmativa: mostram senzalas. O espaço habitável, o que é muito mais importante, é composto de quatro pequenos cômodos. Entretanto, em cada um deles deverão viver mais de quatro pessoas.”⁵³

Jean-Claude, Marie, Antoine e Marieanne participaram da família número 41 da casa número 51, situada no núcleo principal, onde existe atualmente a Praça Presidente Vargas, com mais as seguintes pessoas: Jacques Folly, Marie e Françoise, Anne Elizabeth Berroud, Jacques Page, Joseph Lantheman, François Favre, Joseph Baudevin, Jean Wagner, Claude Stucky, Ulric Kolly e Jean Cosendey, totalizando 16 pessoas.⁵⁴

“No dia 30 de março de 1820, Monsenhor Miranda, uma das autoridades representantes do Reino, enviou Jean-Claude com mais dois conterrâneos [Ambroyse Engeler(sic) e Théodore Macharet], com os respectivos passaportes, para irem à fazenda do Coronel Ferreira nos registros da Serra, afim de apanhar os volumes dos suíços que moravam na vila.”⁵⁵

Em 31 de março de 1820, em carta ao então todo poderoso Intendente Geral da Polícia do Rio de Janeiro, Paulo Fernandes Vianna, assim se expressa Monsenhor Miranda: “Todo Domingo, a missa é cantada pelo pároco e por um excelente coro masculino. Os colonos assistem ao ofício divino com seu missal e rezam com muita devoção.”⁵⁶

Com a presença do Ouvidor da Comarca do Rio de Janeiro, Joaquim José de Queiróz, avô do grande Eça de Queiróz, e de Monsenhor Miranda, em 17 de abril de 1820, ocorre o assentamento simbólico do marco de fundação de Nova Friburgo. Uma grande festa cívica, com um destacamento de jovens suíços comandados pelo Coronel Schmid e pelo Tenente Voirol apresentando armas às autoridades. O Ouvidor preside às eleições, aliás nada democráticas, dos membros da primeira câmara municipal para o biênio 1821-1822. “Fogos, pífaros e tambores unem-se aos aplausos ao se erguer o marco de fundação... Houve um banquete na casa de inspeção onde se levantaram brindes a Sua Majestade. Foi um festim estupendo, muito

além do que se podia esperar de paragens recém civilizadas. Ao cair da noite os colonos dirigem-se ao palácio e lá, em presença de todos os dignatários e dos membros do novo governo municipal, realizou-se um baile no salão principal todo enfeitado: entre outros, um grande quadro com as armas de Portugal sustentado por Minerva e Ceres... Os colonos dançam à moda portuguesa e suíça ou cantam cantigas de sua antiga pátria.⁵⁷

Os primeiros meses em Morro-queimado foram muito difíceis para os nossos ancestrais. Depois das trapaças do conterrâneo Gachet e do francês Brémond, das delongas da partida, dos problemas da viagem, agora que enfim chegaram, ficam à espera das medidas administrativas de Monsenhor Miranda – muitas das quais deveriam e poderiam ter sido tomadas antes da chegada dos colonos. Este precioso tempo perdido, esta espera deve ter sido muito angustiante, acrescida da preocupação com as muitas mortes que continuaram ocorrendo nos primeiros tempos em Nova Friburgo. A situação chegou a tal ponto que o Dr. Júlio Feliciano de Castilho, ex-professor da Universidade de Coimbra, é mandado por D. João VI para investigar “in loco” a situação da colônia do ponto de vista médico-sanitário.

Feliciano, irmão do grande literato português Castilho, elaborou um relatório em que aponta as doenças adquiridas pelos colonos, principalmente na Holanda, como as responsáveis pelo avultado número de mortes ocorridas durante a estada na Holanda, durante a viagem transatlântica e já no Brasil nos primeiros meses (e isto a despeito do esforço brasileiro que equipou uma farmácia e manteve três médicos para cuidar dos colonos).

O Padre Joye desdobrava-se para dar atenção aos migrantes católicos, cerca de 90% dos colonos, pois o Padre Aeby afogara-se em Macacu, não logrando atingir Morro Queimado. O primeiro coadjutor de Joye será o padre carioca Miranda.

Outro problema religioso era a presença de 10% de colonos protestantes (vindos sem autorização real, mas incluídos por Gachet e Brémond) e, além do mais, as relações entre os colonos católicos e protestantes não eram nada boas, resquícios das verdadeiras guerras travadas entre uns e outros por longo tempo. Monsenhor Miranda tenta convertê-los ao catolicismo, sem muito êxito, pois a maioria continua fiel aos preceitos da fé protestante e a eles se juntarão, já em 1824, os emigrantes de origem alemã, constituindo um núcleo pioneiro e importante do protestantismo no Brasil.

No decorrer de março e abril foram realizadas conferências agrícolas para os suíços, contando com a presença de agricultores locais e praticamente nisso consistiu toda a preparação teórica para a função primordial a ser executada pelos colonos.

“No Domingo, 23 de abril, após a missa, os chefes de família reúnem-se. Havia sido colocados num saquinho 97 bilhetes. Na presença das autoridades portuguesas, cada chefe de família adianta-se, enfia a mão no saco e o bilhete que retira traz o número de seu lote. A sorte favorece ou desfavorece. Do ponto de vista jurídico, deve-se ressaltar que o lote de terra recebido passa a ser propriedade do colono, isento de qualquer ônus.”⁵⁸

Teoricamente, era satisfatória a área da pequena fazenda, mas ocorria, infelizmente, que as condições topográficas do terreno não eram boas, assim como também a qualidade da terra deixava muito a desejar. O famoso paralelogramo, medindo 3 léguas, isto é, 18 quilômetros de comprimento por 1 légua, isto é, 6 quilômetros de largura, foi dividido em 120 partes iguais, cada uma correspondendo a um lote colonial, que seria distribuído aos colonos, restando 20 como reserva técnica.⁵⁹ É evidente que a forma geométrica de divisão da terra, como a lamentavelmente adotada, não corresponderia às necessidades dos colonos, numa topografia tão irregular como a de Nova Friburgo, e ensejaria um sem número de reclamações, umas imediatas, outras menos imediatas, colocando em risco todo o projeto.

Jean-Claude Marchon na fazenda colonial 51

Jean-Claude Marchon, em 23 de abril de 1820, quando da distribuição dos lotes coloniais, foi aquinhoadado com a fazenda colonial número 51, distante em linha reta cerca de 8 quilômetros do centro de Nova Friburgo, em local montanhoso e inóspito, ainda hoje sem condições de exploração agrícola, como, aliás, boa parte dos lotes coloniais proporcionados aos colonos suíços.

Devidamente autorizados por Monsenhor Miranda, em 26 de abril, parte uma primeira leva de colonos armados, acompanhados por um guia, para visitar as terras, os proprietários das fazendas números 3 a 18; no dia 27, os das 19 a 38; no dia 28, os das 39 a 59 – Jean-Claude certamente dela participou, tratava-se de seu primeiro contato com sua terra; no dia 29, os das 60 a 79; finalmente, no dia 30, os das 80 a 100. Mas o reconhecimento não tinha corrido bem, porque os batedores não eram competentes e decidiu-se em 1 de maio fazer novo reconhecimento, com novos batedores. A 2 de maio parte a primeira leva, com o batedor Juliano de Santos Chaves, com os proprietários das fazendas 3 a 25, inclusive, sendo chamados sucessivamente, nos dias seguintes, os 26 a 50, 51 a 76 – Jean-Claude novamente participa, e, finalmente, 77 em diante, encerrando-se os trabalhos em 11 de maio.⁶⁰

Não se sabe com certeza a opinião de Jean-Claude sobre as terras que lhe couberam, mas parece certo que deve ter sido favorável, à primeira vista, ou não totalmente desfavorável, pelo menos. (Fig. 7)



Fig. 7 A localização, ao alto e à direita, da fazenda 51 de Jean-Claude Marchon, em vista tomada do cume da Pedra Riscada. Renato Engmann Marchon. 1998.

Em 10 de maio é dada autorização aos colonos para efetivamente tomarem posse de suas terras e começar os trabalhos. Jean-Claude deve ter sido dos primeiros a partir. Os colonos iam em grupos, carregando às costas ferramentas e víveres, seguindo um trajeto comum e que, à medida que chegavam em suas próprias terras, aí permaneciam e começavam a desbravar a floresta tropical. Jean-Claude certamente utilizou o método do Novo Mundo: abertura de uma clareira na floresta através da derrubada de árvores e da queimada, ou seja, a ferro e fogo. Em seguida, em regime de mutirão, levantou uma rústica habitação. Depois do

que deve ter retornado para Morro-queimado para apanhar Marie e mais víveres e ferramentas. E toca a trabalhar no amanho das terras. Como havia trazido sementes da Europa começou a plantá-las, pois estávamos no início do trabalho no campo, na estação seca. E, certamente, continuou a derrubada e a queimada, aumentando o espaço agrícola e ao mesmo tempo afugentando os animais bravios, que os havia em grande número. Em agosto ocorre a distribuição aos colonos das sementes de milho e de feijão preto e de mudas de videiras, seguidas, em setembro, de sementes de trigo. Mais derrubadas, mais queimadas e mais plantações. Era a primeira estação agrícola dos suíços no continente americano. E o tempo em setembro está úmido e tão frio que a 19 de setembro obriga os colonos a vestir roupas de inverno. Depois de 3 de outubro melhora o tempo e parece que as chuvas de setembro, que fazem brotar sementes em abundância, estão pressagiando boas colheitas.⁶¹ Em novembro ocorrem chuvas que não só impedem os trabalhos agrícolas como provocam o definhamento das culturas. As sementes brotam, mas não haverá colheitas e isto significa que a primeira safra agrícola redundará em fracasso. Os colonos, desolados, voltam para suas casas em Nova Friburgo.⁶²

Logo teremos o depoimento de Jean-Claude, assim tratado por Nicoulin: "Alguns estão decepcionados, mas não desencorajados. Este grupo ainda acredita nas possibilidades agrícolas de Nova Friburgo. É o que acontece com Jean-Claude Marchon que indaga do inspetor sobre a possibilidade de mudar de terra. Pois [textualmente] agora sabe por experiência que sua fazenda de número 51 é estéril e, no entanto, ele já gastou mais de 1.500 francos para pô-la em condições ... e pede a troca de sua Fazenda por outra à direita da estrada que conduz à Fazenda do Francisco e que pertence à concessão feita à Fazenda do Perisset."⁶³

Em resposta a esta e a outras solicitações no mesmo sentido, Monsenhor Miranda cria, em 7 de dezembro, uma comissão que deverá informar sobre a mudança de terras.⁶⁴

Em 20 de novembro de 1820 seu irmão Antoine casa-se com Marieanne Elizabeth Clerc, filha de Pierre Clerc. Nasce, em 10 de junho de 1821, o primeiro filho de um total de 8, Antoine-Joseph Marchon que se tornaria, portanto, o primeiro varão Marchon nascido no Brasil. Jean-Joseph Marchon, nascido em 17 de dezembro de 1822, casou-se, em 4 de setembro de 1850, com Luíza Curty, filha de Jean-Joseph Curty e de Marie Françoise Bard, nada mais se sabendo dele. Marie-Elizabeth Marchon nasceu em 15 de outubro de 1824, e em 2 de outubro de 1843 casou-se com Gaudêncio Augusto Paes, natural de Viseu, Portugal e tiveram 8 filhos: Antônio Leão Paes (21 de novembro de 1849), Maria Agostinha Paes (12 de fevereiro de 1852), Victorino Paes (nascido em 14 de fevereiro de 1855 e falecido em 22 do mesmo mês e ano), José Paes (gêmeo do precedente, nascido em 14 de fevereiro de 1855 e falecido em 23 de fevereiro de 1855), Augusto Jacob Paes (nascido em 12 de junho de 1856, possivelmente ter-se-ia casado com Elisa Liodat), Maria da Glória Paes (nascida em 1 de maio de 1862), Adelina Paes (gêmea da precedente, nascida em 1 de maio de 1862) e Maria Carolina Paes (em 17 de maio de 1864). Marie-Josephine Marchon, batizada em 17 de abril de 1827, casou-se em 9 de outubro de 1843 com Lazare-Marius-Antoine Sardoux, natural de Marseille, França, filho de Antoine Sardoux e de Madeleine Blanchifleur e tiveram 5 filhos: João Maria Antônio Sardoux (nascido em 2 de dezembro de 1846, casado, falecido em 29 de dezembro de 1904), Maria Henriqueta Antônia Sardoux (nascida em 5 de junho de 1850, falecida em 23 de fevereiro de 1854), Lázaro Mário Antônio Sardoux (nascido em 20 de maio de 1852), Adela Sardoux (nascida em 6 de junho de 1854) e João Mário Sardoux (nascido em 3 de julho de 1858 e falecido em 30 de agosto de 1865).⁶⁵ E, finalmente, a caçula de Antoine e Marieanne Elizabeth, Marie Emilie Marchon (nascida em 18 de dezembro de 1829). "Este ramo da família Marchon no Brasil, quer seja pelo número menor de descendentes, quer seja pelo fato de haver Antoine Marchon deixado menos evidência de sua passagem, permanece algo obscuro, não obstante haver, comprovadamente, a existência de pelo menos netos do casal em Nova Friburgo."⁶⁶

Mas, nesta mesma época, a maioria dos colonos está muito desanimada, alguns inclu-

sive entregando-se à ociosidade, ao álcool, à baderna, havendo uma evidente deterioração social em Nova Friburgo, momento em que Monsenhor Miranda, receando que “sobrevênham catástrofes”, pede demissão.⁶⁷ Ressalte-se que o pedido de demissão de Monsenhor Miranda, muito embora num momento crítico da colônia, foi ótimo para esta, pois se tratava de um diretor de colonização que desde o começo se revelara desonesto, incompetente, prepotente, inepto e omissor.

Em janeiro de 1821, em assembléia no Château, os colonos decidem criar uma comissão de cinco membros para ir à Corte apresentar as suas reivindicações, composta do padre Joye, do chefe de polícia de Nova Friburgo Quévremont, francês, do médico de Nova Friburgo Dr. Bazet, também francês, de Thorin, colono de Friburgo e de Schmid, colono de Soleure. Reivindicam-se, apenas, novas e melhores terras, aumento dos subsídios em 1 franco no ano de 1821 e o envio de algumas bestas de carga. Somente seguem para o Rio em 15 de fevereiro e retornam em 4 de março, apenas com a promessa, ainda de Monsenhor Miranda, de mudança de terras (idéia que já tinha sido aceita em dezembro, em resposta, entre outras, à solicitação de Jean-Claude) e nada mais.⁶⁸

A crise na colônia coincide com a crise na monarquia luso-brasileira, deflagrada pela revolução liberal do Porto e por suas repercussões em Lisboa e no Brasil, e que irá provocar o retorno de D. João VI e mais 3.000 portugueses – inclusive Monsenhor Miranda – a Lisboa, o que ocorrerá a 26 de abril de 1821.

A partir de março de 1821 nenhum subsídio será pago aos colonos e a colônia entra em perigosa apatia. Um conterrâneo suíço, Pierre Schmidmeyer, visita Nova Friburgo para observá-la, pois estava em negociações com o governo chileno para lá fazer algo semelhante, mas se assusta com o estado da colônia, desiste do projeto com o Chile, transforma-se, até, em filantropo da mesma e criador da Sociedade Filantrópica Suíça do Rio de Janeiro e assim fala do pequeno grupo de suíços que trabalhava suas fazendas em Nova Friburgo: “É nas fazendas que se constata o espírito de trabalho e a habilidade característica dos suíços. Lá, os colonos com ou sem a família fazem ao mesmo tempo o trabalho do dono, dos capatazes e dos negros.”⁶⁹

A Sociedade Filantrópica Suíça, impulsionada por Pierre Schmidmeyer, que se tornou seu grande propagandista, mobiliza alguns suíços do Rio de Janeiro, de Londres, da própria Suíça, da Igreja e inclusive o próprio Papa Pio VII, Barnabá Gregorio Chiaramonti (que doara 3.333 francos), conseguindo arrecadar uma importância considerável, da ordem de mais de 100.000 francos, para diminuir as vicissitudes de certos membros da colônia. Estes membros da colônia eram, principalmente, as famílias que tinham perdido seus chefes, como foi mostrado atrás, e as famílias expurgadas por certas autoridades suíças, ao ensejo da transmigração e que realmente passaram terríveis dificuldades em Nova Friburgo.⁷⁰

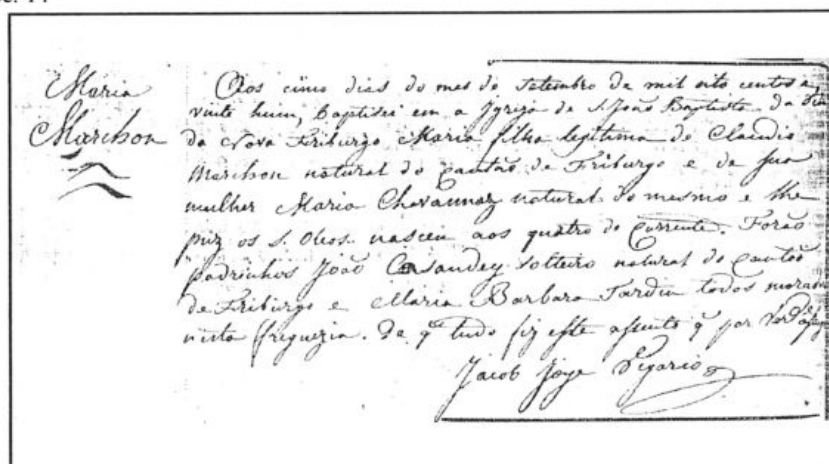
Riédy e Thérémín, comissários delegados da Société Philanthropique Suisse de Rio de Janeiro, visitam a colônia para melhor conhecê-la, distribuem víveres e algum dinheiro aos necessitados, fazem uma coleta de víveres entre os colonos com situação mais folgada, Jean-Claude Marchon tendo sido um dos doadores. Aliás, Jean-Claude Marchon é textualmente citado no relatório da Société: “Claude Marcheron [sic] é incluído entre os colonos satisfeitos, realizados, de posição cômoda.”⁷¹ Anos depois, em outro relatório da mesma Sociedade, os Marchons, os Balmats e outras famílias são citadas: “Não há regra sem exceção, não nos admiramos existirem em Nova Friburgo e cercanias, alguns colonos que, após anos de trabalhos foram bem sucedidos, citando-se então, entre os de Macaé as famílias Jaccoud, Poubel, Boichat (sic), Magnin, Bersot, Miserez, Wermelinger, Tardin, Marchand [sic]; alguns outros progrediram no seguro comércio como os Froissart, Clerc, Grandjean, Balmat.”⁷² O papel desta sociedade foi extremamente complexo e seu julgamento é, também, extremamente difícil.

Premido pela gravíssima crise institucional do Brasil, somente em 29 de agosto de

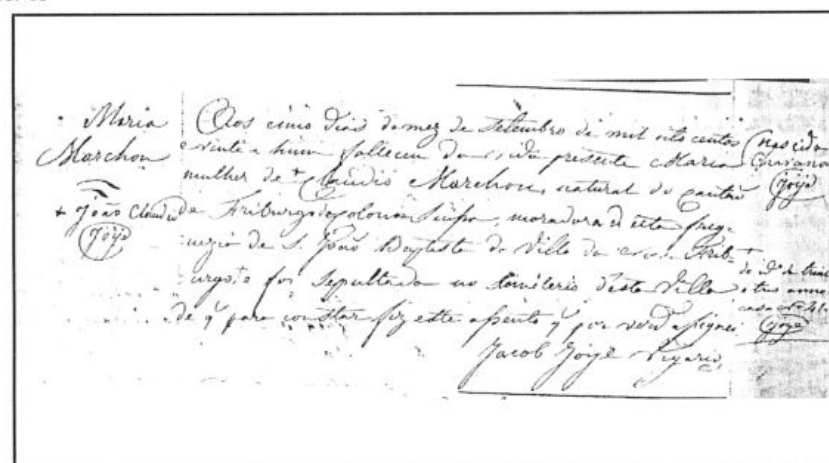
1821, o Príncipe Regente decide voltar a pagar os subsídios aos suíços, autoriza-os a deixarem Nova Friburgo e dá-lhes a promessa formal de novas terras gratuitas, no distrito de Nova Friburgo e arredores e, mais ainda, nomeia o Coronel João Vieira Carvalho, mais tarde Marquês de Lages, como diretor da Colônia. Os colonos exultam com as novas, que representam o fim do despotismo e do arbítrio e Joye afirma textualmente “que o reino dos opressores terminou.”¹⁷³

Em janeiro de 1821 Marie e Jean-Claude ficam sabendo que vão ser pais e se dedicam aos afazeres da pequena propriedade, na expectativa da mudança para terras melhores. Marie, em 4 de setembro, dá à luz Maria Rosalina Marchon, primeira mulher Marchon brasileira, mas, lamentavelmente Marie falece no dia seguinte, 5 de setembro, tornando-se a primeira Marchon a morrer em território brasileiro, de complicações pós-parto, extremamente comuns à época. (Docs. 14 e 15)

Doc. 14



Doc. 15



Maria Rosalina Marchon foi batizada na Igreja de São João Baptista em Nova Friburgo em 5 de Setembro de 1821, sendo padrinhos Jean Cosandey e Marie Barbare Tardin. Casou-se em 20 de Julho de 1840, com Henri Monnerat, filho de François Xavier Monnerat e de Elizabeth Kohler, de Cornol, BE. Pais de : Antônio José Maria Monnerat, casado com Júlia Wermelinger Monnerat, João Henrique Monnerat, casado com Maria Cândida Veiga Monnerat, Luiz José Marchon Monnerat, casado com Regina Maria Monnerat Lutterbach Lemgruber, Anna Maria Regina Monnerat, casada com Sebastião Monnerat e Maria Monnerat, casada com Leopoldino Fernandes Barrozo.⁷⁴

Jean-Claude vê-se, desta maneira, às voltas com uma situação pessoal e familiar muitíssimo aflitiva – viúvo e com uma filhinha recém-nascida. Certamente sua cunhada Marianne Elizabeth e seu irmão Antoine o auxiliaram, pois moravam na mesma casa 51, assim também a madrinha e o padrinho de Maria Rosalina, Marie Tardin e Jean Cosandey.

Uma semana antes destes acontecimentos extraordinários e contraditórios da vida, como o nascimento da filha e o falecimento da esposa, exatamente em 29 de agosto, o Príncipe Regente se voltava para a Colônia dos Suíços e determinava o atendimento de pretensões como as do próprio Jean-Claude, no sentido de melhores terras para cultivar.

No ano seguinte Jean-Claude mudaria para as terras do Macaé de Cima, precisamente para o que transformaria em seu feudo e dos Marchons até hoje, Pedra Riscada – de nome mágico!

Pedra Riscada era, então, nada mais nada menos que a floresta atlântica tropical brasileira ainda não afetada pela civilização. Situa-se na vertente oriental da Serra do Mar, a cerca de 700 metros de altitude, sendo que o pico da Pedra Riscada, em cuja base ficava sua propriedade, alcança 1348 metros, sendo inclusive, quando o tempo o permite, visto desde o mar, a muitos e muitos quilômetros de distância. Jean-Claude encontrou, nas serranias do Macaé, uma terra fria, com vales e rios, inexplorada pelo homem. Nas proximidades havia alguns quilombolas, estabelecidos desde cerca de 1810, e também havia índios puri que faziam incursões, algo assustadoras, nas redondezas.

O capaz, probo e diligente Diretor Coronel João Vieira de Carvalho, “tendo obtido do Príncipe Regente a autorização de 10 de novembro de 1821 distribuiu nestas novas paragens lotes de terrenos a todos aqueles colonos que tinham sido menos favorecidos pela sorte.”⁷⁵

“As imensas possibilidades que ofereciam estas terras tinham já chamado a atenção de especuladores à cabeça dos quais se encontrava Natanael Lucas que tinha formado uma Sociedade para aquisição dos terrenos incultos e tinha em consequência solicitado a concessão destas terras. As hábeis medidas tomadas pelo Diretor da Colônia, consistindo num rápido desflorestamento do solo inculto e na construção de algumas casas de habitação, puderam impedir em grande parte estes projetos.”⁷⁶

Delimitado o núcleo, escolhida a localização da fazenda, já agora propriedade exclusiva de Jean-Claude, era tocar a trabalhar. E Jean-Claude não se fez de rogado e abriu uma clareira na floresta, escolheu o local para construção da casa de colono, o que foi feito em regime de mutirão com outros imigrantes, desbravou a floresta em torno, promoveu o afastamento dos animais, alguns dos quais bravios, entre os quais se incluíam: onças, capivaras, queixadas, porcos do mato, pacas, cotias, macacos, macucos, inhambus, jacus, pombas, jararacuços, pássaros, enfim, exemplares variados da riquíssima fauna brasileira. Obviamente apreenderam logo os requintes culinários da nova terra, passando a deliciar-se com as carnes de caça, saborosas e algumas exóticas, e, desta forma, resolviam o problema crucial das proteínas animais para a alimentação. Da também riquíssima flora local se acostumaram logo a tomar partido, não só enriquecendo a alimentação, com frutos, frutas e legumes, mas também utilizando seus princípios medicinais. Houve, portanto, uma adaptação às possibilidades agrícolas do Brasil, como também tiveram de adaptar seus conhecimentos de agricultura. Por exemplo, para desbravar a floresta atlântica, muitíssimo

diferente da encontrada na Suíça, era necessário proceder à derrubada e à queimada, isto é, fazê-lo a ferro e fogo. A seguir seriam implantadas culturas de subsistência e o principal produto seria, e nem poderia ser de outra forma, o café. A fazenda da Pedra Riscada, pela localização, como a maioria das fazendas brasileiras de então, necessariamente era auto-suficiente e isto implicava na produção própria de cereais e de produtos de horticultura e fruticultura, na criação de aves, de porcos, de vacas de leite e de bois de corte, na fabricação de manteiga e queijos, na confecção de embutidos e de defumados. E, paralelamente, ocupava-se Jean-Claude no aumento da ocupação efetiva e mais rentável do espaço agricultável, isto é, no domínio do homem sobre a terra, no caso específico de Jean-Claude, na implantação da cultura cafeeira. Monteiro Lobato, o grande escritor brasileiro, intelectual destemido, grande editor, que também foi fazendeiro, descreve de maneira extraordinária a luta do homem com a terra: "Quando adquiri esta gleba, tudo era mata virgem, de ponta a ponta. Rociei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei valas, estiquei arame, construí pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café – fiz tudo. Trabalhei como negro cativo durante quatro anos a fio. Mas venci. A fazenda está formada, veja! (...).

Tirar uma fazenda do nada é uma proeza formidável. Alterar a ordem da natureza, vencê-la, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as forças de acordo com um plano pré-estabelecido, dominar a réplica eterna do mato daninho, disciplinar os homens da lida, quebrar a força das pragas... batalha sem tréguas, sem fim, sem momento de repouso e, o que é pior, sem a certeza plena da vitória."⁷⁷

Em 24 de fevereiro de 1822, isto é, logo após o Dia do Fico – 9 de janeiro de 1822 e pouco antes da declaração da Independência do Brasil, Jean-Claude e Antoine, juntamente com os outros chefes de famílias emigradas, subscreveram a carta que a seguir transcrevemos.⁷⁸ (Doc. 16)

Doc. 16

Príncipe Regente

Os colonos suíços, animados pelo reconhecimento e respeito pela Dinastia de Bragança, junto ao desejo de ver a paz se estabelecer neste país, ousam fazer submeter à Vossa Alteza os sentimentos dos quais são impregnados: embora vivendo no país e estranhos a tudo que está fora de sua frente, e da vida agrícola, eles são sabedores que o espírito de insubordinação pretende provocar uma guerra civil; o que está ressoando até nossas montanhas, honrados e zelosos de merecer o nome de Portugueses adotivos, que nós portamos, nós temos decidido em comum acordo de fazer chegar aos Pés de Vossa Alteza Real, por intermédio de nosso Diretor (Praz a Deus que ele tenha estado antes entre nós) o oferecimento o mais ilegível de nossos braços. = Nós iremos contentes para a defesa de Vossa Alteza e do país e nós nos uniremos para este fim aos que compartilham nossos sentimentos, para vingar a boa causa ou para terminar nossos dias, sob a Bandeira de Vossa Alteza, cumprindo uma obrigação que nós não podemos negligenciar, sendo homens e cidadãos Portugueses, embora adotivos;

PRÍNCIPE!

Nossos sentimentos são puros e serão sempre acompanhados da divisa, honra e reconhecimento ao mais justo e ao mais generoso dos Príncipes.

Seguem-se as assinaturas de todos os chefes de família da colônia.

Veio acompanhada de um ofício do Coronel Diretor da Colônia de 24 de fevereiro de 1822.

Verifica-se, portanto, que ainda recentemente chegados ao Brasil, a maioria, diríamos até a totalidade, dos colonos suíços, mas já então também brasileiros, verificando o estado das lutas políticas do país com a ex-metrópole, “o que está ressoando até nossas montanhas”, tomam partido ao lado dos verdadeiros brasileiros. Dirigem-se ao Príncipe Regente, declarando-se “estrangeiros a tudo o que está fora de sua frente e da vida agrícola” e conscientes de que o espírito de insubordinação está incitando uma guerra civil, colocam-se decididamente ao dispor do Príncipe para lutar de armas em punho em defesa do país, “para vingar a boa causa ou terminar nossos dias”. Creemos que foi uma atitude coerente e digna a dos colonos suíços, demonstrando, cabalmente, não se furtarem à batalha pelo domínio da ex-colônia, agora, também, sua nova pátria e a de seus pósteros. Não há registro na história das lutas pela independência do Brasil da formação de um batalhão suíço ao lado das forças do Príncipe D. Pedro, o que certamente foi julgado dispensável por D. Pedro, que, de qualquer forma, deve ter-se rejubilado pelo apoio recebido em hora tão crítica.

Em 21 de abril de 1823 casa-se Jean-Claude, em segundas núpcias, com Marie-Anne Elizabeth Balmat (Marieanne Elizabeth Neuve Balmat), em Nova Friburgo, diante do Padre Joye, sendo padrinhos Antoine Marchon e François Dionisie Tinguely, e serão aclamados, em 1990, isto é, 167 anos mais tarde, Patronos da Associação da Família Marchon, sendo, ademais, considerados o Patriarca e a Matriarca de todos os Marchons do Brasil que portam o sobrenome Marchon.⁷⁹ (Doc. 17)

Doc. 17

Handwritten document in French, likely a marriage record or legal document, signed by Jean-Claude and Marie-Anne Elizabeth Balmat. The text is written in cursive and includes names of witnesses and the officiant.

Jean-Claude contava, então, 29 anos e Marie-Anne Elizabeth, 18 anos. Ela era filha de André Balmat e de Françoise Zurkinden Balmat, ambos de Semsales, FR, Suíça, e toda a família, os pais, Marie-Anne, Alexandre, Mariette, Pierre e Jacques, respectivamente de 50, 30, 13, 11, 8, 5 e 2 anos, participara da transmigração de 1819, bem como os tios e primos Joseph, Marie, Marie, Fanchette, Jean, Françoise, Cathérine, Claudine e François, todos de Semsales, respectivamente com 44, 41, 12, 11, 10, 9, 7, 5 e 2 anos de idade.(Fig. 8)

Viajaram os Balmats pelo Urania, que partiu de St. Gravendeel, em 12 de setembro de 1819 e chegou ao Rio de Janeiro em 30 de novembro, levando portanto 80 dias para cumprir o trecho oceânico, tendo falecido e tido o mar por sepultura 107 de seus 407 passageiros, com uma taxa de mortalidade altíssima, de mais de 25%, somente comparável à dos navios negreiros de então.⁸⁰

Segundo o “Registro Geral da Colônia dos Suíços Estabelecida em a Nova Friburgo no ano de 1819”⁸¹ André Balmat tinha o número pessoal 476, a matrícula oficial 441, Françoise

477 e 442, e Marie-Anne, 478 e 443, respectivamente, tendo sido sorteados para a casa número 15 e para o lote colonial 97.

Jean-Claude e Marie-Anne Elizabeth tiveram 14 filhos, 10 homens e 4 mulheres, dos quais descendem todos os Marchons que portam este sobrenome no Brasil, levando-se em conta que os descendentes de Antoine, em determinada altura do século XIX, ficaram desprovidos de filhos varões.



Fig. 8 - Marie Anne Elizabeth (Neuve) Balmat Marchon, matriarca dos Marchons, vestida com pompa e circunstância, à moda da época. Cerca 1860. Acervo do Autor.

Maria Luísa Marchon, a primogênita, nascida na Fazenda da Pedra Riscada, em 16 de junho de 1824, batizada pelo Padre Jacob Joye em 23 de junho de 1824, sendo padrinhos Manoel José de Souza e Marie Balmat, casou-se em 18 de abril de 1849 com Jacob Berbert, filho de Peter Berbert e de Marguerite Umstätter, imigrantes alemães. Tiveram os seguintes filhos: Leão Eduardo Berbert, nascido em 23 de fevereiro de 1850, Maria Rosália Berbert, em 2 de julho de 1851, João Pedro Berbert, em 10 de agosto de 1852, Carlos Theodoro Berbert, em 3 de novembro de 1853, Felipe Berbert, em 4 de novembro de 1854, Henrique Berbert, em 18 de março de 1856, Paulina Adela Berbert, em 29 de junho de 1857, João Celestino Berbert, em 22 de março de 1859 e batizado no Oratório da Fazenda da Pedra Riscada em 17 de agosto de 1859, Sophia Augustina Berbert, em 26 de novembro de 1860, Luiz Adão Berbert, em 24 de dezembro de 1861 e, finalmente, Matildes Elizabeth Berbert, em 4 de maio de 1864.⁸²

François-Xavier Marchon, primeiro filho varão de Jean-Claude, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 15 de novembro de 1825, batizado em 8 de dezembro de 1825 pelo padre Joye, sendo padrinhos François Musy e Marie Claire Curty. Casado em 20 de julho de 1852, com Marie Joséphine Jaccoud, filha de Jean-Pierre Jaccoud, de Fiaugères, e de Anne Marie Rose Robadey, de Grandvillard, e neta da viúva Nanette Jaccoud, de Fiaugères. Tiveram 4 filhos: Pedro Afonso Marchon, nascido em 13 de julho de 1854, João Paschoal Marchon, em 23 de junho de 1856, Francisca Isabel Marchon, em 28 de janeiro de 1860 e falecida em 9 de janeiro de 1863, e Francisca Elvira Marchon, em 13 de março de 1865.⁸³ Segundo Cecília Marchon Bragança Santos, tiveram ainda Clemência Jaccoud Marchon.⁸⁴ Com o falecimento de Marie Joséphine, François-Xavier Marchon casa-se com Marie Emilie Oberländer (Figs. 9 e 10), filha de Gottlob

Friedrich Oberländer e de Annemarie Schmidt, alemães, casados em 3 de junho de 1830 em Nova Friburgo; tiveram 3 filhos. Luiz Oberländer Marchon, nascido em 1868, faleceu solteiro, tendo tentado duas vezes casar-se com Emerenciana da Silva Marchon, uma delas antes dela casar-se com seu irmão Emílio Oscar Marchon e outra depois, já viúva deste. Emílio Oscar Marchon, nascido em 1869, casou-se em 1888 com Emerenciana da Silva Marchon, nascida em 12 de maio de 1872, viúva em 1894, falecida em Cachoeiro de Itapemirim, ES, em 30 de março de 1962. Emílio Oscar e Emerenciana tiveram 3 filhos: Eurico Marchon, nascido em 10 de maio de 1890, casado em 26 de junho de 1914 com Georgeta Mariana Gerhard Marchon, filha de Pedro Carlos Gerhard e de Paulina Altina Egger Gerhard, descendentes de migrantes alemães; Durval Marchon, nascido em 1892, em Bom Jardim, RJ, casado em 1910 com Maria Cordoeira, filha de Manoel Cordoeira e de Amélia Cordoeira e tendo 2 filhos homens, Nilton e Neide, que se casou com Dadina da Silva, tendo com esta 4 filhos: Deusadeth Maria, Durval, Dione Maria e Antônio; e, finalmente, Laura, nascida em 1894 com o pai já falecido e que logo faleceu, aos sete anos de idade. Totota, a última filha de François-Xavier Marchon, nascida em 1870, casou-se com um parente de Manoel Caetano e tiveram 2 filhos: Maria Isabel (que era muda) e Lourival.⁸⁵



Fig. 9 – François-Xavier Marchon, primeiro filho varão de Jean-Claude Marchon e de Marie Anne Elizabeth (Neuve) Balmat Marchon. Acervo do Autor. Cerca 1870.



Fig. 10 – Marie Emilie Oberländer Marchon, segunda esposa de François-Xavier Marchon. Acervo do Autor. Cerca 1870.

André Cyprien Marchon, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 14 de setembro de 1827, batizado em 5 de dezembro de 1827 pelo padre Joye, sendo padrinhos André Balmat e Françoise Zurkinden Balmat, casou-se em 14 de junho de 1858 com Maria Francisca Curty, filha do falecido Jean-Joseph Curty, de La Roche, FR e de Marie Françoise Bard, de Semsales, FR, Suíça. (Fig. 11) Em 1862, estiveram algum tempo na Suíça, aparentemente para contatar os parentes de ambos e para obter a cidadania suíça também para ambos, o que conseguiram conforme apresentamos.⁸⁶(Doc. 18)

Doc. 18

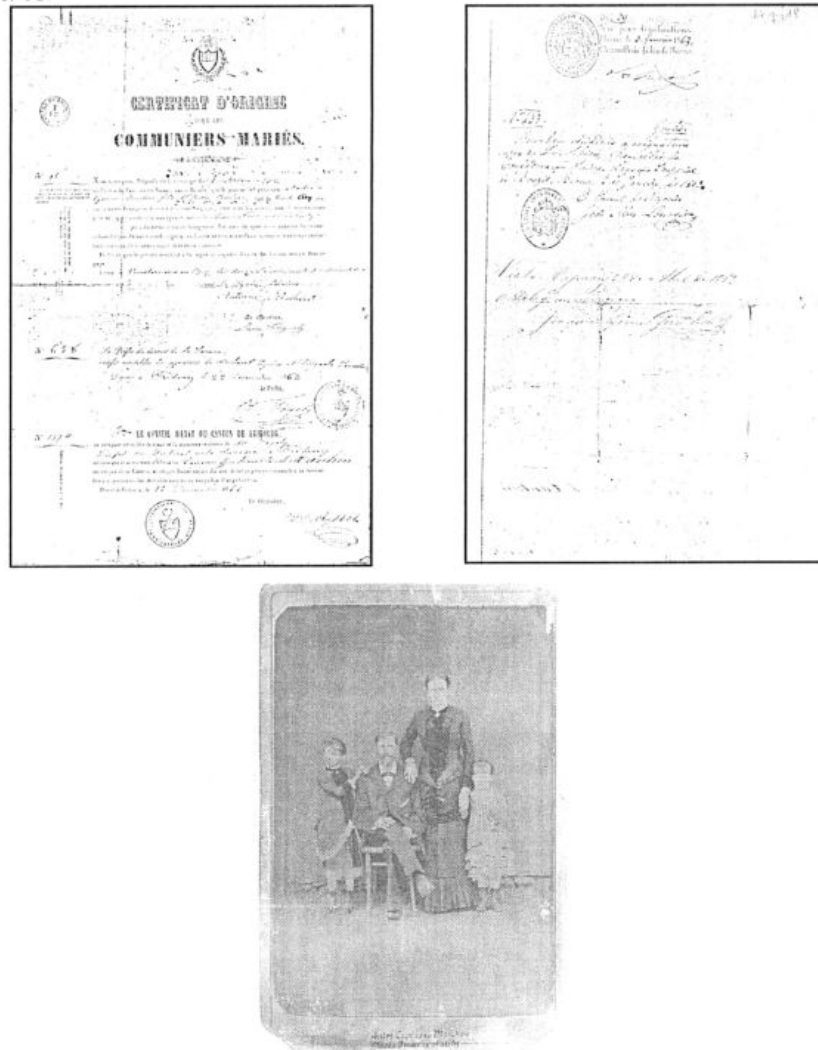


Fig. 11 - André Cyprien Marchon e Marie Françoise Curty Marchon e 2 filhas, possivelmente Eugênia Constância e Alice Elvina. Acervo do Autor. Cerca 1870

Tiveram os seguintes filhos: Maria Curty Marchon, casada com o tio Carlos Maria Marchon (ver descendência mais adiante); João Luiz Marchon, casado com Beatriz Ferreira de Souza, com 7 filhos: Accedina Marchon, casada com Antônio Borges, Ediláudia Marchon, casada com o primo Meneleu Marchon, Edmée Marchon, casada com Luiz Augusto Victer, Ibérica Marchon, casada com Godofredo Custódio e, em segundas núpcias, com Francisco Cardoso, Alpheu Ozório de Souza Marchon, casado com Gertrudes Barros, pais de Dulce Marchon Soares, Clarice Marchon Magalhães, Yvette Marchon Moura, João Luiz Marchon e Ariza Marchon; Dinamérica Marchon, casada em primeiro matrimônio com Alcidimiro Gerhard e em segundo com Ulisses Moraes, e Irineu Marchon, casado com Alzimira Souza Marchon; Eugênia Marchon, que se casou com Luiz Lamas, nascendo, então, Esmeralda, por sua vez casada com Mário Vasconcelos; Emília Alzira Marchon, casada com Francisco Gonçalves, pais de: Vilibalde, Adalgisa, casada com Antonino Cardoso, Doralice, casada com Euzébio Silva, Olga, casada com Erotildes Silva, Waldemar, casado com Isaura Nascimento, Oswaldo, casado com Etelvina de Souza, Walter e Francisca, solteiros; Joaquim Belmiro Marchon, casado com Olívia Gonçalves, tiveram 13 filhos: Maria Olívia, faleceu recém-nascida, Cláudio Marchon, solteiro, Onorina Marchon casou-se com Custódio Rezende, Noêmia Marchon casou-se com Aurélio Souza, Agenor Marchon casou-se com Amenaide Tardelli, Joaquim Marchon casou-se com Zilda Lacerda, Olívia Marchon, solteira, Maria Marchon casou-se com Armando Alves, Ercília Marchon casou-se com Joaquim Araújo, Cecília Marchon casou-se com Lourival Marchon Victer, Ilda Marchon casou-se com Célio Ribeiro, Sílvio Marchon casou-se com Dinira Heringer, e Hilton Marchon casou-se com Dircelêa Heringer; Alice Elvina, casada com o primo Plácido Marchon Valentim, pais de Maria Marchon, casada com Manoel Marinho Leão e de Cecília Marchon casada com Manoel Bragança Santos, sendo, pois, estas duas duplamente Marchon, tanto pelo lado paterno como pelo lado materno; Camilla Evangelina, casada com Aristides Francisco da Silva, tendo os filhos: Hilda, casada com Frôes Brandão da Silva, pais de Álvaro e Flora Marchon Brandão da Silva; Nair, casada com João Varela Santos; Maria, casada com Pedro Batista; Nadir e Aristides, solteiros; e Luciano Augusto Marchon, casado com Maria Amélia Amaral, tiveram 3 filhos: Álvaro, Simonides, solteiros e Herondina, casada com Melchiades Motta.⁸⁷

Tiago Basílio Marchon, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 14 de junho de 1829, batizado em 19 de julho de 1829, sendo padrinhos Tiago Guichard e Maria Esseiva, casou-se em 8 de outubro de 1855 com Maria Isabel Tardin, filha de Antoine Tardin, de La Roche, FR e da falecida Marie Genilloud, de Bulle, FR. O casal teve, pelo menos, uma filha: Maria Antônia Marchon, nascida em 25 de novembro de 1856.⁸⁸

Antônio Leôncio Marchon (Fig. 12), nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 8 de junho de 1831, batizado em 13 de outubro de 1831, sendo padrinhos Antoine Marchon e Marieanne Elizabeth Clerc Marchon, casou-se em 1 de dezembro de 1854 com Maria Amélia Jaccoud, filha de Vincent Jaccoud, de Fiaugères, FR, e Cathérine Balmat, de Semsales, FR. Tiveram 6 filhos: Maria Celestina Leontina Marchon, nascida em 14 de novembro de 1855, Eugênio Eduardo Marchon, em 25 de abril de 1858, Augusto Ernesto Marchon, em 6 de dezembro de 1860, Luiz Emílio Marchon, em 21 de julho de 1862, Adelaide Marchon, em 22 de novembro de 1864 e Eugênia Mathildes Marchon, em 11 de novembro de 1867.⁸⁹

Felipe Marchon, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 25 de julho de 1832 batizado pelo padre Joye, sendo padrinhos Felipe De Roure e Michaela de Abreu De Roure, casou-se em 17 de agosto de 1859 com Maria Adela (ou Adélia) Balmat, filha de Pierre Balmat, de Semsales, FR e Maria Luísa Perrisset Balmat, já nascida no Brasil. O casal teve, pelo menos, 6 filhos: Joaquim Félix Marchon, nascido em 30 de maio de 1860, Luiz Pedro Marchon, em 5 de fevereiro de 1862, Maria Angélica Marchon, em 18 de outubro de 1863, Henrique Evaristo Marchon, em 14 de março de 1865, Maria Deolinda Marchon, em 5 de abril de 1866 e João Augusto Marchon, em 25 de dezembro de 1867.⁹⁰



Fig. 12 – Antônio Leôncio Marchon e François-Xavier Marchon ladeando o estandarte da Suíça.
Acervo do Autor. Cerca 1860.

Cláudio Eduardo ? Evoire ? Marchon, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 17 de dezembro de 1833, batizado em 31 de março de 1834, sendo padrinhos Cláudio Stucki e Margarida Rime Stucki. É lendária na família sua viagem a cavalo da Pedra Riscada ao Rio Grande do Sul, onde faleceu, solteiro, em 13 de fevereiro de 1857, estando sepultado no cemitério de José Carvalho.

Pedro Celestino Marchon, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 29 de abril de 1835, batizado em 1 de julho de 1835, sendo padrinhos Pedro Celestino Guibert e Francisca Balmat, casou-se com Emília Guimarães.

Augusto Marchon, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 21 de dezembro de 1836, batizado em 10 de setembro de 1837, sendo padrinhos Pedro Balmat e Maria Luíza Perisset Balmat. Faleceu solteiro.

Luciano Marchon, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 17 de janeiro de 1840, batizado pelo padre Viviani em 21 de abril de 1840, sendo padrinhos Cláudio Stucki e Margarida Rime Stucki, casou-se em 9 de agosto de 1871 com Maria Paulina De Roure, filha de João De Roure e Maria Bossens.

Maria Adélia Marchon, nascida na Fazenda da Pedra Riscada, em 22 de junho de 1842, batizada pelo padre Viviani em 1 de novembro de 1842, sendo padrinhos François-Xavier Marchon e Marie-Anne Elizabeth Marchon. Casou-se no Oratório Particular da Fazenda da Pedra Riscada em 28 de novembro de 1860 com Joaquim Francisco Pinto (Fig. 13), filho de José Francisco Pinto e Maria Thereza da Glória.

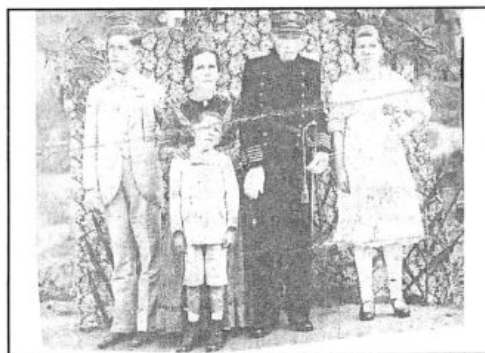


Fig. 13 – Capitão da Guarda Nacional Joaquim Francisco Pinto, sua esposa Maria Adélia Marchon Pinto, e 3 filhos.
Cerca 1875

Maria Lydia Marchon, nascida na Fazenda da Pedra Riscada, em 24 de abril de 1844, casou-se em 28 de outubro de 1863 com José Martins da Costa, filho de Manoel Martins Gil e de Josefa Borges já falecida, natural da Freguesia dos Altares da Ilha Terceira.

Constância Eugênia Marchon (Fig. 14), nascida na Fazenda da Pedra Riscada, em 22 de fevereiro de 1846, casada com Plácido Vieira Valentim, pais de Plácido Marchon Valentim (que viria a se casar com a prima Alice Elvina, filha de André Cipriano e de Maria Francisca Curty Marchon, viúvo desta, casou-se, em segunda, núpcias, com sua prima Maria Ouricka Marchon, filha de Carlos Maria Marchon e de Maria Curty Marchon) e de Carlos Marchon Valentim. Faleceu em Portugal, onde foi enterrada.



Fig. 14 – Constância Eugênia Marchon. Acervo do Autor. Cerca 1880.

E, finalmente, o último filho de Jean-Claude e Marieanne Elizabeth, Carlos Maria Marchon, nascido na Fazenda da Pedra Riscada, em 2 de junho de 1849, batizado pelo padre Viviani, sendo padrinhos Carlos Mercier e Maria Favre. Casou-se com sua sobrinha Maria Curty Marchon, filha de André Cipriano Marchon e Maria Francisca Curty Marchon, tendo 3 filhos: Diógenes, Maria Ouricka e Theófilo. Viúvo, casou-se com Euphrásia Clarita de Oliveira, tendo o casal tido 7 filhos: Meneleu, Carlos, Alzira, Alda, Euthaliomar, Walter e Jayme, sendo que Alda, até 1998, quando faleceu, era a última neta viva de Jean-Claude e Marianne Elizabeth, dotada de excepcional memória, uma verdadeira história viva da família. Carlos Maria Marchon faleceu em Nova Friburgo, em 13 de novembro de 1929, sendo sepultado no Cemitério da Pedra Riscada.²⁴



Fig. 15 – Carlos Maria Marchon e Euphrasia Clarita de Oliveira Marchon e filhos. Cerca 1910

Jean-Claude Marchon sempre se revelou uma pessoa empreendedora, trabalhador denoda-

do, cômico de seus deveres para com a família e para com a comunidade. Construiu inicialmente, quando ainda detinha a residência de Nova Friburgo, aliás como o faziam os outros colonos suíços, uma casa pequena, dotada, ainda, de um celeiro anexo, no lote colonial 51 em 1820. Vendeu esta benfeitoria e se passando para a nova propriedade, às margens do Rio Macaé de Cima, logo em seguida, construiu outra casinha, e, ao mudar-se, já casado pela segunda vez, construiu uma sede de fazenda, mais ampla, mais confortável, capaz de abrigar a grande família que iria constituir – esta casa foi construída em ipê tabaco (*Tabebuia chrysotricha*), abundante na região e de muito boa qualidade, aliás, considerada árvore nacional do Brasil. Nesta sede havia uma dependência inferior para o comércio, que explorava paralelamente à agricultura, e para depósito e celeiro, sendo a parte superior reservada para a habitação familiar e o seu teto era de tabuinhas, no estilo típico suíço. O grande poeta brasileiro Casimiro José Marques de Abreu, no período em que estudou no Instituto Colegial – do famoso professor John Henry Freese – em Nova Friburgo, isto é, de março de 1849 até fins de 1853, sempre nela pousava, em seu trajeto de Barra de São João-Nova Friburgo-Barra de São João. Já no final do século passado, herdeiros de Jean-Claude construíram uma casa, em grande parte com material remanescente da sede anterior, havendo ainda atualmente um armário imenso confeccionado por Jean-Claude, bem como alguns instrumentos agrícolas.⁹²

“Jean-Claude Marchon quando chegou com a família em suas novas terras, feliz e provavelmente para poder orientar a sua fazenda, facilitando a chegada de seus amigos e parentes, pois a região era de mata virgem e pouco habitada, colocou uma bandeira branca de 10 metros, peça americana (algodão), no pico da Pedra Riscada. Certo dia apareceu em sua fazenda um emissário da Marinha, solicitando para tirar a bandeira pois estava criando transtorno, confundindo os pilotos que pensavam que se tratava de alguma sinalização, prejudicando a rota de navios, tendo havido até o caso de um navio bater numa rocha por causa da bandeira.”⁹³

Foi necessário muito trabalho para transformação da mata virgem em fazenda economicamente rentável. Ainda hoje, encontram-se restos das muralhas de pedra, construídas por ordem de Jean-Claude, um cemitério para escravos e um oratório e cemitério particular da fazenda, o hoje Cemitério da Pedra Riscada, onde estão enterrados muitos Marchons, inclusive Jean-Claude e Marie. Desenvolveu um belo pomar, onde, entre as fruteiras, existe ainda uma imensa sapucaia (*Lecythis pisonis*), também considerada árvore nacional do Brasil, por ele próprio plantada por volta de 1823, cujo tronco necessita, atualmente, três homens para abraçá-lo, e que é considerada a árvore símbolo da Família Marchon nos trópicos, da mesma forma que o abeto o é da Família Marchon nos Pré-Alpes Friburgueses. Esta sapucaia, com mais de 170 anos, produzindo muitos frutos, constitui um referencial dos Marchons em seu verdadeiro berço brasileiro – a Fazenda da Pedra Riscada.

A topografia belíssima da fazenda, com suas montanhas arredondadas e o belo vale do rio, chegou a ter cerca de 300 alqueires, estendendo-se do Poço Feio (que não tem nada de feio, pelo contrário, é muito bonito, formado pelas corredeiras do Macaé de Cima, inclusive é local de provas de canoagem) até pouco antes da Ponte dos Alemães, ocupando as duas margens do Rio Macaé de Cima. Foi principalmente o cultivo do café que proporcionou a Jean-Claude o sucesso econômico, tendo tido a auxiliá-lo a mulher, os filhos e 40 escravos.⁹⁴

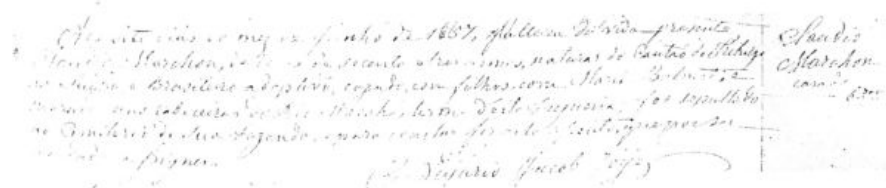
“As famílias Balmat e Marchon eram calmas, unidas e alegres. Aos domingos passavam o dia à margem de um rio ou riacho. E à noite reuniam-se em casa de um parente ou amigo, onde cantavam, dançavam e no final das reuniões era indispensável o canto da Marselhesa, em homenagem à Suíça francesa. [Nesta época a Suíça ainda não possuía o seu próprio hino nacional e, desta forma, em ocasiões festivas os suíços costumavam cantar a Marselhesa.]

o reconhecimento do Império; a campanha Cisplatina e a guerra com as Províncias Unidas; as agitações internas como a Guerra dos Farrapos e a Confederação do Equador, entre outras; as crises da Regência da Maioridade, levando ao trono um menino de 14 anos, mantendo a unidade nacional e nos impondo, entre as nações, pela maturidade de nossa consciência nacional.”⁹⁹

Foi, desta forma, uma vida intensamente vivida, a do suíço de Boullière, herdeiro de antigas tradições helvéticas e célticas, que transpôs o Atlântico, deixando atrás de si a Velha Europa, para radicar-se em Pedra Riscada, Novo Mundo.

Jean-Claude faleceu aos 63 anos e meio, em 8 de junho de 1857, em sua amada fazenda, onde vivera mais de metade de sua relativamente curta existência, para os padrões dos Marchons, que costumavam e costumam ser mais longevos. Jaz no Cemitério da Pedra Riscada num túmulo original, de linhas sóbrias, e nesse mesmo cemitério, por ele criado em suas terras, iriam ser enterrados sua esposa, Marie Balmat, alguns filhos e filhas, genros e noras, netos, bisnetos, trinetos, tetranetos. (Doc. 20)

Doc. 20 Registro de óbito de Jean-Claude Marchon



Handwritten death record of Jean-Claude Marchon, dated 1857, mentioning his wife Marie Balmat and their children. The text is in French and includes details about the family and the burial.

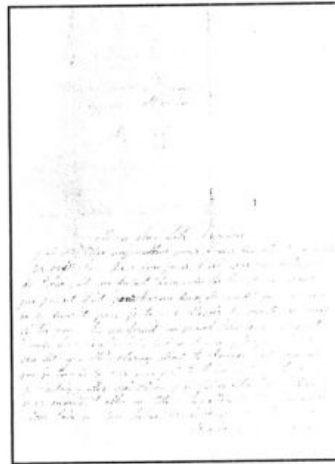
Marie-Anne Elizabeth Neuve Balmat Marchon, viúva após 34 anos de casamento com Jean-Claude, além de administrar os bens da família, ainda tinha 5 filhos menores, Carlos Maria, Constância Eugênia, Maria Lydia, Maria Adélia e Luciano, respectivamente com 8, 10, 13, 15 e 17 anos. Certamente contou com a ajuda dos filhos maiores, alguns já casados e com filhos, como Maria Luísa (com 5 filhos e grávida da sexta filha, Paulina Adela, que nasceria em 29 do mesmo mês e ano), François-Xavier (com 2 filhos), Tiago Basílio (com 1 filha), Antônio Leôncio (com 1 filha) e os outros 4 ainda não casados (André Cipriano, Felipe, Pedro Celestino e Augusto), considerando-se que Cláudio Eduardo falecera em 13 de fevereiro de 1857, antes mesmo, portanto, do falecimento do pai.

Tratava-se de verdadeira matriarca, sendo considerada, segundo os fastos da família, uma mulher de temperamento forte e decidido, que geriu muitíssimo bem o patrimônio familiar e a enorme família gerada.

Jean-Claude e Marie certamente falavam francês, patois (dialeto) e algum alemão (pois provinham de Fribourg, cantão bilingüe) quando aqui aportaram, mas logo aprenderam algum português, pois veremos cartas escritas por Marie, em que mistura as duas línguas, francesa (mais) e portuguesa (menos) e se depreende que liam e compreendiam jornal redigido em português. Deve ser acentuado, também, a excelente caligrafia tanto de Jean-Claude quanto de Marie e, mais ainda, a clareza da exposição, numa época em que no Brasil havia muitas Sinhás e mesmo baronesas que mal escreviam o nome.¹⁰⁰

A primeira carta é dirigida à André Cyprien Marchon, sem data, mas certamente escrita após a morte de Jean-Claude, isto é, após 1857, pois trata de problemas de herança dos filhos menores.¹⁰¹ (Doc. 21)

Doc. 21 original francês



Doc. 21

Senhor
Cipriano Marchon

Em sua casa

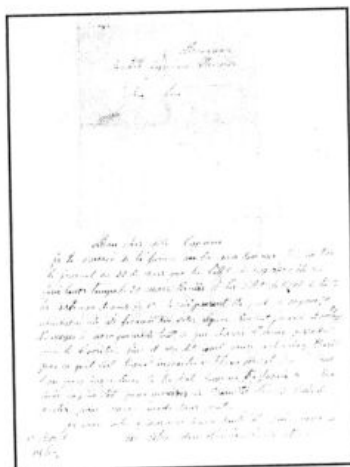
Meu caro filho Cipriano

Eu fui citada hoje para dar conta da patulette (termo jurídico relacionado com a prestação de contas da tutela dos filhos menores) dos órfãos em cinco dias, eu fui informada pelo Sr Jean de Rour (sic) que eu precisava pedir as contas das despesas que eu tinha feito por cada um deles, ele me disse que não vendesse os escravos. Eu te peço ter a bondade de vir aqui, si tu podes, tu me farás um grande serviço em pagando (sic) quinta-feira à noite dormir aqui. Luciano chegou hoje e ele me disse que o Sr Claray ia te procurar. É por isto que eu te envio o escravo para que ele te encontre em casa. Eu queria ir eu mesma, mas eu tenho receio de ficar muito fatigada para em seguida ir à Vila. Esperando o prazer de vos ver eu vos saúdo cordialmente, tua mãe

Marie Neube Marchon

A outra carta, datada de 01 de abril de 1860, também é dirigida a André Cipriano Marchon, tratando de assuntos diversos, como a perda de valor de certas notas, que Vincent Jaccoud havia enviado para trocar em Morro Queimado tudo que Charles Mercier possuía, que ele procurava (Tiago) Basilio porque ele tinha sido designado inspetor estrangeiro¹⁰² (Doc. 22)

Doc. 22 – original



Doc. 22

Senhor
André Cipriano Marchon

Em sua casa

Meu caro filho Cipriano

Eu te agradeço a farinha que me enviaste. Eu li no jornal de 22 de março que as notas de 50 mil réis roxo perderam seu valor no dia 31 de março último e que as notas de 500 mil réis desde 01 de abril presente perderão 10% mensalmente até ficarem sem valor algum. Vincent Jaccoud foi obrigado a enviar para Morro-queimado tudo que Charles Mercier possuía para depositar. Vincent me disse que ele queria procurar Basílio porque ele foi designado inspetor estrangeiro e quer [ilegível] [ilegível] para inspetor. Se você deve vir aqui, você faria [ilegível] vir o mais rápido possível poder consultar [ilegível] [ilegível] de partir para Morro-queimado em [ilegível],

Eu vos desejo a todos uma boa saúde e [ilegível] para a [ilegível] vossa mãe Marie Reube
Marchon

Em 01 de abril de 1860.

Sobrevivendo ao marido 23 anos, possivelmente acometida de câncer de mama, falece a matriarca dos Marchons e é enterrada no sepulcro onde jazia Jean-Claude no dia 7 de abril de 1880, no Cemitério da Pedra Riscada.(Doc. 23) O jazigo 38 abriga, portanto, os restos mortais de Jean-Claude e os de Marie Anne Elizabeth, o primeiro por mais de 142 anos e a segunda por mais de 119 anos.

- ¹ MARCHON, Joseph. *Comunicação pessoal*. Fribourg, 1972.
- ² ATTINGER, Victor. et al. *Dictionnaire Historique e Biographique de la Suisse*. V. IV. Neuchâtel : SADS, 1928, p. 661.
- ³ DELLION, R. P. Apollinaire et PORCHEL, François. *Dictionnaire Historique et Statistique des Paroisses Catholiques du Canton de Fribourg*. V. 10-11. Genève : Slatkine Reprints, 1994, p. 228.
- ⁴ _____, p. 228.
- ⁵ AUBERT, J. F. *Petite Histoire Constitutionnelle de la Suisse*. Berna : Franke, 1975, p. 7.
- ⁶ DÜRRENMATT, Peter. *Histoire Illustrée de la Suisse*. V. II. éd. sp. Lausanne : Payot, 1964, p. 15.
- ⁷ MARTIN, William. *Histoire de la Suisse*. 8 éd. Lausanne : Payot, 1980, p. 197.
- ⁸ DELLION, R. P. Apollinaire e PORCHEL, François. op. cit., p. 232.
- ⁹ FAHRNI, Dieter. *Histoire de la Suisse*. 2 éd. Zurich : Pro Helvetia, 1984, p. 52-53.
- ¹⁰ MARTIN, William. op. cit., p. 239.
- ¹¹ NICOULIN, Martin. *A Gênese de Nova Friburgo : Emigração e colonização suíça no Brasil (1817-1827)*. Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p.67.
- ¹² Archives de l'État de Fribourg. Préfecture de Farvagny, *Tableau d'inscription pour la Colonie du Brésil dressé au Bureau de la Préfecture de Farvagny*, mars 1819.
- ¹³ MARCHON, Georges Aimé. *Comunicação pessoal*. Vuisternens-en-Ogoz, abril 1998.
- ¹⁴ Archives de l'État de Fribourg. Préfecture de Farvagny, *Tableau des Colons de la Préfecture de Farvagny Admis pour la Colonie Suisse du Brésil*, mai 1819.
- ¹⁵ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 123.
- ¹⁶ MARCHON, Albino José. *Pedra Riscada*, Ano II, Número 3, Julho-Dezembro 1998, p. 5.
- ¹⁷ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 347.
- ¹⁸ _____, p. 126.
- ¹⁹ _____, p. 126.
- ²⁰ _____, p. 81.
- ²¹ MARCHON, Jean-Claude. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Sec. de Manuscritos, Ofícios, ordens,... 1/3/2 *Carta de Claude [sic] Marchon ao Monsenhor Miranda*, 15-11-1820 p. 840.
- ²² NICOULIN, Martin. op. cit., p. 81.
- ²³ _____, p. 112.
- ²⁴ _____, p. 112.
- ²⁵ _____, p. 134.
- ²⁶ MARCHON, Albino José. *Pedra Riscada*, Ano I, Número 1, Julho-Dezembro, 1997, p. 4.

- ²⁷ HEDLER, Hella Louise Engmann. *Pedra Riscada*, Ano I, Número 1, Julho-Dezembro, 1997, p. 7.
- ²⁸ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 134.
- ²⁹ _____. p. 142-143.
- ³⁰ _____. p. 145.
- ³¹ _____. p. 146.
- ³² NICOULIN, Martin. op. cit., p. 155.
- ³³ Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.
- ³⁴ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 155.
- ³⁵ RADICE, Betty. *Who's Who in the Ancient World*. London : Penguin, 1973, p. 98.
- ³⁶ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 156.
- ³⁷ _____. p. 156.
- ³⁸ _____. p. 156.
- ³⁹ _____. p. 156.
- ⁴⁰ _____. p. 158.
- ⁴¹ _____. p. 161-164.
- ⁴² _____. p. 169.
- ⁴³ MATHIAS, Herculano Gomes. *A Fundação de Nova Friburgo na Imprensa da Época*. In *Anais do Museu Histórico Nacional*. V. XIV. Rio de Janeiro : 1953, p. 35-36.
- ⁴⁴ *Itinerário para uso da colônia Suíça na sua jornada desde o Porto do Rio de Janeiro até Morro-queimado, no districto da villa S. Pedro de Cantagallo*. Rio de Janeiro : Imprensa Régia, 1819.
- ⁴⁵ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 170.
- ⁴⁶ _____. p. 170.
- ⁴⁷ JOYE, Jacques. cit in Nicoulin, Martin. op. cit., p. 171.
- ⁴⁸ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, *Registro Geral da Colônia dos Suíços Estabelecidos em a Nova Friburgo em 1819*.
- ⁴⁹ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 177.
- ⁵⁰ JOYE, Jacques. cit. in Nicoulin, Martin – op. cit., p. 177.
- ⁵¹ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 147.
- ⁵² JACCOUD, Raphael Luiz de Siqueira. *História, Contos e Lendas da Velha Nova Friburgo*. Cadernos de Cultura, Pro-Memória. Nova Friburgo : P. M. N. F. , 1987, p. 68.
- ⁵³ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 179.
- ⁵⁴ JOYE, Jacques. *Relação de famílias, casas e moradores*.
- ⁵⁵ FONTÃO, Humberto Marchon. *História de nossos ancestrais*. Nova Friburgo : ed. do A., 1989, p. 3.
- ⁵⁶ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, *Colônia Suíça de Nova Friburgo*, cod. 24, p. 86.
- ⁵⁷ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 181.
- ⁵⁸ _____. p. 187-188.
- ⁵⁹ JACCOUD, Raphael Luiz de Siqueira. op. cit., p. 75.
- ⁶⁰ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 195.
- ⁶¹ _____. p. 200.
- ⁶² _____. p. 200.
- ⁶³ MARCHON, Jean-Claude. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Sec. Manuscritos, Offícios, ordens... 1/3/2. *Carta de Claude (sic) Marchon ao Monsenhor Miranda*, 15-11-1820, p. 840.
- ⁶⁴ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 200.
- ⁶⁵ BON, Henrique. *Verbete Família Marchon*, in *A Colônia suíça de A a Z*, a publicar, Cantagalo, 1997.
- ⁶⁶ BON, Henrique. op. cit.
- ⁶⁷ NICOULIN, Martin – op. cit., p. 201.
- ⁶⁸ _____. p. 201-202.
- ⁶⁹ _____. p. 207.
- ⁷⁰ _____. p. 365.
- ⁷¹ RAFFARD, Henri. *La Colonie Suisse de Nova Friburgo et la Société Philanthropique Suisse de Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Leuzinger, 1877, p. 81.
- ⁷² _____. p. 145.
- ⁷³ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 215.
- ⁷⁴ PONTES, Élio Monnerat Sôlon. *Genealogia de Henri Minnerat e Maria Rosalina Marchon*

Monnerat. Niterói : ed. do A., 1997.

⁷⁵ RAFFARD, Henri. op. cit., p. 52 e 72.

⁷⁶ _____. p. 59-60.

⁷⁷ LOBATO, José Bento Monteiro. *Negrinha*. São Paulo : Nacional, 1948, p.21-22.

⁷⁸ Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro, Negócios Estrangeiros *Correspondência: Imigração*, Lata: 197 Maço: 05 Pasta: 01.

⁷⁹ Arquivos da Diocese de Nova Friburgo – *Registro de Casamentos*.

⁸⁰ NICOULIN, Martin. op. cit., p. 172.

⁸¹ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, *Registro Geral da Colônia dos Suíços Estabelecida em a Nova Friburgo no ano de 1819*.

⁸² BON, Henrique. *Verbete Família Marchon*, in *A colônia Suíça de A a Z*, a publicar, Cantagalo, 1997.

⁸³ _____. p. 6.

⁸⁴ SANTOS, Cecília Marchon Bragança. *Comunicação pessoal*. Rio de Janeiro, 1997.

⁸⁵ MARCHON, Eurico. *Memórias*. Cachoeiro de Itapemirim e Volta Redonda : manuscrito, 1966, p. 20.

⁸⁶ VICTER, Lourival Marchon. *Acervo. Comunicação pessoal*. Niterói : 1990.

⁸⁷ LEÃO, Plácido Marchon. *Acervo. Comunicação pessoal*. Niterói : 1990.

⁸⁸ BON, Henrique. op. cit.

⁸⁹ _____. p. 6.

⁹⁰ _____. p. 8.

⁹¹ BRITO, Carlos Antônio Spitz et al. *História de um Marchon... Carlos Maria Marchon*, in Marchon, Albino José. *A Saga da Família Marchon*. Rio de Janeiro : A. J. Marchon, 1999, p. 151.

⁹² FONTÃO, Humberto Marchon. op. cit., p. 3.

⁹³ _____. p. 6.

⁹⁴ _____. p. 8.

⁹⁵ _____. p. 8.

⁹⁶ VICTER, Lourival Marchon. *Acervo*.

⁹⁷ FONTÃO, Humberto Marchon. op. cit., p. 8.

⁹⁹ SCANTIMBURGO, João. *O café e o desenvolvimento do Brasil*. São Paulo : Melhoramentos, 1980, p.

¹⁰⁰ MORAES, Roberto Menezes. *Comunicação pessoal*. Rio de Janeiro, 1998.

¹⁰¹ VICTER, Lourival Marchon. *Acervo*.

¹⁰² _____. p. 6.

*"... Pioneiros! Ó Pioneiros!
Deixamos para trás todo o passado!
Arribamos a um mundo maior, mais rico e mais vário,
Fresco e forte é o mundo que abarcamos, mundo de trabalho e de progresso."
Walt Whitman*

Transmigração, canções e hino nacional suíço



ovo musical por excelência, os suíços compuseram pelo menos duas canções para os transmigrantes de 1819, uma para os francófonos e outra para germanófonos. Ei-las, nas respectivas versões originais e em português:

“Chant de Départ des Fribourgeois pour le Brésil” - original francês¹

Allons dans le Brésil, vivre gais et contents!
Quittons notre patrie, nos amis, nos parents!
Faisons à notre Suisse, nos adieux sans retour;
Allons pour le Brésil, pour y finir nos jours!

Allons, ma chère épouse, avec tous nos enfants!
Nous trouverons sans doute de l’or et de l’argent,
En défrichant les terres, nous les cultiverons,
Nous ferons des récoltes dans toutes les saisons.

Allons, garçons et filles, nous vous marierons,
Pour peupler le Brésil de filles et de garçons!
Vous aurez pour capitale la Nouvelle Fribourg,
Vous aurez l’avantage d’être bourgeois pour toujours.

Sur la mer et sur l’onde, allons, embarquons-nous!
Pour aller au Nouveau Monde, vite dépêchons-nous!
Nous trouverons des vaches, des chevaux, des brebis.
Et beaucoup d’autres choses qu’on nous a promis.

Le monarque du Brésil, pour peupler cet endroit
A préféré les Suisses, surtout les Fribourgeois
En leur donnant des terres propres à cultiver
Ils auront des domaines à perpétuité.

N’écoutons plus le monde, le monde est corrompu.
Avec tous ses mensonges, ah! ne l’écoutons plus!
Avec l’espérance, la foi et la charité
Nous serons en l’assurance, même dans le danger.

Si la chose est telle, comme nous le croyons,
Amis, verse à rasade et nous la chanterons
La chanson du Brésil, pour tous nous récréer
Elle a été composée sur l’air de la gaité.

“Canto de Partida dos Friburguenses para o Brasil” - versão brasileira²

Vamos para o Brasil, viver alegres e contentes!
Deixemos nossa pátria, nossos amigos, nossos parentes!
Façamos à nossa Suíça, nosso adeus sem retorno;
Vamos para o Brasil, para nele findar nossos dias!

Vamos, minha cara esposa, com todos os nossos filhos!
Nós encontraremos, sem dúvida, ouro e prata.
Amanhando a terra, nós a cultivaremos.
Nós teremos colheitas em todas as estações.

Vamos rapazes e moças, nós os casaremos,
Para povoar o Brasil de moças e rapazes!
Vós tereis por capital Nova Friburgo
Vós tereis a vantagem de ser burgueses para sempre.

Sobre o mar e sobre as ondas, vamos, embarquemo-nos!
Para ir ao Novo Mundo, rápido, despachemo-nos!
Nós encontraremos vacas, cavalos, ovelhas
E muitas outras coisas que nos prometeram.

O monarca do Brasil, para povoar este lugar
Preferiu os Suíços, sobretudo os Friburguenses
Dando-lhes terras próprias para cultivar
Eles terão estes domínios perpetuamente.

Não escutemos mais o mundo, o mundo está corrompido
Com todas as suas mentiras. Ah! Não o escutemos mais!
Com esperança, fé e caridade
Nós estaremos em segurança, mesmo no perigo.

Se a coisa é tal, como nós a cremos,
Amigos brindemos e cantemos
A canção do Brasil, para nos recrear
Ela foi composta em clima de alegria.

“Lieb der Auswanderer nach Brasilien” – original alemão³

Ade, liebwerthes Vaterland,
Es muss geschieden sein!

Ade, ihr Bäche und ihr See'n,
Ade, ihr Thäler, Walder, Höh'n,
Ade, lieb Schweizervolk!

Ade, du liebes Mutterland.
Wir hatten dich, wohl lieb.
Du arme Mutter hast nur kaum
Für deine Kinder alle Raum,
Drum ziehen wir hinaus!

Wir ziehen über Land und Meer
Wohl in die neue Welt.
Wir ziehen nach Brasilia,
Der Gott der Vater wohnt auch de,
Wie zwischen Rhein und Aar.

Es hat uns vieles schwer gedrückt,
Wohl manches Ungemach;
Viel grosse Herrn regieren klein,
Viel kleine möchten Grosse sein,
Wie's denn nun halt so geht.

Zwar wird ein König unser Herr,
Doch gibt der König Brod!
Und, wie dem sei,
Auch Schweizer sind nicht alle frei
In freien Schweizerland!

Ein König oder hoher Rath,
Das gibt die Freiheit nicht!
Nur wo man Gesetz sich beugt,
Und des Magnaten schweigt
Da ist die Freiheit, da!

Wir ziehen nach Amerika,
Johann, der König ruft!
Er fordert Schweizertreu und Fleiss,
Und gibt uns Maniok und Reis,
Und Haus und Hof und Land!

Und sind wir alle angebaut
In Santa Gallo's Flur,
Dann soll, bei Wein und Ananas,
Geschwungen sein das volle Gas
Auf aller Schweizer Wohl!

Denn Schweizerland ist Schweizerland,
Und bleibt uns doch gar lieb;

Und Schweizerblut is Schweizerblut,
Vor allem andern brav und gut,
Und rollet treu und frei.

Lebt wohl, ihr Brüder allenmal,
Und Gott sei euer Schild!
Wenn fremder Fürsten Länderwuth,
Wenn schlauer Herrn Uebermuth
Die Freiheit will bedrohn;

Wenn sie zuletzt sollt 'untergehn,
Und Herrschsucht nur bestehn,
Dann fahrt zu uns mit gutem Wind,
Denn wo die freien Schweizer sind,
Da ist die freie Schweiz!

So fahre wohl, du Mutterland
Wir waren dir zu viel;
Ade, ihr Bäche und ihr See'n,
Ade, ihr Thäler, Wälder, Höh'n,
Ade, lieb Schweizervolk!

“Canção dos Emigrantes para o Brasil” - versão brasileira⁴

Adeus, amada Pátria,
Chegou a hora de partir!
Adeus, rios e lagos,
Adeus, vales, florestas e montanhas.
Adeus, querido povo suíço!

Adeus querida Terra Mater:
Nós te amamos muito,
Pobre Terra Mãe, Tu quase
Não tens mais espaço para teus filhos;
Por isso estamos partindo!

Partindo por terra e pelo mar,
Certamente para um Novo Mundo.
Nós vamos para o Brasil,
E com certeza Deus nosso pai também mora lá.
Assim como entre os rio Reno e o Aar.

A nós muitas coisas também deprimiam,
Assim também havia injustiças,
Muitos senhores reinavam com tirania
E muitos súditos queriam ser chefões

E assim acontecia.

Apesar que o nosso Senhor será um rei,
Ele nos dará pão.
E assim vejam,
Os suíços também não são todos livres
Na livre Suíça!

O rei e seus ministros
Garantem assim a lei.
E onde as leis são obedecidas
E o despotismo dos senhores silencia,
Só aí haverá a liberdade.

Nós emigramos para a América,
João, o Rei, nos chama.
Ele exige fidelidade e labor
E, em troca, recebemos mandioca e arroz
E casa, quintal e terras.

E quando estivermos todos estabelecidos
Nas paragens do Canta-Galo
Aí festejaremos com vinho e ananás
E brindaremos com os copos cheios
À saúde de todos os suíços!

Pois a Suíça sempre será a Suíça
E sempre nos será bem cara
E sangue suíço será sangue suíço,
E acima de todos é bom e competente e corre nas veias fiel e livre.

Adeus queridos irmãos
E Deus seja vosso escudo!
Caso algum senhor lhes queira mal
E caso algum espertalhão lhes queira
Ameaçar a liberdade.

E se a vossa liberdade sucumbir,
E a escravidão persistir,
Então, venham a nós com ventos bons,
Pois aonde estejam suíços livres,
Aí também será a Suíça livre!

Assim adeus querida pátria mãe,
Nós fomos demais para você.
Adeus riachos e lagos,
Adeus vales, florestas e montanhas;
Adeus querido povo suíço!

O cotejo de ambas as canções proporciona a constatação de muitas analogias. A determinação dos transmigrantes é patente em ambas.

Em francês:

Vamos para o Brasil, viver alegres e contentes!
Deixemos nossa pátria, nossos amigos, nossos parentes!
Façamos à nossa Suíça, nosso adeus sem retorno;
Vamos para o Brasil, para nele findar nossos dias!

Em alemão:

Adeus amada Pátria,
Chegou a hora de partir!
Adeus, rios e lagos,
Adeus vales, florestas, montanhas,
Adeus, querido povo suíço!
Adeus, querida Terra Mater;
...Partindo por terra e pelo mar,
Certamente para um Novo Mundo.
Nós vamos para o Brasil,

Considere-se também o Novo Mundo, a América, o Eldorado, todo o imaginário extraordinário que evocam.

No Chant:

Nós encontraremos, sem dúvida, ouro e prata.
...Nós teremos colheitas em todas as estações.
...Vós tereis a vantagem de ser burgueses para sempre.

No Lied:

O rei e seus ministros
Garantem assim a lei.
E onde as leis são obedecidas
E o despotismo dos senhores silencia,
Só aí haverá a liberdade.
Há, também, a destacar a importância, a honra, do convite real.

No Chant:

O monarca do Brasil, para povoar este lugar
Preferiu os Suíços, sobretudo os Friburguenses

No Lied:

Nós emigramos para a América,
João, o Rei, nos chama.

Ressalte-se, ainda, a importância fundamental da posse da terra, concebida como a Terra da Promissão, a Canaã.

No Chant:

Dando-lhes terras próprias para cultivar
Eles terão estes domínios perpetuamente.

No Lied:

E, em troca, recebemos mandioca e arroz
E casa, quintal e terras.

A canção suíço-francesa sugere o abandono do Velho Continente:

Não escutemos mais o mundo, o mundo esta corrompido
Com todas as suas mentiras. Ah! Não o escutemos mais!

A canção suíço-alemã, pelo mesmo caminho, estatui:
 A nós muitas coisas também deprimiam
 Assim também havia injustiças
 Muitos senhores reinavam com tirania
 E muitos súditos queriam ser chefões
 E assim acontecia.
 ...E assim vejam,
 Os suíços também não são todos livres
 Na livre Suíça!

O suíço-francês manifesta otimismo e “joie de vivre”:
 Com esperança, fé e caridade
 Nós estaremos em segurança, mesmo no perigo
 ...Amigo, brindemos e cantemos
 A canção do Brasil, para nos recrear
 Ela foi composta em clima de alegria.

O suíço-alemão canta, da mesma forma, seu otimismo e sua alegria de viver:
 E quando estivermos todos estabelecidos
 Nas paragens do Canta-Galo
 Aí festejaremos com vinho e ananás
 E brindaremos com os copos cheios
 À saúde de todos os suíços!

E o vate suíço-alemão concede de bom grado:
 Pois a Suíça sempre será a Suíça
 E sempre nos será bem cara
 E sangue suíço sempre será sangue suíço,
 E acima de todos é bom e competente
 E corre nas veias fiel e livre.

E mesmo, num grand finale, convida:
 E se a vossa liberdade sucumbir,
 E a escravidão persistir,
 Então, venham à nós com ventos bons,
 Pois, aonde estejam suíços livres,
 Aí também será a Suíça livre!

Aliás, o canto desempenharia na vida dos colonos emigrantes suíços um papel da maior relevância, tanto como fator de aglutinação social como de recreação, como de rememoração da querida pátria suíça. Nas memórias de nossa família ressalta-se que nossos ancestrais tinham-no em alta conta, reunindo-se com frequência, ouvindo-se então a Marseillaise, a Nouthra Dona di Maortse (belíssima canção em “patois”), La Youtse (também em “patois”), Ranz des Vaches, Le Chant du Départ des Fribourgeois pour le Brésil, e tantas outras.

No extremo sul do Brasil, representando 12% dos descendentes de Alto Sampaio, RS, “os suíços, que têm a sua canção nativa transmitida à posteridade, sem nome, apenas com o título de Lied, a expressar o domínio popular.”⁵

Lied – original alemão⁶

“Mädel heirat mich, ich bin ein Zimmermann,
 Ich kann Häuser bauen mit einer Spitze dran!”
 Und der Bube blieb noch lange stehen,
 Weil das Mädel war so schön, so schön...

In der ersten Hütte haben wir zusammen gegessen,
In der zweiten, haben ir zu Mitage gegessen,
In die dritte habe ich mal reingeschaut:
Da sass der Schweizer Bub mit seiner Braut!

Canção – versão brasileira⁷

“Menina, casa comigo, sou um carpinteiro,
Sei construir casas com um bico no telhado”
E o jovem por longo tempo ficou parado,
Porque a moça era tão linda, tão linda...
Na primeira cabana nos sentamos lado a lado,
Na segunda, nós almoçamos.
Na terceira, olhei para dentro:
Lá estava o jovem suíço com sua noiva!

O ato de cantar, tanto em francês como em alemão e como em “patois” e, mais tarde, em português, era extremamente importante para os emigrantes. Ele “transpõe a fronteira da simples recreação: satisfaz ao espírito gregário, combate o isolamento sócio-cultural, oportuniza convivência com pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto, conclama o grupo à coesão, oportuniza realimentação espiritual, dá status social e, principalmente, atua como elemento normativo de costumes.”⁸

Os emigrados para o Espírito Santo, de várias nacionalidades (italiana, alemã, suíça, pomerana) tinham hinos, como o cântico de Emigração “O navio chega ao porto do Brasil, de joelhos agradecemos a Deus”⁹:

“Iniciamos a viagem para a terra do Brasil, abençoe nossa passagem, ó Deus com bênçãos mil. No mar seas conosco, com tua paterna mão, assim no Brasil chegaremos, firmes, dispostos e sãos.

Por Deus somos chamados, por nós não iríamos pensar, em fazer essa viagem por este mar. Com tua mão paterna, Deus queira nos amparar, assim, com segurança, no Brasil vamos chegar.

Deus disse ao Abraão, da tua terra vais emigrar, para um país longe distante, que eu te vou mostrar. Nós também confiamos, na palavra do Senhor, e firme acreditamos, que ele nos guia com amor.

Muitas vezes nós pedimos, a Deus em alta voz, e agora vem se abrindo um país aonde nós, conforme seu mandato, podemos emigrar, de miséria e maldade, Deus queira nos livrar.

Imperador do Brasil, Deus queira proteger, com amor e carinho, ele vem nos receber. Ele queira amparar-nos, com sua mão viril, assim, alegremente, viajaremos para o Brasil.

Que alegria nós sentimos se essa viagem vai terminar, alegremente nós nos despedimos, dos parentes que vão ficar, desejando-lhes saúde, descanso e bênçãos mil, e viajaremos confiantes para a terra do Brasil.

O navio se lance agora, no grande extenso mar, e nós antes de irmos embora, para Deus vamos orar. Ele queira proteger-nos, com sua paterna mão, assim nós viajaremos, para Brasil com ânimo bom.

Após longo tempo, em conversa e desejar, eu estou vendo alguma coisa, que se apresenta ao meu olhar. Irmãos estai contentes, com ânimo viril, estou vendo bem distante, a terra do Brasil.

Após muitos sofrimentos no grande extenso mar, agora lágrimas de alegria, os rostos vão

molhar. O navio chega ao porto, sentamos os pés no chão, o Deus acompanhou-nos com sua paterna mão.

Chegai sede bem-vindos, diz o imperador, eu quero ceder-vos terra, com carinho e com amor, eu quero proteger-vos, com graciosa mão, e quero conceder-vos paz, vida em união.

Altíssima Majestade, prostramo-nos diante de ti, garantindo-te fidelidade durante nossa vida aqui. Deus ouve nossos gemidos, e os aceitará, o que nós prometemos, o Deus carimbará.

Agora somos fixados, neste novo país. Deus pai está conosco, e nos torna a ser felizes. Abastece-nos com alimento, em miséria conosco está, na vida e na morte, Deus nos acolherá.”

Hino ou Cântico da Suíça, letra de Leonhard Widmer (1808-1867) e música de P. Alberich Zwyssig (1808-1854) em alemão, francês, italiano, dialetos Surselvisch e Ladinisch e português:

Schweizerpsalm

Trittst in Morgenrot daher,
Seh'ich dich in Strahlenmeer,
Dich, du Hoherhabener, Herrlicher!
Wenn der Alpen Firm sich rötet,
Betet, freie Schweizer, betet.
Eure fromme Seele ahnt
Gott in hehren Vaterland!
Gott, den Herrn, im hehren Vaterland!

Kommst im Abendglühn daher
Find'ich dich im Sternenheer,
Dich, du Menschenfreundlicher, Liebender!
In des Himmels lichten Räumen
Kann ich froh und selig träumen;
Den die fromme Seele ahnt
Gott im hehren Vaterland!
Gott, den Herrn, im hehren Vaterland!

Cantique Suisse

Sur nos monts, quand le soleil
Annonce un brillant réveil,
Et prédit d'un plus beau jour le retour,
Les beautés de la patrie
Parlent à l'âme attendrie;
Au ciel montent plus joyeux
Les accents d'un coeur pieux,
Les accents émus d'un coeur pieux.

Lorsqu'un doux rayon du soir
Joue encore dans le bois noir,
Le coeur se sent plus heureux près de Dieu.
Loin des vains bruits de la plaine
L'âme en paix est plus sereine;
Au ciel montent plus joyeux
Les accents d'un coeur pieux,
Les accents émus d'un coeur pieux.

Ziehst im Nebelflor daher,
Such'ich dich im Wolkenmeer,
Dich, du Unergründlicher, Ewiger!
Aus dem grauen Luftgebilde
Bricht die Sonne klar und milde,
Und die fromme Seele ahnt
Gott in hehren Vaterland!
Gott, den Herrn, im hehren Vaterland!

Fährst im wilden Sturm daher,
Bist du selbst uns Hort und Wehr,
Du, allmächtig Waltender, Rettender!
In Gewitternacht und Grauen
Labt uns kindlich ihm vertrauen!
Ja, die fromme Seele ahnt
Gott im hehren Vaterland,
Gott, den Herrn, im hehren Vaterland.

Lorsque dans la sombre nuit
La foudre éclat avec bruit,
Notre coeur presse encore le Dieu fort;
Dans l'orage et la detresse,
Il est notre forteresse.
Offrons-lui des coeurs pieux,
Dieu nous bénira des cieus,
Dieu nous bénira du haut des cieus.

Des grands monts vient le secours,
Suisse, espère en Dieu toujours!
Garde la foi des aïeux, vis comme eux!
Sur l'autel de la patrie
Mets tes biens, ton coeur, ta vie!
C'est le trésor précieux
Qui Dieu bénira des cieus,
Qui Dieu bénira des hauts des cieus.

Salmo Svizzero

Quando bionda aurora
Il mattin c'indora,
L'alma mia t'adora
Re del Ciel.
Quando l'alpe già rosseggia
A pregare allor t'atpeggia,
In favor del patrio suol,
Cittadino Iddio lo vuol,
Cittadino Dio, si Dio lo vuol.

Psalm Svizzer

Cu la pezza bein marvegl
Splendurescha dal sulegl
Cattel jeu tei adagur,
Creatur!
Sco dalunsch ils Reins ramuran,
Tier lur Diu els Svizzers uran;
Leu eis Ti cun cor patern,
O Altissim! Bab etern!
O altissim Bab, o Bab etern!

Cu'l sulegl, ch'hà tut sclariu
Va la sera da rendiu;
Ves jeu tei tras la splendor
Donatur!
Contas steilas tarlischantas
Van sur mei, salid purtontas;
Leu eis Ti cun cor patern,
O Altissim! Bab etern!
O altissim Bab, o Bab etern!

Psalm Svizzer

In l'aurora la daman
At cugnuoscha bain l'uman,
Spiert etern dominatur,
Tuot pussant!
Cur ils munts straglüschan sura,
Ura, liber Svizzer, ura,
Tia orma sainta ferm,
Dieu in tschêl, il bap etern,
Dieu in tschêl, il bap, il bap etern.

Eir la saira in splendor
Das las stailas in l'azur
Tai chattain nus, creatur,
Tuot pussant!

Si di nube un velo
Masconde il tuo cielo,
Pel tuo raggio anelo,
Dio d'amor
Fuga o sole quei vapori
E mi rendi i tui favori!
Di mia patria deh, pietà!
Brilla, o sol di verità,
Brilla soll, o sol di verità!

Cu'l sulegl ei stigirentaus
Dal snavur il cor curclaus
Sent jeu tei, Empaladur
Dil futur!
Tras las neblas penetrescha
Glisch, che mund e cor sclarescha;
Leu eis Ti cun cor patern
O Altissim! Bab etern!
O altissim Bab, o Bab etern!

Cu la furia digl orcan
Fa tremblar il cor human;
Dattas ti a nus vigur,
O Signur!
Els orcans ils pli sgarscheivels,
Stein nus sco nos cuolms stateivels;
Leu eis Ti cun cor patern
O Altissim! Bab etern!
O altissim Bab, o Bab etern!

Tü as nus num est zoppà
Cur il tschêl in nûvlas sta,
Tü imperscrutabel spiert,
Tuot pussant!
Tschêl e terra T'obedeschan,
Vents e nûvlas secundeschan.
Tia orma sainta ferm,
Dieu in tschêl, il bap etern!
Dieu in tschêl, il bap, il bap etern!

Eir l'orcan plü furius
Num at muossa main a nus,
Sco il dirigent dal muond,
Tuot pussant!

Cur cha'l firmamaint scleresxha
In noss cours fidanza crescha,
Tia orma sainta ferm,
Dieu in tschêl, il bap etern!
Dieu in tschêl, il bap, il bap etern!

Hino ou Cântico Suíço
Sobre nossas montanhas, quando o sol
Anuncia uma brilhante aurora
E prediz, de um mais belo dia, o retorno

As belezas da pátria
Falam à alma enternecida.
Ao céu sobem mais alegres
Os acentos de um coração respeitoso,
Os acentos emocionados de um coração

Quando um doce raio de claridade
Penetra ainda no bosque negro,
O coração se sente mais feliz perto de

Longe dos vãos ruídos da planície,
A alma em paz é mais serena;
Ao céu sobem mais alegres
Os acentos de um coração respeitoso
Os acentos emocionados de um coração

Eir in temporals terribels
Sun teís uordens bain visibels,
Tia orma sainta ferm.
Dieu in tschêl, il bap etern!
Dieu in tschêl, il bap, il bap etern!

Quando da noite sombria
O relâmpago ribomba,
Nosso coração pressente então o Deus
poderoso;
Na tempestade e no perigo
Ele é nossa fortaleza.
Ofereçamos corações piedosos,
Deus nos abençoará dos céus
Deus nos abençoará do alto dos céus.
respeitoso.

Das grandes montanhas vem o socorro,
Suíço, espera em Deus sempre
Guarda a fê dos ancestrais, vive com eles!
Deus
No altar da pátria
Coloca teus bens, teu coração, tua vida!
Este é o teu tesouro precioso
Que Deus abençoará dos céus,
Que Deus abençoará do alto dos céus.
respeitoso.

Referências Bibliográficas:

- ¹ *Gruyères illustrée*, 7ème livraison, Gruyères, 1903.
² MARCHON, Albino José – *Pedra Riscada*, Ano I, Número 1, Vitória, 1997, p.4.
³ *Der Schweizfreund*, 15 de julho de 1819.
⁴ HEDLER, Hella Louise Engmann – *Pedra Riscada*, Ano I, Número 1, Vitória, 1997, p. 7.
⁵ FLORES, Hilda Agnes Hübner – *Canção dos Emigrantes* – U. Caxias do Sul, Porto Alegre, 1983, p. 215-216.
⁶ *Ibid.*, p. 215.
⁷ *Ibid.*, p. 216.
⁸ *Ibid.*, p. 177.
⁹ KALK, Bruno Guilherme – *O cântico de Emigração in Câmera I*, Ano II, Nov. 1997, p. 5.



*Costumes de Fribourg Alemão: Hans Brunishoez e Katharina Egger, Queijeiro e Camponesa.
Joseph Rheinhard, 1791. Museu de História Berna (Reprodução autorizada)*

Cantão de Fribourg



Localizada na Suíça Ocidental, às margens do Rio Sarine ou Saar, a cidade de Fribourg é a origem do futuro cantão de Fribourg e foi fundada em 1157 pelo Duque Berthold IV, da família Zähringen, que iria dominar todo o século XII e abriria o caminho para os Habsburgs. Eis outras cidades fundadas pelos Zähringen: Fribourg em Brisgau, na Alemanha, Berna, Thoun, Laupen, Morat e Yverdon na Suíça. Com a extinção dos Zähringen, em 1218, Fribourg passou aos Condes de Kybourg, cuja linhagem masculina também se acabou, em 1271, passando por casamento para o Conde de Habsbourg-Laufenbourg, que, em 1277, a vendeu para Rodolfo de Habsbourg, tornando-se vassala da Casa da Áustria, até 1452, ano em que passou para a tutela da casa de Savóia por causa da guerra em que foi derrotada. Finalmente, em 23 de agosto de 1477 obteve a sua independência da Casa da Savóia e, logo após, em 22 de dezembro de 1481, para evitar a dominação dos Habsburgs ou da Casa de Savóia e graças à intervenção de Nicolas de Flue, obteve a admissão na Confederação, o que a fez um cantão suíço.

Uma hábil política de compras e negociações permitiu, desde então, a Fribourg aumentar constantemente seu território, acrescentando Montagny (1478), Vuisternens-en-Ogoz e Pont-en-Ogoz (1482), Jaun (1502-1504), Wallenbuch (1502-1521), Font, (1520), Corserey (1526), Estavayer-le-Lac, Surpierre, Cheyres, Romont, Rue, Châtel-St.-Denis, Bossonnens, Attalens (1536), Bulle, Albeuve e La Roche (1537), Vaulruz (1538), Vuippens (1549-1578), Corbières (1553), a parte inferior do Condado de Gruyères (1555), Vuissens (1598) e Saint-Aubin (1691).¹

Com a invasão das forças napoleônicas em 1798, o Cantão de Fribourg não somente foi obrigado a pagar uma considerável indenização de guerra, como também perdeu seu governo oligárquico, que vinha de 1627. De 1798 a 1814 estiveram em vigor duas constituições democráticas, período em que Fribourg teve atribuída a bailliage de Morat e também se fez a separação definitiva entre o Estado e a Cidade de Fribourg. Restabelecido em 1814, pelo Congresso de Viena, o governo oligárquico foi substituído em 1830 por uma democracia representativa. Após a guerra fratricida do Sonderbund (Aliança Separada), em 1847, que opôs os cantões católicos aos cantões protestantes, o território friburguês foi novamente invadido, desta vez, pelas tropas protestantes do General Dufour. Tratava-se de uma verdadeira Guerra de Secessão suíça. Em seguida, os radicais assumiram o governo cantonal, sendo substituídos por governos conservadores desde 1857.

Sempre se falou francês e alemão em Fribourg, pois o cantão é atravessado pela linha de demarcação dos dois mundos, o francês e o alemão. Até o começo do século XIV todos os atos oficiais eram redigidos em latim ou em "patois" romando, mas após a entrada de Fribourg na Confederação, no final do mesmo século, o alemão tornou-se a língua oficial; o francês se impôs quando da ocupação francesa em 1798, mas em 1814 o patriciado restabeleceu o alemão; novamente, em 1830, o francês passou a ocupar o primeiro lugar, sendo que hoje estes dois são os idiomas oficiais do cantão.

Fribourg conta com 253 comunas, dentre as quais as que mais nos interessam são a de Vuisternens-en-Ogoz, de onde provêm Jean-Claude Marchon, Marie Protasie Chavannaz e Antoine Marchon e a de Semsales, de onde provêm os Balmats. Há, ainda, Estavayer-le-Lac, cidade portuária de onde embarcaram os transmigrantes friburgueses e de outros cantões vizi-

nhos em 1819. Outras comunas são: Gruyère (mundialmente conhecida pelo famoso queijo, que leva seu nome), Grangeneuve (com seu célebre Instituto Agrícola, de onde proveio a tecnologia para a Queijaria-Escola de Nova Friburgo), Romont (belíssima, situada em uma alta colina, com seu castelo medieval e torres), Morat (próxima do local onde Carlos, o Temerário, foi derrotado pelos suíços em 1476), Bulle, Charmey (excelente estação de esqui), Châtel-St-Denis e Broc (Fábrica de Chocolate da Nestlé).

O cantão de Fribourg compreende 7 distritos, a saber: Sarine (que inclui a cidade de Fribourg e mais 53 comunas, inclusive a de Vuisternens-en-Ogoz), Singine, Gruyère, Lac, Glâne, Broye e Veveyse, sendo as capitais respectivas Fribourg, Tavers, Bulle, Morat, Romont, Estavayer-le-Lac e Châtel-St-Denis.

O cantão de Fribourg é famoso pelos produtos de laticínios (os queijos Gruyère e Vacherin, de nomeada mundial), cereais, frutas, tabaco e vinhedos (alguns deles proporcionando vinhos de excelente qualidade, como o Saint-Saphorin). Há, também, indústrias leves, de vestuário, chocolate, baterias, condensadores elétricos, material fotográfico, aparelhos eletrodomésticos.

O cantão de Fribourg tinha, em 1995, 224.552 habitantes, distribuídos numa área total de 1.670,9 quilômetros quadrados, dando uma densidade de população de 134.² Em 1995 contava com 13.828 trabalhadores no setor primário, 35.113 no setor secundário e 62.457 no setor terciário, com uma taxa de desemprego de 4,7%.³ A renda per capita do cantão é de FS 38.876, algo como que 86% da renda per capita da Suíça como um todo.⁴ Possui uma rede ferroviária de 226 quilômetros e uma rede rodoviária de 3.428 quilômetros, de ótimo padrão.⁵ Em 1990, o francês era língua materna de 61,0%, ao passo que o alemão o era 29,6% e outras línguas 9,4%.⁶ Quanto à religião, ainda em 1990, os católicos representavam 79,3%, os protestantes 14,7%, e outras religiões ou sem religião 6,0%.⁷

Em comparação com a Suíça como um todo, quanto à população, esta dispunha em 1995 de 7.062.354 habitantes, dos quais 1.363.590 eram estrangeiros, ao passo que Fribourg tinha 224.552, sendo 30.186 estrangeiros.⁸ Quanto à área, a Suíça tinha 41.284,5 quilômetros quadrados, enquanto que Fribourg apresentava 1.670,9, sendo as densidades populacionais, respectivamente, de 171 e 134 habitantes por quilômetro quadrado.⁹

O ponto mais elevado do cantão de Fribourg é o Vanil Noir (2.389 m) e o mais baixo é a margem do Lago de Neuchâtel (429 m). A comuna de Jaun apresenta a altitude mais elevada (1027 m) e a mais baixa é a de Portalban (430m).¹⁰

Enquanto que a renda média per capita suíça é da ordem de FS 45.276, a mesma, no cantão, é de FS 38.876.¹¹ O índice de automóveis por habitante é de 450 na Suíça e de 510 no Cantão de Fribourg.¹² Enquanto a Suíça conta com 1.281.488 estudantes em todos os níveis, o Cantão de Fribourg conta com 38.394.¹³

O ponto alto do turismo na região friburguesa é a própria cidade de Fribourg, seguida de Charmey (esportes de inverno) e de Gruyère, cujo espetacular "castelo privilegiado, Gruyère, atravessou os séculos. Ameaçado muitas vezes por raios, por tempestades violentas, e pelo homens, ele permaneceu inteiro sobre a colina rochosa."¹⁴

"Mais surpreendente ainda é a impressão da vertente orientada para o sol, quando se passa de Fribourg à Vevey ou à Lausanne. O túnel de Chexbres, de onde se vislumbra, sem transição, o esplendor do Léman, marca uma estupenda fronteira de regiões, entre as gordas pradarias de Fribourg e as vinhas em andares desta Riviera Suíça: passa-se de uma tonalidade verde para uma tonalidade clara, onde dominam o azul e o rosa, se tem a sensação de entrar na luz e na glória, e isto ainda é meridional."¹⁵

Referências bibliográficas:

¹ ZURICH, Pierre. *Guide Historique et Artistique de Fribourg*. Fribourg : Société de Developpement de Fribourg, 1964, p. 6-7.

² *Le Canton de Fribourg en chiffres*. Fribourg : Service de Statistique de l'État de Fribourg, 1997, p. 2-4.

³ _____, p. 6-8.

⁴ _____, p. 11.

⁵ _____, p. 20.

⁶ _____, p. 26.

⁷ _____, p. 26.

⁸ _____, p. 2.

⁹ _____, p. 4.

¹⁰ _____, p. 4.

¹¹ _____, p. 10-11.

¹² _____, p. 20.

¹³ _____, p. 26.

¹⁴ GREMAUD, Henri. *Le château de Gruyère*. 2. éd. Neuchatel : Griffon, 1975, p. 12.

¹⁵ SIEGFRIED, André in CREUX, René. *Arts populaires en Suisse*. Paris : Fontainemore, 1970, p. 12.



Mapa da cidade de Fribourg em 1652

Cidade de Fribourg



cidade de Fribourg localiza-se exatamente no limite natural entre o romando e o alemão, entre o mundo latino e o mundo germânico.¹ Fundada em 1157 pelo Duque Berthold IV, da família Zaheringer, já em 1182, isto é, com apenas 25 anos, possuía a escola que parece ser a mais velha da Suíça e da Alemanha. Mais tarde, em 1511, passou a ter a primeira escola para meninas da Suíça, firmando desde seus primórdios sua vocação educacional, que será reafirmada em 1580, com a criação do famoso Colégio Jesuíta Saint-Michel (ainda hoje um dos mais importantes e tradicionais da Suíça) e, novamente, em 1899, com a criação da prestigiosa Universidade Católica de Fribourg.

O primeiro aspecto de Fribourg é o de uma fortaleza inexpugnável, de tal ordem que ela jamais sofreu assédio ou foi sitiada. O aspecto seguinte é o religioso; trata-se de uma cidade de igrejas e conventos, desde o século XIII. O terceiro aspecto é o de uma cidade corporativa e manufatureira que se tornou muito rica, especialmente no século XV, com a indústria de lã, que se transformou em indústria de exportação até para os confins do Oriente. Então, Fribourg tinha 5.800 habitantes na cidade e mais 4.600 no restante do cantão, ao passo que Nuremberg, que era, então, um dos maiores mercados da Europa, tinha apenas 20.000 habitantes.²

Fribourg é extremamente rica em arte e arquitetura medieval, tanto religiosa como civil. O magnífico Museu de Arte e História dispõe da mais rica coleção de esculturas medievais e religiosas da Suíça. O setor tombado da Cidade Velha, um dos maiores da Europa, compreende, além de igrejas, edifícios públicos e monumentos, cerca de 200 casas góticas, associando o barroco alemão ao classicismo francês. A catedral de Saint-Nicolas, construída em estilo gótico, entre os séculos XIII e XV, apresenta uma torre imponente de quase 80 metros e 368 degraus, com uma vista panorâmica espetacular da cidade e das suas cercanias até as montanhas longínquas.³ Seu órgão, obra do famoso construtor de órgãos friburguense Aloys Mooser, foi inaugurado no Domingo de Páscoa de 1834 pelo organista Jacques Vogt, que compusera especialmente a famosa *Scène Champêtre*, chamada comumente *Orage* e é considerado por muitos, como Franz Liszt, Anton Bruckner, César Frank, o melhor da Europa e um dos melhores do mundo, pela pureza sem rival e pela melodia de tom.³ Apresenta, ainda, outras igrejas como a do Convento dos Franciscanos (século XIII), a Igreja de São Maurício (século XIII), a capela de São Bartolomeu e o convento de Maigrauge (ambos do século XVI), a velha basílica de Notre-Dame (acabada por volta de 1200, restaurada no século XVIII). Fora da cidade, nas proximidades de Vuisternens-en-Ogoz há a famosa abadia cisterciense de Hauterive (século XII, fundada por Sire Guillaume de Glâne e, desde 1138, ocupada pelos monges cistercienses vindos da abadia de Cherlieu na Borgonha, ela mesma filha da abadia de Clairvaux, que tinha então por abade Saint Bernard).⁵

A Prefeitura, um belo edifício em estilo gótico, data do começo século XVI, tendo defronte uma pequena praça chamada Place de Nova Friburgo, em homenagem à Nova Friburgo. O Hôtel Ratzet, em estilo lionês, abriga atualmente o Museu de Arte e História de Fribourg. Destacam-se ainda o Hôpital des Bourgeois de Fribourg (século XVII), a Chancelaria do Estado de Fribourg (construída no século XVII), o Colégio Jesuíta Saint-Michel (século XVI) e a Igreja de Saint-Michel (construída no começo do século XVII). Os Archives de l'État de

Fribourg, que estão entre os mais ricos da Suíça, ocupam o antigo Convento dos Agostinianos (construído como igreja no século XIII, reconstruído no século XVII, e adaptado para sede dos Archives em 1916).⁶ A Biblioteca Cantonal e Universitária, inaugurada em 1909 e dirigida, atualmente, por Martin Nicoulin, apresenta quase dois milhões de volumes e a maioria de suas obras antigas é composta pelas bibliotecas dos conventos suprimidos em 1848 (Jesuítas, Agostinianos, Cistercienses, etc.). A Universidade Católica de Fribourg foi criada em 1899 e seus novos edifícios, inaugurados em 1941, são considerados as obras mais marcantes da arquitetura contemporânea da Suíça.

Fribourg possui belas pontes, como a de Zaehringen (com 7 arcos, 251 metros de comprimento e 49 de altura) e a ponte de Goteron (de concreto, com 176 metros de comprimento e 75 de altura).

A cidade de Fribourg, em 1997, contava 32.500 habitantes (dos quais cerca de 75% falam francês e os 25% alemão), ao passo que a aglomeração – Grande Fribourg contava com quase 70.000.

Fribourg é o centro do catolicismo suíço e é sede do bispado de Lausanne, criado em 1613, cujo bispo é também bispo de Genebra desde 1821 e de Fribourg desde 1924.⁷

“Nossa cidade estava predestinada, poder-se-ia dizer, a se tornar o que ela é hoje – a sede da Catholica Unio, isto é, da União Católica, obra que trabalha no sentido da reaproximação de Roma e das Igrejas Ortodoxas.”⁸

“Fribourg, cidade-museu, Fribourg, cidade-relicário, capital do catolicismo helvético, severa para os que procuram outra poesia além da vetustez, mas comovente para os que vêm aqui procurar elevação da alma, as abóbodas, o silêncio dos santuários, a majestade soberana das naves, dos coros, da evasão do espírito através das ondas da música celeste dos órgãos.”⁹

“Fribourg, a católica, a gótica, a sábia. Ela entrou desde 1481 na Aliança das Ligas sob influência de Nicolas de Flue, “o único santo suíço”. Ela foi, ela continua a ser a região de transição entre as civilizações alemã e francesa.”¹⁰

No dizer de John Ruskin, esteta, escritor e transformador social inglês, “Fribourg é a mais pitoresca cidade da Suíça.”¹¹

“De todas as cidades da Suíça Fribourg é certamente a mais fantástica e a mais original... Cidade católica e feudal, ela conta ainda com uma multidão de monastérios e muitas desta torres que a tornavam antigamente inexpugnável... Esta cidade romântica e pitoresca é célebre não somente por suas pontes de ferro, suspensas como vias aéreas sobre o vale do Sarine e do Gottéron, mas também por sua Colegial [Catedral, atualmente], um marcante monumento gótico, cujos órgãos adquiriram renome universal. É à noite que é necessário ouvi-lo, quando as sombras da noite invadem misteriosamente as abóbodas da velha igreja... A harmonia estranha e possante do inimitável instrumento vos ninará neste mundo de quimeras e maravilhas, onde o Doutor Fausto se sentia transportado por Mefisto.”¹²

“A velha cidade de Fribourg, admiravelmente conservada, é, ela mesma, um testemunho excepcional desta época (Idade Média).”¹³

“Fribourg, uma cidade católica, onde, no final do século passado foi formulada a encíclica papal *Rerum Novarum*, na qual a Igreja tomou uma posição notável nas questões sociais.”¹⁴

Referências bibliográficas:

¹ - REYNOLD, M. M. Gonzague. *Fribourg et le Monde*. Neuchâtel : Baconnière, 1957, p. 37.

² - _____, p. 37-39.

³ - PFULG, Gérard. *La Cathédrale Saint-Nicolas de Fribourg*. Châtel-sur-Moudon : Ketty & Alexandre, 1991, p.15.

³ - _____. p. 66.

⁵ - ZURICH, Pierre. *Guide Historique et Artistique de Dribourg*. Fribourg : Société de Développement de Fribourg, 1964, p. 75.

⁶ - _____. p. 66.

⁷ - GUITTON, Paul. *Switzerland Western and Southern*. London : Medici, [s.d.], p. 198.

⁸ - SOCIÉTÉ D'HISTOIRE du CANTON de FRIBOURG et GESCHCHTSFORSCHENDER VEREIN. *Fribourg – Freiburg 1157-1957*. Fribourg : 1957, p. 263.

⁹ - OGNIZET, Doré et RUFFENACHT, J. G. *La Suisse*. Paris : Odé, 1952, p. 105.

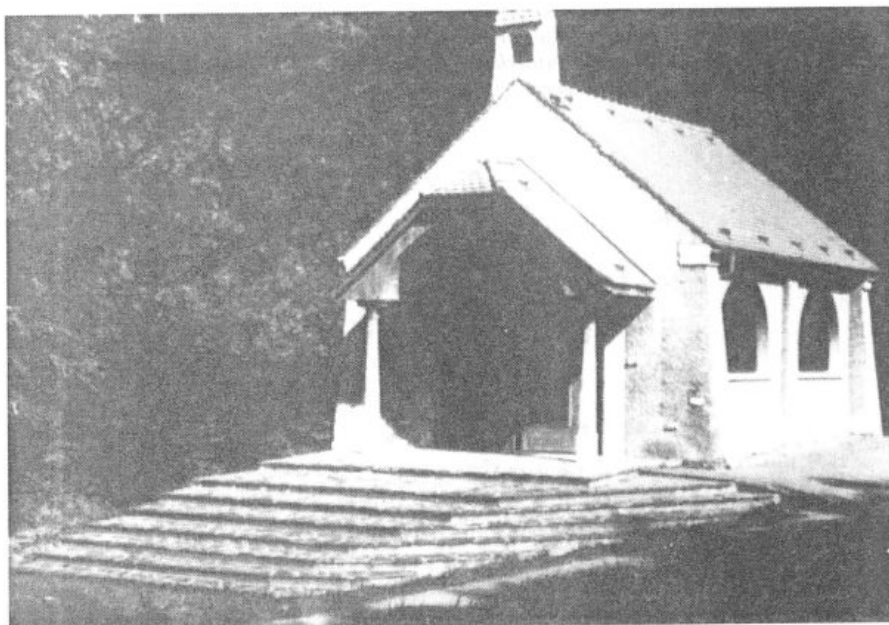
¹⁰ - NOURISSIER, François. *La Suisse Qui j'aime...* Paris : Sun, 1968, p. 74.

¹¹ - RUSKIN, John cit. in SOCIÉTÉ D'HISTOIRE de L'ART en SUISSE. *INSA 1850-1950 – Inventaire Suisse d'Architecture Délemont, Frauenfeld, Fribourg, Genève et Glarus*. Zurich : 1982, p. 189.

¹² - TISSOT, Victor et BONNET, François. cit in _____. p. 189.

¹³ - *La Suisse – 1998-99*. Zollikofen : Kümmerly+Frey, 1999, p. 14.

¹⁴ - BERCHTOLD, Alfred. *Focus on Switzerland – Cultural Life*. 2. ed. Zurich : Coordinating Committee for the Presence of Switzerland Abroad, 1982, p. 17.



Capela de Nossa Senhora da Salette, aos pés de Gibloux, Vuisternens-en-Ogoz.

Vuisternens-en-Ogoz e Bouleyres



extremamente difícil determinar a origem da palavra Vuisternens, pois no decorrer do tempo se chamaria Winsterningis (929), Wisternegus (1162), Winttarneins (1228), Vistarnens (1238), Wistarnyns (1250), Vuisternens (1285), Wistarnens (1342), Wuysternens (1482) e Vuisternens (desde 1668). Se a origem do nome é alemã, como se pretende, é que a forma alemã atual é Winterlingen, isto é, habitação de inverno. Outra etimologia seria francesa,

com a palavra em "patois", Wuscernin, onde cern significa terreno cultivado protegido por fileiras de arbustos. Como existem dois Vuisternens, um a leste e outro a oeste do Pico do Gibloux, Vuisternens-en-Ogoz poderia ser o terreno do leste e Vuisternens-devant-Romont seria o do oeste.¹ Ogo, mais tarde Ogoz é o antigo nome do Condado de Gruyères, pois que Vuisternens-en-Ogoz fica a alguns quilômetros apenas da cidade de Gruyères, onde está o famoso castelo de Gruyères, aliás, um belo museu atualmente.²

Também é muito difícil precisar a primeira origem de Vuisternens-en-Ogoz. Não obstante, sabe-se que já era habitada à época do domínio romano na Helvetia. Uma rota secundária romana devia atravessar o alto da vila. Por volta do ano 300, dependia administrativamente da Civitas Helvetiorum, tendo Aventicum, atualmente Avenches, como capital. Em 443 os burguinhões, de origem escandinava, invadiram a Savóia e deixaram, na Suíça ocidental, todos os nomes dos lugares terminando em "ens". Em fins do século XIX descobriu-se um cemitério nas cercanias, datando, crê-se, da época merovíngia, ou seja, do século V.³ Até 1250 Vuisternens-en-Ogoz fazia parte da Baronia de Pont, tendo o Cantão de Fribourg, em 1482, adquirido os direitos feudais exercidos pelos senhores de Pont. No ano seguinte, 1483, adquiriu também os direitos que tinham sobre Vuisternens-en-Ogoz, entre outros, o Convento de Marsens. A Baronia de Pont, adquirida por Fribourg, compreendia 4 paróquias: Farvagny, com Vuisternens-en-Ogoz, Estavayer, Orsonnens e Avry, o conjunto constituindo o distrito de Farvagny até 1848 e, por este motivo, os documentos de Jean-Claude e dos seus foram emitidos pelo distrito de Farvagny. A partir de então e até hoje, Vuisternens-en-Ogoz passou a fazer parte do distrito do Sarine.



Fig. 16 – Apreciando uma estação da Via Sacra, algumas vezes centenária, em frente a casa de um Marchon, na Terra dos Marchons. Abril, 1997.

As paróquias existiam muito antes das comunas e quase todas, muito extensas foram fundadas durante o Segundo Reino de Borgonha, no tempo da famosa Rainha Berta, por volta dos séculos IX, X e começo do XI. Na antiga Civitas Helvetiorum, que compreendia aproximadamente os territórios dos atuais cantões de Fribourg e Vaud, muitos padres já evangelizavam a população no século IX. O “Cartulaire de Lausanne” fala de Winttarneins já em 1228, que dependia da Paróquia de Farvagny, uma das 28 que compreendiam o decanato de Ogoz, que era, por sua vez, uma das 6 divisões da Cidade dos Helvéticos. Vuisternens-en-Ogoz foi erigida em paróquia em 5 de dezembro de 1651.⁴ Seu órgão é a jóia da igreja e foi classificado como monumento histórico.⁵ Alguns Marchons sempre desempenharam papel saliente na Igreja local: o governador da paróquia, Nicolas Marchon, no século XVII⁶, a senhora Marie Marchon, madrinha do primeiro sino da igreja⁷. Nela se casaram em 26 de abril de 1819 Jean Claude Marchon e Maria Protasie Chavannaz Marchon, imediatamente antes de empreenderem a viagem ao Brasil. Atualmente a cada 15 dias, nela exerce o culto um padre Marchon pelo lado materno. O padre Jacques-Joseph Marchon, pároco de Corbières. O Irmão Baptiste Marchon, jesuíta, serviu em Lyon, Avignon e Cairo. Destacaram-se também as Irmãs Marie Anne (Anne-Marie-Justine Marchon) que serviu no Hôpital de Fribourg, Delphine Marchon (Anne-Marie-Jeanne Marchon), religiosa no famoso Convento de Maigrauge e Sainte-Florine (Philomène-Séverine Marchon), todas no século XIX.⁸



Fig. 17 – Altar da Igreja paroquial de São João Apóstolo e São João Evangelista em Vuisternens-en-Ogoz. Acervo do A. 1995

A comuna de Vuisternens-en-Ogoz está situada praticamente no coração mesmo do cantão, a mais ou menos 15 quilômetros das cidades de Fribourg, Romont e Bulle. Com seu quarteirão Bouleyres, seu território se estende por 6,2 quilômetros quadrados e se limita com as comunas de Farvagny, Rueyres-St-Laurent, Villarlod, Avry e Le Bri. Sua altitude varia de 729 m a 1170 no alto do Pico do Gibloux, onde há uma imponente torre de comunicação com um belvedere que proporciona uma visão panorâmica de extraordinária beleza, avistando-se quase todo o cantão friburguês, e uma parte importante dos cantões de Vaud, Neuchâtel e Berna. De Bouleyres



Figura 18 Grupo nos Alpes Friburguenses: Suzana, Horace, Christian, Montsê, Isabelle Marchon Genoud e Renato Engmann Marchon.



Figura 19 Huguette Marchon Genoud e Albino José Marchon defrente à antiga residência de Georges Aimé Marchon, aliás, na qual nasceram Huguette e seus irmãos.

há uma mata de coníferas comunal, com uma bela estrada, que leva ao belvedere. Sua população variou de 588 habitantes em 1888 a 489 em 1895, havendo, portanto, uma redução de cerca 17%.

Até recentemente era uma comuna de vocação essencialmente agrícola, mas atualmente abre-se para atividades diversas; além da criação de gado e da exploração madeireira e da indústria leiteira, há indústrias de ferro forjado, instalação sanitária e aquecimento.¹⁰ As cantinas da região são famosas em toda a Suíça pela alta qualidade, pelos queijos Gruyères e Vacherin, pelo presunto de Fribourg.



Fig. 20 Huguette Marchon Genoud, Albino José Marchon, João Cláudio Engmann Marchon, Sra. Marchon e Georges Aimé Marchon degustando um excelente "plat de jambon à la fribourgeoise" no Villarlod. Acervo do A. 1997.



Fig. 21 Albino José Marchon e Georges Aimé Marchon na residência deste último em Bouleyres. João Cláudio Engmann Marchon. 1997.



Fig. 22 Daniel Marchon e João Cláudio Engmann Marchon esquiando nos Alpes Suíços.
Acervo do Autor. 1997.

Como caracteristicamente ocorre em toda a Suíça, há, em Vuisternens-en-Ogoz, inúmeras sociedades, associações, clubes, fraternidades, coros, como, por exemplo, Sociedade de Carabineiros, Coro Misto da Paróquia, Sociedade de Desenvolvimento da Comuna, Sociedade da Juventude, Clube de Futebol, Fraternidade de São Francisco, Grupo de Mulheres, Sociedade de Ginástica, Sociedade de Música, Clube de Esqui. Todas elas apresentam Marchons em seus quadros e há sempre Marchons presidindo algumas delas.

Referências bibliográficas:

- ¹ - DELLION, R. P. Apollinaire et PORCHEL, François. *Dictionnaire Historique et Statistique des Paroisses Catholiques du Canton de Fribourg*, cit. in *Vuisternens-en-Ogoz*. Broc : Société de Développement de Vuisternens-en-Ogoz, 1986, p. 5.
- ² - ATTINGER, Victor. *Dictionnaire Historique et Biographique de la Suisse*. V. 6. Neuchâtel : DABS, 1928, p. 185.
- ³ - *Vuisternens-en-Ogoz*. Broc : Société de Développement de Vuisternens-en-Ogoz, 1986, p. 5.
- ⁴ - _____, p. 7.
- ⁵ - _____, p. 8.
- ⁶ - DELLION, R. P. Apollinaire et PORCHEL, François. *Dictionnaire Historique et Statistique des Paroisses Catholiques du Canton de Fribourg*. V. 10-11. Genève : Slatkine, 1994, p. 212.
- ⁷ - _____, p. 213.
- ⁸ - _____, p. 224-225.
- ⁹ - *Vuisternens-en-Ogoz*. op. cit., p. 4.
- ¹⁰ - _____, p. 10-11.

“A imagem idealizada do que emigra para ficar é a imagem orgânica do pioneiro; a imagem idealizada do que emigra para voltar ao ponto de partida é a imagem predatória do bandeirante.”

Vianna Moog

Lumiar e Pedra Riscada



umiar, atual quinto distrito de Nova Friburgo, na região do Macaé de Cima, era habitado por silvícolas e quilombolas, que, por volta de 1822 foram afastados por ordem do Príncipe D. Pedro, para possibilitar a ocupação pelos suíços, em sua maioria egressos dos antigos lotes coloniais, inclusive Jean-Claude Marchon.

Em 6 de abril de 1869 foi oficialmente criado o distrito de Lumiar,¹ tendo havido anos antes um plebiscito para escolha da sede do distrito, tendo Lumiar obtido mais votos do que Pedra Riscada e São Pedro da Serra.² No regime republicano “estabeleceu-se pertinaz divergência política entre os habitantes das duas localidades [Lumiar e São Pedro da Serra] o que ocasionou a mudança, por várias vezes, da sede do distrito de uma para outra localidade, conforme dominava, no Município, o partido político a que estavam agremiados os habitantes de uma ou de outra.³ Em 2 de abril de 1987 foi criado o sétimo distrito de Nova Friburgo, São Pedro da Serra, desmembrado dos quinto distrito (Lumiar) e quarto distrito (Amparo), situação que prevalece atualmente.⁴

O distrito de Lumiar é o mais extenso do município, com 379 quilômetros quadrados e uma população de 5.560 habitantes, dos quais cerca de 520 na área urbana (1980).⁵

Com difícil acesso, agravado pela tardia eletrificação, ambos resolvidos parcialmente na década passada, “esse Distrito permaneceu quase intacto na sua estruturação social e urbanização incipiente. É o Distrito que guarda maior número de descendentes suíços, com características bem marcantes. Pequenas propriedades cultivam inhame, batata, aipim e feijão. Sua população talvez pela própria natureza abrupta [sic] e singular, fecha-se muito de transformações [sic]. Numa altitude média de 600 metros, com o Rio Macaé correndo na direção sul-leste, oferece lindas paisagens, clima agradável e áreas ainda bastante preservadas.”⁶

“A pacata Lumiar é formada por uma praça, cercada de casas simples onde, bem em frente, encontra-se um chalé do final do século XIX.”⁷ Esta praça é a Praça Carlos Maria Marchon, último filho de Jean-Claude Marchon e este chalé é o chalé por ele concluído em 1888, como mostrado no frontão, feito a partir de uma casa baixa construída por um De Roure (imigrantes franceses, cujo patriarca tinha sido Grand Tallion da corte de Luiz XVI e que se entrelaçaram, por casamento, com os Marchons).(Fig. 23)

Carlos Maria Marchon foi uma marcante personalidade, a quem Lumiar muito deve, homenageado não só com o nome na praça principal, como também com o nome na Escola Estadual Carlos Maria Marchon, assim como Felipe Marchon, também filho de Jean-Claude Marchon e também homenageado com seu nome numa das principais ruas de Lumiar.

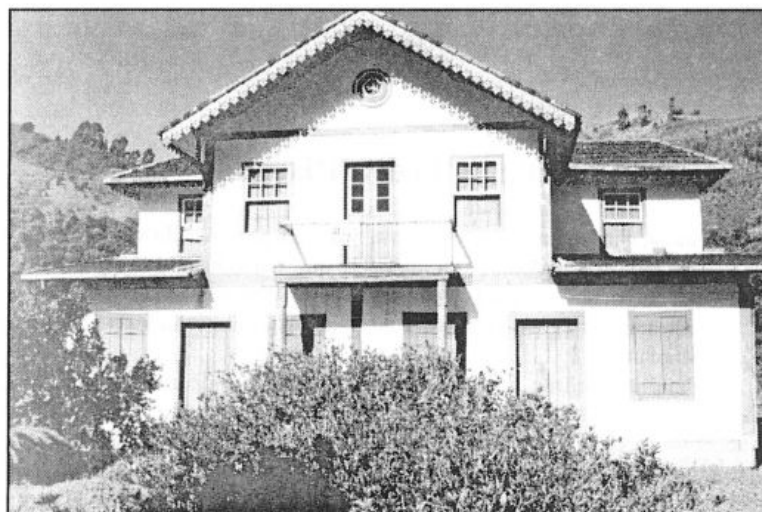


Fig. 23 Casa de Carlos Maria Marchon situada à Praça Carlos Maria Marchon em Lumiar. Renato Engmann Marchon. 1997.

Pedra Riscada, Lumiar e o entorno são certamente o berço dos Marchons no Brasil e constituem uma verdadeira Terra dos Marchons no Brasil, da mesma forma como o são Bouleyres e Vuisternens-en-Ogoz na Suíça. E, da mesma forma que na Suíça, o cerne da primitiva fazenda de Jean-Claude Marchon é propriedade dos Marchons até hoje e fazemos votos para que assim permaneça *per secula seculorum*. (Fig.24)

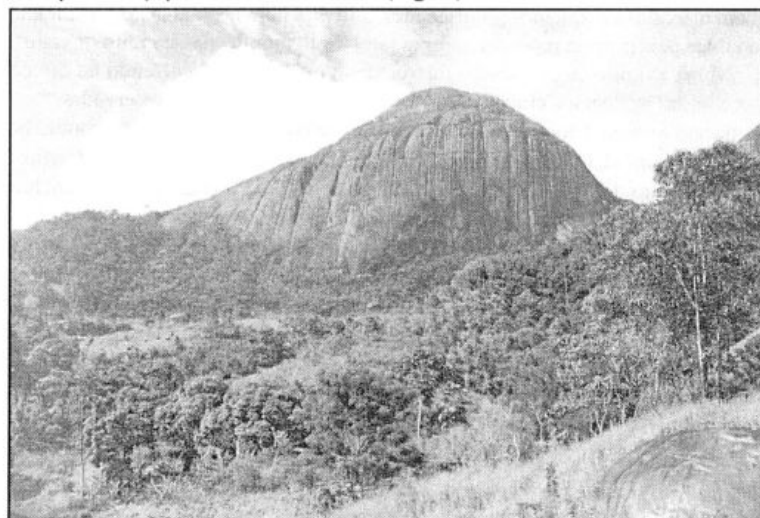


Fig. 24 Pedra Riscada, elevação rochosa que conta 1348 metros de altitude, ao sopé da qual Jean-Claude Marchon estabeleceu a Fazenda da Pedra Riscada. Renato Engmann Marchon. 1998.

Em 8 de janeiro de 1994, por ocasião do VI Encontro Gerações Marchon, comemorativo do bicentenário de nascimento de Jean-Claude Marchon (ocorrido em 23 do mesmo mês), a Associação da Família Marchon erigiu, de comum acordo com a Sociedade Beneficente e Zeladora do Cemitério da Pedra Riscada, um belíssimo Memorial.

Muitas famílias de Lumiar são estreitamente relacionadas com os Marchons, nomeadamente os Jaccouds, os Balmats, os Martins da Costa, os Fernandes da Costa, os Spitzs, os Eggers, os Schorrs, os Berbets, os Benvenuts, entre outras.

Referências bibliográficas:

- ¹ - Pró-Memória, P. M. N. F. *Nova Friburgo (Município) Radiografia Social de uma Comunidade*. (Biblioteca de Estudos Fluminenses). Niterói : Imprensa Oficial, 1988, p. 46.
- ² - FONTÃO, Humberto Marchon. *História de nossos ancestrais*. Nova Friburgo : ed. do Autor, 1989, p. 8.
- ³ - Pró-Memória, P. M. N. F. op. cit., p. 47
- ⁴ - _____, p. 51.
- ⁵ - _____, p. 68.
- ⁶ - _____, p. 68.
- ⁷ - GUIAS MICHELIN. *Rio de Janeiro, Cidade e Estado*. Rio de Janeiro : Michelin, 1990, p. 118.

*"Quando já fatigados do caminho,
Sobre a pedra da tumba repousardes
Avante marcharão os filhos vossos;
E esse livro tomando-vos, um dia
Irão saber o que seus pais fizeram."*

Domingos José Gonçalves de Magalhães

Cemitério da Pedra Riscada



ean-Claude Marchon foi enterrado no ano de 1857 no cemitério por ele mesmo criado na Fazenda Pedra Riscada e, alguns anos após foi fundada a Sociedade Beneficente e Zeladora do Cemitério da Pedra Riscada, por seu filho Carlos Maria Marchon.¹

Compulsando os documentos da Sociedade, chegamos à conclusão de que a grande maioria dos fundadores e sócios são descendentes de Jean-Claude:

Carlos Maria Marchon, João Martins da Costa (casado com Maria Lydia), Joaquim Félix Marchon, Eugênio Eduardo Marchon, Henrique Evaristo Marchon, João Augusto Marchon, Carlos Vieira Marchon (Valentim), Manoel Martins da Costa, Maria Adélia Marchon (viúva de Felipe Marchon), Diógenes Juvenal Marchon, João Basílio Marchon, Eugênio E. Marchon. Mas há também os Balmats, aliás, grafando Balmant: Pedro Felipe Balmant, Pedro Augusto Balmant e também a família Egger: Eudino Egger.

No jazigo 38 jazem Jean-Claude, Marianne Neuve Balmat Marchon (esposa), François Zurkinden Balmat (sogra), Carlos Maria Marchon (filho) e Felipe Marchon (filho). Trata-se de uma construção verdadeiramente original, artística, embora despojada, simples, situada na parte mais elevada do cemitério, próxima da antiga Capela-Oratório da Fazenda e do ossário.²

No jazigo 14 foram enterrados: Maria Lydia Marchon da Costa (filha), José Martins da Costa (genro), Manoel Martins da Costa (neto), Alcino Martins da Costa (neto) e Manoel Alcino Martins da Costa (bisneto, recentemente falecido).

Aurélio Durval Marchon, Darcília Benvenuti Marchon, Urselina Cecília Marchon (neta), Euthaliomar Marchon Spitz (neta), Olívia Fernandes Costa (neta), Manoel Fernandes Costa (bisneto), Verônica da Costa Jaccoud (neta), Florentina Maria da Costa (bisneta), Arnaldo Martins da Costa (trineto) e Natália Schorr (trineta) jazem, respectivamente, nos jazigos números 11, 13, 67, 36, 45, 27, 30, 174, 57 e 6.³

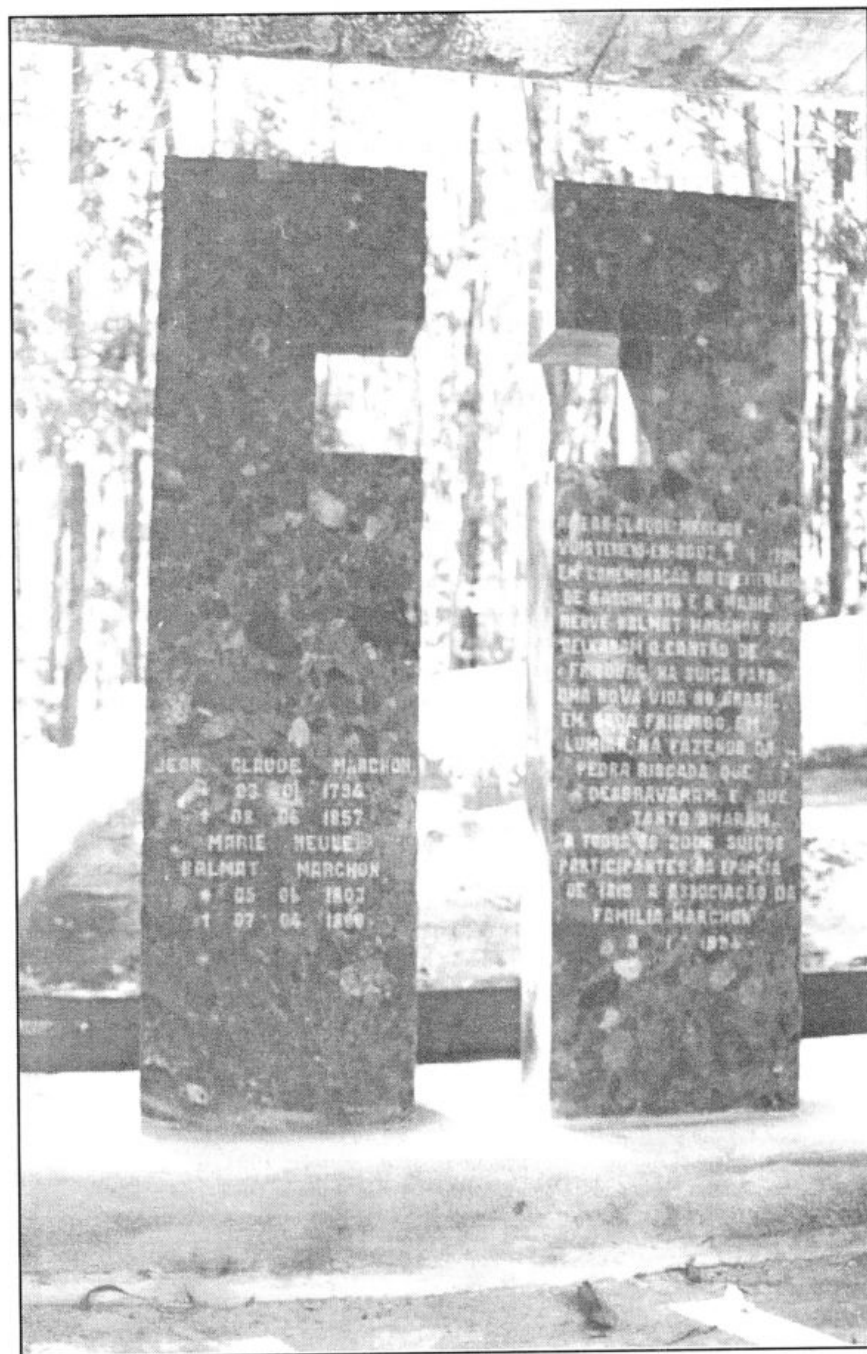
A Diretoria atual da Sociedade Beneficente e Zeladora do Cemitério da Pedra Riscada é a seguinte:

Presidente	Ersílio Fernandes da Costa
Vice-presidente	José Maria Spitz
Secretário	Manoel Alcino Martins da Costa (falecido)
Tesoureiro	Acyr Spitz.

Todos eles são descendentes de Jean-Claude Marchon.

Referências bibliográficas:

- 1 - Livros 1 e 2. *Sociedade Beneficente e Zeladora do Cemitério da Pedra Riscada.*
- 2 - COSTA, Manoel Alcino. *Comunicação pessoal.* Lumiar, 1994.
- 3 - COSTA, Ersílio Fernandes. *Comunicação pessoal.* Lumiar, 1994.



Memorial comemorativo do bicentenário de Jean-Claude Marchon erigido pela Associação da Família Marchon, em 1994, no Largo do Cemitério da Pedra Riscada. Renato Engmann Marchon. 1994.

Associação da Família Marchon



origem da idéia da congregação do clã Marchon estava implícita na vontade reiteradamente expressa por meu querido pai Eurico Marchon, quando nos instava a nos relacionarmos mais estreitamente com os descendentes dos ramos dos Marchons de Durval Marchon, dos Marchon Bragança Santos, dos Marchon Leão, dos Marchon Victor, dos Marchons de Carlos Marchon (de Araruama), dos Marchons de Alpheu Marchon (de Casimiro de Abreu), dos Marchons de Alda Marchon Berbert, dos Marchon Fontão, dos Marchons de Manoel Alcino Martins da Costa, dos Marchons de Agenor Marchon, dos Marchons de Meneleu Marchon, bem como dos Gerhards de Renato, Theodomiro, Waldemar e Juvêncio Gerhard, dos Eggers de Eudino Egger, dos Murys do General Luiz Braga Murry, dos De Roures de Arquimedes De Roure, dos Monnerats de Luiz Monnerat.

Por outro lado, papai induzira-me, por dominar o francês, a procurar relacionar-me com os Marchons d'além Atlântico, por ocasião de minhas então freqüentes viagens ao Velho Mundo, o que, lamentavelmente, só foi possível concretizar após sua morte, em 1971.

Papai, ser gregário por excelência, "personalidade marcante em que se aliavam seriedade de atitudes e jovialidade de espírito"¹ entrevia a necessidade imperiosa de nos congregarmos para possibilitar às crianças, aos jovens, aos adultos e aos anciãos do clã, contatos mais amplos, concretizando assim o verdadeiro espírito de confraternização, o verdadeiro "esprit de corps" dos Marchons. Em toda a sua vida, afeiçoado grandemente à vovó Chana, mamãe, filhos, netos e bisnetos, papai, sempre pragmático, vivenciou tal espírito. Tendo existido em época de comunicações precárias, telefones escassos e meios de transporte ferroviários, rodoviários e aéreos deficientes, quando uma viagem pela Leopoldina Railways, por exemplo, de Cachoeiro de Itapemirim ao Rio de Janeiro demandava o emprego de guarda-pó e 18, às vezes 20 horas, quando um simples telefonema do mesmo Cachoeiro de Itapemirim para a capital federal representava 4, 6 horas de espera, Eurico Marchon desenvolveu um estilo epistolar altamente eficiente que facilitava sua vida familiar, social e empresarial. Papai, familiarmente, escrevia como falava, disto resultando lindas cartas, algumas antológicas, tratando de todos os aspectos da vida da família, constituindo uma rede capilar de troca de informações que mantinha acesa a chama sagrada do clã Marchon.² Além disso, ele e mamãe, eram profundos conhecedores de Nova Friburgo (e em torno: São José do Ribeirão, Muri, Amparo, Lumiar, Bom Jardim, Cantagalo), Aldeia Velha, Casimiro de Abreu, Araruama, São Pedro d'Aldeia, Cabo Frio, Rio Bonito, Visconde do Itaboraí, Rio de Janeiro, Niterói, Reduto (e adjacências: Manhauçu, Manhumirim, Guaranésia, Carangola, Espera Feliz, Pedra Menina, Jequitibá, atualmente Presidente Soares, Ubá, Recreio, Leopoldina, Muriaé), Celina (Alegre, Cafelândia, Guaçuí, Jerusalém, Volta da Ferradura), Raposo, São Manoel, Itaperuna, Cubatão, São Paulo, Volta Redonda, Rio Claro, Cruzeiro, Ribeirão Preto, São Gonçalo (Paraisópolis, Rôdo, Alcântara) e Cachoeiro de Itapemirim – fulcro espacial e temporal, necessário e suficiente. Eurico e Georgeta amavam tanto Cachoeiro de Itapemirim, "...ai que saudade destas terras entre as serras, doce terra ..." ³ que "como também nós, em nosso bondoso Cachoeiro de Itapemirim, ficaremos para sempre" ⁴. Ah! Marathayzes, Barra do Itapemirim, Vila do Itapemirim, Paineiras, Guarapará, Marobá...

Anos depois, nos idos de 1986, três caros sobrinhos, Lúcia de Souza (hoje Xavier,

filha de Pedro de Souza – de saudosa e querida memória e de Nair Marchon de Souza), Georgeta de Souza (hoje Antunes, filha de Androgeu Pinheiro de Souza e de Carmem Marchon de Souza – de saudosa e querida memória) e Guilherme Emmerich Marchon (filho de Agenor Marchon – também de saudosa e querida memória e de Edith Emmerich Marchon) conceberam e programaram o I Encontro de Gerações Eurico Marchon e o I Congresso de Primos da Família Marchon e Afins, nos dias 13 e 14 de setembro de 1986, no Centro de Convenções do Hotel Sans Souci, em Nova Friburgo, RJ, berço natal brasileiro dos Marchons, Gerhards, Emmerichs e Eggers, como enfatizavam no convite.⁵ Os três trabalhavam comigo na Editora Quintessência do Brasil Ltda. e, como eu havia sido o fiador do contrato com o Hotel Sans Souci e desejavam levar meus três filhos também, eu e Regina fomos convidados a comparecer, mesmo não sendo propriamente “primos” e sim “tios”. Uma vez nós convidados, ponderou-se que os outros “tios” também deveriam ser convidados, todos meus irmãos e respectivas famílias: Myron, Agenor, Carmem, Nair, Euta e Paulo. A idéia foi tão entusiasticamente recebida que resolvemos estender o convite para três primos nossos, muito chegados e queridos, Joaquim Marchon Leão, Plácido Marchon Leão e João Luiz Marchon. Novamente excelente recepção ao convite. Maria Marchon Leão, nossa querida tia Maria, entusiasta como sempre, mobilizou-se rapidamente e conquistou todo mundo para a idéia. A partir daí, e graças à tia Maria, finalmente, a configuração passou a ser a da família Marchon em seu sentido mais amplo. Eu, que tinha trânsito fácil com quase toda a família, por ser, de certa forma, herdeiro dos conceitos genealógicos de Eurico Marchon e por ser o odontólogo de muitos parentes, instei com Cecília Marchon Bragança Santos, com Mercedes Canelas Marchon, com Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert, com Plácido Vieira Marchon, com Manoel Alcino Martins da Costa, com Humberto Marchon Fontão, para que comparecessem e convidassem todos os Marchons.

O Sans Souci engalanou-se para receber-nos. E o evento transcorreu de forma agradabilíssima para todos nós, proporcionando uma confraternização excepcional. A longeva Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert, então com 85 anos e a Livia Dinora Araujo Marchon, então com 3 meses e pouco, constituíam os extremos da faixa etária e representavam, respectivamente, a terceira e a sexta gerações, havendo vários representantes da sétima e alguns mesmo, da oitava geração de Marchons do Brasil.(Fig. 25) O Centro de Convenções mal comportou os Marchons presentes à Assembléia, tendo participado da Mesa Diretora a saudosa e emblemática Maria Marchon Leão, Cecília Marchon Bragança Santos, a saudosa Mercedes Canelas Marchon, Myron Marchon, Meneleu Adelú Marchon, o saudoso Odyr Agenor Spitz, Humberto Marchon Fontão, João Luiz Marchon, Plácido Marchon Leão e Albino José Marchon.⁶(Fig. 26) Houve uma missa solene de ação de graças na Catedral de São João Batista de Nova Friburgo, oficiada pelo Monsenhor Pedro Maia. Mercedes Canelas Marchon, viúva de nosso querido primo Carlos de Oliveira Marchon, então recentemente falecido, trouxe-nos uma lembrança muito significativa de seu falecido marido, uma grande personalidade araruamense.(Fig. 27) Um sucesso e tanto. Inesquecível. Um acontecimento que perdurará nos fastos dos Marchons do Brasil.

O que seria de acordo com a concepção original de Lúcia, Georgeta e Guilherme o I Encontro de Gerações Eurico Marchon e o I Congresso de Primos da Família Marchon e Afins transformara-se, efetivamente, no I Encontro de Gerações Marchon – I EGeM.

Certamente, por não haver sido formalizada a associação, passaram-se em brancas nuvens os anos de 1987 e 1988, sem encontros formais, muito embora tivessem sido bastante intensificadas nossas aproximações informais, principalmente sob forma de almoços, jantares, reuniões familiares em minha residência, na Fernando Moncorvo, 300.⁷



Fig. 25 - Foto oficial do I Encontro Gerações Marchon. 1986.



Fig. 26 - Parte da mesa diretora dos trabalhos do I Encontro Gerações Marchon: Odyr Agenor Spitz, Humberto Marchon Fontão, João Luiz Marchon, Maria Marchon Leão, Mercedes Canelas Marchon e Myron Marchon.

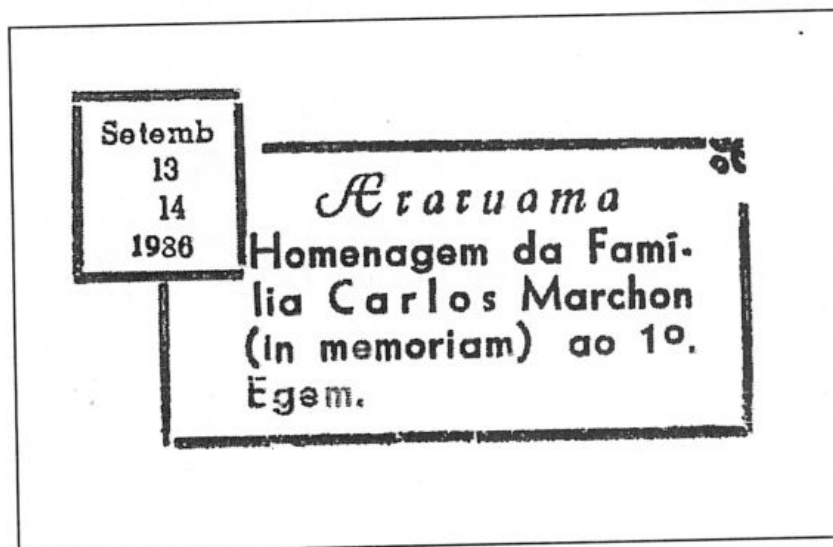


Fig. 27 – Mimo ofertado pela viúva Mercedes Canelas Marchon e família.

Assumi, em 1989, o encargo de coordenar o II Encontro de Gerações Marchon, preocupado em vivificar o movimento e estimulado por muitos Marchons.⁸ O II EGeM realizou-se no Hotel Bucski-Mar (ex-Gragoatá), em 17 de outubro de 1989, em Niterói, RJ, em excelente topografia, com vista deslumbrante para a Baía de Guanabara e cidade do Rio de Janeiro. Na Assembléia, eu propugnei pela constituição de uma associação da família, nos moldes de outras que então se formavam no Brasil, entre os descendentes dos imigrantes suíços, movimento este estimulado pela Associação dos Descendentes e Amigos dos Imigrantes Suíços – DESAMIS, presidida pelo nosso primo e amigo Prof. Élio Monnerat Solon de Pontes, descendente direto de Maria Rosalina Marchon, a primeira Marchon nascida no Brasil. Aprovada a idéia da criação da Associação da Família Marchon, foi eleita por aclamação e imediatamente empossada a Diretoria Provisória:

Presidente
Vice-Presidentes

Diretora Secretária
Diretor Tesoureiro
Diretor Social
Diretor Esportivo

Albino José Marchon
Humberto Marchon Fontão
João Luiz Marchon
Plácido Marchon Leão
Cristina M. Carrera Marchon Leão
Joaquim Marchon Leão
Eurico Marchon Neto
Albino José Marchon Filho.

Foi constituída a Comissão de Estatutos, composta por Albino José Marchon, Augusto Marchon Zago, Carlos Roberto dos Santos Marchon Leão, Clésio Antônio Mattos Lopes da Silva, Cristina Maria Carrera Marchon Leão, Eurico Marchon Neto, Humberto Marchon Fontão, João Luiz Marchon, Joaquim Marchon Leão, Paulo José Felix Antunes, Paulo Marchon e Plácido Marchon Leão. Neste encontro ocorreu, pela primeira vez, a internacionalização do

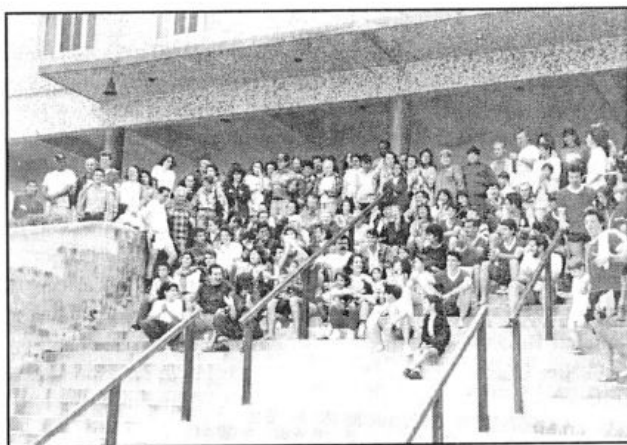


Fig. 28 - Foto Oficial do III Encontro Gerações Marchon. 1990



Fig. 29 - Élio Monnerat Solon de Pontes, Jean-Benoît Robatel, Regina Heidi Engmann Marchon, Martine Marchon e Albino José Marchon. 1990.

evento, pois estava presente o casal Raquel de Carvalho Marchon Almeida e Mário Valentim Almeida, de Fort Lauderdale, FL, Estados Unidos da América. Também resolveu-se realizar o III EGeM em Araruama, RJ. A Assembléia teve a seguinte Mesa Diretora: Maria Marchon Leão, Mercedes Canelas Marchon, Cecília Marchon Bragança Santos, Manoel Bragança Santos (poeta de fina estirpe, imortal da Academia Petropolitana de Letras, que me brindou com belíssima e comovedora poesia, lida por seu filho Mazzini Marchon Santos)⁹, Myron Marchon, Meneleu Adelú Marchon, Plácido Marchon Leão, João Luiz Marchon e Albino José Marchon.¹⁰ Fomos homenageados pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro que aprovou, por proposição do Ilustre Deputado Paulo Cordeiro, uma Moção de Congratulações à Família Marchon pela realização dos I e II Encontros e também pela Câmara Municipal de Nova Friburgo, por iniciativa do Ilustre Vereador Gilberto Salarini, foi aprovado um Voto de Congratulações com a Família Marchon.

O III EGeM transcorreu a 29 e 30 de setembro de 1990 na acolhedora Casa Abel, em Araruama, RJ. A ótima organização de evento foi proporcionada pelos filhos de Mercedes Canelas Marchon, capitaneados por Maria da Graça Marchon Silva, e por Plácido Vieira Marchon.(Fig.28) Especialmente convidados aqui estiveram Martine Marchon e Jean-Benoît Robatel, provenientes de Fribourg, Suíça, representando os Marchons suíços, pela primeira vez presentes em nossos eventos, encantando a todos nós. (Fig. 29) Representando a Associação dos Descendentes e Amigos dos Imigrantes Suíços, DESAMIS, esteve presente Élio Monnerat Sólton de Pontes, seu presidente. Foi disputada no campo de esportes da Casa Abel, em meio à entusiasmada torcida dos Marchons, a Taça Centenário Eurico Marchon, futebol adulto, entre as equipes Marchon A versus Marchon B, tendo sido vencedora a equipe A: Sílvio Ciro Marchon Braga, Guilherme Emmerich Marchon, José Marchon Zago, Eurico Marchon Neto, Carlos Alberto Neves Barbosa, Cláudio Lúcio de Albuquerque, Albino José Marchon Filho, João Cláudio Engmann Marchon, Agenor Marchon Filho e Renato Engmann Marchon. Em Assembléia Geral especialmente convocada para tal fim, foi criada, oficialmente, a Associação da Família Marchon em 29 de setembro de 1990, ano do Centenário de Eurico Marchon. Foram discutidos e aprovados os Estatutos que passaram a reger a novel entidade. Foram aclamados Patronos da Associação da Família Marchon Jean-Claude Marchon e Marie Anne Elizabeth (Neuve) Balmat Marchon, o Patriarca e a Matriarca da Família Marchon no Brasil. Foram também eleitos a Diretoria e os Conselhos Deliberativo, Fiscal e Consultivo da AFM e imediatamente empossados:

Presidente	Albino José Marchon
Vice-Presidente	Humberto Marchon Fontão
	João Luiz Marchon
	Plácido Marchon Leão
Diretora Secretária	Cristina Maria Carrera Marchon Leão
Diretor Tesoureiro	Joaquim Marchon Leão
Diretor Social	Eurico Marchon Neto
Diretor Esportivo	Albino José Marchon Filho
Conselho Deliberativo:	Alan Macabu Araújo, Augusto Marchon Zago, Carlos Roberto dos Santos Marchon Leão, Maria Carolina Carrera Marchon Leão, Ismael Marchon, Maria da Graça Marchon Silva, Marisa de Souza Almeida, Mazzini Marchon Santos, Paulo Marchon, Plácido Vieira Marchon, Renato Engmann Marchon e Renato Sousa Braga Marchon.
Conselho Fiscal:	Antônio Carlos Carrera Marchon Leão, Francisco de Assis Marchon Leão e José Marchon Zago.
Conselho Consultivo:	Georgeta de Souza Antunes, Guilherme Emmerich Marchon, Lúcia de Souza Xavier e ex-presidentes.

A Mesa Diretora foi composta por Maria Marchon Leão, Cecília Marchon Bragança Santos, Mercedes Canelas Marchon, Manoel Dionísio Marchon, João Luiz Marchon, Humberto Marchon Fontão, Maria da Graça Marchon Silva, Plácido Marchon Leão e Albino José Marchon.¹¹

O IV EGeM teve lugar no Hotel Pargos Clube, em Rio das Ostras, em 11 e 12 de outubro de 1991, estando a organização a cargo de Alan Macabu Araújo (Marchon também). Por motivo de desentendimento entre a Associação e a direção do hotel, decidiu-se utilizar apenas as suas instalações, sendo as refeições tomadas no restaurante Rio das Ostras. Também a Assembléia foi realizada no restaurante e abordados os assuntos da pauta, João Luiz Marchon encantou a todos os presentes discorrendo, informalmente, sobre os Marchons d'antanho, assim também Humberto Marchon Fontão, profundo conhecedor da genealogia dos Marchons,

com tema de sua especialidade. O ponto alto da noite foi a vibrante oração de Élio Monnerat Sólón de Pontes, presidente da DESAMIS, conclamando-nos ao culto à Família, correlacionando-o ao culto à Pátria. Decidiu-se que o V EGeM seria realizado no Espírito Santo. A Mesa Diretora foi constituída por: Maria Marchon Leão, Manoel Dionísio Marchon, Dulce Marchon Soares, Maria da Graça Marchon Silva, Élio Monnerat Sólón de Pontes, Humberto Marchon Fontão, Eurico Marchon Neto, João Luiz Marchon e Albino José Marchon.¹²

O V EGeM realizou-se em Iriri, ES (pela primeira vez nosso evento se realizava fora do Estado do Rio de Janeiro) nas dependências do Hotel Espadarte, em 12-13 de outubro de 1992, sendo coordenadores Euta Marchon Zago, Augusto Marchon Zago, Ângela Marchon Zago e Cristina Marchon Zago Monte-Mor, que nos recepcionaram muitíssimo bem. (Fig. 30) Foi concelebrada por Walter Cirilo Monte-Mor, Cristina Marchon Zago Monte-Mor e Eurico Marchon Neto uma belíssima cerimônia ecumênica na Igreja da Sagrada Família. Em Assembléia foi reeleita a diretoria para o biênio seguinte e imediatamente empossada. Albino José Marchon propôs que se comemorasse condignamente o bicentenário de nascimento de Jean-Claude Marchon que transcorreria a 23 de janeiro do ano seguinte. Aprovada a idéia, o presidente criou a Comissão do Bicentenário de Nascimento de Jean-Claude Marchon, com os seguintes membros: Albino José Marchon, Augusto Marchon Zago, Fábio Zago, Humberto Marchon Fontão, Ismael Marchon, João Luiz Marchon, Joaquim Marchon Leão, Manoel Alcino Martins da Costa, Paulo Marchon e Plácido Marchon Leão. A Comissão prontificou-se a erigir um monumento comemorativo, convidar representantes dos Marchons da Suíça para o evento, conseguir a cessão da Escola Estadual Carlos Maria Marchon em Lumiar e proporcionar um almoço à família e convidados, baseando-se nas palavras de Jean-Pascal Delamuraz, então presidente da Confederação Helvética: "Um povo que esquece a própria história estará perdido. E além do mais precisamos apreender o futuro."¹³ A mesa diretora compôs-se de Maria Marchon Leão, Carmem Marchon de Souza, Nair Marchon de Souza, Euta Marchon Zago, Myron Marchon, João Luiz Marchon, Plácido Marchon Leão, Augusto Marchon Zago, Ângela Marchon Zago, Cristina Zago Monte-Mor, Élio Monnerat Sólón de Pontes, Cristina Maria Carrera Marchon Leão e Albino José Marchon.¹⁴

A Comissão pôs-se em campo e no curto tempo disponível levantou os fundos necessários para a execução dos projetos junto a Albino José Marchon, Paulo Marchon, Joaquim Marchon Leão, Plácido Marchon Leão e João Luiz Marchon. Remetemos para nosso primo Georges Aimé Marchon, em Vuisternens-en-Ogoz, um convite formal para comparecer e representar os Marchons suíços. Encomendamos o projeto do monumento ao arquiteto Gustav Adolf Engmann, ex-alto funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro, meu cunhado, compadre e amigo, que anos atrás havia projetado e executado minha residência na Barra da Tijuca.



Fig. 30 - Maria Marchon Leão, na entrada do hotel, diante de todos os Marchons ali reunidos, momentos antes de receber uma corbeille de flores de Ângela Marchon Zago.

Viajamos incontinenti para Lumiar onde nos encontramos com Humberto Marchon Fontão e o saudoso Manoel Alcino Martins da Costa, Marchon pelo ramo materno, herdeiro e proprietário da Fazenda da Pedra Riscada e secretário da Sociedade Beneficente Zeladora do Cemitério da Pedra Riscada, situado a 200 metros da antiga sede da fazenda e do pomar onde Jean-Claude plantara sapucaias e outras árvores quase 200 anos atrás. Escolhemos o melhor sítio para o projetado monumento: no Largo do Cemitério da Pedra Riscada, dentro e junto ao portão principal do Cemitério, onde jazem Jean-Claude, Marie Neuve, alguns filhos, netos, bisnetos e trinets, lindando com a estrada Serra-Mar (cuja construção já havia sido propugnada por Jean-Claude, Marie Neuve e outros há mais de 145 anos). Em longas conversas, entre uma e outra taça de vinho, em minha casa ou no escritório de arquitetura, eu e Gustav muito tratamos do monumento: teria de se reportar à Suíça e ao Brasil, teria de rememorar a odisséia da transmigração suíça para o Brasil em 1819, teria de lembrar a obra de Jean-Claude e de Marie Neuve, seria um marco de fé no futuro! Furneci ao Gustav ampla bibliografia tratando da transmigração dos suíços, principalmente a obra básica La Genèse de Nova Fribourg, de Martin Nicoulin e muitas outras de que dispunha. Gustav, ele próprio descendente de emigrante alemão, Dr. Gustav Adolf Engmann, meu caro sogro, e de Thereza Anna Seidl Engmann, minha cara sogra, entendia bem do tema. Dos vários esboços apresentados, eu, minha esposa Regina Heidi e meus três filhos Albino José, Renato e João Cláudio escolhemos um, que nos pareceu ser o ideal pois representava tudo que desejávamos. Submetido à deliberação da Comissão, obteve aprovação unânime. Passamos, então, do plano teórico para o prático, isto é, a execução da obra. Gustav Adolf Engmann, Ismael Marchon e Augusto Marchon Zago cuidaram da seleção do granito Caleidoscópio, proveniente de jazida de Goiás, da Mineração Marchon, de Paulo Marchon e Ismael Marchon. A execução dos cortes do material foi executada sob a supervisão de Fábio Zago e de Augusto Marchon Zago, na Marmoraria Tina, de propriedade de Fábio Zago, localizada em Cachoeiro de Itapemirim, o maior polo marmóreo-granítico do Brasil. O transporte do granito de Piranhas, Goiás, para Cachoeiro de Itapemirim esteve a cargo de Paulo Marchon e Ismael Marchon e de Cachoeiro de Itapemirim à Pedra Riscada esteve a cargo de Euta Marchon Zago e Augusto Marchon Zago. Os trabalhos finais, a preparação do terreno, a confecção da base e a montagem do monumento estiveram a cargo de Gustav Adolf Engmann, Ersílio Fernandes da Costa, Manoel Alcino Martins da Costa e Augusto Marchon Zago. O acabamento final da obra ocorreu na tarde do dia 7 de janeiro de 1994, ou seja, na véspera da inauguração.¹⁵

O VI EGeM comemorativo do Bicentenário de Jean-Claude Marchon, ocorreu no dia 8 de janeiro de 1994, em Lumiar. Às 10 horas houve a solene inauguração do Memorial no Largo do Cemitério da Pedra Riscada, situado em terras da própria Fazenda da Pedra Riscada, sendo ouvidos os hinos nacionais do Brasil e da Suíça e tendo falado Albino José Marchon, Eurico Marchon Neto – mestre de cerimônia, Cristina Marchon Zago Monte-Mor, Walter Cirilo Monte-Mor, Manoel Leu Marchon e Eurico Marchon Neto – em tocante oração ecumênica, Manyr Japor – nosso primo, pois que também é descendente dos Balmats, Huguette Genoud-Marchon – nossa prima, em nome de seu pai Georges Aimé Marchon e de todos os Marchons suíços e, encerrando, o presidente agradeceu, não só aos membros da Comissão do Bicentenário, como também ao arquiteto Gustav Adolf Engmann pela beleza do projeto e pela inestimável ajuda em sua execução, e a Agenor Marchon, Albino José Marchon, Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert, Androgeu Pinheiro de Souza, Augusto Marchon Zago – o fac-totum do Memorial, Carmem Marchon de Souza, Cecília Marchon Bragança Santos, Clésio Antônio Mattos Lopes da Silva, Ersílio Fernandes da Costa – o mestre de obra, Eurico Marchon Neto, Euta Marchon Zago, Fábio Zago, Huguette Marchon Genoud, Humberto Marchon Fontão, Ismael Marchon, Ivan Alves Dias, Jean-Marie Genoud, João Luiz Marchon, Joaquim Marchon

Leão, José Aldi Marchon, Manoel Alcino Martins da Costa – sempre prestativo, Maria Livia Diana de Araújo Marchon, Maria Marchon Leão in memoriam, Marina Santos Marchon Leão, Myron Marchon, Nair Marchon de Souza, Paulo Marchon, Plácido Marchon Leão e, last but not least Regina Heidi Engmann Marchon.¹⁶(Figura página 148)

Em seguida, houve a romaria ao túmulo de Jean-Claude Marchon e Marie Anne Elizabeth (Neuve) Balmat Marchon e, logo depois, a visita à sapucaia plantada por Jean-Claude Marchon há aproximadamente 170 anos. (Fig. 31) Também em terras da Fazenda, foi feito o transplante do pinheiro alpino (“sapin”) proveniente da floresta do Gibloux, em Vuisternens-en-Ogoz, Fribourg, Suíça, doado por Georges Aimé Marchon. As madrinhas do abeto foram a brasileira Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert, representando a Associação da Família Marchon e os Marchons do Brasil e a suíça Huguette Marchon Genoud, representando Georges Aimé Marchon e os Marchons suíços.(Fig. 32)

Nas dependências da Escola Estadual Carlos Maria Marchon, gentilmente cedidas pela Diretoria do Distrito Escolar de Nova Friburgo, foi realizada a Assembléia Geral Ordinária da Associação da Família Marchon, precedida pelo almoço de confraternização cujo prato principal, um “boeuf stroganov” de primeira, foi preparado por Jean-Marie Genoud – mestre cozinheiro suíço, em minha própria casa, como também nas casas de Marina Santos Marchon Leão, Maria Wilma Marchon Leão Burlamaqui, Nair Marchon de Souza, Maria Livia Diana Araújo Marchon, Maria Nazareth Marchon da Silva e Margarida Wermellinger Marchon Fontão.

A mesa diretora foi constituída por Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert, Huguette Marchon Genoud, Jean-Marie Genoud, Cecília Marchon Bragança Santos, Manoel Alcino da Costa, Arlete Marchon Spitz, Nery Magdalena Spitz, Manoel Leu Marchon, Plácido Marchon Leão, Humberto Marchon Fontão, Manyr Japor e Albino José Marchon.(Fig. 33)¹⁷

A Embaixadora da Suíça no Brasil, Catherine Krieg enviou-nos amável fax lamentando não poder comparecer e augurando votos de pleno êxito para essa festa de confraternização.

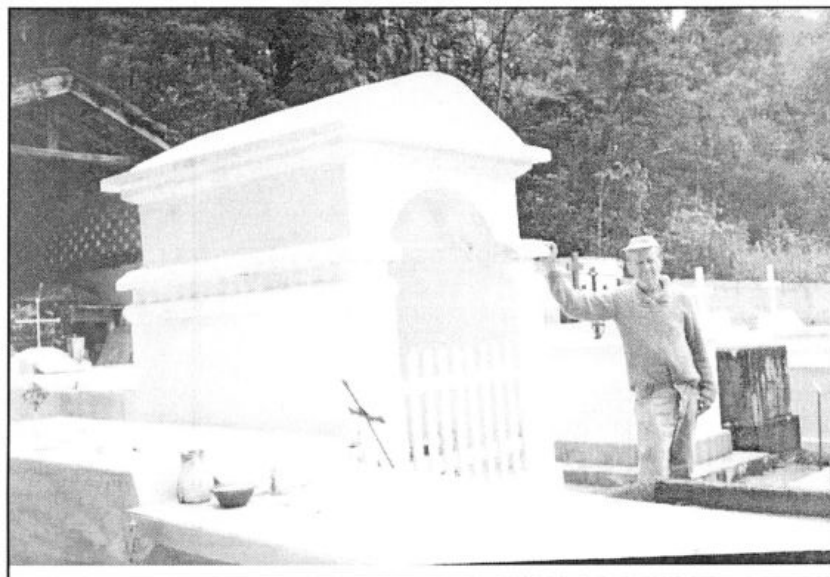


Fig. 31 - Túmulo de Jean-Claude Marchon e de Marie Anne Elizabeth (Neuve) Balmat Marchon no Cemitério da Pedra Riscada, observando-se o trineto Manoel Alcino Martins da Costa e, encostada ao túmulo vizinho, uma cruz de ferro forjado, obra de Carlos Maria Marchon.



Fig. 32 - Grupo constituído quando do transplante do pinheiro alpino, doado por Georges Aimé Marchon, proveniente da floresta do Gbloux, da Terra Mater Suíça para a Terra Mater Brasileira, sendo madrinhas, do lado suíço, Huguette Marchon Genoud, e do lado brasileiro, Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert. Jean-Marie Genoud, Flora Marchon Brandão da Silva, Jose Anne Marchon de Oliveira, Huguette Marchon Genoud, Regina Heidi Engmann Marchon, Eurico Marchon Neto e Albino José Marchon.



Fig. 33 - Parte da mesa diretora: Arlete Marchon, Huguette Marchon Genoud, Jean-Marie Genoud, Albino José Marchon e, quase encoberta, Cecília Marchon Bragança Santos.

O VII EGeM teve lugar em Pati do Alferes, RJ, em 29 e 30 de outubro de 1994, no Arcozelo Palace Hotel, estando a ótima coordenação por conta de Paulo José Felix Antunes e Georgeta Marchon de Souza Antunes. Houve passeios a pé nas montanhas em volta do hotel, passeios

a cavalo, jogos diversos infanto-juvenis, futebol e, principalmente, muita confraternização. A viagem noturna Rio de Janeiro–Pati do Alferes, em ônibus especialmente fretado, foi inesquecível, embora preocupante, pois, na parte montanhosa da viagem, recebeu-nos um tremendo nevoeiro, possibilitando visibilidade mínima e requerendo do motorista toda perícia, atenção e calma, numa estrada perigosa e praticamente sem sinalização. Uma vez mais, por inspiração e indicação de João Luiz Marchon, foi reeleita a diretoria que imediatamente tomou posse. A mesa diretora dos trabalhos foi composta por Plácido Marchon Leão, Joaquim Marchon Leão, João Luiz Marchon, Agenor Marchon, Carmem Marchon de Souza, Nair Marchon de Souza, Euta Marchon Zago, Itamar Marchon Braga, Cristina Maria Carrera Marchon Leão e Albino José Marchon.¹⁸

O VIII EGeM, como acordado, realizou-se em 8 e 9 de outubro de 1995, em Angra dos Reis, Praia de Mambucaba, na Pousada da Biscaia, com a coordenação de Itamar e Ana Júlia Marchon Braga que nos receberam muitíssimo bem, inclusive proporcionando-nos um aprazível passeio de saveiro pelas espetaculares ilhas, mergulhos no mar e parada para banho de mar numa pequena ilha. Participaram da mesa diretora dos trabalhos Agenor Marchon, Plácido Marchon Leão, João Luiz Marchon, Cristina Maria Carrera Marchon Leão, Nair Marchon de Souza, Euta Marchon Zago, Paulo José Felix Antunes, Itamar Marchon Braga e Albino José Marchon.¹⁹

O IX EGeM realizou-se, como previsto, em 11 e 12 de outubro de 1996, em Ubu, Anchieta, ES, na Pousada Aba Ubu, cabendo a coordenação a Euta Marchon Zago, Ângela Marchon Zago, Augusto Marchon Zago e Cristina Marchon Zago Monte-Mór, dos quais tivemos, como em Iriri, uma excepcional acolhida. As excelentes acomodações da Pousada, a culinária requintada (alta culinária suíça) constituíram-se também em pontos altos. Em concorrida Assembléia, foi decidida a criação de nosso órgão oficial, bianual, Pedra Riscada, por proposição de Walter Cirilo Monte-Mór e Clésio Antônio Mattos Lopes da Silva. Também por indicação de João Luiz Marchon, foi reeleita a diretoria, tendo tomado posse imediatamente. A mesa diretora compôs-se de Cecília Marchon Bragança Santos, Nair Marchon de Souza, Euta Marchon Zago, João Luiz Marchon, Lúcia de Souza Xavier, Georgeta Marchon de Souza Antunes e Bernardo Marchon de Souza Antunes – de três meses de idade, Plácido Marchon Leão, Marisa de Souza Almeida, Cristina Maria Carrera Marchon Leão, Sílvio Ciro Marchon Braga, Adriana Marchon Zago, Cláudia Regina Gobbi Martins, Paulo José Félix Antunes e Albino José Marchon.²⁰

O X EGeM realizou-se em 11–12 de outubro de 1997, em Casimiro de Abreu, RJ, no Hotel Fazenda Mirante do Poeta, construído em 1922 para sede da fazenda pertencente a Alpheu Ozório de Souza Marchon – primeiro prefeito de Casimiro de Abreu, lamentavelmente assassinado brutalmente, por motivos políticos e onde foram criados seus filhos Dulce Marchon Soares, Clarice Marchon Magalhães, Yvette Marchon Moura, Ariza (falecida aos 4 anos) e João Luiz Marchon.²¹ Os coordenadores foram Manoel Adenor e Alecy Castro Marchon, apoiados por João Luiz Marchon, que tão bem nos receberam. A presença de Climério Moisés Marchon, quase centenário, constituiu-se na nota mais emocionante do evento, criando um clima familiar envolvente. Houve sérios problemas no sistema elétrico do hotel, causando alguns dissabores, porém, nada de mais grave. A mesa diretora da Assembléia constituiu-se desta forma: Climério Moisés Marchon, Cecília Marchon Bragança Santos, Myron Marchon, Plácido Marchon Leão, Carlos Antônio Spitz Brito, João Luiz Marchon, Cristina Maria Carrera Marchon Leão, Maria Ramos, Nair Marchon de Souza, Euta Marchon Zago, Manoel Adenor Marchon, Marisa de Souza Almeida, Sílvio Carlos Nogueira Xavier, Georgeta de Souza Antunes, Lúcia de Souza Xavier, Adriana Marchon Zago e Albino José Marchon. (Fig. 34) Foram homenageados com placas de prata Alpheu Ozório de Souza Marchon – in memoriam,



Fig. 34 - Mesa diretora da Assembléia Geral Ordinária da Associação da Família Marchon (da direita para a esquerda): Euta Marchon Zago, Nair Marchon de Souza, Cecília Marchon Bragança Santos, Climério Moisés Marchon, Manoel Adenor Marchon, Albino José Marchon, João Luiz Marchon, Carlos Antônio Spitz Brito e, ao microfone, Silvio Carlos Nogueira Xavier

representado por seu filho João Luiz Marchon, Climério Moisés Marchon e Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert, impossibilitada de comparecer, representada por Carlos Antônio Spitz Brito. Também foram homenageados Lúcia de Souza Xavier, Georgeta de Souza Antunes e Guilherme Emmerich Marchon, nossos precursores.²²

A Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, por proposição da culta e operosa Deputada Solange Amaral, aprovou uma Moção de Louvor, que muito nos desvanece e honra e que nos foi entregue em Casimiro de Abreu.

O XI EGeM realizou-se no eixo Lumiar-Muri-Nova Friburgo, no Hotel Garlipp, em 16-17-18 de outubro de 1998, cabendo a coordenação do evento a Carlos Antônio Spitz Brito e Marilda Amorim Spitz Brito, que foram excelentes anfitriões. Cerca de 140 Marchons compareceram e desfrutaram de um programa, como sempre exaustivo, mas de ótimo nível, incluindo uma visita ao Memorial da Casa Suíça, à Queijaria-Escola e à Chocolataria da Associação Fribourg-Nova Friburgo, onde fomos muitíssimo bem recebidos e ciceroneados pelo presidente da AF-NF Heródoto Bento de Mello de Mello e senhora. Também visitamos o Memorial de Jean-Claude Marchon em Lumiar, em cujo coreto, na Praça Carlos Maria Marchon, Humberto Marchon Fontão preparou uma interessante exposição de fotos antigas da família e de Lumiar.

Conforme programado, no dia 17, apesar das condições meteorológicas desfavoráveis, 4 jovens descendentes de Jean-Claude Marchon, a saber, Luciana Sodré Spitz Brito, Albino José Marchon Filho, Renato Engmann Marchon e Flávio Sodré Spitz, escalaminharam (escalada + caminhada) o cume da Pedra Riscada, 1.348 m. Num percurso de ida e volta que durou cerca de 7 horas atingiram o cume da Pedra Riscada, onde, sob ação de ventos de 90-100 km horários, desfraldaram as bandeiras do Brasil e da Suíça, homenageando a sua pátria e a de seus ancestrais, bem como a Jean-Claude Marchon, que fizera o mesmo nos idos de 1820. (Fig.35)



Fig.35 - Albino José Marchon Filho, Renato Engmann Marchon, Luciana Sodré Spitz Brito e Flávio Sodré Spitz desfraldando as bandeiras do Brasil e da Suíça sob ação de ventos de 90-100 quilômetros horários, no cimo da Pedra Riscada, a 1.348 metros de altitude.

Antes da Assembléia foi realizada uma tocante cerimônia religiosa, concebida por Cristina Marchon Zago Monte-Mór e Walter Cirilo Monte-Mór, que infelizmente não puderam comparecer mas enviaram um belíssimo port-fólio, e executada por Maria Livia Diana Araújo Marchon, Flora Marchon Brandão da Silva e Eurico Marchon Neto.

A mesa diretora da Assembléia compôs-se de Heródoto Bento de Mello – nosso convidado especial, presidente da Associação Fribourg-Nova Friburgo, Cecília Marchon Bragança Santos, Dulce Marchon Soares, Carlos Antônio Spitz Brito, Plácido Marchon Leão, João Luiz Marchon, Nair Marchon de Souza, Euta Marchon Zago, Rita de Cássia Marchon Santos Erthal, Eurico Marchon Neto e Albino José Marchon.(Fig. 36). O presidente solicitou um minuto de silêncio em homenagem à memória de Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert. Em seguida, Carlos Antônio Spitz Brito, em nome da Associação da Família Marchon, discorreu sobre a personalidade marcante da querida tia Alda. João Luiz Marchon tratou da escolha do local do XII EGeM que deveria ser realizado em Macaé, tendo sido designado coordenador local Silvio Ciro Marchon Braga, sendo a outra opção a região montanhosa do Espírito Santo. Por proposição de João Luiz Marchon foi novamente reeleita a atual diretoria para o biênio 1999-2000 e logo foi empossada. O presidente agradeceu, em nome da AFM, ao Doutor Heródoto Bento de Mello e senhora, as atenções dispensadas por ocasião da visita ao Memorial da Casa Suíça, à Queijaria-Escola e à Chocolataria, obras maiores da Associação Fribourg-Nova Friburgo, bem como o comparecimento ao nosso jantar e à nossa Assembléia. Com a palavra, Heródoto Bento de Mello cumprimentou a família pelo movimento de congregação e, declarando-se emocionado com a solenidade, finalizou, agradecendo.²³

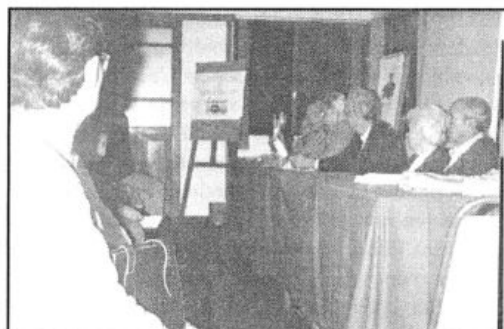


Fig. 36 - Mesa diretora do XI EGeM: Euta Marchon Zago, João Luiz Marchon, Albino José Marchon, Heródoto Bento de Mello, Cecília Marchon Bragança Santos e Plácido Marchon Leão.

Nos dias 6, 7 e 8 de agosto do corrente ano de 1999 realizou-se o XII EGeM no Hotel Monte Verde, em Vargem Alta, ES, tão bem coordenado pela equipe de Euta Marchon Zago: José Marchon Zago, Cristina Zago Monte-Mór, Augusto Marchon Zago, Ângela Marchon Zago e Isaías Gonçalves dos Santos. Compareceram ao evento cerca de 120 Marchons, recepcionados sexta-feira, à noite, com a belíssima apresentação do Coral Santa Cecília, de Venda Nova do Imigrante, ES, com a regência de Romualdo Falqueto, acolitado por Mazzini Marchon Santos. A altitude (1260 metros) e o frio (2 graus) não inibiram a confraternização entre os Marchons e o Coral que prosseguiu informalmente, regada a Bordeaux e Valpolicellas. Ao Coral foi entregue por Mazzini Marchon Santos uma placa de prata oferecida pela Associação da Família Marchon. Sábado pela manhã houve uma caminhada ecológica através da floresta circundante ao hotel bem como a abertura da Expo-Marchon (Fotos Antigas da Família, principalmente pertencentes ao acervo do casal Léa-Nilton Marchon Cardozo). À noite houve a Assembléia da AFM, Comemorativa dos 180 Anos da Transmigração Suíça para o Brasil, em que Henrique Bon, historiador, genealogista e médico, especialmente convidado, discorreu sobre "Os Marchons e a Transmigração Suíça de 1819" muitíssimo bem recebido pela audiência. Euta Marchon Zago recebeu de Cecília Marchon Bragança Santos uma placa de prata da AFM em agradecimento pela magnífica recepção assim como o casal Léa-Nilton Marchon Cardozo pela Expo-Marchon. A mesa diretora dos trabalhos foi composta por Henrique Bon, Cecília Marchon Bragança Santos, Myron Marchon, Plácido Marchon Leão, João Luiz Marchon, Carlos Antônio Spitz Brito, Nair Marchon de Souza, Mazzini Marchon Santos, José Marchon Zago, Mariene Marchon dos Santos, Maria Ramos e Albino José Marchon. Domingo pela manhã, na Igreja de Nossa Senhora houve a Missa pelo Encontro e pelo Dia dos Pais, que contou com a ativa cooperação de Marchons.²⁴

É certo que do ponto de vista tradicional suíço a unidade básica da sociedade é a família, não o homem, haja vista o mito de Tell: o amor do pai Guilherme e a confiança do filho Walter são fundamentais e complementares. "Todas as sociedades célticas estavam outrora baseadas no sistema de clãs (o próprio nome é gaélico). Tais clãs constituíam uma célula social completa e organizada, baseada em laços familiares em seu sentido mais amplo."²⁴ Sobrevive, desta forma, em nosso clã uma consciência coletiva, cujas origens perdem-se nas brumas de um passado muito longínquo.

Creemos que foi semeado em terreno fértil e produziu frutos o ideal de Eurico Marchon. A cada ano, e isto desde 1986, se reúnem cerca de 150 Marchons, todo um fim de semana, para concretizar a verdadeira confraternização do clã Marchon, em que todos se integram, num conagração extraordinário. Claro que, à moda da Suíça – una e diversa, apresentamos uma verdadeira unidade em nossa diversidade. Diversidade de credo religioso, diversidade de credo político, diversidade social, diversidade econômica, diversidade cultural, diversidade etária, mas coroando isto tudo, uma unidade fundamental, a unidade do clã Marchon. O movimento de congregação dos Marchons no Brasil sempre possuiu e continua a possuir grandes entusiastas, nomeadamente: Maria Marchon Leão, Odyr Agenor Spitz, Mercedes Canelas Marchon, Manoel Bragança Santos, Carmem Marchon de Souza, Guilhermina Vieira Marchon, Agenor Marchon e Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert, todos falecidos nos últimos anos, e Eurico Marchon, Emerenciana da Silva Marchon, Georgeta Mariaana Gerhard Marchon, Pedro de Souza e Hugo Zago Filho, respectivamente meus queridos pai, avó, mãe e meus queridos cunhados, falecidos menos recentemente e a todos rendemos respeitosamente nossos preitos de saudade e admiração. Além destes, Lúcia de Souza Xavier e Silvio Carlos Nogueira Xavier, Georgeta Marchon de Souza Antunes e Paulo José Felix Antunes, Guilherme Emme Rich Marchon, o nosso centenário Climério Moisés Marchon e a nossa nonagenária Cecília

Marchon Bragança Santos. E mais Myron Marchon, Manoel Dionísio Marchon, Manoel Meneleu Marchon, Nery Magdalena Spitz, Plácido Marchon Leão e Marina Santos Marchon Leão, Joaquim Marchon Leão, João Luiz Marchon e Zedith Belens, Dulce Marchon Soares, Clarice Marchon Magalhães, Yvette Marchon Moura, Edith Emmerich Marchon, Androgeu Pinheiro de Souza, Nair Marchon de Souza, Euta Marchon Zago, Paulo Marchon e Maria Livia Diana de Araújo Marchon, Albino José Marchon e Regina Heidi Engmann Marchon, Flora Marchon Brandão da Silva, Plácido Vieira Marchon e Edegilma Simões Marchon, Humberto Marchon Fontão e Margarida Wermelinger Marchon Fontão, Jadyr Marchon de Araújo, Francisco de Assis Marchon Leão e Maria Ramos, Francisco C. Silva e Maria da Graça Marchon Silva, Dionéia Canelas Marchon, Cléa Marchon Lopes, Maria de Lourdes Marchon Gomes, Silvio Ciro Marchon Braga e Solange Monteiro Marchon Braga, Itamar Marchon Braga e Ana Júlia Marchon Braga, Maria Coeli Marchon Santos, Regina Coeli Marchon Santos Silva, Mazzini Marchon Santos e Erika Bokermann Santos, Rafael Juliano e Maria Olympia Marchon Leão Juliano, Pedro Paulo Burlamaqui e Maria Wilma Marchon Leão Burlamaqui, João Evangelista dos Santos Alves e Maria Cecília Marchon Leão Alves, Maria de Lourdes Marchon Leão Ramalho, Ivan Alves Dias e Irma Ester Spitz Dias, Manoel Adenor Marchon e Alecy Castro Marchon, João Espósito e Maria José Marchon Fontão Espósito, Renato de Souza Braga Marchon e Natália de Jesus Marques de Lima, Carlos Antônio Spitz Brito e Marilda Amorim Spitz Brito, Emílio Oscar Marchon e Leila Chamoun Marchon, Clésio Antônio Mattos Lopes da Silva e Maria Nazareth Marchon da Silva, Porfírio José Almeida e Marisa de Souza Almeida, Antônio Almeida Neto e Cristiane Almeida, Ângelo Almeida, Liana Marchon, Eurico Marchon Neto, Ismael Marchon, Agenor Marchon Filho, José Eurico de Sousa, Paulo Jacinto de Araújo e Maria Cecília de Souza Araújo, Luiz de Castro Eleutério e Neusa de Souza Castro, Carlos de Souza e Virgínia Cunha Barbosa Leite de Souza, Breno Dias Semprine Filho e Luciana Marchon Semprine, Cristina Maria Carrera Marchon Leão, Carlos Roberto dos Santos Marchon Leão e Sandra Marchon Leão, Cláudio Lúcio de Albuquerque e Regina Lúcia Marchon Juliano Albuquerque, Rafael Marchon Juliano Albuquerque e Victor Marchon Juliano Albuquerque, Oscar Rosa Nepomuceno da Silva Neto e Renata da Silva, Wilson Figueroa Nepomuceno da Silva Junior e Eliane Fátima Nepomuceno da Silva, Fúlvia Cristiane Vergetti Marchon, Carlos Henrique dos Santos Marchon Leão, Carlos Eduardo dos Santos Marchon Leão e Regina Coeli Campos Leão, Teresa Cristina dos Santos Marchon Leão, Teresa Maria Leão Alves, Marcelo Leão Alves, Alexandre Leão Alves, Paulo Leão Alves, Wildson Teixeira de Souza e Viviane Marchon Silva Souza, Verônica Marchon da Silva, Arlindo Serpa Filho, José Paulo Castro de Almeida e Valéria Marchon da Silva, Walter Cirilo Monte-Mór e Cristina Marchon Zago Monte-Mór, César Luiz Oliveira Sena e Márcia Marchon Zago Sena, Augusto Marchon Zago, José Marchon Zago e Irineide Perin Zago, Isaías Gonçalves dos Santos e Ângela Marchon Zago, Wagner Faria Mendes e Verônica Marchon Zago Mendes, Adriana Marchon Zago, Carlos Alberto Neves Barbosa e Fátima Marchon Zago, Luiz Augusto Marchon Monteiro, Albino José Marchon Filho, Renato Engmann Marchon, João Cláudio Engmann Marchon e os recentemente chegados Rita de Cássia Marchon dos Santos Erthal, Mariene Marchon dos Santos, Ulisses Hemerly Soares e Fabrício Marchon dos Santos Soares, Roselito Souza, Fábio Marchon Souza e Paulo Vitor Marchon Souza, Clemir Gomes Barbosa, Carla Marchon Barbosa e Taís Marchon Barbosa, Carlos Antonio Gil Marchon, Flávia Renata Marchon Pereira Vianna, Getúlio Marchon Nunes, Nilton Marchon Cardozo, Léa Soares Cardozo, Nélia Vanda Marchon Cardozo de Souza, Vanda Lúcia Cardozo de Souza Lima e Luciana Sodré Spitz Brito. Entre os jovens ressaltamos: Paulo Henrique Araújo Marchon, Pedro Luiz Araújo Marchon, Livia Dinora Araújo Marchon, Priscila Marchon Semprine, Tahiana Chamoun Marchon, Nicolas Tomazetto Marchon, Isabela Marchon, Bruno Cabus Marchon,

Camila Eiras Marchon de Souza, Beatriz Eiras Marchon de Souza, Paulo Vítor de Souza Araújo, Júlia de Souza Araújo, Mariana de Souza Castro, Luíza de Souza Castro, Livia Barbosa Leite de Souza, Nathan de Souza Xavier, Leandro Pinto de Almeida, Mateus Pinto de Almeida, Anderson Barbosa de Almeida, André Zago Monte-Mór, Débora Zago Sena, Natália Zago Sena, Davi Machado Zago, Augusto Machado Zago, Sânia Perin Zago, Tatyane Perin Zago, Mariana Zago Rosa, Celina Marchon Zago Mendes, Vitória Marchon Zago Barbosa, Larissa Marchon Zago Barbosa, Roberto Jeovani Marchon Leão, Fábio Marchon Leão, Eduardo Marchon Leão Bularmaqui Campos, Fernanda Marchon Leão, Eduardo Marchon Leão, Marcelo Marchon Leão, Lúcia Helena Marchon Leão Ramalho, Juliana Cordeiro Marchon, Renata Marques Marchon, Juliana de Amorim Spitz Brito, Flávia Cristina Vergetti Marchon, Frederick Marchon Silva, Patrick Marchon Silva, Carolinne Marchon Silva, Christine Marchon Silva, Arlete Marchon Spitz, Carlos Augusto Fernandes Fontão e Bertila Fernandes Fontão.

Referências bibliográficas:

- ¹ RANGEL, Alcy Pinheiro. In Marchon, Albino José. *Centenário Eurico Marchon – 1890-1990*. Rio de Janeiro : 1990, p. 5.
- ² MARCHON, Albino José. *Centenário Eurico Marchon – 1890-1990*. Rio de Janeiro : 1990, p. 2
- ³ SAMPAIO, Raul Cocco. *Letra: Meu pequeno Cachoeiro*. 1960.
- ⁴ MARCHON, Eurico. *Memórias*. *Manuscrito*. *Cachoeiro de Itapemirim* : 1968.
- ⁵ XAVIER, Lúcia de Sousa, ANTUNES, Georgeta de Sousa e MARCHON, Guilherme. *Convite para o I EGEM*, 1986.
- ⁶ Ata do I EGEM, 1986.
- ⁷ SANTOS., Manoel Bragança. A guisa de Introdução in Marchon, Albino José. *A saga da Família Marchon*. Rio de Janeiro : A. J. Marchon, 1999, p. 13.
- ⁸ *Convite para o II EGEM*, 1989.
- ⁹ SANTOS, Manoel Bragança. *Manuscrito*. Rio de Janeiro : 1989.
- ¹⁰ Ata do II EGEM, 1989.
- ¹¹ *Livro de Atas da Associação da Família Marchon*. III EGEM, 1990.
- ¹² _____. IV EGEM, 1991.
- ¹³ DELAMURAZ, Jean-Pascal. *Mensagem presidencial*. 01 agosto 1991.
- ¹⁴ *Livro de Atas da Associação da Família Marchon*. V EGEM, 1992.
- ¹⁵ _____. VI EGEM, 1993.
- ¹⁶ *Cartão postal do Memorial a Jean-Claude Marchon*.
- ¹⁷ *Livro de Atas da Associação da Família Marchon*. VI EGEM, 1994.
- ¹⁸ _____. VII EGEM, 1994.
- ¹⁹ _____. VIII EGEM, 1995.
- ²⁰ _____. IX EGEM, 1996.
- ²¹ MARCHON, João Luiz. *História de um Marchon...Alpheu*. In *Pedra Riscada* Ano I, Número 1. Vitória : 1997, p. 2-3.
- ²² *Livro de Atas da Associação da Família Marchon*. X EGEM, 1997.
- ²³ _____. XI EGEM, 1998.
- ²⁴ _____. XII EGEM, 1999.
- ²⁵ BRKILLEN, Yann. *La Vie Quotidienne des Paysans en Bretagne au XIXe. Siècle*. Paris : Hachette, 1966, p. 109.

História de um Marchon...Carlos Maria Marchon

**Carlos Antônio Spitz Brito, Humberto Marchon Fontão e
Manoel Antônio Spitz Sodré**



Carlos Maria Marchon foi o décimo quarto e último filho do segundo casamento de Jean-Claude Marchon com Marie Anne Elizabeth (Neuve) Balmat Marchon, observando que seu pai e patriarca da família Marchon teve uma única filha de seu primeiro casamento com Marie Chavannaz Marchon.

Carlos Maria Marchon, como era conhecido, nasceu no dia 02.06.1849 na Fazenda da Pedra Riscada, localizada nas terras do "Macahê", hoje denominado Lumiar, que é o quinto distrito do município de Nova Friburgo, RJ. No dia 10.12.1849 recebeu os santos óleos do Vigário João José Viviani, na Igreja de São João Batista na Vila de Nova Friburgo, tendo como padrinhos Carlos Mercier e sua esposa Maria Fabre.

Carlos Maria Marchon casou-se em primeiras núpcias com sua sobrinha Maria Curty Marchon, havendo desta união três filhos, chamados Diógenes, Maria Ouricka e Théophile (Fig 39). Ficando viúvo, contraiu matrimônio com Euphrásia Clarita de Oliveira (Marchon), resultando desta união sete filhos: Meneleu, Carlos de Oliveira, Alzira, Alda, Euthaliomar (Da Lulu), Walter e Jayme (todos Marchon).

Carlos Maria Marchon, além de proprietário e comerciante (tinha uma tabacaria em seu chalé), era ferreiro habilidoso e Capitão da Guarda Nacional, tendo sido figura de destaque na política fluminense desde os tempos remotos da Monarquia e, incontestavelmente, um líder de grande prestígio, com relevantes serviços prestados ao município de Nova Friburgo, especialmente sua terra natal, Lumiar. Foi personalidade social, política e administrativa, tendo sido Intendente Municipal, Vereador, Subdelegado e um dos fundadores da Sociedade Euterpe Lumiarensis. Transferiu sua residência para o município de Araruama, RJ, doando parte de suas propriedades em Lumiar para a comunidade, como, por exemplo, o terreno onde está construída a Igreja Matriz de São Sebastião de Lumiar, o terreno onde foi construída a escola estadual e o terreno onde existe o campo de futebol do clube local. Construiu também o lago existente ainda hoje no centro de Lumiar (chamado de lagoa pelos antigos e atuais habitantes de Lumiar), onde, no seu tempo, promovia quermesses, festas de Páscoa, inclusive com passeios de barcos e uma ilha no centro do lago, provida de um quiosque. Segundo seus descendentes (netas), sua mulher Euphrásia, na Páscoa, preparava ovos de galinha coloridos com anilina para distribuir para as crianças da comunidade. Na realidade, foi um inovador para a sua época e, pelos relevantes serviços prestados à comunidade lumiarensis, a Escola Estadual e a Praça principal foram batizadas com seu nome "Carlos Maria Marchon".

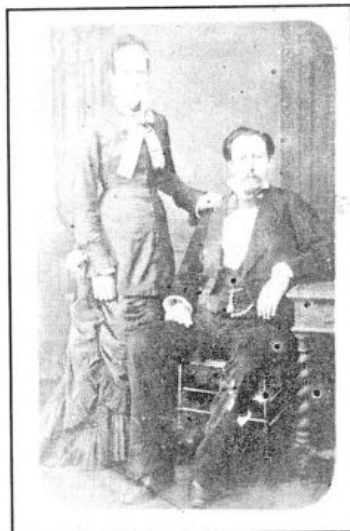


Fig. 37 - Carlos Maria Marchon e Maria Francisca Curty Marchon, sua primeira esposa.

O chalé, onde residiu com sua família, em frente à Praça que leva seu nome, ainda existe nos dias atuais. Este chalé foi por ele adquirido no século passado, onde fez uma grande reforma, fazendo o segundo andar em data ainda hoje gravada em sua fachada – 1888.

Carlos Maria Marchon, já enfermo em Araruama, onde se radicara havia alguns anos, retornou para Nova Friburgo, onde ficou até falecer, em 13.11.1929, na residência de sua filha Euthaliomar, no bairro do Cônego. Foi sepultado no Cemitério da Pedra Riscada, construído em terras da Fazenda da Pedra Riscada de seu pai, Jean-Claude Marchon.

A filha de Carlos Maria Marchon, Alda Euphrásia de Oliveira Marchon Berbert, faleceu uma semana antes do Encontro Gerações Marchon em outubro do ano passado, tendo sido a última neta viva de Jean-Claude Marchon. Completara em 28 de julho de 1998, 97 anos de idade, residindo ultimamente na Pousada das Candeias, de propriedade de seu neto Jorge, em Lumiar.

A neta de Carlos Maria Marchon, Irma Esther Spitz Dias, residente em Lumiar, lembra que sua mãe, Euthaliomar, comentava com os filhos que Carlos Maria Marchon foi um pai exemplar, jamais alteando sua voz no seio da família. Quando necessitava repreender algum filho, este era convidado para uma conversa reservada, a sós com ele, sem a presença dos demais familiares.

História de um Marchon...Eurico Marchon



urico Marchon, filho de Emílio Oscar Marchon e de Emerenciana da Silva Marchon, neto de François-Xavier Marchon e de Marie Emilie Oberländer Marchon, bisneto de Jean-Claude Marchon e de Marie Anne Elizabeth (Neuve) Balmat Marchon, nasceu na Fazenda dos Quarenta (atual Águas Lindas), entre Aldeia Velha e Indaiassu, RJ, propriedade de seu avô paterno François-Xavier Marchon, no dia 10 de maio de 1890.

No ano seguinte a família se muda para São José do Ribeirão, distrito de Bom Jardim, RJ, na outra vertente da Serra do Mar. Lá nasce seu irmão, Durval, em 1892. Emílio Oscar, acometido de tuberculose pulmonar, em 1894, resolve retornar para Aldeia Velha, mas, em plena viagem, falece em casa de sua tia Maria Adélia, filha de Jean-Claude, casada com o Capitão da guarda Nacional Joaquim Francisco Pinto, na Ponte da Saudade, em Nova Friburgo, tendo sido enterrado no Cemitério Municipal local.

A jovem viúva, a querida, a inefável vovó Chana, está grávida de Laura e após o luto, seguiu com Eurico e Durval para Aldeia Velha. Decidida e destemida, recusa convites para novo casamento, inclusive de seu cunhado Luiz Oberländer Marchon, este já não pela primeira vez. Passa a morar com os filhos na fazenda dos tios André Cipriano Marchon e Maria Francisca Curty Marchon, trabalhando arduamente. Em 1900, Eurico, com dez anos apenas, começa a trabalhar no engenho de cana da fazenda, na destilação de aguardente e na máquina de beneficiamento de café. Esta última era movida à água e tinha 20 palmos de altura, e Eurico beneficiava 80 arrobas (1.200 quilos) de café por dia, passando a perceber salário, calculado à base de 50 réis por arroba.¹ Em 1902 falece sua única irmã, Laura.

Em 1905, sempre acompanhado pela mãe e pelo irmão, Eurico deixa os afazeres na fazenda e passa a trabalhar como transportador, com uma tropa de muares na casa comercial de Plácido Vieira Marchon, casado com Alice Elvina, sobrinho e genro de André Cipriano, e pai de Maria e Cecília Marchon. Nesta fase de juventude, Eurico e Durval eram freqüentadores assíduos dos bailes e festas das imediações, às vezes caminhando ou cavalgando mais de uma légua (seis quilômetros), com primos e amigos das colônias suíço-francesa, suíço-alemã e alemã, como Alpheu Marchon, como os futuros cunhados Gerhard.² Pelos relatos deixados, foram períodos de trabalho duro, mas também de muitas alegrias próprias da idade.

Em 1908, Eurico e Durval deixam Aldeia Velha e mudam-se para Nova Friburgo, Eurico passando a trabalhar na casa comercial de Carlos Vieira Valentin (irmão de Plácido Vieira Marchon) e Durval com Manoel Cordoeira, com cuja filha viria se casar logo depois. Eurico fica apenas seis meses em Nova Friburgo e se muda para a fria Muri, trabalhando na firma de Manoel Caetano, exportando para o Rio de Janeiro e para Niterói, pela Leopoldina Railways, verduras, legumes e frutas serranas, acordando sempre às quatro horas da madrugada para acomodar no vagão especial os gêneros destinados ao Mercado Municipal, para comercialização no mesmo dia.

Eurico namora ainda em Aldeia Velha, Georgeta Mariana Gerhard, a bonita filha de Pedro Carlos Gerhard e de Paulina Altina Egger Gerhard e irmã de seus amigos Renato, Theodomi, Waldemar e Juvêncio. Em 1913 estes mudam-se para São José do Ribeirão e em 27 de junho de 1914 casam-se, nessa localidade, Eurico e Georgeta indo morar em Muri. (Figs. 38 e 39). Em 1915 nasce Myron, primogênito do casal. Em 1916 nasce Maria Paulina, que logo vem a falecer. No ano seguinte, 1918, nasce Agenor, o terceiro filho, ainda em Muri.

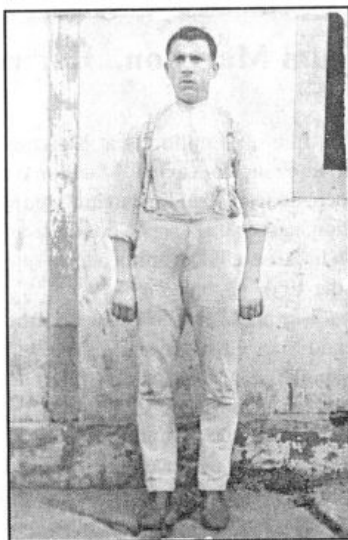


Fig. 38 – Eurico Marchon. 1914.

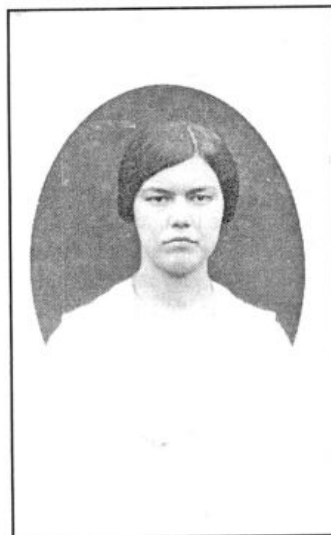


Fig. 39 – Georgeta Mariana Gerhard Marchon. 1914.

Nesse mesmo ano, encerrando a fase fluminense de sua vida, Eurico e os Gerhards mudam-se para Reduto, florescente distrito de Manhuaçu, MG, na famosa Zona da Mata. Em 12 de dezembro de 1918 Eurico inaugura a casa comercial própria, com capital de cinco contos de réis (dos quais 1,5 próprios, 2 fornecidos pela vovó Chana e mais 1,5 oferecidos pelo patriarca dos Rodrigo Monteiro, tradicional firma do Mercado Municipal do Rio de Janeiro), um verdadeiro empório com gêneros alimentícios, tecidos, calçados, chapéus, ferramentas, querosene, produtos para agricultura e logo passa a remeter para o Rio de Janeiro, em cujo

comércio tinha grandes relacionamentos e amigos, produtos agrícolas diversos, galináceos e ovos.³

Em 1919, Eurico, comerciantes e fazendeiros locais arrecadam 30 contos de réis entregues à Leopoldina Railways para a construção da Estação da Estrada de Ferro de Reduto, atualmente sede da Prefeitura Municipal de Reduto.⁴ E isto amplia enormemente seus negócios. Logo em seguida, Eurico constrói uma bela morada e, ao lado, uma grande casa comercial. Em 1920 nasce Carmem, a primeira a nascer em Reduto. Em 1922 nasce Nair.

Em 1923 Eurico vende sua casa comercial para o cunhado Waldemar, que se tornara seu sócio, e adquire de Pedro Francisco Sathler a Fazenda da Onça em Jaguaray, MG, nas proximidades. Mas Eurico e Georgeta eram citadinos e à lavoura de café e gado preferiam o comércio, tanto que no ano seguinte vendem a fazenda e retornam a Reduto, já agora com comércio de compra e venda de café (Fig 40). Em 1927 nasce Pedro, que viria a falecer muito jovem, vitimado por grave doença, degeneração hepática amilóide. Em 1928 nasce Eurico Marchon Filho, que também viria a falecer muito jovem, acometido por seriíssima infecção, justamente nos albores da era dos antibióticos.

No fatídico 24 de outubro de 1929 ocorre o "crack" da Bolsa de Valores de New York provocando o desabamento não só da economia norte-americana mas a de todo o mundo, num fenômeno global (e hoje, 1999, nossos economistas e governantes nos ameaçam com a globalização, como se isto fosse algo novo...). O café, a grande riqueza nacional, cai de 84 mil réis a saca de 60 quilos para 16 mil réis, causando um tremendo prejuízo a Eurico. Nesta mesma época, a 12 mil quilômetros de distância, em Fribourg, Suíça, Georges Aimé Marchon, descendente de François Marchon de quem Eurico também descendia e, portanto, primo de meu pai, adquire no comércio local uma saca de café, que além do símbolo do Brasil continha a marca Marchon, tendo sido degustada e aprovada pelos Marchons suíços e este fato passou a ser lendário nos fastos da família.⁵ Apesar da moratória concedida pelo governo Vargas, Eurico, sempre fiel aos seus princípios, prefere pagar todas as suas contas e para tal trabalha denodadamente quatro anos, até 1933, quando decide abandonar o comércio de café e mudar-se de Reduto. Os filhos Myron e Agenor, que estavam internados em colégios, fazendo preparatórios, são trazidos para casa para trabalhar com os pais.

Em 1930 nasce Euta. Em 1932 nasce Paulo.

Transferem-se, em 1933, para Celina, distrito de Alegre, ES. Voltara a trabalhar com gêneros alimentícios, roupas e tecidos, calçados, produtos para a lavoura. Como sempre, mora ao lado do comércio, em frente à Estação da Estrada de Ferro. Em 1935 nasce Albino José, o caçula. Em 1938, Myron, o primogênito, casa-se com Guilhermina Vieira de Gouveia, filha de João Vieira de Gouveia e de Amélia Vieira de Gouveia. (Fig. 41)



Fig. 40 Eurico Marchon e Georgeta Gerhãrd Marchon. 1930



Fig 41 Myron Marchon e Guilhermina Vieira de Gouvêa Marchon. 1938.



Fig. 42 - Casa Marchon à rua 25 de Março, 68 - 72, em Cachoeiro do Itapemirim. 1952.

Em 1940, em plena II Guerra Mundial, portanto, muda-se para Cachoeiro de Itapemirim, ES, a linda terra do sul capixaba e estabelece um grande armazém de gêneros alimentícios à Rua 25 de Março, 68-72, em frente à Ponte Municipal, adquirindo o fundo comercial de Fortunato Ribeiro, comerciante tradicional da cidade, e os imóveis comercial e residencial de Alpheu Medeiros e Hortência Abreu Medeiros, genro e filha do então Prefeito de Cachoeiro de Itapemirim, o ilustre Dr. Fernando de Abreu.

Nesse mesmo ano, 1940, falece Eurico Marchon Filho. Foram anos de muita tristeza em nossa casa: durante muito tempo, Georgeta, parece que pressentindo que perderia outro filho, o que realmente viria a ocorrer, sempre orava e chorava à hora do Angelus.

Durante a guerra houve grande escassez de produtos como o trigo, o sal, o açúcar, o álcool, o querosene e, como Eurico recebia grandes partidas desses produtos e havia racionamento imposto pelo governo, a venda era somente efetuada em unidades de quilo por pessoa. Evidentemente formavam-se extensas filas na Casa Marchon, havendo dias especiais em que se vendiam exclusivamente tais produtos, trabalhando Eurico, Georgeta, Myron, Agenor, Pedro e colaboradores como Belmiro dos Santos, Belarmino Apolinário, Luiz Apolinário, com auxiliares eventuais, e, às vezes, com o auxílio da polícia para conter a multidão e organizar a fila.

Em 1941, Nair casa-se com Pedro de Souza, filho de Salomão de Souza e de Constância de Souza, velhos amigos dos tempos de Reduto e funcionário da Light and Power, em Cubatão, São Paulo, onde passam a residir.

Em 1942 falece Pedro.

Os filhos Euta, Paulo e Albino que tinham feito o primário no excelente Grupo Escolar Bernardino Monteiro, passam, então, Euta para o Colégio Cristo Rei, Paulo para o Colégio Estadual Muniz Freire e Escola Técnica de Comércio e Albino para o Muniz Freire, onde tiveram um ensino de alto nível.

Em 1945 e 1946 falecem, respectivamente, Pedro Carlos Gerhard e Paulina Altina Egger Gerhard, que viviam com eles há alguns anos já. Também morava conosco Emerenciana da Silva Marchon, que entremeava temporadas em casa das sobrinhas por ela criadas desde tenra idade, as quais considerava filhas e que por elas era considerada mãe, Maria Marchon Leão e Cecília Marchon Santos, em Araruama e, mais tarde, em Niterói e em Petrópolis.

Ainda em 1945, Agenor casa-se com Edith Emmerich, filha de Guilherme Emmerich e Alice Martins Emmerich, diletos amigos de muitos e muitos anos, de São José do Ribeirão, em

casa de quem se haviam casado Eurico e Georgeta.

Em 1946, casa-se Carmem com Androgeu Pinheiro de Souza, funcionário da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, RJ, onde passam a residir.

Em 1948, a razão social Eurico Marchon & Filhos (Eurico, Myron e Agenor), sucessora de Eurico Marchon, passa a ser Eurico Marchon & Filho (Eurico e Agenor), pois Myron se estabelece em Volta Redonda, RJ, com a razão social Myron Marchon, com capital de 60.000,00 cruzeiros, provenientes de sua parte na firma Eurico Marchon & Filhos e complementada pelo produto da venda de sua residência à Rua Costa Pereira, 40, nas proximidades do Estádio do Sumaré, do glorioso Estrela do Norte Futebol Clube.



Fig. 43 - Hugo Zago Filho, Euta Marchon Zago, Pedro de Souza, Edith Emmerich Marchon, Agenor Marchon, Myron Marchon, Albino José Marchon, Androgeu Pinheiro de Souza e Paulo Marchon. Sentados: Nair Marchon de Souza, Eurico Marchon, Emerenciana da Silva Marchon, Georgeta Mariana Gerhard Marchon e Carmem Marchon de Souza (ao lado José Eurico de Souza). Sentados: Paulo Marchon de Souza, Mariza de Souza, Lúcia de Souza, Guilherme Marchon, Liana Marchon, Eurico Marchon Neto e Mauro Gerhard. 1954.

Em 1951, Eurico aluga um armazém à Rua 25 de Março, 50, para o qual transfere provisoriamente suas atividades e muda-se para uma residência, também alugada no bairro Bahia e Minas, à beira rio. Derruba, então, a velha casa na esquina das Ruas 25 de Março e Dona Joana, defronte da Ponte Municipal, onde trabalhara e residira durante dez anos. Constrói uma bela edificação com uma enorme loja e outra menor, no andar térreo, e três apartamentos no andar superior, numa área total construída de mais de 500 metros quadrados. Cerca de um ano após, Eurico transfere definitivamente sua firma para a nova sede e se muda para a nova residência (Fig 42).

Em 1951 Paulo é aprovado em concurso vestibular para a melhor do país, a então Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro), passando a residir no Rio de Janeiro, onde se diplomaria em 1956.

Eurico, em 1952, adquire do amigo e construtor Nassif Jorge, cunhado do amigo e vizinho Domingos Cinotto, uma casa em construção à Rua Alegre, número 4, na aprazível Marataízes, que os Marchons freqüentavam desde os idos de 1930. Termina logo a casa, que passa a ser o ponto de convergência dos filhos e netos nas temporadas de verão. Papai, exímio jogador de "sueca" tinha amigos de Cachoeiro que freqüentavam a roda (Antônio Gonçalves Villas, Severino Gonçalves, Carlos Pepe, Antônio Conde, José Braga – tio do Roberto Carlos) e que, no verão, transferiam-se para Marataízes.

Em 1954 Euta se casa com Hugo Zago Filho, filho de Hugo Zago e Itália Sabattini Zago, amigos de longa data do casal Eurico e Georgeta, e passam a residir em Ribeirão Preto, SP, onde ele era professor de Parasitologia Médica na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. (Fig. 44)

Também em 1954, Albino é aprovado em concurso vestibular para a Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil, então a melhor do país, atual Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, passando a residir no Rio de Janeiro, diplomando-se em 1957.

Em 1962, falece, placidamente, Emerenciana da Silva Marchon, a apenas 40 dias de completar 90 anos.

Loquaz, mas nunca falastrão, Eurico era, também, ótimo ouvinte. Alegre, expansivo, participante, sempre fez questão de reunir em torno de si e de Georgeta, toda a família, participando ativamente e sempre de todos os momentos de alegria e realização e de dor e aflição dos muitos filhos.⁶

Em todas as suas atividades empresariais, na comercialização de gêneros alimentícios em Reduto, nas atividades agropastoris na Fazenda da Onça em Jaguaray, na comercialização de café em Reduto e, novamente, na comercialização de gêneros alimentícios em Celina e Cachoeiro do Itapemirim, Eurico Marchon demonstrou sempre idealismo, coragem e disposição invulgares. Foram 65 anos de trabalho produtivo em que revelou alto grau de compreensão da função social do comércio como uma das alavancas mestras para o progresso.⁷ Em 1965, aos 75 anos de idade, Eurico encerra suas atividades profissionais, premido pela grave moléstia, mal de Parkinson, que acometera sua companheira e baluarte da vida.

Transferem-se, então, para a casa de Nair e de Pedro, onde passariam os últimos anos de vida, sempre cercados pelos desvelos, atenções, solitudes e carinho de todos os membros da família, principalmente de Nair e Pedro, dos filhos e filhas, genros e noras, netos e netas, bisnetos e bisnetas, de muitos e muitos parentes e amigos.

Eurico Marchon, que sempre revelara desejar falecer em Cachoeiro de Itapemirim, foi levado para lá uma semana antes, com alto risco de vida, pelos filhos Paulo e Albino e pelo neto Clésio. Em casa de Euta e Hugo, sempre prestativos, morre Eurico, em Cachoeiro de Itapemirim, como sempre desejara, em 8 de julho de 1971.

Georgeta Mariana Gerhard Marchon falece em Volta Redonda, seis meses após, em 5 de janeiro de 1972, na residência de Nair e Pedro e é levada para ser sepultada em Cachoeiro, no jazigo onde já estavam seus pais, sua sogra, seu marido... "como também nós, em nosso bondoso Cachoeiro do Itapemirim, ficaremos para sempre."⁸

"Amigo de seus filhos Albino José e Paulo, convivi durante muitos anos com o Velho Marchon tanto em Cachoeiro como em Marataízes, em Volta Redonda e, posteriormente, no Rio de Janeiro. Apreciava aquela personalidade marcante em que se aliavam seriedade de atitudes e jovialidade de espírito. Agradava-me aquela convivência, pois nela encontrava a todo momento exemplos a serem incorporados por quem, como eu, encontrava-se em processo de formação. Eurico Marchon foi sempre um exemplo de dignidade, um exemplo de caráter, um modelo de personalidade bem delineada em todos os seus contornos."⁹

Eurico foi homenageado, tendo seu nome sido dado a uma artéria de Cachoeiro de

Itapemirim, “Eurico Marchon, rua – Bairro Alto Monte Cristo. Homenagem a um ilustre cachoeirense.”¹⁰ Esta rua cruza a Rua Hugo Zago, seu grande amigo de várias décadas e consogro.

Referências Bibliográficas:

- ¹ – MARCHON, Eurico. *Memórias*. Manuscrito. Cachoeiro de Itapemirim : 1966, p. 9.
- ² – _____, p. 18.
- ³ – _____, p. 13.
- ⁴ – J. C. Notícias – Ano 1, Número 2. *A cidade faz sua história*. Reduto : 1997, p. 5.
- ⁵ – MARCHON, Georges Aimé. *Comunicação pessoal*. Vuisternens-en-Ogoz : 1997.
- ⁶ – MARCHON, Albino José. *Centenário Eurico Marchon – 1890-1990*. Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 1990, p. 2.
- ⁷ – _____, p. 2.
- ⁸ – MARCHON, Eurico. Op. cit., p. 14.
- ⁹ – RANGEL, Alcy Pinheiro. in Marchon, A. J. *Centenário Eurico Marchon – 1890-1990*. Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 1990, p. 5.
- ¹⁰ – ADIVERCI, Jurandy. *Cachoeiro de Itapemirim – Guia de Ruas*. 18 ed. São Bernardo do Campo : Andorinha Cultural, 1988, p. 84.

"Os contemporâneos nada seriam realmente se não representassem antepassados e não se prolongassem utilmente em porvindouros. O presente só é real, porque há passado e futuro que o determinam"

José Feliciano Oliveira

História de um Marchon...Alpheu Ozório de Souza Marchon

João Luiz Marchon



ean-Claude Marchon e Marieanne Elizabeth Balmat Marchon foram componentes do intrépido grupo suíço que trocou sua velha pátria que atravessava enormes dificuldades de toda ordem, sem perspectivas de melhoras, por outra nova, onde viriam a ter esperanças de melhor vida e futuro promissor. Depois de aqui aportados, fixaram-se em Nova Friburgo, casaram-se e tiveram catorze filhos e filhas, entre os quais André Cipriano Marchon, que, por sua vez, contraiu matrimônio com Maria Francisca Curty. Desse enlace originou-se meu avô João Luiz Marchon, que mais tarde desceu a serra de Lumiar e radicou-se em Aldeia Velha, pequeno núcleo populacional que ajudou a desenvolver com a implantação de sua importante fazenda de criação de gado e plantação de café. Casado com Beatriz Ferreira de Souza, geraram sete filhos, entre os quais estava o objeto deste trabalho: Alpheu Ozorio de Souza Marchon.

Alpheu nasceu em 1895, sendo o primeiro filho do sexo masculino e, como acontecia freqüentemente na época, foi logo destinado a futuramente substituir o pai no trato da fazenda e, com isso, garantir o sustento familiar. Teve apenas instrução primária, enquanto seus irmãos eram privilegiados com mais estudos, tanto que seu irmão caçula foi internado em bom colégio na capital, visando completar educação superior, o que infelizmente não ocorreu por falta de vocação absoluta, que resistiu à pressão e ao incentivo paternos, mais tarde continuados pelo irmão mais velho, que, com a morte do pai, assumira a liderança familiar.

Seu prepotente progenitor acreditava que ao dar pouca educação, garantiria a fixação do filho no seu controle e o manteria preso às lides da terra que possuíam, porém, ao completar 15 anos, Alpheu, que já manifestava vontade própria e visão do que almejava para seu futuro, abandonou a casa paterna e lançou-se à vida independente.

Iniciou conseguindo um pequeno empréstimo com um cunhado e comprou uma tropa de muares, com a qual passou a fazer transporte de mercadorias entre sua vila e a vizinha Indaiassú, situada a cerca de cinquenta quilômetros.

De simples transportador passou também a comerciante, comprando e levando até a estrada de ferro suas mercadorias, que vendia diretamente para o Rio de Janeiro ou Niterói, auferindo lucros muito maiores.

Seu sucesso financeiro fez com que se mudasse para o local que passara a ser o centro de suas atividades e logo percebeu as vantagens de também entrar a fornecer dormentes e lenha para a estrada de ferro, negócio até então monopolizado pelo Coronel Joaquim Bento de Barros, que viria a ser seu sogro.

Passou a adquirir terras ricas em madeiras, que retirava e vendia para a Leopoldina Railways, revendendo-as depois. Algumas dessas glebas eram tão férteis que foram destinadas à formação de pequenas fazendas, que passou a desenvolver em sociedade com amigos pouco abonados. Quase todos desses escolhidos vieram a se tornar prósperos produtores rurais e constituíram depois sua mais fiel base de correligionários políticos. Uns poucos que não puderam comprar as terras em vida de meu pai, tiveram suas dívidas perdoadas por minha mãe, já viúva e condoída pela dificuldade que tiveram de enfrentar com a catastrófica queda do preço do café em 1929.

Aos vinte e um anos, Alpheu desposou Gertrudes de Barros Marchon, mulher adequadíssima a ele, por ter os mesmos sonhos e disposição para a luta no sentido de realizá-

Seu temperamento arrojado e empreendedor, aliado à liderança que naturalmente passou a exercer, o levaram à política, iniciando o combate à estagnação e ao atraso que era uma das conseqüências da permanência dos antigos e retrógrados chefes locais. Logo conquistou o lugar de chefe da comarca e seu primeiro ato foi a transferência da antiga sede, situada em Barra de São João, que estava em franca decadência, para a cidade em que morava e que, graças às suas boas terras para a lavoura e para a pecuária, progredia rapidamente, aproveitando o estímulo de contar com transporte ferroviário. Aproveitou a ocasião para trocar o nome antigo de Indaiassú para Casimiro de Abreu, em homenagem ao poeta ali nascido.

Como prefeito, realizou obras que até hoje marcam sua atuação e conseguiu dar um grande impulso ao município, atraindo para ali a atenção das autoridades de seu estado, inclusive a de seu governador, de quem se tornou amigo e freqüentador de sua fazenda. Seu município passou a ter importância no contexto geral.

Doou um terreno situado no centro da cidade para ali construir um grande e moderno prédio para abrigar a Prefeitura e o Fórum, obra que teve a chance de utilizar, tanto no exercício de seu mandato como para ter julgados seus matadores, doze anos depois.

No mesmo terreno também ergueu a igreja que permanece até hoje e que foi inaugurada para ali ser rezada a missa de sétimo dia de seu falecimento.

Abriu novas ruas, sendo que a principal da cidade recebeu o seu nome. Construiu as primeiras pontes de cimento armado, em substituição às de madeira. Drenou pântanos e iniciou um modesto mas pioneiro serviço público de águas e esgotos.

Numerosas vezes utilizava seus empregados particulares para realizarem obras da cidade, tais como capinas e aterros, para os quais as verbas eram poucas.

Alpheu faleceu aos trinta e cinco anos de idade, vítima de criminosa tocaia realizada a mando de seus adversários políticos, deixando sua jovem esposa Gertrudes com cinco filhos menores: Dulce, a mais velha, com dez anos, Clarice, Yvette, João Luiz e Ariza, essa última com apenas dois anos.

Pouco depois de sua morte ocorreu a grande crise motivada pela queda catastrófica do preço do café, que constituía a base da economia rural e acarretou enorme prejuízo para a região, para ali levando falência e desemprego. Imagino a falta, que, justamente nesse grave momento, fez o dinamismo e a iniciativa desse batalhador vitorioso, para evitar que se instalasse, como ocorreu, o desânimo e a desesperança que tanto fez regredir a região que tinha potencialidade para logo se reerguer e progredir, o que infelizmente só veio a ocorrer muito tempo depois. Para que se possa ter uma idéia clara do retrocesso ocorrido, basta citar o fato de que Alpheu já havia garantido a compra de um gerador de eletricidade para ser instalado em galpão que construía, e que se destinaria a fornecer luz para a cidade. Com sua morte, a compra foi inviabilizada e a cidade só viria a ter esse recurso, vinte anos depois.

"Reencontrar a própria história significa redescobrir o passado que formou o presente."
Giuseppe Magno

História de uma Marchon...Maria Marchon Leão

Plácido Marchon Leão



Seus pais – Plácido Vieira Marchon e Alice Elvina Curty Marchon. Seu pai, nascido em 05.10.1877, na Ilha Terceira em Portugal, veio para o Brasil, muito jovem, em 09.05.1890. Era filho de João Vieira Valentin e Eugênia Constância Balmat Marchon, esta filha mais nova de Jean-Claude Marchon e Maria Ana Isabel Balmat, nascida em Lumiar, Nova Friburgo e falecida em Portugal em 30.04.1879.

Sua mãe, Alice Elvina, nasceu em Aldeia Velha, em 22.10.1880, onde faleceu em 08.04.1909. Era filha de André Cipriano Balmat Marchon, nascido em Nova Friburgo em 14.09.1827 e Maria Francisca Curty Marchon. André Cipriano era o terceiro filho de Jean-Claude Marchon e Maria Ana Isabel Balmat Marchon, viveu em Aldeia Velha, Município de Capivari, hoje Silva Jardim, onde era fazendeiro – Fazenda da Bela Vista.

Seu pai casou-se, em segundas núpcias, no dia 05.03.1913 em Nova Friburgo com Maria Ouricka Marchon, filha de Carlos Maria Marchon que era o décimo terceiro filho de Jean-Claude Marchon.

Maria Marchon Leão nasceu em Aldeia Velha em 19.07.1903 e aí viveu até 16.05.1913, em companhia de seus pais, sua irmã Cecília e a estimada tia Chana – Emerenciana da Silva Marchon, quando mudaram-se para Araruama, onde seu pai veio a residir. A família viajou a cavalo de Aldeia Velha para Indaiassú (hoje Casimiro de Abreu) e daí de trem até Capivari (hoje Silva Jardim), de onde saiu às 16 horas, de carro de bois, com destino a Araruama, chegando às 4 horas do dia 17.05.1913. Seu pai acompanhou a família em seu burro Dourado, seguido do cão Marujo.

Em Araruama foi residir na casa conhecida na época como “O Palacete”, onde residia sua tia Eugênia Constância (Tia Geny) casada com Luiz Maria Lamas Rebelo, com quem seu pai se associou na farmácia aí existente.

A casa conhecida como “O Palacete” foi construída pelo Barão de Monte Belo – Joaquim Marinho de Queiroz, passando, posteriormente, às mãos do Comendador Bento José Martins.

Este, em testamento, destinou o imóvel a uma Associação que seria fundada, com a obrigação de transformar o “Palacete” em uma “Casa de Caridade”, denominação como é hoje conhecida. Efetivamente, logo após a sua morte foi cumprido o testamento, sendo transformada a “Casa de Caridade” em hospital.

Na época, em 1912, não houve condições de manutenção do hospital. Assim, a Associação determinou que a casa fosse entregue a quem ali instalasse uma farmácia e se obrigasse a atender um certo número de pessoas necessitadas. Hoje, março de 1999, é a “Casa de Caridade” um hospital.

No Palacete viveu até seu casamento com Manoel Marinho Leão, ocorrido em 09.07.1921. Viveu o casal em Araruama, onde seu marido foi comerciante e fazendeiro, até o falecimento do mesmo, ocorrido em 30.09.1955. (Fig. 45)

Com a morte do marido, passou a residir em Niterói, à rua Lopes da Cunha, 25, onde os filhos já estudavam.

Era uma mulher de espírito empreendedor, lúcida, uma grande companheira de seu esposo.



Fig. 45 - Manoel Marinho Leão, Maria Marchon Leão e os filhos: Plácido Marchon Leão, Joaquim Marchon Leão, Maria de Lourdes Marchon Leão Ramalho, João Batista Marchon Leão, Francisco de Assis Marchon Leão, Maria Wilma Marchon Leão Burlamaqui, Maria Olympia Marchon Leão Juliano e Maria Cecília Marchon Leão Alves



Fig. 46 - Maria Marchon Leão, aos 90 anos, e Cecília Marchon Bragança Santos.

Acompanhou muito de perto a vida dos filhos e netos. Cultivava com muito carinho as amizades e fazia um esforço grande pelo conagração familiar. Pelos idos de 1986, surgiu entre os primos Guilherme, Lúcia e Georgeta, netos do saudoso Eurico Marchon, a idéia de reunir os primos – turma jovem – netos de Eurico Marchon. A idéia chegou aos tios, os irmãos Paulo e Albino, que, animados, propuseram que a reunião, além dos primos, fosse também dos tios (irmãos, filhos de Eurico Marchon).

Através de seu filho Joaquim, recebeu a notícia da projetada reunião, assim como a lembrança de unir a sua Turma à de Eurico. Ficou empolgada com a idéia e tratou de transmitir o pensamento a toda turma. Foi a coisa tomando corpo e, com grande entusiasmo, compareceu ao Primeiro Encontro das Gerações Marchon, realizado em Nova Friburgo, no Hotel Sans Souci, nos dias 13 e 14 de setembro de 1986.

Em vida compareceu a todos os Encontros de Gerações Marchon e sempre com entusiasmo incalculável, vibrava, telefonando para todos os parentes, falando do encontro e estimulando o comparecimento. É curioso, fazia um esforço grande, para ser uma das primeiras a chegar e fazia questão de ser, praticamente, a última a sair (Fig 46).

Aos noventa anos, lúcida, no comando da família, veio a falecer no dia 15 de setembro de 1993.

Filhos, noras, genros, netos e bisnetos

01 - Plácido Marchon Leão

Marina dos Santos Leão

Netos

A – Carlos Eduardo dos Santos Marchon Leão

Regina Coeli Campos Leão

Bisnetos

Fernanda Marchon Leão

Eduardo Marchon Leão

Marcelo Marchon Leão

Fábio Marchon Leão

B – Teresa Cristina dos Santos Marchon Leão

C – Carlos Roberto dos Santos Marchon Leão

Sandra Maria Jeovani

Bisneto

Roberto Jeovani Marchon Leão

D – Carlos Henrique dos Santos Marchon Leão

02 – Joaquim Marchon Leão

Wanda Carrera Marchon Leão

Netos

A – Antônio Carlos Carrera Marchon Leão

B – Cristina Maria Carrera Marchon Leão

C – Maria Carolina Carrera Marchon Leão

03 – Maria de Lourdes Marchon Leão Ramalho

Aloysio Cardoso Ramalho

Netos

A – Lúcia Helena Marchon Leão Ramalho

Fernando Amálio da Silva

- Bisnetos
 Júlia Ramalho Amálio da Silva
 Bruno Ramalho Amálio da Silva
 B – Aloysio Cardoso Ramalho Júnior
 C – Ana Lúcia Marchon Leão Ramalho
 D – Nanci Helena Marchon Leão Ramalho
 Newton Cardoso de Oliveira
 Bisnetos
 Maria Beatriz Ramalho de Oliveira
 Maria Isabel Ramalho de Oliveira
 Pedro Augusto Ramalho de Oliveira
- 04 – João Batista Marchon Leão
 Maria Rodrigues
 Neto
 João Francisco Marchon Leão
- 05 – Francisco de Assis Marchon Leão
 Maria Joaquina da Cunha Ramos
- 06 – Maria Cecília Marchon Leão Alves
 João Evangelista dos Santos Alves
 Netos
 A – Maria Letícia Leão Alves
 B – Paulo Leão Alves
 C – Alexandre Leão Alves
 D – Marcelo Leão Alves
 E – Teresa Maria Leão Alves
- 07 – Maria Wilma Marchon Leão Burlamaqui
 Pedro Paulo Burlamaqui
 Netas
 A – Wilma Helena Marchon Leão Burlamaqui
 Eduardo Luiz Morgado Campos
 Bisneto
 Eduardo Marchon Leão Burlamaqui Campos
 B – Lúcia Andréa Marchon Leão Burlamaqui
 Guilherme de Lima Pinheiro
- 08 – Maria Olympia Marchon Leão Juliano
 Rafael Juliano
 Netos
 A – Rogério Marchon Leão Juliano
 Renata Lúcia Luiz Salgado Juliano
 Bisnetos
 Mariana Salgado Marchon Juliano
 Rodrigo Salgado Marchon Juliano
 B - Regina Lúcia Marchon Juliano Albuquerque
 Cláudio Lúcio de Albuquerque
 Bisnetos
 Rafael Marchon Juliano Albuquerque
 Victor Marchon Juliano Albuquerque
 C – Marcos Marchon Leão Juliano
 Cintia Peroça.

O Brasão da Família Marchon

Élio Monnerat Sólón de Pontes



armaria da Família Marchon, originária de Vuisternens-en-Ogoz, situada na República e Cantão de Fribourg, e devidamente registrada nos “Archives de Fribourg”, acha-se blasonada nos seguintes termos; “de gueules au lion d’or tenant une étoile à six rais du même, sur une terrasse de sinople”.

Ignota-se a causa volitiva concreta de sua escolha, motivo pelo qual seus atributos caracterizam, pressupostamente, brasão de escolha, devendo serem interpretados em termos absolutos e não relativos, ou seja, sem significado específico da família.

De acordo com a mensagem heráldica em que se consubstancia a peça armorial, compõem-na, em fundo vermelho, um leão de ouro que porta estrela de seis pontas, também dourada, sobre uma ponta ou base em verde.

O leão é, ao lado da flor de lis, a mais antiga figura heráldica. Sua dignidade de rei dos animais provém da mitologia egípcia, em razão da qual a esfinge ostenta corpo de leão e cabeça humana. Foi, durante séculos, o símbolo preferencial de muitas monarquias e especialmente do Reino de Lyon. Se, como atributo heráldico, pode ele assumir representações degradadas e desonrosas, no presente caso, lançado em sua plenitude, como representado no brasão, ainda que não armado – simboliza força, coragem e nobreza. Outrossim, conserva e protege em suas mãos um dos símbolos armoriais mais grandiosos. Expressivamente, no caso desta concepção emblemática, a estrela de seis pontas deve ser considerada em termos genéricos, necessariamente, antes de chegar ao amplíssimo sentido específico de que se reveste.

A estrela simboliza, genericamente, o destino da espécie humana, segundo Ferdinand Bertholini, podendo ser símbolo religiosos, neste caso significando o próprio céu ou a estrela de Belém, que anunciou o nascimento de Jesus Cristo, à luz da fé cristã. Pode revestir-se de significado cósmico ou cabalístico: com cinco pontas cada uma delas representa a cabeça e os membros do corpo humano, sendo chamada estrela do microcosmo; com seis pontas, representa o próprio universo, sendo denominada estrela do macrocosmo.

Portanto, protegida pelas garras poderosas do leão heráldico, pleno em ouro, fulgura a estrela do macrocosmo, símbolo mais excelso do destino da espécie humana.

No que tange aos esmaltes empregados, o ouro agrega, aos símbolos, o significado de força, riqueza e grandeza, indicando poder e autoridade.

O campo em gueules, vermelho, faz-nos reportar ao significado dessa cor segundo a concepção francesa: caridade, benignidade e desprendimento, espelhando generosidade a par de audácia. Por sua vez, a ponta ou base em verde, traduz, heraldicamente, amor, juventude, força e espiritualidade.

Quanto aos ornamentos externos aponta-nos Lillian Keller que os penachos podem significar a participação nas Cruzadas, sendo, neste caso, duas cruentas, porque em gueule e uma sem derramamento de sangue. Tal pressuposto, no entanto, demanda ratificação mediante pesquisa histórica específica.

O paquífe apresenta-se, normalmente, inspirado na consagrada beleza natural do acanto ou do agárico, e o elmo indica – voltado que está para o destro – a normalidade da descendência da estirpe, não bastarda.

Conclusões



Desde o primeiro grande migrante da aventura humana, o *Homo erectus*, cerca de 900.000 anos atrás, ao qual sucedemos nós, os *Homo sapiens*, há 200.000 anos passados, temos percorrido um longo périplo.

A imperiosa necessidade, sempre existente no homem, de aventura (ventura) em seu sentido mais amplo, leva-o a migrar, daí resultando a enorme importância destas migrações na história da humanidade. As causas destas migrações, voluntárias ou forçadas, podem ser explicadas principalmente por razões econômicas, políticas, raciais, religiosas ou bélicas. As suas repercussões são fortíssimas, tanto na região da qual emigram quanto na região para a qual imigram, e sempre geram conflitos, pois confrontam com as duas constantes antropológicas mais antigas de todas as sociedades humanas: o interesse próprio e a xenofobia.

Os movimentos de massa europeus ocorreram do século IV ao VI, do IX ao X, do XII ao XIII e, depois do século XVI, têm sido quase contínuos e têm envolvido não somente os europeus, mas todo o mundo. Os números são impressionantes e crescem com o incremento populacional e com o aprimoramento dos transportes. Desde os Grandes Descobrimentos até o começo da II Guerra Mundial cerca de 60.000.000 de europeus deslocaram-se para as Américas, transformando-as na maior empresa de colonização de todos os tempos. Os países, principalmente doadores uns, principalmente receptores outros, representam as duas faces de uma mesma realidade. Os Estados Unidos da América, receptor como o Brasil, receberam de 1821 a 1932 mais de 32.000.000 de emigrantes, e o Brasil 4.400.000 no mesmo período. A Inglaterra (incluindo a Irlanda), doadora como a Alemanha, Portugal, Suíça, forneceu 18.000.000 de 1846 a 1932, a Alemanha 10.000.000, Portugal 4.600.000, a Suíça 332.000.

A transmigração suíça para o Brasil em 1819 insere-se neste conjunto. Algo mais de 2.000 suíços – “povos transplantados”, de acordo com Darcy Ribeiro, constituíram o primeiro grande passo da política migratória do Reino. O projeto era excelente e o êxito teria sido espetacular, mas o gerenciamento e a execução deixaram muito a desejar, verdade seja dita, tanto do lado brasileiro como do lado suíço – isto é o que se deduz de praticamente todos os autores que a estudaram. Do lado de cá: malversação de fundos públicos consideráveis, escolha inadequada da região a colonizar (terreno impróprio e distância não tão grande da Corte, mas condições difficilimas de transporte), locação geométrica (absurda) das fazendas coloniais, proselitismo religioso e, talvez a mais importante, a péssima administração inicial. Do lado helvético: péssima administração, número excessivo de colonos (mais de 2.000 em vez de 600 a 700 acordados no Tratado de 11 de Maio de 1818), introdução sub-reptícia de heimatlosen (apátridas), introdução sub-reptícia de protestantes, prolongada estadia nos pântanos da Holanda (causa do avultado número de mortes, imediatamente antes da travessia oceânica, durante e mesmo após a chegada ao Brasil), superlotação dos navios e, talvez a mais importante, a empresa mercantil abortada. Mas, apesar de tudo, mesmo não tendo havido o saldo extraordinário que se podia esperar de tão grande empreendimento, houve e continua a haver um benefício imenso para o Brasil – somos talvez 400.000 brasileiros descendentes dos suíços de 1819, aqui radicados e perfeitamente integrados na sociedade brasileira, homens e mulheres que contribuíram para a formação do Brasil, nossa verdadeira pátria, que todos desejamos menos oligárquico e injusto, mais democrático e justo.

O Brasil, até os primórdios do século XIX, sofreu um processo de colonização por exploração, altamente lesivo, passando, então, para a colonização por ocupação, do tipo da que participamos juntamente com centenas de milhares de famílias alienígenas: portuguesas, africanas, alemãs, italianas, espanholas, francesas, inglesas, holandesas, polonesas, austríacas, luxemburguesas, russas, ucranianas, suecas, dinamarquesas, norueguesas, belgas, romenas, gregas, tchecas, pomeranas, turcas, libanesas, sírias, israelitas, egípcias, chinesas, japonesas, coreanas, norte-americanas, argentinas, paraguaias, chilenas, peruanas, bolivianas, todas integrando a nacionalidade brasileira, este verdadeiro crisol de tipos humanos: autóctones, europeus, africanos e asiáticos.

Nesta longa sucessão de migrações atuam os Marchons, pelo menos desde o século IX da Era Cristã, quando migraram da Irlanda para a Grã-Bretanha, passando-se mais tarde para o continente europeu. Neste estabeleceram-se, simultaneamente e/ou sucessivamente, na França e na Suíça. Desta última, tempos após, passaram-se para o Brasil, para os Estados Unidos da América, para a Itália, para a Alemanha. E, agora, do Brasil para os Estados Unidos da América.

E assim continua a saga dos Marchons, que é, também, a saga de toda a humanidade.



A história conhecida da Família Marchon remonta ao século IX da Era Cristã, quando os ancestrais da família viviam na Irlanda. Era justamente a época em que os temíveis Vikings assolavam a Europa. Com a invasão dos vikings à Irlanda, muitos nativos a deixaram, partindo em massa para a ilha vizinha, a Grã-Bretanha, em busca de lugares onde pudessem viver mais protegidos. Os Marchons participaram desse exôdo, o que seria a mais antiga migração conhecida da família. Mais tarde passaram da Grã-Bretanha à França, da França à Suíça, da Suíça ao Brasil. É sobre esta última etapa, a migração dos Marchons da Suíça ao Brasil em 1819, que trata esta obra. O estabelecimento no Brasil representa um dos mais emocionantes capítulos da saga de uma família migrante por excelência, que carrega no próprio nome o desejo de marchar, de se aventurar pelo mundo e de participar na construção da História.

ISBN 85-800983-1-1

